INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL
MESTRADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

CLAUDIA REGINA D'ALMEIDA MORETZ-SOHN

CINECLUBE MACUNAÍMA: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA



Niterói
2025

CLAUDIA REGINA D'ALMEIDA MORETZ-SOHN

CINECLUBE MACUNAÍMA: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual (PPGCine) da Universidade Federal Fluminense (UFF) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Cinema e Audiovisual, sob orientação da Profª. Drª. Talitha Ferraz

Niterói
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

PPGCINE UFF PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Ata de Defesa da mestranda **CLAUDIA REGINA D'ALMEIDA MORETZ-SOHN,** na forma em que se segue:

Aos 26 (vinte e seis) dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco às 14:30 horas, na sede do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual, Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, bloco J, São Domingos - Niterói/RJ, instalou-se a banca examinadora da dissertação de Mestrado em Cinema e Audiovisual de **CLAUDIA REGINA D'ALMEIDA MORETZ-SOHN** formada pelos seguintes professores doutores: Talitha Ferraz (orientadora - presidente da banca - UFF), Ana Lucia Enne (UFF), João Luiz Vieira (UFF) e Lucia Santa Cruz (ESPM). Abertos os trabalhos, a presidente da banca passou a palavra à aluna para que expusesse oralmente o seu trabalho, intitulado: **"CINECLUBE MACUNAÍMA: uma história de resistência"**. Feita a exposição, a presidente da banca passou a palavra aos outros membros para que comentassem o trabalho e arguissem a aluna, para a seguir também comentar o trabalho e as observações feitas pelos professores. Feitos os comentários e arguições, a banca se reuniu e emitiu o seguinte parecer:

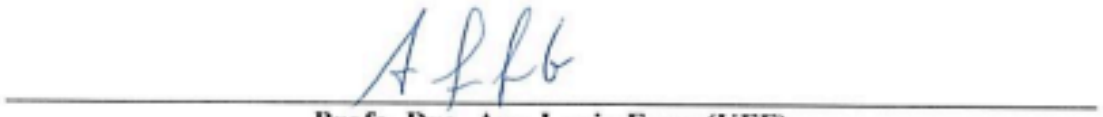
A banca destaca o investimento de fôlego da pesquisa desenvolvida e parabeniza a qualidade e fluidez do texto. Sugere revisões para a entrega da versão final, visando futuros desdobramentos. Recomenda que os resultados sejam transformados em produtos de divulgação científica como livro, podcast e documentário. Reforça ainda a relevância, a urgência e a pertinência do tema da dissertação frente ao processo histórico brasileiro e o momento político atual.

Assim, a banca considerou a aluna APROVADA (X) NÃO APROVADA ( ).

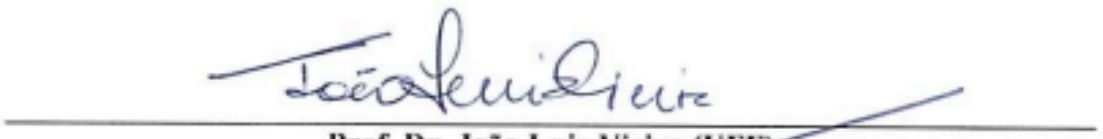
Nada mais havendo, foram encerrados os trabalhos e eu, Profa. Dra. Talitha Ferraz, lavrei a ata que vai por mim assinada e pelos demais membros da banca



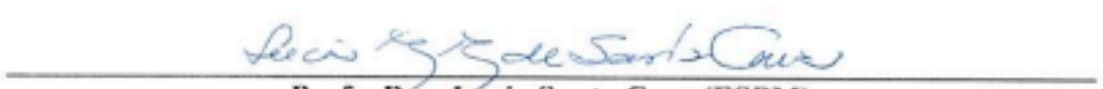
Profa. Dra. Talitha Ferraz (Orientadora - presidente da banca - UFF)



Profa. Dra. Ana Lucia Enne (UFF)



Prof. Dr. João Luiz Vieira (UFF)



Profa. Dra. Lucia Santa Cruz (ESPM)

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

M844c Moretz Sohn, Claudia Regina d'Almeida
Cineclube Macunaíma : Uma história de resistência / Claudia Regina d'Almeida Moretz Sohn. - 2025.
173 f.

Orientador: Talitha Ferraz.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2025.

1. Literatura brasileira. 2. Jornalista no cinema. 3. Produção intelectual. I. Ferraz, Talitha, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

Ao meu eterno companheiro, Eros Ramos de Almeida, que, mesmo sem estar mais entre nós, me fez redescobrir a paixão por filmes e histórias de cinemas. Com amor.

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida que o material impresso – folhetos e jornais antigos – foi importante para contar a história do Macunaíma. Mas este trabalho não seria possível sem os depoimentos de quem fez parte do cineclube. Devo um agradecimento especial a Fichel Davit Chargel, um dos fundadores, que abriu sua casa e seu arquivo pessoal para mim. E também a outro fundador ainda vivo, o fotógrafo Luís Paulo Machado, que deu uma delicada entrevista por telefone e respondeu a várias questões posteriores. Infelizmente, Mauricio Azêdo, o mentor do Macunaíma, não está mais entre nós. Mas sua ex-mulher, Maria de Nazareth Capiberibe Azêdo, e seu filho Luiz Mauricio trouxeram à tona lembranças do pai.

Aos demais entrevistados, meu muito obrigada. Silvio Tendler, Adhemar de Oliveira, Ancelmo Gois, Nelson Krumholz, Marco Aurélio Marcondes, Felipe Macedo, Marcelo Mendes, Sergio Pedrosa, Jalusa Barcellos, Antonio Claudino de Jesus, Elane Maciel, Gil Vicente, Susana Schild, Octávio Costa, Maria Luiza Busse, Fátima Taranto, Dulce Caldeira, José Roberto de Morais e Cláudia Dottori se lembraram de fatos ocorridos décadas atrás. Meu amigo Wolney Malafaia, com sua memória prodigiosa, respondeu com precisão a todas as minhas inúmeras questões. Hernani Heffer e Fábio Velloso abriram as portas da Cinemateca do Museu de Arte Moderna para que eu mergulhasse no arquivo disponível sobre o Macunaíma. Já Rodrigo Bouillet, da Associação de Cineclubes do Estado do Rio de Janeiro (Ascine-RJ), deu uma visão geral do atual cineclubismo, assim como Tetê Avelar, ex-presidente do Conselho Nacional de Cineclubes.

Dicas preciosas vieram da minha orientadora, a professora Talitha Ferraz, que dirimiu inúmeras dúvidas. E eu não poderia jamais esquecer as conversas, os conselhos e a sabedoria do querido mestre João Luiz Vieira, assim como a sagacidade da professora Ana Lucia Enne, ex-colega de jornalismo. Aos três, minha sincera gratidão, assim como ao cineasta Oswaldo Caldeira, meu ex-professor na Escola de Comunicação da UFRJ, pela pronta resposta em trocas de mensagens sobre fatos ocorridos muitos anos atrás.

Também não posso deixar de mencionar a gentileza do cineasta Vladimir Carvalho, que infelizmente partiu antes que eu pudesse entrevistá-lo. Por fim, um agradecimento especial a Nelson Vasconcelos, escritor dos melhores, pela revisão cuidadosa do texto. E a meus filhos, por tudo: incentivo para cursar Mestrado com quase 60 anos de idade, paciência com a minha impaciência e, acima de tudo, pelo amor. Com vocês por perto, tudo vale a pena.

RESUMO

Em 1973, o Brasil atravessava um período nebuloso da sua história. A ditadura havia endurecido após o Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, e o país vivia sob o Governo do Presidente Médici, o terceiro e mais repressivo de todo o período militar. Mesmo assim, um grupo de jornalistas decidiu criar um cineclube no Rio de Janeiro: o Macunaíma. O Macunaíma não era somente mais um entre tantos cineclubes na época. Ele tinha duas características que o diferenciavam dos demais: era o único com projeção em 35mm e configuração de cinema. Enquanto os "concorrentes" ocupavam pequenas salas, geralmente em igrejas, clubes e associações de moradores, o cineclube dos jornalistas se instalou no auditório da respeitada Associação Brasileira de Imprensa (ABI), com poltronas e ar-condicionado. Com altos e baixos, momentos de glória e decadência, aquele espaço foi, durante 14 anos, palco não somente de reprises de filmes antigos. Promoveu pré-estreias e lançamentos de títulos nacionais, exibiu produções latino-americanas e africanas, foi palco de debates com cineastas e críticos, organizou mostras de longas-metragens históricos e ajudou a formar plateias infantis. Acabou melancolicamente, em 1987, depois do surgimento de um concorrente à altura: o Cineclube Estação Botafogo. Este trabalho se propõe a recuperar a história do Macunaíma, sobre o qual restam somente alguns documentos na Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM), no arquivo pessoal de um de seus fundadores, no acervo de periódicos e no Arquivo Nacional.

Palavras-chave: *Cineclube Macunaíma; Associação Brasileira de Imprensa (ABI); História do Cineclubismo; Ditadura Militar.*

ABSTRACT

In 1973, Brazil was going through a turbulent period of its history. The dictatorship had intensified after Institutional Act No. 5 on December 13, 1968, and the country was under the government of President Médici, the third and most repressive regime of the entire military period. Despite this, a group of journalists decided to create a film club in Rio de Janeiro: Macunaíma. Macunaíma was not just another film club among many at the time. It had two unique characteristics: it was the only one with 35mm projection and had the setup of a real cinema. While its "competitors" operated in small spaces, typically in churches, clubs, and neighborhood associations, the journalists' film club was in the auditorium of the prestigious Brazilian Press Association (ABI), equipped with comfortable seats and air conditioning. Through highs and lows, moments of glory and decline, that space became more than just a venue for re-watching old movies. For 14 years, it hosted premieres and launches of Brazilian films, showcased Latin American and African productions, held debates with filmmakers and critics, organized retrospectives of historical feature films, and contributed to forming young audiences. It came to a melancholic end in 1987, overshadowed by a new competitor: the Cineclube Estação Botafogo. This study aims to recover the history of Macunaíma, about which only a few documents remain at the Cinematheque of the Museum of Modern Art (MAM), in the personal archive of one of its founders, in the periodicals collection, and in the National Archive.

Keywords: *Cineclube Macunaíma; Brazilian Press Association (ABI); Film Club History; Brazilian Dictatorship.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Auditório da ABI em 1958.....18
Figura 2: Carta da Federação de Cineclubes à ABI.....26
Figura 3: “Boletim da ABI” de março/abril de 1976.....29
Figura 4: Trecho do informe da Divisão de Informações sobre Prudente de Moraes Neto.....33
Figura 5: Trecho do artigo “Censura X negligência”, no boletim da FCERJ.....34
Figura 6: Boletim da FCERJ de janeiro de 1977.....35
Figura 7: Trecho da ata da reunião da FCERJ em 23 de agosto de 1979.....37
Figura 8: Trecho de informe da PF sobre mostra de documentários no Macunaíma.....40
Figura 9: “Tijolinho” do “Jornal do Brasil” de 15 de novembro de 1980.....41
Figuras 10 e 11: Cópia do depoimento de Luís Paulo Machado no DOI-Codi.....44 e 45
Figura 12: Cartaz da mostra de filmes americanos organizada pelo Macunaíma.....50
Figura 13: Fichel Davit com parte do acervo que guarda em seu museu, em Paquetá.....52
Figuras 14 e 15: Os projetores do Macunaíma.....53
Figura 16: Reportagem de “O Jornal” sobre a inauguração do Macunaíma.....54
Figura 17: Reportagem do “Correio da Manhã” sobre a inauguração do Macunaíma.....55
Figura 18: A logomarca criada para o Cineclube Macunaíma.....56
Figuras 19 e 20: Auditório da ABI, onde funcionava o Macunaíma.....60
Figura 21: Agenda de Claudia Dottori de 1983.....62
Figura 22: Anúncio da sessão de “Encouraçado” publicado em “O Globo”.....65
Figuras 23, 24 e 25: Páginas da apostila sobre “O bandido Giuliano”.....68 e 69
Figuras 26 e 27: Capa e página 2 da primeira e única edição da coleção “Arquivos de cinema”.....71
Figura 28: Capítulo sobre Orson Welles no 1º número de “Arquivos de cinema”.....72
Figuras 29 e 30: Capa e página 2 da publicação sobre Nelson Pereira dos Santos.....75 e 76
Figura 31: Página do jornal “O Globo” anuncia o Rio Cine, com “Saló” no Macunaíma.....79
Figuras 32 e 33: Recibos do pagamento do conserto dos projetores do Macunaíma.....81
Figura 34: Balanço da Cinemateca do MAM e do Macunaíma rubricado por Azêdo.....83

Figura 35: A contabilidade da sessão de “Sem anestesia”, de Andrzej Wajda.....89
Figuras 36 e 37: Balanço de fevereiro e março de 1980 manuscrito por Mauricio Azêdo.....94
Figura 38: Reportagem sobre o Mês do Cinema Brasileiro no “Jornal do Brasil”.....98
Figura 39: Suplemento especial do “Boletim da ABI” sobre o atentado.....103
Figura 40: Balanço da Cinemateca do MAM e do Macunaíma.....107
Figura 41: Marcelo Mendes, Anabela Paiva e o ator Wilson Grey.....109
Figura 42: Carta da FCERJ aos cineclubistas pedindo divulgação do 7º Prêmio São Saruê.....110
Figura 43: Reportagem no “Boletim da ABI” sobre as sessões infantis.....113
Figura 44: Cupom do JB para o leitor atribuir cotação aos filmes.....116
Figura 45: Destaque para “Terra em transe” no JB de 15 de fevereiro de 1975.....119
Figura 46: Assinatura de representante do Macunaíma em assembleia da FCERJ.....120
Figura 47: Carta aos cineclubistas informa resultado da eleição para a FCERJ.....123
Figura 48: Edição do JB de 8 de maio de 1987 anuncia a volta à ativa do Macunaíma, no dia seguinte.....130
Figura 49: Sessão do Macunaíma On Line em 3 de agosto de 2021 debate filme de Tizuka Yamasaki.....136
Figura 50: Macunaíma On Line anuncia sessão de “Nossos mortos têm voz” no dia 1º de junho de 2022.....137

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....14

2. CONTEXTO HISTÓRICO
   - 2.1. O COMEÇO.....16
   - 2.2. A DITADURA E O CINECLUBE.....25

3. METODOLOGIA.....46

4. O DIA A DIA DO CINECLUBE
   - 4.1. A PRIMEIRA SESSÃO E O PÚBLICO.....54
   - 4.2. PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.....57
   - 4.3. PROGRAMAÇÃO E BILHETERIA.....74
   - 4.4. LANÇAMENTOS.....91
   - 4.5. CICLOS TEMÁTICOS E MÊS DO CINEMA BRASILEIRO.....97
   - 4.6. O PRÊMIO SÃO SARUÊ.....104
   - 4.7. PARA AS CRIANÇAS.....111
   - 4.8. OS 'TIJOLINHOS'.....115

5. APAGAM-SE AS LUZES
   - 5.1. O COMEÇO DO FIM.....119
   - 5.2. UM GOLPE MORTAL: O ESTAÇÃO.....130

6. NOVO MODELO
   - 6.1. MAIS DE 30 ANOS DEPOIS.....134

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....138

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....145

APÊNDICES.....147

1. INTRODUÇÃO

Como jornalista, passei mais de 30 anos da minha vida profissional trabalhando com "história oral" sem jamais ter ouvido esta expressão, tão comum entre historiadores, antropólogos e cientistas sociais. Fiz centenas, talvez milhares, de entrevistas, na incessante busca por relatar um acontecimento da forma mais próxima possível da realidade. Lidar com o contraditório e com contradições faz parte da rotina das redações. O entrevistado A diz uma coisa, o B conta outra - e recorremos ao C na tentativa de desempatar a narrativa. No entanto, esse desempate quase nunca acontece. O texto final, então, é um apanhado de versões, transformando-se em um material "imparcial" - embora a imparcialidade seja utópica, ainda mais no universo de jornais e revistas, movidos por interesses econômicos e políticos.

Quando escolhi o tema da dissertação de Mestrado, sabia que teria de me embrenhar em um emaranhado de "histórias orais" e "histórias de vida". O material de arquivo sobre o Cineclube Macunaíma - o assunto que decidi explorar - é praticamente inexistente. Fiz uma primeira lista de personagens a serem entrevistados, incluindo e excluindo nomes à medida que a pesquisa avançava. Cheguei a um total de 26 entrevistas[1] diretas e uma realizada indiretamente, com a ajuda de um intermediário, além de alguns depoimentos. Isso sem contar as tentativas que, por motivos alheios à vontade geral, não deram certo. Foi o que aconteceu com os cineastas Vladimir Carvalho e Cacá Diegues. Minha intenção era entrevistar ambos, mas, infelizmente, eles se foram antes que isso acontecesse.

O contato com Vladimir ocorreu em 27 de agosto de 2024, durante uma celebração, em um cinema do Rio, pelos 50 anos da "Carta de Curitiba", que será detalhada neste trabalho. Vladimir, feliz e cercado de amigos, aceitou prontamente conceder uma entrevista por telefone quando voltasse a Brasília, onde morava. Telefonei para ele e mandei mensagens, sem receber resposta. Eu não sabia, mas o cineasta já estava hospitalizado, com problemas renais. Vladimir morreu menos de dois meses depois, em 24 de outubro, aos 89 anos de idade.

Com Cacá, não cheguei a falar diretamente, mas sua mulher, Renata Almeida Magalhães, disse que o cineasta havia concordado com a entrevista. Pediu apenas que eu esperasse algum tempo até ele se restabelecer, pois tinha agendada uma cirurgia de

[1] A relação de todos os entrevistados está no Apêndice desta dissertação

próstata. Também não deu tempo: Cacá Diegues faleceu em 14 de fevereiro de 2025, aos 84 anos, de parada cardíaca, poucos dias antes da operação.

De todos os entrevistados, obtive depoimentos riquíssimos – mas, às vezes, divergentes. Ao longo do trabalho, expus as incongruências nos casos em que não foi possível confirmar as informações, construindo uma narrativa baseada nos pontos de vista de pessoas de diferentes grupos e faixas etárias que tiveram alguma relação com o Macunaíma. O sociólogo Paul Thompson me fez ver que, longe de comprometerem o resultado final, contradições fazem parte da história oral. Ouvir vozes variadas torna possível reconstruir o passado de maneira mais fidedigna, sem refletir somente o ponto de vista da autoridade.

> A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (THOMPSON, 1998, p. 26)

Paralelamente à realização de entrevistas, vasculhei o pouco que havia disponível sobre o Macunaíma no acervo da Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) e em periódicos da época, sobretudo "Jornal do Brasil" e "O Globo", cujas edições impressas já foram digitalizadas. As do JB, que deixou de existir em 2010, estão disponíveis na página da Biblioteca Nacional na internet. No site do Arquivo Nacional, também encontrei informações preciosas sobre a vigilância – e por que não dizer espionagem? – do governo militar sobre o cineclube.

Sobre a Cinemateca do MAM, vale ressaltar que, devido à transferência do acervo para um novo endereço, na Rua do Senado, Centro do Rio – mudança concluída somente em 2024 - boa parte do material permanece inacessível para pesquisadores, até a arrumação definitiva. Macunaíma e Cinemateca foram indissociáveis um do outro durante boa parte da existência do cineclube. Muitos filmes exibidos lá foram alugados na Cinemateca ou emprestados por ela, simbolizada na lendária figura de Cosme Alves Netto, que dirigiu a instituição durante 30 anos e morreu em 1996, aos 59 anos, de ataque cardíaco.

Assim como Cosme, outro personagem indispensável para a história do Macunaíma também se foi: seu principal fundador, o jornalista e advogado Mauricio Azêdo, falecido em 2013. O passar do tempo - já se vão mais de 50 anos desde a criação do cineclube - acelera a necessidade de coletar depoimentos de integrantes,

frequentadores, cineastas e cineclubistas. Esse mesmo tempo, porém, embaça, distorce e confunde lembranças. Muitas perguntas foram respondidas, mas outras permanecem como pontos de interrogação.

> No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre ao seu redor; é um momento no qual lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra a sua história. (...) deve-se levar em conta as disposições que o entrevistado quis manifestar por intermédio de suas declarações, pois o que emerge dos depoimentos não pode ser entendido nem como uma reprodução da realidade, nem como uma contrafação dela. (SANTOS, 2005, p. 3 e 6)

Quando me vi diante de diferentes versões sobre um mesmo acontecimento, chequei a veracidade dos relatos com base em jornais e revistas da época e em outros depoimentos. Mas nem sempre foi possível chegar a um bom termo. Passado mais de meio século da criação do Macunaíma, as principais interrogações dizem respeito a datas. Uma delas, em especial, é a que mais intriga - e a mais difícil de ser respondida com 100% de acerto: quando e como foi a última sessão do cineclube?

O Macunaíma teve data para começar: 17 de novembro de 1973. O evento de abertura foi anunciado em vários jornais da época, assim como a programação semanal ao longo dos anos. Mas seu fim não foi marcado: o cineclube simplesmente acabou, assim como muitos outros da sua geração. A derradeira sessão, ao que tudo indica, ocorreu em novembro de 1987, como se verá a seguir.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

2.1. O COMEÇO

Reconstituir a trajetória do Cineclube Macunaíma é um trabalho quase arqueológico. Como acontece com boa parte da história da cultura no Brasil, praticamente não há registros sobre o espaço, que funcionou no Auditório Oscar Guanabarino, no 9º andar da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Centro do Rio de Janeiro, entre os anos de 1973 e 1987. No acervo de jornais impressos - a maioria nem existe mais, como o "Jornal do Brasil", "A Notícia" e "O Jornal" - encontram-se poucas reportagens sobre o Macunaíma, e todas referentes à abertura do cineclube. Além disso, o que se acha nos periódicos da época é a programação semanal de filmes, incluída nos chamados "tijolinhos", pequenos retângulos publicados nos

suplementos de cultura, que informavam título do filme, horários das sessões, diretor, elenco, sinopse e, eventualmente, algum comentário sobre o título.

A Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) guarda alguns documentos, como programação, correspondências e folhetos distribuídos antes das sessões. Entre esses documentos, uma série – que compreende somente o período de 1979 a 1983 – chama a atenção e traz muitas informações e questionamentos sobre a operação do cineclube: "balanço da programação Cinemateca do MAM/Cineclube Macunaíma". Eram prestações de contas, a maioria datilografada em papel e assinada ou rubricada por Mauricio Azêdo, contendo título do filme, horário, público (pagante e com entrada livre), despesas (geralmente com operador, cabineiros, vigia e encarregado) e receita total e líquida. Depois de abatidos os gastos, o valor era dividido em partes iguais com a Cinemateca.

Exceto algumas menções no "Boletim da ABI", criado em 1952, a própria associação quase não tem material sobre o cineclube. No saguão da entidade, há uma foto de uma sessão de cinema no auditório em 13 de maio de 1958, quando o Macunaíma nem sonhava existir. Foi um evento organizado pela Cinemateca do MAM, com a exibição do filme *O ferroviário* (1956), de Pietro Germi. A fotografia, do acervo pessoal de Dejean Magno Pellegrin, já falecido – criador de um cineclube no Rio chamado Museu de Arte Cinematográfica – é de autoria de Robert Léon Chauvière. A imagem registra na plateia cineastas se tornariam expoentes do Cinema Novo: Leon Hirszman, Walter Lima Júnior, Marcos Farias, Cacá Diegues e David Neves. Também assistiram ao filme os jornalistas Mary Ventura e Cláudio Mello e Souza, Saulo Pereira de Mello (pesquisador de cinema e restaurador), Ruy Pereira da Silva (um dos criadores do Departamento de Cinema do MAM, na década de 1950, que mais tarde se transformaria na Cinemateca) e Flávio Manso Vieira (crítico de cinema), entre muitos outros.

Figura 1: Auditório da ABI em 1958



Fonte: Acervo da ABI / Reprodução

Aliás, a Cinemateca do MAM teve papel fundamental na transformação do auditório da ABI em cineclube. Em 7 de julho de 1955, muito antes da criação de uma sala de exibição no próprio Museu de Arte Moderna – o que só ocorreu em 1965 - a Cinemateca começou a apresentar filmes na Associação Brasileira de Imprensa, mantendo sessões regulares às sextas-feiras, sábados e domingos, até 1963. Naquele dia, a programação foi tripla: *Escultora holandesa do fim da Idade Média*, *A janela aberta (evolução da paisagem do séc. XV ao séc. XX)* e *Van Gogh*. Não foram encontradas informações sobre esses títulos. É possível que *Van Gogh* refira-se ao filme de 1948 dirigido e escrito por Alain Resnais, que ganhou em 1950 o Oscar de melhor curta-metragem em live-action: 2 bobinas.

Para promover exibições no auditório da ABI, a Cinemateca adquiriu os projetores que estão lá até hoje, mas não funcionam mais: dois de 35mm a carvão, da marca Hortson, e um de 16mm, de lâmpada. O Oscar Guanabarino foi, de fato, a primeira sala de exibição da Cinemateca, ponta de lança de um projeto levado a cabo anos mais tarde por seu diretor na época, Cosme Alves Netto: arrendar espaços, criando um circuito para a apresentação de filmes não estritamente comerciais. Depois, vieram

Paissandu, no Flamengo, a partir de 1965; Cinema I e Cinema II, em Copacabana; e Lido II, também no Flamengo, entre outros.

Cosme foi um personagem fundamental tanto para o cineclubismo quanto para o cinema brasileiro em geral, como contou em entrevista Hernani Heffner, atual gerente da Cinemateca do MAM:

> O Cosme era cineclubista. Quando virou diretor da Cinemateca, uma das ideias dele era criar uma distribuidora de 16mm, fazendo um trabalho cultural e, sobretudo, político. Essa distribuidora funcionou durante alguns anos, e a cinemateca fornecia programas pro Brasil inteiro. Não era uma distribuidora formal, era dentro do universo da Cinemateca. Ele também começou a fazer algumas sessões em cinemas comerciais – o mais famoso era o Paissandu, que tinha a sessão Cinemateca, às sextas e sábados, às 22h. Aí, ele percebe que o circuito de salas de cinema de rua estava começando a fechar. Algumas salas estavam com muita dificuldade e o espaço para filmes de arte, político, do Leste Europeu, era cada vez menor. A Cinemateca chegou a ter 11 salas comerciais na cidade (*do Rio de Janeiro*). A primeira foi a ABI.[2]

Desde os anos 1960, portanto, o auditório da ABI era frequentado por cinéfilos, e começou a colecionar histórias transmitidas de geração para geração. Nascido em 1950, o cineasta Silvio Tendler conta que seus pais viveram um momento tenso durante uma sessão no local, possivelmente na ditadura militar, iniciada em 1964. Silvio, ainda muito jovem, não estava presente. Tornou-se cineclubista aos 16 anos de idade e, em 1968, presidente da Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro (FCERJ).

> Meus pais compraram ingresso pra assistir a uma retrospectiva soviética, bem antes do Macunaíma, na mesma sala. Aí, os caras fizeram uma bomba com um gás fedorento e puseram pra esvaziar a sala. Ficavam fazendo ameaças e tal. Mas as pessoas ficaram e assistiram ao filme. Meus pais estavam, eu não.[3]

A regularidade de três sessões semanais da Cinemateca na ABI se manteve até 1963. Depois, ficaram esparsas e passaram a ocupar outros locais, como o Clube de Engenharia, no Centro do Rio. Em 1965, a Cinemateca abriu uma sala improvisada no térreo do Bloco de Exposições do MAM, enquanto começava a construção do espaço para exibição no terceiro andar, inaugurado em 1967. Em 1972, as sessões da Cinemateca foram transferidas para o Museu da Imagem e do Som (MIS), na Praça Quinze, além dos cinemas do circuito organizado por Cosme.

---

[2] Hernani Heffner concedeu entrevista em 30 de agosto de 2024.
[3] Silvio Tendler concedeu entrevista em 22 de maio de 2023.

Nessa época, quem dirigia o MIS era um amigo de Cosme: José Carlos Monteiro, que chegou a ser conselheiro e vice-diretor da Cinemateca. À amizade entre ambos se juntou o desejo de Cosme de programar uma sala menor, pois o auditório da ABI – com 510 lugares, juntando a sala principal e o mezanino - era muito amplo e dispendioso para um público que diminuía a olhos vistos. Na década de 1970, vários grandes cinemas pelo Brasil fecharam as portas. Com 90 assentos, a sala Cinearte, aberta pela Cinemateca no MIS, funcionou até 1978.

De 1963 a 1973, portanto, o auditório da ABI ficou adormecido, com uma ou outra sessão de cinema. Em 1973, porém, em pleno Governo Médici – o mais repressor do período militar – o espaço viria a se transformar no Cineclube Macunaíma, importante polo de resistência cultural e política. Um grupo de jovens jornalistas, quase todos ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e com funções na ABI, negociou a cessão do local com a direção da entidade. Em troca, os sócios pagariam metade do preço do ingresso, e os associados do Macunaíma entrariam de graça.

O acerto com a ABI foi providencial para os dois lados: os jornalistas precisavam de um local para exibir filmes e a Associação queria rejuvenescer sua imagem. Para o PCB, era a realização de uma das muitas tarefas encomendadas aos militantes. O objetivo dessas atividades, em geral, era arrecadar dinheiro para a legenda – que também ajudava famílias de presos políticos – e/ou despertar consciência na sociedade. No espírito da esquerda da época, o grupo acreditava que a mobilização seria capaz de mudar a realidade do Brasil.

Quem conta como tudo começou é um dos três principais fundadores e ex-presidente do cineclube: Fichel Davit Chargel, que em 2024 fez 90 anos. Ele faz questão de frisar que o Macunaíma era “na”, e não “da” ABI. O próprio “Boletim da ABI” deixava claro que o Macunaíma constituía uma atividade à parte. Quando o jornal oficial da Associação Brasileira de Imprensa publicava a programação semanal do cinema, lia-se “sessão em colaboração com o Cineclube Macunaíma”.

> Nós conversamos com o presidente[4] e a diretoria. Eu fui parte também da diretoria da ABI. Nós tínhamos como conversar. Tinham pessoas que eram muito favoráveis, tanto é que não houve problema nenhum. Foi um negócio bom pra ABI também. O cineclube era totalmente independente da Associação Brasileira de Imprensa. Nós éramos sócios da ABI e tínhamos um acordo: pagávamos a pessoa que fazia a projeção. Todas as despesas do filme

[4] Na época, a ABI era presidida pelo escritor e crítico literário Adonias Filho (1972-1974) que, curiosamente, era integralista e apoiador do golpe de 1964.

> e tudo o mais eram nossos, e o associado da ABI tinha um desconto de 50% no ingresso.[5]

Um dos estímulos para a criação do Macunaíma foi o surgimento de outro cineclube emblemático, em agosto de 1972: o Glauber Rocha, que funcionava na Igreja de São Francisco Xavier, na Tijuca, Zona Norte do Rio. O time do Glauber Rocha era mais diversificado: reunia médicos, pesquisadores e outros profissionais. Lá, como viria a ser no Macunaíma, predominavam militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), então na clandestinidade. "O Glauber Rocha era quase uma célula do 'partidão': uns 80% eram ligados ao PCB, inclusive eu", conta o ex-cineclubista José Roberto de Moraes[6], que depois trabalharia na Cinemateca do MAM, na Embrafilme e no Estação Botafogo. Um dos fundadores do Glauber Rocha foi Marco Aurélio Marcondes[7], que assumiria papel relevante no desenvolvimento do mercado cinematográfico brasileiro.

Já a liderança do Macunaíma era formada por profissionais da imprensa. No início da década de 1970, antes da criação do cineclube, jornalistas – muitos da editoria de Internacional do "Jornal do Brasil", onde Davit trabalhava como diagramador, migrando depois para "O Globo" – instituíram o hábito de promover encontros periódicos na casa de um deles, com palestras e debates sobre a situação do país, acompanhados de queijos e vinhos. Na época, a ditadura atravessava seu momento mais repressor, sob o AI-5[8], e qualquer reunião podia ser considerada "suspeita".

> De 1968 a 1971, as pessoas se afastaram umas das outras com medo. Encontrar três pessoas naquela época já era considerado comício. Era realmente uma dificuldade muito grande. Em 1971, voltamos a tentar chamar companheiros, reorganizar jornalistas. Lá no "Jornal do Brasil", nós começamos a fazer um trabalho nas casas dos companheiros que eram da Internacional. Por incrível que pareça, eram cerca de 21 jornalistas na editoria. A cada 15 dias, nós fazíamos um debate na casa de um deles. Eram temas suaves, mas também políticos.[9]

Esses encontros de intelectuais de esquerda duraram cerca de dois anos, tempo suficiente para amadurecer a ideia de fazer algo que extrapolasse o ambiente doméstico.

---

[5] Fichel Davit Chargel concedeu entrevista em 5 de junho de 2023.
[6] José Roberto de Moraes concedeu entrevista em 5 de dezembro de 2023.
[7] Marco Aurélio Marcondes presidiu a Federação de Cineclubes do Rio e o Conselho Nacional de Cineclubes e liderou a criação da Dinafilme, distribuidora voltada para o circuito de cineclubes. Também foi superintendente de Comercialização da Embrafilme e diretor da Riofilme.
[8] Em 13 de dezembro de 1968, o governo militar editou o Ato Institucional nº 5, dando superpoderes ao presidente da República para fechar o Congresso, cassar mandatos de parlamentares, suspender direitos políticos de cidadãos e decretar estado de sítio. O AI-5 também proibiu a concessão de *habeas corpus* a acusados de cometer crimes políticos.
[9] Fichel Davit Chargel concedeu entrevista em 5 de junho de 2023.

Naquela época, o cineclubismo era um movimento importante de resistência à ditadura, abrindo brechas para discutir a questão política e estabelecer uma conexão com outros movimentos sociais. Muitos cineclubes, inclusive, funcionavam como "biombos" – termo utilizado por mais de um entrevistado para este trabalho – para a atividade partidária.

"Tinha partido clandestino em quase tudo que era cineclube pelo Brasil afora. O que não era clandestino era de igreja progressista", lembra Antonio Claudino de Jesus, cineclubista desde 1973 e atual secretário-adjunto da Secretaria Latino-Americana da Federação Internacional de Cineclubes. O próprio Cosme, da Cinemateca do MAM, tinha sido, nos anos 1960, da Juventude Universitária Católica (JUC), militância que o levou a ser preso em três ocasiões diferentes - 1964, 1968 e 1970 – e torturado em 1964 e 1970. A JUC derivou da Ação Católica (AC), movimento criado em 1935 pelo Papa Pio XI para expandir o cristianismo. Se nos seus primórdios a AC no Brasil tinha ligações com o Integralismo[10], nos anos 1960 deu uma guinada à esquerda. Da JUC, surgiu a Ação Popular (AP), que teve como um de seus expoentes o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, falecido em 1997.

Foi nesse contexto de politização da atividade cineclubista que o Macunaíma surgiu. Era um triunvirato no comando: além de Davit, o jornalista e advogado Mauricio Azêdo - líder do grupo - e o fotógrafo de "O Globo" Luís Paulo Machado. Em 1973, a ABI era presidida pelo escritor Adonias Filho, mas Azêdo tinha muita influência na entidade, da qual chegou à presidência quase 30 anos mais tarde, em 2004. O jornalista Octávio Costa, atual presidente da associação, conta que Azêdo era o cérebro da ABI nos anos 1970, mesmo durante as gestões de Prudente de Moraes Neto (1975-1977) e Barbosa Lima Sobrinho (1978-2000), as mais marcantes naquele período.

> A cabeça que administrava a ABI era Mauricio Azêdo, tanto com Prudente quanto com Barbosa Lima. E o Azêdo tinha pessoas ali da patota dele: Davit, Ronaldo Buarque de Holanda, que já morreu, Ancelmo (Gois), Luís Paulo Machado e Anderson Campos, que era publicitário e jornalista. Esse grupo era chamado de 'grupo Azêdo'. O Azêdo fazia tudo ali: o jornal da ABI, os eventos, seminários, era tudo da cabeça dele, com esse grupo no entorno. Era o grupo Azêdo que levava adiante as coisas da ABI.[11]

[10] O Integralismo foi um movimento de extrema-direita inspirado nas ideias do ditador italiano Benito Mussolini. No Brasil, a Ação Integralista Brasileira (AIB) surgiu em 1932, liderada por Plínio Salgado. A AIB defendia um Estado com um só partido e pregava o conservadorismo religioso e a moral cristã.

[11] Octávio Costa concedeu entrevista em 9 de maio de 2024.

Azêdo presidiu a ABI até 2013, quando morreu de insuficiência cardíaca, aos 79 anos. Luís Paulo, hoje com 74 anos, afirma que ocupar o auditório com o cineclube atendia a alguns propósitos: dar musculatura à entidade na luta contra o regime militar e lançar um programa cultural com a chancela da associação. "Nós, jornalistas, estávamos retomando a ABI, que passou por um momento de muito ostracismo. Achávamos importante a participação da ABI, inclusive como uma entidade fundamental na defesa da liberdade de imprensa", disse Luís Paulo, em entrevista para este trabalho.

Além do "grupo Azêdo", outros jornalistas integravam o Macunaíma. Por serem mais jovens, foram apelidados - pejorativamente - de "novos baianos", em alusão ao grupo musical de cabeludos alternativos que fazia sucesso na época. Um dos "novos baianos" do Macunaíma era a jornalista Elane Maciel, ex-mulher de Luís Paulo Machado. Hoje com 74 anos de idade, ela conta como era a rotina do cineclube:

> A gente trabalhava muito. Fazia reuniões numas mesas redondas grandes, e cada um saía com uma tarefa. Como ia conseguir os filmes, nos consulados... Tinha todo um processo: se fazia o contato, uma carta, ia lá pegar o filme. Não era muito programado, este mês vamos fazer isso e aquilo. Era questão de oportunidade (conseguir o filme). Íamos tocando, e foi um projeto de muito sucesso.[12]

Quem também fazia parte da "ala jovem" do Macunaíma era a jornalista e atriz gaúcha Jalusa Barcellos, hoje com 72 anos, que na época namorava Carlos Jurandir Monteiro Lopes, outro integrante já falecido do grupo. Jalusa começou a militar no PCB aos 19 anos, quando morava no Rio. Trabalhava em "O Globo" onde, segundo ela, a base do partido reunia aproximadamente 90 pessoas. Aliás, a Organização de Base (OB) do jornal foi mencionada em um informe confidencial do Serviço Nacional de Informações (SNI) de 1976[13], cujo tema era "A infiltração comunista na imprensa".

Segundo o relatório, a "célula comunista" que havia em "O Globo" fora transformada em OB em 1973, ano em que Azêdo começou a trabalhar no jornal. Vários periódicos tinham OBs, com a finalidade de arrecadar recursos para o PCB. O informe diz ainda que Luís Paulo Machado, após voltar de um curso na Komsomol – espécie de escola do Partido Comunista da União Soviética para a formação de quadros jovens – foi contratado como fotógrafo da revista "Manchete" e depois migrou para "O Globo",

[12] Elane Maciel concedeu entrevista em 13 de agosto de 2024.
[13] Informe nº 102 da Agência Central do SNI. Disponível em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/76093967/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_76093967_d0001de0001.pdf. Último acesso em 15 de janeiro de 2025.

onde recolhia as contribuições da Organização de Base para o Partido Comunista Brasileiro.

Um trecho do relatório menciona o Macunaíma como uma das atividades desenvolvidas pela ABI e onde atuavam os comunistas da Associação Brasileira de Imprensa. Os filmes eram selecionados pela diretoria e assistidos por "operários, estudantes e jornalistas (...) de acordo com a mensagem a ser propagada para a plateia". Em entrevista para este trabalho, Jalusa contou que criar o cineclube foi uma das muitas tarefas repassadas pelo "partidão" em reuniões camufladas de simples encontros sociais. Segundo ela, muitos desses encontros eram realizados na casa de Fichel Davit, em Santa Teresa, bairro carioca tradicionalmente ocupado por intelectuais, militantes e acadêmicos.

> A gente não fazia reunião no botequim da esquina pra receber tarefa, né? Me lembro que teve uma reunião na casa do Davit que era pra gente receber algumas informações de trabalhos que tinham que ser feitos. Eu levei quase duas horas pra chegar lá, porque tinha que sair, disfarçar, ver se tinha alguém. A casa dele tinha piscina e a ideia era que todos nós fôssemos de roupa de praia. Qualquer coisa, se chegasse (a polícia) lá, estava todo mundo tomando sol. A gente recorria sempre a esses mecanismos. (...) A gente recebeu essa tarefa do 'partidão', de criar o cineclube. Todas as tarefas que o PCB nos dava naquele momento tinham uma fachada de atividade cultural. Eram muitas que tinham esse fim: ou ajudar família de preso político ou fazer finanças pro partido ou nos colocar proativos diante de uma sociedade com quem a gente não tinha nenhuma possibilidade de fazer pontes e conexões por causa da repressão. Eu linkaria o Macunaíma diretamente ao Partido Comunista.[14]

Jalusa e Elane eram das poucas mulheres à frente do cineclube, além de Maria de Nazareth Capiberibe Azêdo, a Marita, então mulher de Mauricio Azêdo. Foi de Marita, por sinal, a sugestão de dar o nome de Macunaíma ao espaço. Era uma homenagem tanto ao romance modernista de Mário de Andrade, publicado em 1928, quanto ao longa-metragem de Joaquim Pedro de Andrade, lançado em 1969 e considerado pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) um dos cem melhores filmes nacionais de todos os tempos[15].

> O Mauricio estava pensando em dar o nome de Orson Welles ao cineclube. Eu falei: 'Não, que isso! Uma atitude colonizada! Vamos procurar um nome brasileiro.' Aí eu sugeri Macunaíma, que achei que se encaixava bem na

[14] Jalusa Barcellos concedeu entrevista em 5 de setembro de 2024.
[15] O ranking da Abraccine está disponível em https://abraccine.org/2015/11/27/abraccine-organiza-ranking-dos-100-melhores-filmes-brasileiros/. Último acesso em 15 de julho de 2024.

> situação. O Mauricio levou a sugestão lá pro grupo de jornalistas que iam fundar o cineclube, e ela foi aceita.[16]

Hoje com 85 anos, Marita foi bem atuante no Macunaíma. Durante o período em que Azêdo esteve à frente do cineclube, ela vendia ingressos para as sessões – que ocorriam sempre aos sábados – em uma mesa no salão de entrada. Às vezes, acompanhava o projecionista na cabine ou cuidava das apostilas que eram distribuídas ao público. Aos domingos, ajudava a comandar as sessões para crianças, que não duraram muito tempo. O jornalista Ancelmo Gois, de 76 anos de idade, fazia parte do grupo e chegou a trabalhar como porteiro do Macunaíma. Em entrevista, ele contou como foi a experiência:

> O Macunaíma foi uma iniciativa de um grupo de jornalistas, quase todos militantes de esquerda ligados ao 'partidão'. No cineclube, eu fazia tudo. Todo mundo fazia tudo, inclusive o Azêdo e o Davit. No sábado à noite, eu chegava uma hora antes e ia para a portaria do andar. Tinha uma mesa onde se vendiam os ingressos. Quem normalmente fazia isso era a Marita. Eu ficava ali pegando os ingressos e tal.[17]

2.2. A DITADURA E O CINECLUBE

Embora o Macunaíma em si não estivesse na mira dos órgãos de repressão, foi atingido em cheio pela caçada a jornalistas, que se intensificou após a morte de Vladimir Herzog, o Vlado, em 25 de outubro de 1975, no DOI-Codi de São Paulo. Vlado, então diretor da TV Cultura, fora convocado um dia antes para depor sobre sua ligação com o PCB. Saiu de lá morto. Na época, o governo militar divulgou a versão - com foto, inclusive - de que ele havia se enforcado na cela, o que só foi desmentido oficialmente em 1996 pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, criada pelo Governo Fernando Henrique Cardoso no ano anterior.

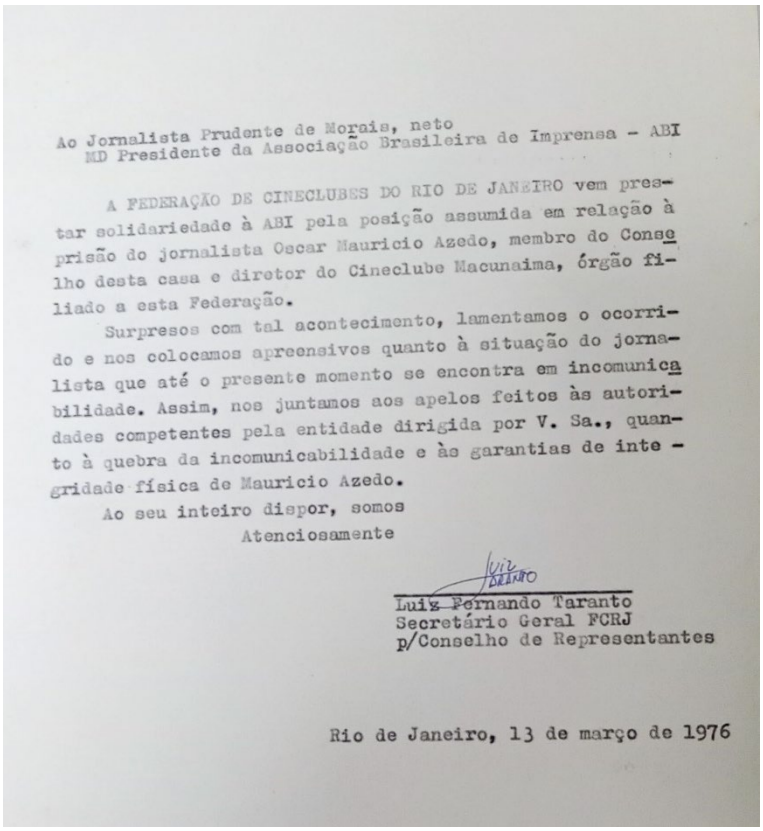
Logo após a morte de Herzog, um abaixo-assinado pedindo a verdade dos fatos correu redações de jornais e revistas. Enquanto um lado protestava, o outro reprimia. No início de 1976, Luís Paulo Machado, que até hoje é filiado ao PCB, foi preso no Rio de Janeiro. Poucos dias depois, agentes levaram Mauricio Azêdo. Do trio, sobrou Davit para tocar o cineclube, mas as sessões de cinema não pararam. O filho de Azêdo, Luiz Mauricio, substituiu o pai, e Davit contou com a colaboração de outros colegas, como

[16] Depoimento de Maria de Nazareth Capiberibe Azêdo gravado para este trabalho pelo filho dela, Luiz Mauricio Azêdo, em 6 de abril de 2024.
[17] Ancelmo Gois concedeu entrevista em 29 de novembro de 2023.

Carlos Jurandir, Jalusa e o jornalista Ronaldo Buarque de Holanda, e a programação foi mantida.

A prisão de Azêdo causou apreensão também na Federação de Cineclubes, como mostra uma carta enviada pelo então secretário-geral da FCERJ, Luiz Fernando Taranto, a Prudente de Moraes Neto. Na carta, Taranto – um dos fundadores do Cineclube Glauber Rocha, quatro anos antes – se junta aos apelos pela garantia da integridade física do jornalista.

Figura 2: Carta da Federação de Cineclubes à ABI



Ao Jornalista Prudente de Morais, neto
MD Presidente da Associação Brasileira de Imprensa - ABI

A FEDERAÇÃO DE CINECLUBES DO RIO DE JANEIRO vem prestar solidariedade à ABI pela posição assumida em relação à prisão do jornalista Oscar Mauricio Azedo, membro do Conselho desta casa e diretor do Cineclube Macunaima, órgão filiado a esta Federação.

Surpresos com tal acontecimento, lamentamos o ocorrido e nos colocamos apreensivos quanto à situação do jornalista que até o presente momento se encontra em incomunicabilidade. Assim, nos juntamos aos apelos feitos às autoridades competentes pela entidade dirigida por V. Sa., quanto à quebra da incomunicabilidade e às garantias de integridade física de Mauricio Azedo.

Ao seu inteiro dispor, somos

Atenciosamente

Luiz Fernando Taranto
Secretário Geral FCRJ
p/Conselho de Representantes

Rio de Janeiro, 13 de março de 1976

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

Luiz Mauricio Azêdo conta que a prisão do pai ocorreu na Rua Maestro Francisco Braga, em Copacabana, quando ele seguia para a Editora Abril, na Rua do Passeio, Centro do Rio, onde trabalhava. Levado para o quartel do 1º Batalhão da Polícia do Exército, na Rua Barão de Mesquita, na Tijuca, o jornalista foi torturado e permaneceu alguns dias incomunicável. Na versão da Secretaria de Segurança Pública, o próprio Azêdo teria se identificado como

> (...) coordenador de diversas células comunistas existentes na imprensa. Confirmou suas ligações com um conhecido profissional do PCB, que exerce

> cargo de direção em associação de classe, e que vem sendo processado por atividades subversivas na 1ª Auditoria de Aeronáutica.[18]

Notícia publicada no jornal "O Estado de S. Paulo" e reproduzida no "Boletim da ABI" de março/abril de 1976 informa que a prisão de Azêdo ocorreu em 10 de março, mas Marita, sua ex-mulher, diz que foi no dia 5. Libertado em 9 de abril, o jornalista seguiu para a casa da irmã "para evitar telefonemas, alegando cansaço e necessidade de pôr os pensamentos em ordem", segundo o "Jornal do Brasil", em nota também publicada no órgão oficial da Associação Brasileira de Imprensa. Seja qual tenha sido a data da prisão, Marita não se esquece dos momentos de angústia:

> Eu tinha saído de casa bem cedo, pela manhã, porque tinha uma prova na Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Quando voltei, o Mauricio não estava. Ele tinha passado em casa, mas não chegou no trabalho. Ninguém no trabalho sabia dele. Estavam preocupados. Passou mais algum tempo, eu tornei a ligar, não tive resposta e recebi a orientação de ir para a Associação Brasileira de Imprensa e procurar o advogado dele. Eu fui pra ABI, e pouco depois o advogado chegou e disse que ele estava preso, no quartel do Exército da Rua Barão de Mesquita. Foi assim que eu soube.[19]

Entre os motivos alegados pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado do Rio para prender Azêdo estavam sua militância ativa no PCB e uma série de "atividades subversivas": no jornal "Última Hora", em 1972, quando também tinha sido preso; sua ligação com Fausto Guimarães Cupertino, que era membro da direção da ABI e do Macunaíma e estava sendo processado; e sua expulsão do "Jornal do Brasil" em 1965. O JB, porém, apressou-se em desmentir a SSP: nota publicada no dia 11 de março e reproduzida no tabloide da Associação Brasileira de Imprensa de março/abril de 1976 informava que Azêdo fora demitido em 1962, e apenas por ter participado de uma greve considerada ilegal pela Justiça do Trabalho.

Em outra nota publicada no JB em 12 de março de 1976, e também reproduzida no "Boletim da ABI", a Associação Brasileira de Imprensa apontava o erro, demonstrava preocupação com as prisões de Azêdo e Luís Paulo e defendia que a incomunicabilidade de ambos fosse suspensa "para que esses dois companheiros

[18] Reprodução de nota publicada em "O Globo" e republicada no "Boletim da ABI" de março/abril de 1976, p. 17

[19] Depoimento de Maria de Nazareth Capiberibe Azêdo gravado para este trabalho pelo filho dela, Luiz Mauricio Azêdo, em 6 de abril de 2024.

possam ser assistidos por sua família e seus advogados".[20] A resposta da SSP à ABI, também divulgada no "Boletim", procurava justificar as prisões:

> (...) a autoridade constituída, sem o desejo de criar polêmicas em torno do assunto, vem esclarecer a opinião pública, com o intuito de informá-la que:
> A preocupação manifestada com as prisões havidas não tem o sentido apregoado de vez que se trata de indivíduos que militam na imprensa com vinculação e participação direta e efetiva nas atividades do PCB.
> Ainda à guisa de esclarecimento a Secretaria de Segurança Pública informa que todos os preceitos legais estão sendo integralmente cumpridos no que tange à incomunicabilidade: o Artigo 59 da Lei de Segurança Nacional dispõe claramente sobre a prisão de infratores, e fixando-se em 10 dias.[21]

Luís Paulo Machado não se lembra do dia em que "caiu"[22], mas o "Boletim da ABI" de março/abril de 1976 informa que foi na noite de 5 de março, uma sexta-feira, quando também teve sua casa, em Laranjeiras, revistada. A prisão do fotógrafo, porém, só foi tornada pública pela SSP na segunda-feira seguinte, e tinha o objetivo de "apurar novos fatos relacionados com as atividades do Partido Comunista na área do Rio". O fotógrafo não sabe dizer o período em que ficou preso. Foram "alguns meses", segundo ele, em que diz ter sofrido muitas torturas. "A gente perde um pouco a noção do tempo", contou Luís Paulo, em entrevista para este trabalho.

> Depois que o Herzog morreu, a tortura, que estava em São Paulo, veio em parte para o Rio de Janeiro, diante de diversas manifestações contra a execução do Herzog e do Manoel Fiel Filho[23]. E nessa ocasião alguns jornalistas tinham uma atividade política muito forte. (...) Eu e Azêdo não fomos presos, fomos sequestrados. Eu tinha sido ameaçado de prisão pouco depois da morte do Herzog. Me ameaçaram por um telefonema anônimo. 'Nós vamos te prender e tal.' Essas coisas... Esses sequestros ocorriam com muita facilidade.[24]

O mesmo "Boletim da ABI" informava que, entre as justificativas para a prisão de Luís Paulo, estavam o fato de ele ser filho de um antigo membro do comitê central do PCB e distribuir o jornal clandestino "Voz Operária", editado pelo partido. Em entrevista, o fotógrafo contou que a gráfica que imprimia a publicação tinha sido invadida e destruída. Um funcionário acabou preso e, sob tortura, mencionou o nome de

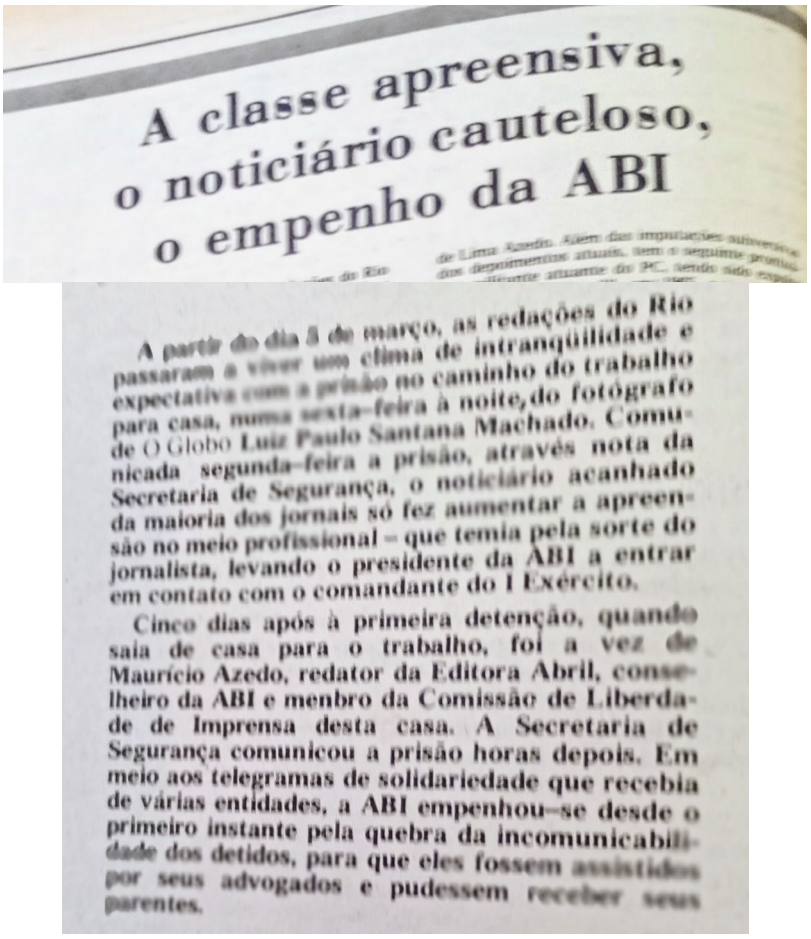
---

[20] "Boletim da ABI" de março/abril de 1976, p. 16.
[21] Nota da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro reproduzida no "Boletim da ABI" de março/abril de 1976, p. 16.
[22] Na época, utilizava-se o verbo "cair" como sinônimo de ser levado pela polícia política.
[23] O operário Manoel Fiel Filho foi morto em 17 de janeiro de 1976 também no DOI-Codi paulista, em circunstâncias semelhantes às de Herzog.
[24] Luís Paulo Machado concedeu entrevista em 1º de abril de 2024.

Luís Paulo antes de morrer. O jornalista detalhou o instante em que foi preso, quando saía do trabalho:

> Comecei a tomar uma série de precauções com relação à segurança, orientado pelo partido. Saía do jornal e encontrava minha ex-mulher num local pra gente então ir pra casa. Nesse dia eu estava esperando um táxi, pararam quatro Fuscas. Eu ameacei correr, mas aí desceu, parece, um oficial e falou: 'O senhor é o Luís Paulo? Ninguém vai fazer nada contigo, você só precisa fazer umas declarações.' Eram umas 18h, 19h, e aí eles me empurraram pra dentro de um carro, me encapuzaram e me levaram pro DOI-Codi. Depois eu fui transferido pro Dops. O Mauricio Azêdo foi sequestrado da mesma forma.[25]

Figura 3: "Boletim da ABI" de março/abril de 1976



A classe apreensiva, o noticiário cauteloso, o empenho da ABI

A partir do dia 5 de março, as redações do Rio passaram a viver um clima de intranqüilidade e expectativa com a prisão no caminho do trabalho para casa, numa sexta-feira à noite, do fotógrafo de O Globo Luiz Paulo Santana Machado. Comunicada segunda-feira a prisão, através nota da Secretaria de Segurança, o noticiário acanhado da maioria dos jornais só fez aumentar a apreensão no meio profissional – que temia pela sorte do jornalista, levando o presidente da ABI a entrar em contato com o comandante do I Exército.

Cinco dias após à primeira detenção, quando saia de casa para o trabalho, foi a vez de Maurício Azedo, redator da Editora Abril, conselheiro da ABI e menbro da Comissão de Liberdade de Imprensa desta casa. A Secretaria de Segurança comunicou a prisão horas depois. Em meio aos telegramas de solidariedade que recebia de várias entidades, a ABI empenhou-se desde o primeiro instante pela quebra da incomunicabilidade dos detidos, para que eles fossem assistidos por seus advogados e pudessem receber seus parentes.

Fonte: Acervo da Associação Brasileira de Imprensa / Reprodução

[25] Luís Paulo Machado concedeu entrevista em 1º de abril de 2024.

A ABI, em nota publicada no "Boletim"[26], disse que Luís Paulo estava em uma "dependência separada" da Divisão de Polícia Política e Social (DPPS) – ou seja, incomunicável - e, de acordo com o Comando do I Exército, sendo bem tratado pelos encarregados da investigação. Segundo a SSP, o fotógrafo deu informações na prisão sobre "a infiltração subversiva nos órgãos de imprensa e que permitiram a identificação de várias células comunistas". Ele teria declarado inclusive ter feito "curso de capacitação política em Moscou", provável alusão à Komsomol.

A incomunicabilidade do fotógrafo, segundo a "Folha de S. Paulo", foi suspensa no dia 15 de março, quando ele pôde receber as visitas do advogado, da mãe e da mulher. A de Azêdo foi quebrada no dia 20, quando a mulher e os filhos o visitaram no Dops, além do advogado Alcione Pinto Barreto e do presidente da ABI, Prudente de Moraes Neto.

Logo após a prisão de Luís Paulo, Elane Maciel, com quem ele era casado, mudou-se para a casa da sogra, onde havia telefone - aparelho indispensável em uma situação como aquela. Certo dia, recebeu uma ligação do jornalista Roberto Marinho, proprietário de "O Globo", chamando-a para uma conversa na redação do jornal. Elane conta que foi recebida por Rogério Marinho, porque seu irmão Roberto estava atendendo a uma comitiva estrangeira:

> Ele (Rogério) falou: 'Você está sendo procurada, se entregue a Dom Eugênio Salles. Não ande sozinha.' Eu respondi: 'Se eu estou sendo procurada, não vou sair sozinha. Vou ficar aqui dentro. Eles que venham me buscar aqui.' Aí, mandaram me levar no carro do Roberto Marinho pra Arquidiocese, o Palácio São Joaquim. Chegando lá, me disseram que Dom Eugênio não podia receber ninguém porque iria no dia seguinte pra Roma. 'Ah, a mim ele vai receber, pelo amor de Deus.' Eu rapidamente escrevi um bilhete dizendo que era Elane, mulher do jornalista preso, e precisava muito falar com Dom Eugênio. Ele mandou fechar todas as portas do palácio e respondeu: 'Aguarde que eu vou lhe chamar'. Ele já tinha falado com o general Reynaldo Mello de Almeida, que era o comandante do 1º Exército, e me deu um cartão com a encíclica do Vaticano dizendo assim: 'Aí vai Elane Maciel, conforme o combinado, e que ela seja ouvida e não fique presa'.[27]

Elane fez várias cópias do documento, entregando-as nas redações de "O Globo", "O Estado de S. Paulo" e "Folha de S.Paulo", entre outras. Levou uma também para Prudente de Moraes Neto. No dia seguinte, compareceu para depor no 1º Exército, na Vila Militar, onde já estavam o general Reynaldo e representantes da Marinha e da Aeronáutica. Não foi presa, mas passou o dia inteiro sob interrogatório - não sobre o

[26] "Boletim da ABI" de março/abril de 1976, p. 16.
[27] Elane Maciel concedeu entrevista em 13 de agosto de 2024.

Macunaíma, mas sobre o PCB, partido no qual era militante ativa e responsável pelas finanças no Rio de Janeiro.

Jalusa Barcellos também chegou a ser detida. Segundo ela, foram ao todo cinco intimações para prestar depoimento, a primeira com apenas 16 anos de idade, ainda no Rio Grande do Sul. Não foi presa nem torturada, mas, como Elane, enfrentou longos e cansativos interrogatórios sobre sua atuação no PCB. Durante um deles, em 1976, no antigo Dops, teve uma crise de hepatite e precisou de atendimento médico. Não se recorda se foi internada no Hospital do Exército ou na enfermaria do próprio Departamento de Ordem Política e Social. Foi logo para casa também graças ao "doutor" Prudente, como ele era chamado pelos colegas. Jalusa ficou 90 dias em repouso absoluto para se recuperar.

Prudente de Moraes Neto pôs a estrutura da ABI a serviço dos jornalistas presos. A maioria era defendida pelos advogados Modesto da Silveira e Alcione Barreto. Ao fim de um dos muitos interrogatórios de Jalusa, Barreto foi buscá-la e, quando chegaram ao portão de saída, Prudente os esperava no carro da Presidência da associação:

> Alcione foi na frente, com o motorista. Tinha um detalhe barroco que todos nós sabíamos, mas ninguém tocava. O doutor Prudente tinha sido integralista[28] na juventude. Dentro do carro, eu agradeci a ele e falei: 'Doutor Prudente, posso lhe fazer uma pergunta? Como é que o senhor, um cidadão que já foi integralista, tem um papel tão relevante no combate à ditadura ao ponto de vir tirar jovens jornalistas da cadeia?'. Eu lembro disso e fico emocionada. Ele respondeu: 'Minha querida, o homem só não tem o direito de envelhecer reacionário.'[29]

Prisões e interrogatórios tinham menos a ver com o cinema do que com a atividade política clandestina. O Macunaíma, como boa parte dos cineclubes nos anos 1970, não era propriamente visado pela ditadura. Havia até uma concessão a esses espaços, conforme a Lei 5.536, de 21 de novembro de 1968[30], que dispunha sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas e criava o Conselho Superior de Censura (CSC), subordinado ao Ministério da Justiça. Sobre o CSC, cópia de uma carta enviada em 27 de janeiro de 1975 pelo então presidente da ABI, Fernando Segismundo, a

[28] Fundado por Plínio Salgado em 1932, o Integralismo foi um movimento político de extrema-direita, inspirado no fascismo italiano.
[29] Jalusa Barcellos concedeu entrevista em 5 de setembro de 2024.
[30] Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l5536.htm. Último acesso em 27 de agosto de 2024.

Elmano Cruz, ex-presidente da entidade, foi parar na Divisão de Segurança e Informações do ministério e chegou ao conhecimento do ministro Armando Falcão.

Na carta[31], disponível no Arquivo Nacional, Segismundo demonstra interesse em fazer parte do CSC como membro da ABI. A Associação Brasileira de Imprensa, assim como outras instituições, tinha direito a indicar um dos integrantes do Conselho. A correspondência despertou a atenção de um departamento do Ministério da Justiça: no relatório encaminhado a Falcão, a Divisão de Segurança e Informações alerta que a ABI fora um órgão apolítico até abril de 1973, "embora tendo sócios nos atuais partidos políticos, incluindo o PC". O relato continua:

> Aconteceu que em abril deste ano, os comunistas elegeram um terço do Conselho Administrativo. Em abril do ano seguinte – 1974 – elegeram outro terço e todos os membros da Diretoria. A partir daí, a ABI passou a comportar-se não como associação apolítica, porém como célula comunista, fazendo reuniões onde há discursos contra o Governo e a Revolução de 64. Uma dessas reuniões, *(sic)* foi a que a Diretoria fez em homenagem a *(sic)* independência de Moçambique, cujo Governo não convidou o nosso para assistir a *(sic)* proclamação dessa independência. Pois bem, ela foi comemorada na ABI, tendo tido diversos oradores, entre os quais Oscar Mauricio de Lima Azedo *(sic)*, ora preso no DOPS. (...)[32]

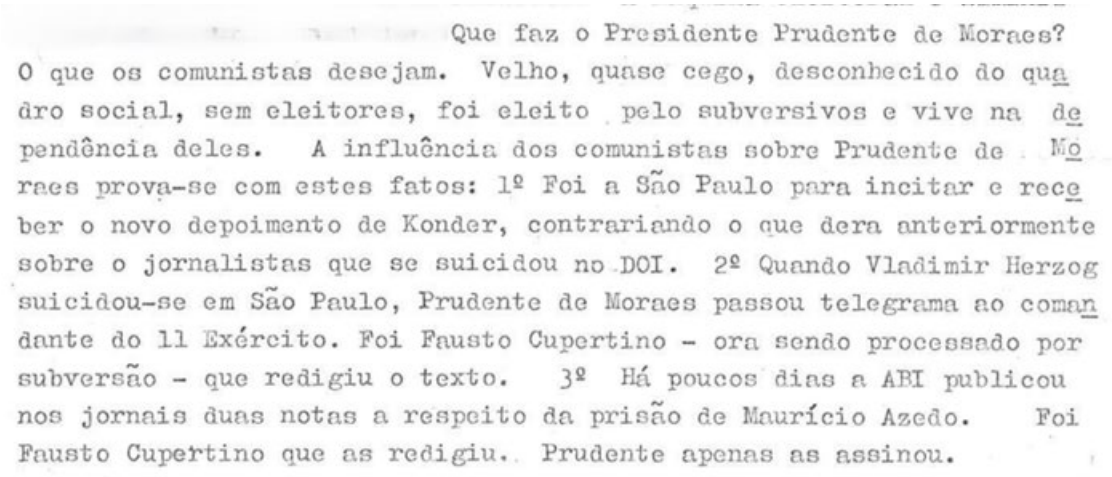
Segundo o informe, a ABI organizava seminários com o "objetivo oculto" de aliciar jovens, despertando neles "revolta contra o regime". Outro instrumento para aliciá-los seria o Macunaíma – que o relatório afirma, erroneamente, ser dirigido por Segismundo e Azêdo. Ainda de acordo com o relato, era a dupla quem dava as cartas na Associação Brasileira de Imprensa, subjugando até o então presidente da instituição, Prudente de Moraes Neto. O texto era de extrema crueldade com Prudente, como se pode ver no parágrafo a seguir:

---

[31] A carta está incluída no Informe nº 154, de 1976, da Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça, p. 19-23. Disponível em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_TT/0/MCP/AVU/0281/BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0281.pdf. Último acesso em 11 de janeiro de 2025.

[32] A carta está incluída no Informe nº 154, de 1976, da Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça, p. 19-23. Disponível em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_TT/0/MCP/AVU/0281/BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0281.pdf. Último acesso em 11 de janeiro de 2025.

Figura 4: Trecho do informe da Divisão de Informações sobre Prudente de Moraes Neto



Que faz o Presidente Prudente de Moraes? O que os comunistas desejam. Velho, quase cego, desconhecido do quadro social, sem eleitores, foi eleito pelo subversivos e vive na dependência deles. A influência dos comunistas sobre Prudente de Moraes prova-se com estes fatos: 1º Foi a São Paulo para incitar e receber o novo depoimento de Konder, contrariando o que dera anteriormente sobre o jornalistas que se suicidou no DOI. 2º Quando Vladimir Herzog suicidou-se em São Paulo, Prudente de Moraes passou telegrama ao comandante do 11 Exército. Foi Fausto Cupertino - ora sendo processado por subversão - que redigiu o texto. 3º Há poucos dias a ABI publicou nos jornais duas notas a respeito da prisão de Maurício Azedo. Foi Fausto Cupertino que as redigiu. Prudente apenas as assinou.

Fonte: Acervo do Arquivo Nacional / Reprodução

A mesma lei que instituiu o CSC, a 5.536, também determinava que cinematecas e cineclubes podiam exibir qualquer filme que tivesse certificado de censura, mesmo que vencido. O documento era válido por cinco anos. Essa liberalidade não se aplicava a teatros, cinemas, novelas e teatro para radiodifusão.

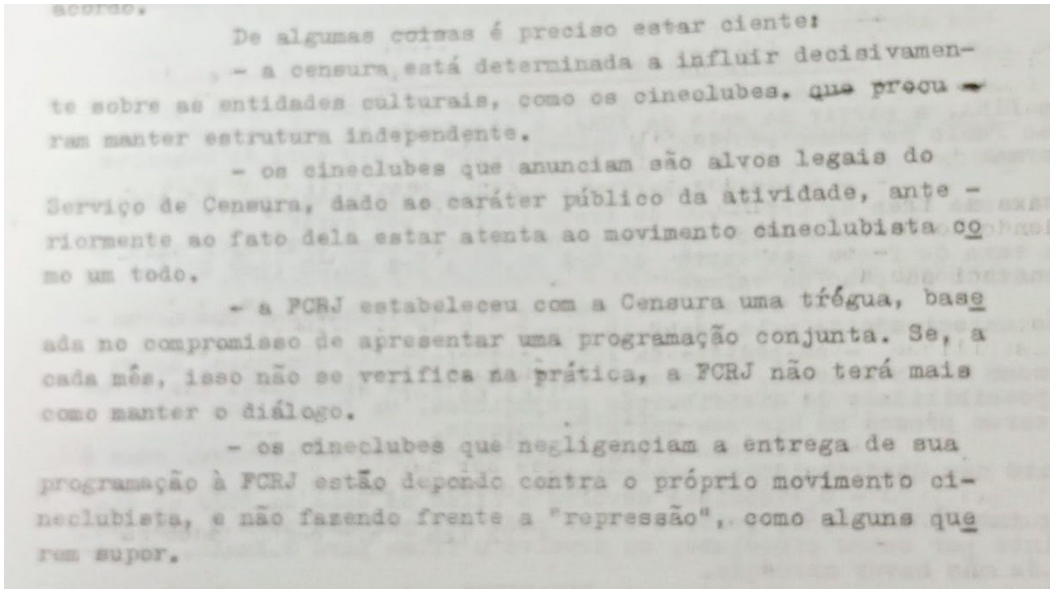
Entretanto, no Rio de Janeiro, uma exigência informal dificultava a atividade cineclubista. Os cineclubes tinham que apresentar a programação à Censura com antecedência, embora os filmes fossem quase sempre liberados, pois afinal já haviam passado pelo crivo dos censores. Em carta enviada em 22 de outubro de 1975 ao superintendente da Delegacia da Censura Federal no Rio de Janeiro, Wilson Queiroz Garcia, o então presidente da FCERJ, Marco Aurélio Marcondes, solicitava que os programas pudessem "ser apresentados semanalmente, até 24 horas antes da realização da sessão ou, no caso de sua troca (adaptação de outro filme no programa), até 48 horas depois".

Cada cineclube deveria também registrar-se na Censura, para que o órgão conhecesse todos os que estavam ativos. No entanto, cumprir essa formalidade não era fácil: a maioria tinha estruturas pequenas, informais e, muitas vezes, improvisadas. Na mesma carta, Marcondes pedia que o registro fosse concedido à Federação, que se encarregaria de reunir e enviar a programação das entidades filiadas. Isso já ocorria em São Paulo, como conta o ex-cineclubista Felipe Macedo, que dirigiu a Federação Paulista de Cineclubes, o Conselho Nacional de Cineclubes e a Dinafilme, distribuidora criada em 1976 para atender sobretudo ao mercado cineclubista:

> Exibir a programação antes não era lei, era um costume criado pela polícia do Rio de Janeiro. Os cineclubes não tinham que apresentar nada. A Censura fiscalizava quando queria. Talvez isso fosse uma coisa do Rio. Isso é um outro lado da ditadura: tinha a lei, mas ela era uma referência, não é o que eles aceitavam. (...) A gente tinha uma política que era a seguinte: o diálogo com a repressão tinha que ser levado pelas entidades, não pelos cineclubes, pra tentar preservá-los dessa coisa do controle total. Em São Paulo a gente conseguiu que a federação se registrasse na Censura, o que não estava previsto na legislação. Foi um delírio do censor em São Paulo, que mais tarde foi diretor da Censura nacional.[33]

Depois da carta de Marcondes, firmou-se um acordo para que somente a FCERJ se registrasse junto à Censura – e enviasse a programação de todas as unidades do Rio de Janeiro. Começava aí outro problema: os cineclubes não mandavam as informações para a Federação, que não tinha como encaminhá-las ao órgão federal. O artigo intitulado "Censura X negligência", incluído no boletim da FCERJ de outubro/novembro de 1976, foi explícito em relação a isso. Alertava para o risco de rompimento do diálogo e ameaça ao movimento, como se pode ver na reprodução a seguir:

Figura 5: Trecho do artigo "Censura X negligência", no boletim da FCERJ



De algumas coisas é preciso estar ciente:

- a censura está determinada a influir decisivamente sobre as entidades culturais, como os cineclubes, que procuram manter estrutura independente.

- os cineclubes que anunciam são alvos legais do Serviço de Censura, dado ao caráter público da atividade, anteriormente ao fato dela estar atenta ao movimento cineclubista como um todo.

- a FCRJ estabeleceu com a Censura uma trégua, baseada no compromisso de apresentar uma programação conjunta. Se, a cada mês, isso não se verifica na prática, a FCRJ não terá mais como manter o diálogo.

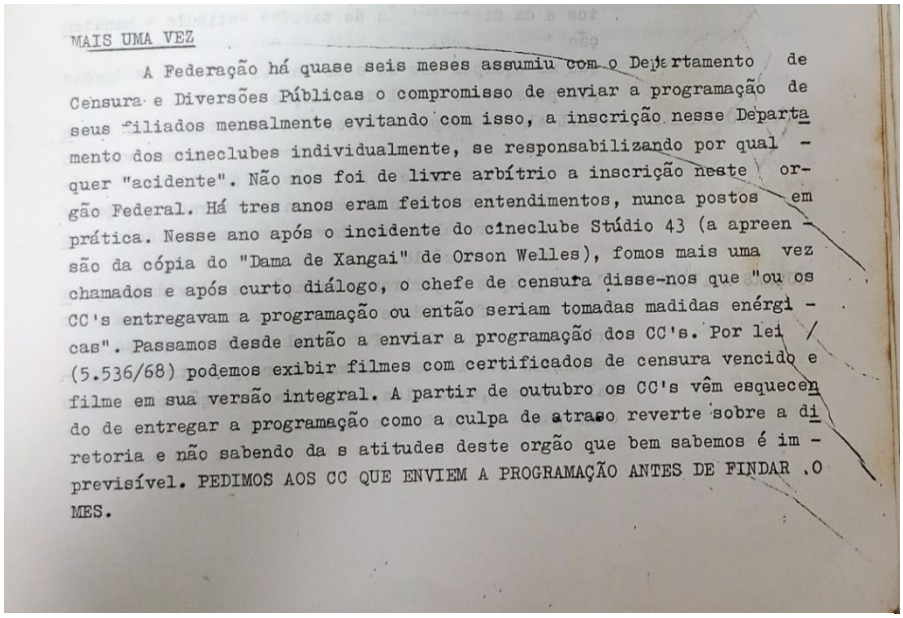
- os cineclubes que negligenciam a entrega de sua programação à FCRJ estão depondo contra o próprio movimento cineclubista, e não fazendo frente a "repressão", como alguns querem supor.

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

[33] Felipe Macedo concedeu entrevista em 22 de agosto de 2024.

O conflito entre a FCERJ e os cineclubes se estendeu pelo menos até o início de 1977, como mostra o texto “Mais uma vez”, incluído no boletim da Federação de janeiro daquele ano:

Figura 6: Boletim da FCERJ de janeiro de 1977



MAIS UMA VEZ

A Federação há quase seis meses assumiu com o Departamento de Censura e Diversões Públicas o compromisso de enviar a programação de seus filiados mensalmente evitando com isso, a inscrição nesse Departamento dos cineclubes individualmente, se responsabilizando por qualquer "acidente". Não nos foi de livre arbítrio a inscrição neste órgão Federal. Há tres anos eram feitos entendimentos, nunca postos em prática. Nesse ano após o incidente do cineclube Stúdio 43 (a apreensão da cópia do "Dama de Xangai" de Orson Welles), fomos mais uma vez chamados e após curto diálogo, o chefe de censura disse-nos que "ou os CC's entregavam a programação ou então seriam tomadas madidas enérgicas". Passamos desde então a enviar a programação dos CC's. Por lei (5.536/68) podemos exibir filmes com certificados de censura vencido e filme em sua versão integral. A partir de outubro os CC's vêm esquecendo de entregar a programação como a culpa de atraso reverte sobre a diretoria e não sabendo da s atitudes deste orgão que bem sabemos é imprevisível. PEDIMOS AOS CC QUE ENVIEM A PROGRAMAÇÃO ANTES DE FINDAR .O MES.

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

Em 1979, a Censura continuava exigindo que a FCERJ enviasse a programação dos cineclubes. Essa determinação motivou várias queixas da Federação ao longo daquele ano, quando o país ainda vivia sob o regime militar, com o general João Batista Figueiredo na Presidência da República. Uma reunião da Federação de Cineclubes no dia 28 de março relata uma visita do grupo ao Departamento de Censura Federal. O interlocutor era o próprio chefe da Censura no Rio: Augusto da Costa, um policial que fora jogador do Vasco e capitão da seleção brasileira de 1950, mas deixou o futebol em 1953.

> A Federação esteve presente ao Departamento de Censura Federal nos dias 23 e 26 de março. A censura exige que os cineclubes mandem a sua programação com antecedência, porém os cineclubes consideram esta uma exigência impertinente já que os filmes alugados já estão sempre censurados. Além disso, os CCs não têm estrutura para organizar sua programação mensalmente. A Censura ficou de enviar um ofício com suas exigências para a FCERJ. A partir do recebimento do ofício a Federação encaminhará as providências necessárias para a defesa dos interesses dos CCs.[34]

[34] Ata da Federação de Cineclubes do dia 28 de março de 1979, disponível no acervo da Cinemateca do MAM.

Quando a programação não era enviada à Censura, policiais costumavam aparecer de surpresa nos cineclubes para apreender a cópia do filme antes da sessão. Pelos registros da FCERJ, o Cineclube Leme - que tinha, na época, Nelson Krumholz (que mais tarde iria para o Macunaíma e posteriormente para o Grupo Estação) e o jornalista Artur Xexéo (falecido em 2021) - foi o mais afetado por não seguir a regra. A rebeldia fez com que a entidade, que funcionava na Igreja Nossa Senhora do Rosário, no Leme, bairro da Zona Sul carioca, recebesse algumas vezes a polícia, em 1979. Em entrevista para esta dissertação, Krumholz, hoje exibidor e produtor cultural, contou como era a repressão à atividade nos anos 1970:

> Você tinha obrigação de liberar qualquer exibição pública na Censura. Teatro, cinema, poesia, abertura de exposição. Eles não proibiam não, mas queriam essa formalidade. O movimento cineclubista não fazia isso... forçosamente. A gente falava que não fazia sentido. Então, saía uma matéria grande, com uma fotografia grande, num jornal grande, o cara batia lá... Tivemos filmes que causaram polêmica, o cara ia lá pra apreender, a gente corria com o filme, não entregava. Eu fui ameaçado de prisão. (...) Estou falando do ano de 1976, não de 1968, em que a repressão aí sim...[35]

Apreensões de filmes ocorreram também na Dinafilme, em São Paulo. Em 1977, a Polícia Federal recolheu dezenas de títulos, entre clássicos, documentários britânicos e desenhos animados do francês Émile Cohl, considerado o precursor do cinema de animação. Boa parte desse material foi perdida para sempre. No segundo semestre de 1979, a PF invadiu novamente a sede da distribuidora, mas o desfecho foi diferente: a mobilização dos cineclubes – que circularam um abaixo-assinado entre várias entidades - e o início da anistia levaram o próprio ministro da Justiça, Petrônio Portela, a se desculpar pelo incidente e ordenar a devolução dos 66 filmes apreendidos na ocasião.

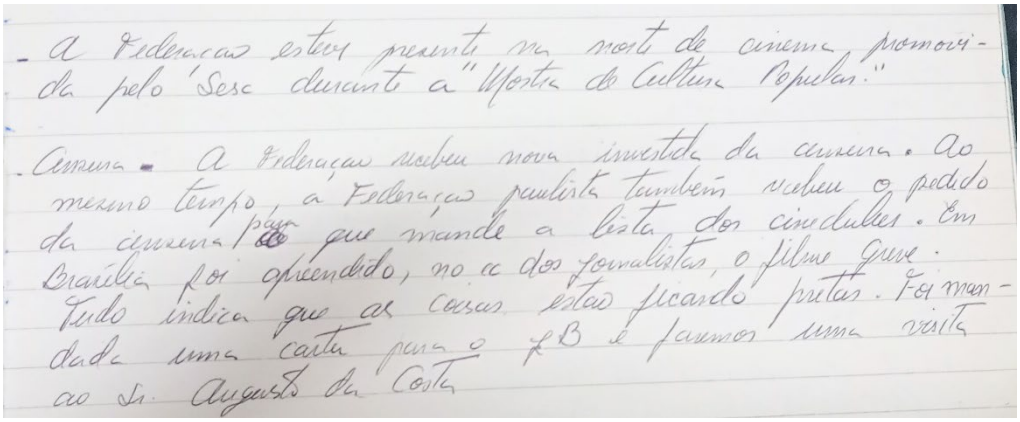
Aquele último ano da década de 1970 foi tenso para o cineclubismo. O registro da reunião da FCERJ de 23 de agosto de 1979 falava em "nova investida da Censura", que apreendera o filme *Greve*[36] no Cineclube dos Jornalistas em Brasília e voltara a pressionar a Federação paulista para o envio da lista dos cineclubes filiados. "Tudo indica que as coisas estão ficando pretas", dizia a ata daquele encontro. Outra ata, da reunião da FCERJ em 6 de setembro de 1979, informava que o Cineclube Semente, em Botafogo, recebera a visita da Polícia Federal, mas o chefe da Censura no Rio se eximiu de qualquer responsabilidade no episódio.

---

[35] Nelson Krumholz concedeu entrevista em 14 de março de 2024.

[36] A ata da FCERJ não dá mais detalhes sobre o filme, mas possivelmente era *A greve* (1925), de Sergei Eisenstein.

Figura 7: Trecho da ata da reunião da FCERJ em 23 de agosto de 1979



Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

A mesma ata dizia que Augusto da Costa pedira à Federação do Rio um documento que justificasse a decisão de não enviar a lista de cineclubes filiados. Em resposta à pressão, os cineclubistas chegaram a discutir a discutir a organização do Dia Nacional de Luta pela Liberdade Cultural, marcado para 10 de novembro de 1979. No entanto, não há registros de que essa manifestação tenha ocorrido.

Não por acaso, a pressão da Censura no segundo semestre de 1979 coincidiu com a assinatura da Lei da Anistia pelo presidente João Figueiredo, no dia 28 de agosto daquele ano. Havia muitos setores no governo contrários à abertura, mas nada comparável à repressão que se abateu sobre o movimento cineclubista entre 1968 - ano da promulgação do AI-5, endurecendo o regime militar - e 1972. Uma das entrevistadas para a tese de Doutorado de Rose Clair Matela conta que, em 1968, a cavalaria da polícia invadiu a 7ª Jornada Nacional de Cineclubes, em Brasília. Em 1969, desapareceram o Conselho Nacional de Cineclubes (CNC), que fora fundado em 1962, e as federações estaduais, assim como quase todos os cineclubes do interior.

Segundo o website "Memorial da Democracia"[37], no início da ditadura havia cerca de 300 cineclubes no Brasil e seis federações regionais. Felipe Macedo conta que restaram apenas o Centro dos Cineclubes de São Paulo "e dois ou três em cidades paulistas como Marília e Avaré, tudo muito conservador, aquele negócio formado por profissionais liberais que passavam bons filmes":

[37] Disponível em https://memorialdademocracia.com.br/card/cineclubes-pelo-brasil. Último acesso em 6 de janeiro de 2025.

> Na primeira etapa da ditadura, os cineclubes foram poupados. Eles começaram a ser reprimidos a partir do AI-5. Entre 68 e 72, o cineclubismo praticamente acabou. Era muito também por causa da ligação que existia entre militantes e cineclubes, justamente porque os cineclubes eram um biombo pra atividade político-ideológica. Não era uma atividade política de mobilização, de pegar em armas, mas era nesse ambiente que se criava a consciência e muitas vezes se captavam quadros.[38]

A partir de 1972, porém, o movimento cineclubista se reorganizou, com o pontapé inicial dado pela criação do Cineclube Glauber Rocha, no Rio, capitaneado por Marco Aurélio Marcondes, que viria a ter longa carreira no cinema, como presidente da Federação de Cineclubes do Rio e do Conselho Nacional de Cineclubes, fundador da Dinafilme, executivo da Embrafilme nos anos 1960 e 1970 e presidente da Riofilme entre 2017 e 2019. O Macunaíma surgiu naquela onda - e justamente em 1973, um dos períodos mais sombrios da vida política nacional. Naquele ano, segundo o Grupo Tortura Nunca Mais[39], o Brasil registrou 28 militantes mortos e 41 desaparecidos.

Em 1974, as jornadas nacionais foram retomadas, com a 8ª ocorrendo em Curitiba, Paraná. Não existe estatística oficial do número de cineclubes naquela década, mas Macedo calcula que, no fim dos anos 1970, o CNC tinha cerca de 600 filiados e outros tantos não cadastrados, ainda em formação ou ligados a associações de moradores e movimentos sociais. Claudino, por sua vez, lembra que, na jornada nacional de 1977, em Campina Grande, na Paraíba, participaram entre 400 e 500 cineclubes. “Em 1980, quando fui eleito presidente do CNC, tinha cineclube saindo pela janela. Uns mil”, conta. Como escreveu Rose Clair Matela, os cineclubes “representaram uma possibilidade de escapar de um cotidiano opressivo e banal” (MATELA, 2007, p. 81).

> O gosto pelo cinema, a consciência política e até mesmo a necessidade de ‘mexer’ naquele cotidiano, *(sic)* fizeram com que muitos jovens como nós encontrássemos no cineclubismo uma das formas de dar sentido às nossas vidas. Para muitos, inicialmente, significou uma forma de contestação ao regime ditatorial, já que os canais de participação política tradicionais estavam fechados. Uma espécie de resposta a quem ‘mandava’, fazendo-nos sentir que nossas vozes não estavam caladas. (MATELA, 2007, p. 21)

Ao mesmo tempo em que reprimia os opositores do regime, a ditadura fazia vista grossa para os cineclubes. Eram uma espécie de válvula de escape permitida –

[38] Felipe Macedo concedeu entrevista em 22 de agosto de 2024.
[39] Disponível em https://www.torturanuncamais-rj.org.br/dossie-mortos-desaparecidos/brasil/. Último acesso em 21 de agosto de 2024.

afinal, os generais do regime militar talvez achassem melhor ter jovens no cinema do que na luta armada. Não se ia preso por assistir a um filme, ainda que fosse *O Encouraçado Potemkin* (1925), de Sergei Eisenstein, cineasta soviético que teve participação ativa na Revolução Russa de 1917. Perguntado se a ditadura teria sido condescendente com os cineclubes, Felipe Macedo respondeu:

> Num certo sentido, sim, mas eu colocaria isso sob outro viés. Acho que a ditadura foi cooptativa pra evitar problemas maiores com o cinema brasileiro. Ela tornou realidade a Embrafilme, permitiu a produção de filmes críticos e a circulação disso, em certos momentos com um avanço significativo sobre o mercado, conduzido aliás por cineclubistas como Marco Aurélio Marcondes, que capitaneou essa parte comercial da Embrafilme no finalzinho dos anos 70. O cinema brasileiro chegou a 30% do mercado, uma coisa absolutamente inédita. (...) Talvez houvesse uma certa tolerância com essa visão porque afinal esse projeto todo de Embrafilme, de cooptação do cinema brasileiro, de satisfazer um pouco os cineastas e segmentos semelhantes, foi coordenado pelo Golbery[40], pela área de inteligência, pelo SNI. Não acho que houve condescendência, e sim uma certa ambivalência. Era a complexidade dessa ambiguidade legal, porque os cineclubes também tiveram muitos problemas.

Mesmo tolerada, a atividade cineclubista era monitorada em tempo integral. Um informe confidencial de dezembro de 1980[41] do Centro de Informações da Polícia Federal afirmava que o circuito paralelo de cinema não era um trabalho artístico-cultural, e sim "uma manipulação das opiniões e ideias, tentando dirigir e inculcar pontos-de-vista *(sic)* determinados à consecução de objetivos outros". O relatório acrescentava que a finalidade era fazer "apologia às greves, às revoltas e ao inconformismo". Mencionava especificamente um evento no Macunaíma no dia 15 de novembro de 1980, o "Nuevo Cine Documental de Liberación", em que foram exibidos quatro curtas-metragens e lançado o livro "E agora, Che? A Revolução das Bananas", de Humberto Borges, seguido de debate e coquetel.

A sinopse dos filmes incluída no informe da PF é exatamente igual à do "tijolinho" do "Jornal do Brasil" daquele 15 de novembro. A única diferença foi que o JB publicou uma foto de um dos curtas-metragens, *Dolores em Bilbao* (ano e direção desconhecidos), chamando atenção para a mostra. A película é sobre o retorno da líder comunista Dolores Ibárruri, conhecida como La Pasionaria, ao País Basco. Com a

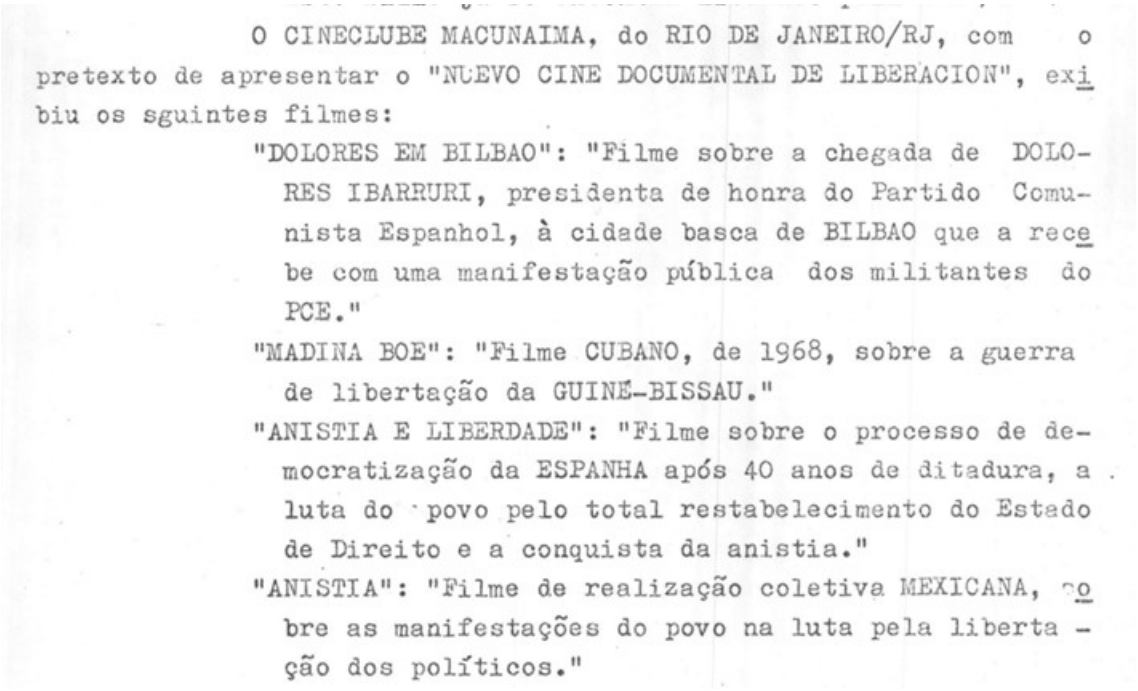
---

[40] O General Golbery do Couto e Silva foi o principal ideólogo da ditadura militar brasileira, da qual participou de diversos governos. Foi um dos criadores do temido Serviço Nacional de Informações (SNI), mas também o principal idealizador da abertura política.

[41] Informe nº 5717, de 10 de dezembro de 1980. Disponível em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_zd/br_dfanbsb_zd_0/br_dfanbsb_zd_0_0/br_dfanbsb_zd_0_0_0037a/br_dfanbsb_zd_0_0_0037a_0016/br_dfanbsb_zd_0_0_0037a_0016_d0002.pdf, p. 192. Último acesso em 12 de janeiro de 2025.

vitória do general Francisco Franco na Guerra Civil Espanhola, em 1939, ela se exilara na União Soviética, voltando à Espanha somente em 1977, dois anos após a morte do ditador. Foi eleita deputada e tornou-se presidente de honra do Partido Comunista Espanhol.

Figura 8: Trecho de informe da PF sobre mostra de documentários no Macunaíma



O CINECLUBE MACUNAIMA, do RIO DE JANEIRO/RJ, com o pretexto de apresentar o "NUEVO CINE DOCUMENTAL DE LIBERACION", exibiu os sguintes filmes:

"DOLORES EM BILBAO": "Filme sobre a chegada de DOLORES IBARRURI, presidenta de honra do Partido Comunista Espanhol, à cidade basca de BILBAO que a recebe com uma manifestação pública dos militantes do PCE."

"MADINA BOE": "Filme CUBANO, de 1968, sobre a guerra de libertação da GUINÉ-BISSAU."

"ANISTIA E LIBERDADE": "Filme sobre o processo de democratização da ESPANHA após 40 anos de ditadura, a luta do povo pelo total restabelecimento do Estado de Direito e a conquista da anistia."

"ANISTIA": "Filme de realização coletiva MEXICANA, sobre as manifestações do povo na luta pela liberta - ção dos políticos."

Fonte: Acervo do Arquivo Nacional / Reprodução

Figura 9: "Tijolinho" do "Jornal do Brasil" de 15 de novembro de 1980

Cinema



Dolores Ibarruri, La Passionaria, personagem do filme *Dolores em Bilbao*, um dos curtas exibidos no *Nuevo Cine Documental de Liberacion*: hoje, no *Cineclube Macunaíma*.

NUEVO CINE DOCUMENTAL DE LIBERACION — Exibição de quatro curtas: **Dolores em Bilbao**, filme sobre a chegada de Dolores Ibarruri, presidenta de honra do Partido Comunista Espanhol, à cidade basca de Bilbao que a recebe com uma manifestação pública dos militantes do PCE. **Madina Boe**, de José Missip. Filme cubano, de 1968, sobre a guerra de libertação da Guiné-Bissau. **Anistia e Liberdade**, filme sobre o processo de democratização da Espanha após 40 anos de ditadura; a luta do povo pelo total restabelecimento do Estado de Direito e a conquista da anistia. **Anistia**, realização coletiva mexicana, sobre as manifestações do povo na luta pela libertação dos presos políticos. Às 21h, no **Cineclube Macunaíma**, Rua Araújo Porto Alegre, 71 — 9º andar. No mesma noite será lançado o livro **E Agora, Che? A Revolução das Bananas**, de Humberto Borges, com debates e coquetel.

Fonte: Acervo do "Jornal do Brasil" / Reprodução

Agentes da censura compareciam eventualmente às sessões de cinema disfarçados de espectadores comuns, como contaram José Roberto de Morais e Marco Aurélio Marcondes. Ambos foram integrantes do Cineclube Glauber Rocha e assíduos frequentadores do Macunaíma.

> Em geral, o sujeito estava de terno. Sentava no fundo da sala, ficava isolado, não se enturmava com ninguém. Era um ser estranho mesmo. Isso acontecia muito no Glauber Rocha. (...) Toda semana tinha que mandar a programação pra Censura. Teve um sujeito que perguntou a um membro do cineclube: 'vocês não ganham dinheiro, por que fazem isso?'[42]

> Apareciam agentes, e a gente logo sacava que eram da polícia. Eles iam pra ver quem estava assistindo, como eram os debates. Isso acontecia em todo cineclube. (...) Era tarefa deles. Não sei de que órgão eram, se do Exército, da Marinha ou da Aeronáutica.[43]

O alvo dos algozes do regime militar, no entanto, eram os membros de partidos de esquerda clandestinos, e não os cineclubistas. Na época, porém, os papéis se misturavam: militantes partidários dominavam aqueles espaços de exibição. Tanto Mauricio Azêdo quanto Luís Paulo Machado foram presos não por serem fundadores do Macunaíma, e sim pela militância no PCB. Ancelmo Gois, Davit e outros, que também eram do Partido Comunista Brasileiro, responderam ao Inquérito Policial-Militar (IPM) nº 01, instaurado em 1976, depois da prisão de Azêdo e Luís Paulo. Só foram absolvidos anos depois.

A estratégia da defesa era fazer com que, nos depoimentos à Justiça Militar, os acusados responsabilizassem o Macunaíma. A ABI designou especialistas para defender os jornalistas, mas a família de Luís Paulo contratou o então jovem advogado Humberto Jansen Machado, que se notabilizou por defender presos políticos nos anos da repressão. Todos atribuíam ao cineclube o motivo das reuniões na casa de Davit, em Santa Teresa, que na verdade eram encontros clandestinos do PCB.

> A combinação entre os advogados e a gente era entregar o Cineclube Macunaíma. Porque tanto Luís Paulo como Azêdo foram torturados e falaram das reuniões que o partido tinha, principalmente na casa do Davit. Nesse IPM, dezenas de jornalistas foram depor no Dops[44]. O delegado do Dops dizia assim: "Vocês estiveram reunidos tal dia." Aí, a gente botava a culpa no Macunaíma. Isso ajudou muito a que a gente fosse absolvido. Devia ter uns 50 jornalistas respondendo ao IPM no começo. Depois, viraram dez e depois

[42] José Roberto de Morais concedeu entrevista em 5 de dezembro de 2023.
[43] Marco Aurélio Marcondes concedeu entrevista em 29 de fevereiro de 2024.
[44] O Departamento de Ordem Política e Social (Dops) foi instituído em 1924, pela Lei nº 2.304, para prevenir e combater crimes que colocassem em risco a segurança do Estado. Serviu ao Estado Novo e à ditadura militar. Na prática, eram as unidades de Polícia Política de cada estado.

> ficamos o Azêdo, Anderson Campos, Luís Paulo, eu. Viramos quatro, fomos a julgamento. Todos absolvidos no final.[45]

Em 1969, bem antes de responder ao IPM, o sergipano Ancelmo havia sido preso em seu estado natal. Lá, já atuava como cineclubista – fora um dos fundadores do Clube de Cinema de Sergipe – e, pelo cineclube, participara das jornadas nacionais de 1967, em Fortaleza, e 1968, em Brasília. Ficou pouco mais de um mês na prisão e, assim que foi libertado, viajou escondido para a antiga União Soviética.

Assim como Luís Paulo Machado, Ancelmo também estudou na Komsomol, na URSS, com o codinome de Ivan Dias. Segundo o Informe nº 102 do SNI, a seleção para a escola era feita em sigilo entre os quadros jovens de partidos comunistas de vários países. Os recrutados seguiam do Brasil para Paris – onde eram recebidos por um quadro da Komsomol - e de lá iam para Moscou. Durante todo o curso, que durava pouco mais de um ano, eram obrigados a usar nomes falsos, sem revelar a verdadeira identidade, e ficavam isolados.

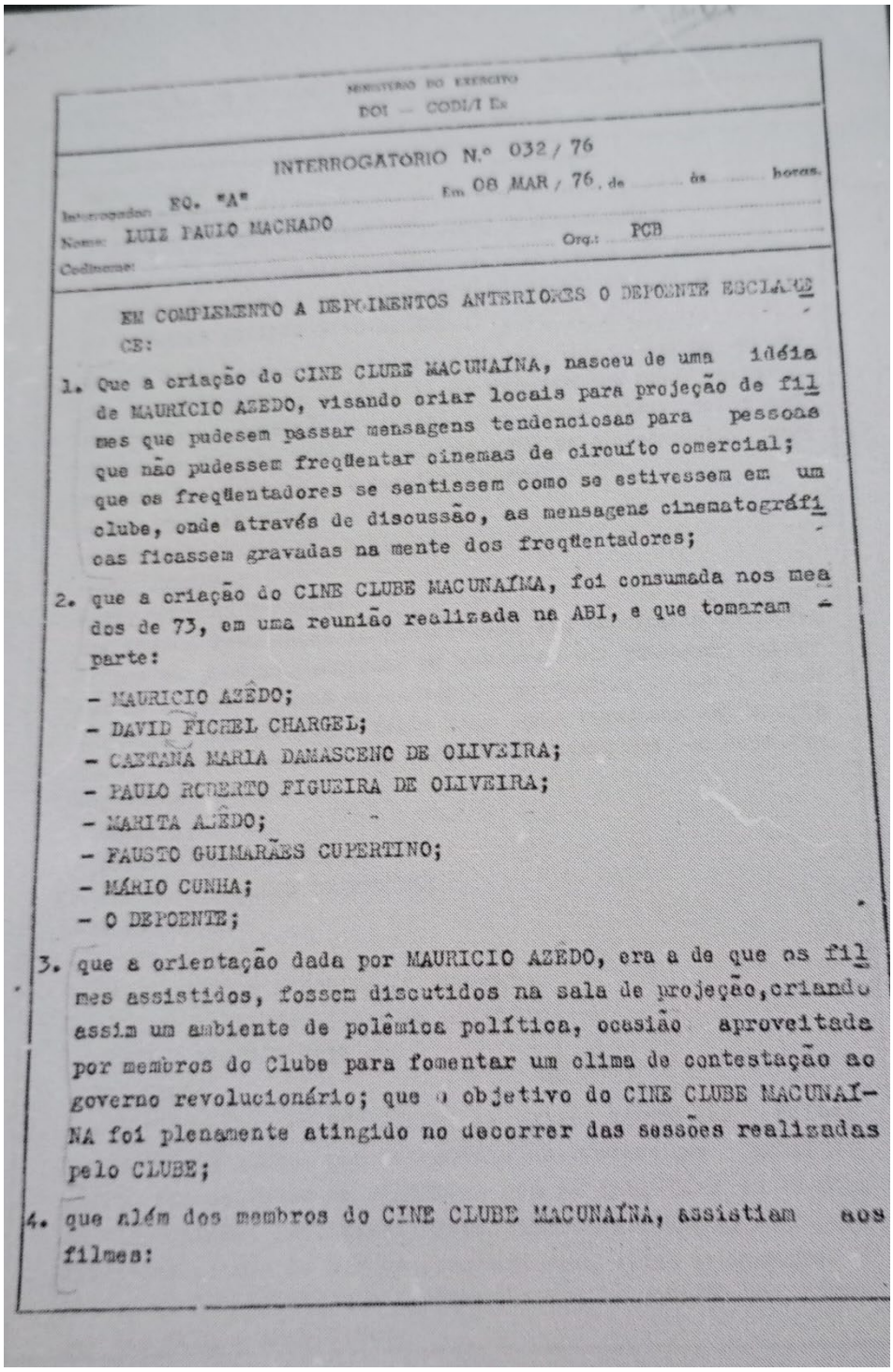
De volta ao Brasil, Ancelmo estabeleceu-se em definitivo no Rio de Janeiro. Continuou militando no PCB e, em 1973, trabalhando na Editora Abril, integrou a "primeira turma" do Macunaíma, de onde saiu em 1976. Perguntado por que ficou tão pouco tempo no cineclube, o jornalista respondeu: "por causa do processo. Todo mundo tinha que cuidar da vida, se defender, né?".

Ancelmo ainda guarda uma cópia de um dos interrogatórios a que Luís Paulo foi submetido, no dia 8 de março de 1976, no DOI-Codi. O documento contém várias referências ao Macunaíma e registra que, segundo o fotógrafo, partiu de Azêdo a ideia de criar um cineclube "para a projeção de filmes que pudessem passar mensagens tendenciosas" e que fossem depois debatidos

> (...) na sala de projeção, criando assim um ambiente de polêmica política, ocasião aproveitada por membros do Clube para fomentar um clima de contestação ao governo revolucionário (...). (O depoente esclarece que) o objetivo do Cine Clube *(sic)* Macunaíma foi plenamente atingido no decorrer das sessões realizadas pelo Clube.[46]

[45] Ancelmo Gois concedeu entrevista em 29 de novembro de 2023.
[46] Interrogatório nº 032/76 do DOI-Codi, ligado ao Ministério do Exército.

Figuras 10 e 11: Cópia do depoimento de Luís Paulo Machado no DOI-Codi



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DOI — CODI/I Ex

INTERROGATÓRIO N.º 032 / 76

Interrogador: EQ. "A" Em 08 MAR / 76, de ... às ... horas.
Nome: LUIZ PAULO MACHADO Org.: PCB
Codinome:

EM COMPLEMENTO A DEPOIMENTOS ANTERIORES O DEPOENTE ESCLARECE:

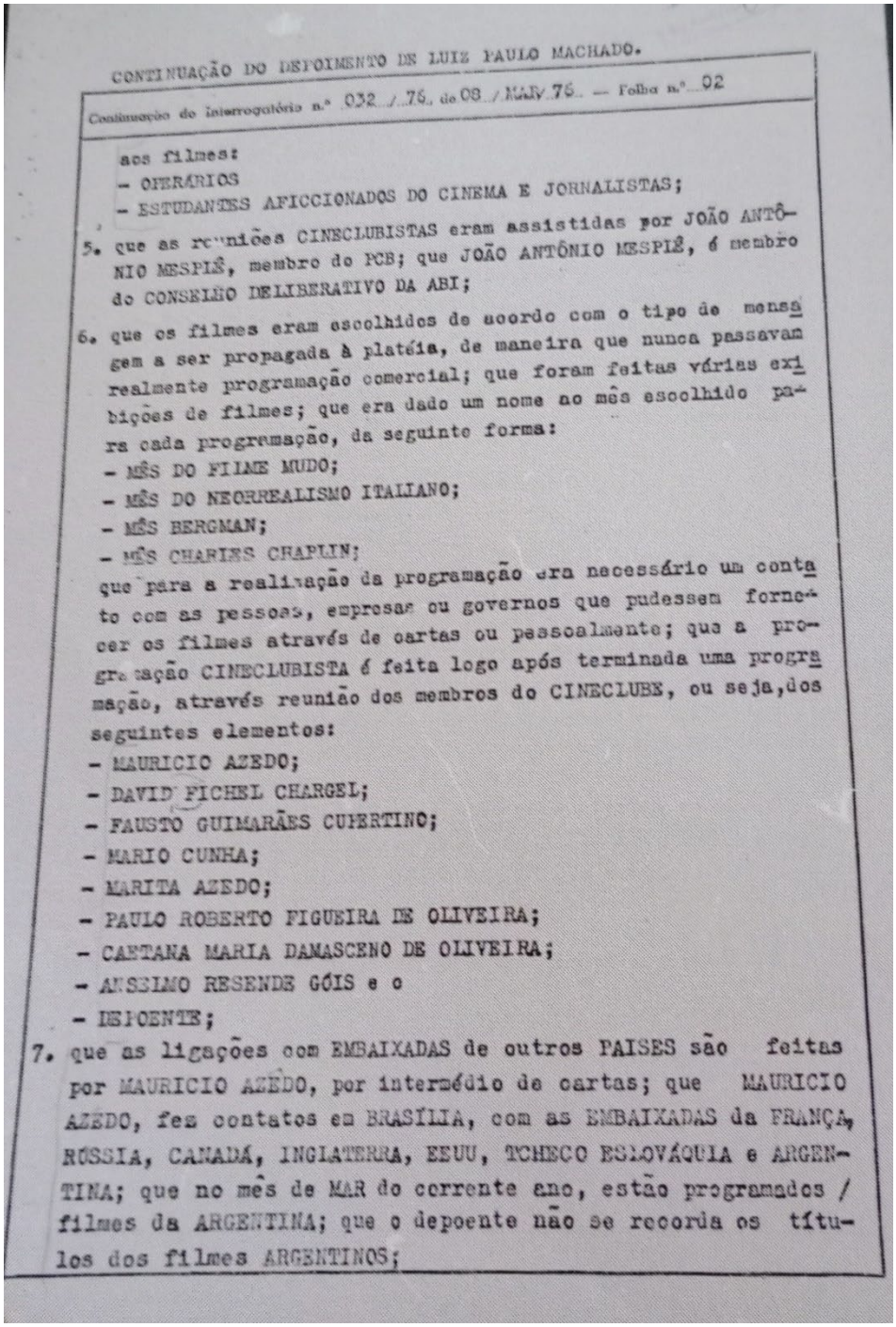
1. Que a criação do CINE CLUBE MACUNAÍNA, nasceu de uma idéia de MAURÍCIO AZEDO, visando criar locais para projeção de filmes que pudesem passar mensagens tendenciosas para pessoas que não pudessem freqüentar cinemas de circuito comercial; que os freqüentadores se sentissem como se estivessem em um clube, onde através de discussão, as mensagens cinematográficas ficassem gravadas na mente dos freqüentadores;

2. que a criação do CINE CLUBE MACUNAÍMA, foi consumada nos meados de 73, em uma reunião realizada na ABI, e que tomaram parte:

- MAURICIO AZÊDO;
- DAVID FICHEL CHARGEL;
- CAETANA MARIA DAMASCENO DE OLIVEIRA;
- PAULO ROBERTO FIGUEIRA DE OLIVEIRA;
- MARITA AZÊDO;
- FAUSTO GUIMARÃES CUPERTINO;
- MÁRIO CUNHA;
- O DEPOENTE;

3. que a orientação dada por MAURICIO AZEDO, era a de que os filmes assistidos, fossem discutidos na sala de projeção, criando assim um ambiente de polêmica política, ocasião aproveitada por membros do Clube para fomentar um clima de contestação ao governo revolucionário; que o objetivo do CINE CLUBE MACUNAÍNA foi plenamente atingido no decorrer das sessões realizadas pelo CLUBE;

4. que além dos membros do CINE CLUBE MACUNAÍNA, assistiam aos filmes:



CONTINUAÇÃO DO DEPOIMENTO DE LUIZ PAULO MACHADO.

Continuação do interrogatório n.º 032 / 76, de 08 / MAIO / 76 — Folha n.º 02

aos filmes:
- OPERÁRIOS
- ESTUDANTES AFICCIONADOS DO CINEMA E JORNALISTAS;

5. que as reuniões CINECLUBISTAS eram assistidas por JOÃO ANTÔNIO MESPIÉ, membro do PCB; que JOÃO ANTÔNIO MESPIÉ, é membro do CONSELHO DELIBERATIVO DA ABI;

6. que os filmes eram escolhidos de acordo com o tipo de mensagem a ser propagada à platéia, de maneira que nunca passavam realmente programação comercial; que foram feitas várias exibições de filmes; que era dado um nome ao mês escolhido para cada programação, da seguinte forma:
- MÊS DO FILME MUDO;
- MÊS DO NEORREALISMO ITALIANO;
- MÊS BERGMAN;
- MÊS CHARLES CHAPLIN;
que para a realização da programação era necessário um contato com as pessoas, empresas ou governos que pudessem fornecer os filmes através de cartas ou pessoalmente; que a programação CINECLUBISTA é feita logo após terminada uma programação, através reunião dos membros do CINECLUBE, ou seja,dos seguintes elementos:
- MAURICIO AZEDO;
- DAVID FICHEL CHARGEL;
- FAUSTO GUIMARÃES CUBERTINO;
- MARIO CUNHA;
- MARITA AZEDO;
- PAULO ROBERTO FIGUEIRA DE OLIVEIRA;
- CARTANA MARIA DAMASCENO DE OLIVEIRA;
- ANSELMO RESENDE GÓIS e o
- DEPOENTE;

7. que as ligações com EMBAIXADAS de outros PAISES são feitas por MAURICIO AZEDO, por intermédio de cartas; que MAURICIO AZEDO, fez contatos em BRASÍLIA, com as EMBAIXADAS da FRANÇA, RÚSSIA, CANADÁ, INGLATERRA, EEUU, TCHECO ESLOVÁQUIA e ARGENTINA; que no mês de MAR do corrente ano, estão programados / filmes da ARGENTINA; que o depoente não se recorda os títulos dos filmes ARGENTINOS;

Fonte: Arquivo pessoal de Ancelmo Gois / Reprodução

Na pesquisa sobre o Macunaíma, os nomes de Paulo e Caetana só apareceram nesse documento do DOI-Codi e no Informe nº 102[47], do SNI. Neste, ambos são apresentados como professores de História que faziam parte de uma Organização de Base em funcionamento dentro do cineclube. No depoimento, está escrito Paulo Roberto, mas, no Informe do SNI, Paulo Afonso – codinome "Paulão" ou "Afonso". Já Caetana era conhecida por "Madalena" ou "Ruth". "Paulão", segundo o SNI, lecionava em uma escola do Rio de Janeiro e era programador do Macunaíma, informação não encontrada em lugar algum. A OB dos professores teria também Marita, a ex-mulher de Mauricio Azêdo.

Luiz Mauricio Azêdo afirma que seu pai voltou para o Macunaíma assim que foi libertado, um mês após a prisão. Já Luís Paulo diz que se afastou de vez do cineclube, não retornando ao local nem como espectador. Limitou-se a ir à ABI, junto com Azêdo, para agradecer o empenho do presidente Prudente de Moraes Neto em localizar ambos, já que tinham sido sequestrados e ficaram desaparecidos por algum tempo. O fotógrafo pode de fato ter se desligado do Macunaíma, mas não da Associação Brasileira de Imprensa. Pelo menos até o fim de 1978, ele continuou a fazer parte da Comissão de Redação do "Boletim da ABI", como mostra o expediente da edição de novembro/dezembro daquele ano.

3. METODOLOGIA

A quase ausência de documentos iconográficos e escritos sobre o Macunaíma tornou essencial a realização de entrevistas para recontar a história do cineclube. Esse objetivo seria inalcançável sem o recurso à memória de seus fundadores, programadores e frequentadores. Ao longo da pesquisa de campo, foram coletadas histórias de vida e depoimentos, em paralelo à exploração do que está disponível em acervos como o da Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM), do Arquivo Nacional e de jornais. Todos os entrevistados foram testemunhas de alguma fase do Macunaíma.

Essa "coletânea de narrativas", para usar a expressão do historiador britânico Paul Thompson, "contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais

[47] Informe nº 102, da Agência Central do Serviço Nacional de Informações, de 22 de março de 1976. Disponível em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/76093967/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_76093967_d0001de0001.pdf. Último acesso em 17 de janeiro de 2025.

comovente, mas também *mais verdadeira*" (1998, p. 137). Ao longo de seus 14 anos de existência, o Macunaíma atravessou diversas fases, com diferentes grupos e pessoas no comando. E propósitos também: se, no início, o objetivo primordial era criar uma ilha de resistência à ditadura, o foco do Macunaíma após a redemocratização tornou-se exclusivamente cultural. Já não havia mais a preocupação em exibir filmes de cunho puramente político, mas sim obras que não integravam o circuito comercial.

Os testemunhos permitiram recontar a trajetória do cineclube, através de um apanhado de histórias de vida. No entanto, nem sempre as narrativas se harmonizam, até porque a memória não é uma ciência exata. Carrega subjetividades, experiências e emoções e pode se alterar com o passar dos anos. Transcorrido mais de meio século desde a inauguração do espaço, vieses e relatos divergentes são inevitáveis. O tempo esmaece as lembranças individuais, mas talvez daí provenha a riqueza dessa tarefa: estar diante dos protagonistas do Macunaíma, "transformando os 'objetos' de estudo em 'sujeitos'" (THOMPSON, 1998, p. 137). Alinhavar esse emaranhado requer confrontar versões e buscar confirmações que deem consistência ao trabalho final. A narrativa oral não é uma simples recordação do passado: traz, além das experiências vividas, uma mistura de emoções e influências.

Para complementar a dissertação, fiz um breve panorama do cineclubismo atual, bastante diferente do que havia na época do Macunaíma, sobretudo graças à tecnologia digital e à internet. A primeira facilitou e barateou a realização cinematográfica, permitindo que cineclubistas e comunidades produzam e exibam seus próprios filmes a custos reduzidos. Já a internet revolucionou a logística de distribuição e possibilitou o surgimento de cineclubes online, derrubando fronteiras e alterando a lógica de espaço e tempo. A mesma sala virtual pode reunir espectadores de Norte a Sul, assistindo ao mesmo longa-metragem em dias diferentes e reunindo-se depois para debatê-lo.

Para esta dissertação, além dos estudos de Thompson sobre história oral, também os trabalhos dos historiadores Pierre Nora (1993), francês, e David Lowenthal (1998), estadunidense, e do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) possibilitaram analisar a importância da memória, individual e coletiva. A cada conversa com os entrevistados, novos fatos sobre o Macunaíma vinham à tona. Como escreveu Nora, diferentemente da história, a memória é afetiva e maleável, inacabada e sem caráter universal. É viva e subjetiva, ao passo que a história é um produto acabado, distante no tempo. A memória pulsa, a história é estática.

Este trabalho se propõe a transformar em história as memórias de quem viveu a experiência do Macunaíma. Ou seja: aproveitar as lembranças para traçar um fato consumado. E as reminiscências são o principal instrumento para recontar a trajetória do cineclube, desconhecido por boa parte da geração posterior à década de 1980. Os protagonistas dos primórdios do Macunaíma têm hoje entre 70 e 90 anos de idade[48] e, embora seus relatos contenham algumas contradições e imprecisões - sobretudo em relação a datas e títulos de filmes - trazem na essência a possibilidade de, como em um quebra-cabeça, montar peça por peça aquela iniciativa.

Por analogia, pode-se dizer que cada depoimento equivale a uma peça desse jogo. É humanamente impossível que um indivíduo consiga restabelecer na íntegra o seu passado, como o personagem Irineu Funes, do conto "Funes, o memorioso", do argentino Jorge Luis Borges. Após uma queda de cavalo que o deixara imóvel, Funes passou a se lembrar de tudo, em todos os tempos. "Mais recordações tenho eu sozinho que as tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo", dizia. A vida real, porém, é bem diferente. Para o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov (2002), a memória é essencialmente seletiva, o que torna ainda mais necessária a coleta de vários depoimentos na busca de uma narrativa que extraia o máximo possível e permita montar uma narrativa coerente.

> (...) a memória não se opõe absolutamente ao esquecimento. (...) A reconstituição integral do passado é coisa impossível. (...) A memória é forçosamente uma seleção: certos detalhes do acontecimento serão conservados, outros, afastados, logo de início ou aos poucos, e portanto esquecidos. (TODOROV, 2002, p. 149)

Esse processo utiliza-se também do conceito de "memória coletiva" de Halbwachs (1990). Lembranças individuais complementam-se para formar a história maior, a do cineclube. Ainda que cada integrante do grupo tenha tomado um rumo diferente, eles fizeram parte de uma "comunidade afetiva" em torno de um mesmo projeto, compartilhando ideias e ideais durante os 14 anos em que o Macunaíma existiu. Cada depoimento coletado revelou minúcias diversas, mas todas as recordações foram despertadas a partir de um fundamento comum.

> Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser

[48] As idades dos entrevistados apresentadas neste trabalho referem-se ao ano de 2024.

> reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 34)

Uma dessas histórias de vida que merecem destaque é a de Fichel Davit. Desde 2015, ele mora na bucólica Ilha de Paquetá, a uma hora de barca do Centro de Rio. Na localidade, por onde não circulam carros, David adquiriu a casa que pertenceu a José Bonifácio, o patriarca da Independência. No imóvel, construído provavelmente na virada entre os séculos XVIII e XIX, o jornalista montou um museu privado - o Museu de Comunicação e Costumes - com cerca de dez mil itens que garimpou em antiquários, trouxe de viagens do exterior ou ganhou de amigos. Tem de tudo: de gramofones a louças, quadros, telefones antigos, moviolas e muito mais.

Graças à sua paixão por relíquias, Davit mantém algum material sobre o Macunaíma. Mandou encadernar, em três volumes, cerca de cem folhetos que eram distribuídos aos espectadores antes das sessões, com informações sobre diretor, filme e críticas. Também guarda o cartaz da mostra “Nascimento do cinema americano”, realizada entre 22 de outubro e 14 de novembro de 1974, em parceria com o USA Center, uma espécie de centro cultural e educacional que era mantido pelo governo dos Estados Unidos na Rua Barata Ribeiro 181, em Copacabana.

Figura 12: Cartaz da mostra de filmes americanos organizada pelo Macunaíma



Fonte: Arquivo pessoal de Fichel Davit / Reprodução

As exibições, com entrada franca, eram no próprio USA Center. Um dos dias foi inteiramente dedicado ao ator Douglas Fairbanks, um dos mais populares do cinema mudo estadunidense. Em 31 de outubro de 1974, uma quinta-feira, às 20:30, a sessão incluiu *O pirata negro* (1926), *O ladrão de Bagdá* (1924) – em que Fairbanks escreveu o roteiro, produziu e atuou – e *Garotas perigosas* (1930).

Embora a mostra de filmes dos EUA não tenha ocorrido no auditório da ABI, a sugestão de realizá-la foi do Macunaíma. Davit conta que muitos filmes vieram dos Estados Unidos porque não havia cópias no Brasil. Segundo ele, as sessões lotavam - e

o Macunaíma, um núcleo de jornalistas militantes de esquerda, tornou-se mais simpático aos olhos dos americanos em plena ditadura.

> Nosso cineclube ficou muito estigmatizado com esse negócio de purista, até que nós fizemos contato naquela ocasião com o pessoal do USA Center. O diretor do USA Center acolheu muito bem (a sugestão) e resolvemos fazer uma parceria, com exibição de filmes sobre o nascimento do cinema americano. Foram várias sessões. E enchiam, porque era cinema americano. Muitos filmes vieram dos Estados Unidos. A ideia era também aliviar um pouco a nossa barra.[49]

Na longa entrevista gravada para esta dissertação, Davit trouxe à tona muitas lembranças dos anos 1970, reforçadas pelos objetos que guarda. Utilizando-se a expressão de Nora, ele pode ser classificado como o "homem-memória", fiel depositário de uma história coletiva a ser escrita. "Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar" (NORA, 1993, p.18). Durante a conversa, o jornalista rememorou uma experiência vivida há mais de 50 anos, mas não há como escapar das incertezas desses fragmentos - que, segundo Lowenthal, fazem parte do processo.

> O fato de que o passado não está mais presente tolda de incerteza o seu conhecimento. Visto que lhe são atribuídas durações variáveis, que ele é precariamente ligado ao presente, que sua própria existência não é comprovada, o passado com frequência parece desconcertantemente tênue. (...) Memória, história e fragmentos revivem continuamente nossa consciência do passado. Mas como podemos estar seguros de que refletem o que aconteceu? (LOWENTHAL, 1995, p. 66 e 67)

Para (tentar) resolver esse dilema, depoimentos de outros personagens são essenciais. Foram gravadas diversas entrevistas, que abordaram desde o passado do Macunaíma até o movimento cineclubista na época - sob a perspectiva da conjuntura política dos anos 1970 e 1980 - e nos dias atuais. Basear-se nas lembranças de vários indivíduos, e não de somente um, dá mais legitimidade e exatidão ao discurso e lapida a(s) memória(s).

> Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p.25)

[49] Fichel Davit Chargel concedeu entrevista em 5 de junho de 2023.

Figura 13: Fichel Davit com parte do acervo que guarda em seu museu, em Paquetá



Foto: Claudia Moretz-Sohn

De todas as perguntas, as de respostas mais difíceis foram duas: quando acabou o Macunaíma e qual o último filme exibido? Nenhum dos entrevistados soube respondê-las. Luiz Mauricio Azêdo - que frequentou e trabalhou no cineclube - perdeu o caderninho onde anotava data, título do filme e público pagante e convidados. Fichel Davit, o "homem-memória", já não estava à frente do espaço, que teve altos e baixos até fechar definitivamente.

Um mergulho na seção de programação de cinema do Caderno B do "Jornal do Brasil" - os famosos "tijolinhos", sobre os quais falaremos adiante - mostra que a última sessão do Macunaíma teria ocorrido em 7 de novembro de 1987, com uma dose dupla de Ingmar Bergman: *Gritos e sussurros* (1972) e *O silêncio* (1963). Ao longo dos meses seguintes, nada foi publicado sobre o cineclube, levando a crer que os filmes do cineasta sueco foram de fato o capítulo final dessa história. Cinco dias depois, em 12 de novembro, houve uma exibição de *Outubro* (1927), de Sergei Eisenstein, na "Semana de Cultura Soviética", mas não como Macunaíma, e sim como ABI. O dia da semana era quinta-feira, e não sábado.

Existem boas histórias sobre o velho cineclube nas memórias de fundadores e frequentadores. Da estrutura física, porém, só restaram o auditório da ABI e os três projetores, que já estavam na associação quando o Macunaíma foi criado. O "Boletim da ABI" de janeiro/fevereiro de 1975 chegou a anunciar que um deles, o de 16mm, seria trocado por um da marca Hortson, mais moderno, capaz de projetar continuamente por duas horas. A substituição do equipamento teria o auxílio do Conselho Federal de Cultura. A iniciativa não parece ter ido adiante. As velhas máquinas continuam lá, como peças de museu, quebradas.

Figuras 14 e 15: Os projetores do Macunaíma

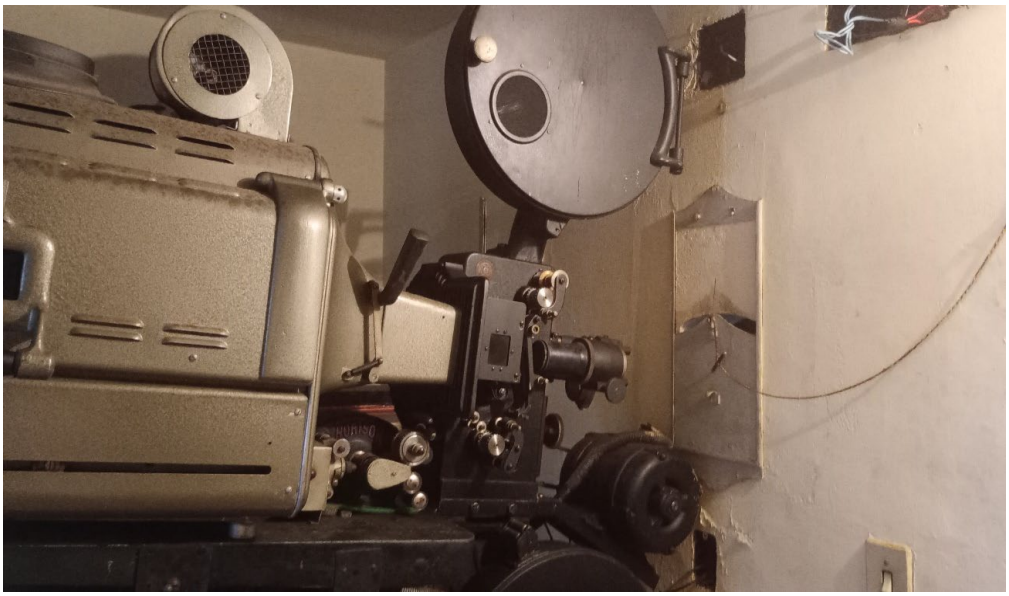




Foto: Claudia Moretz-Sohn

4. O DIA A DIA DO CINECLUBE

4.1. A PRIMEIRA SESSÃO E O PÚBLICO

O fim pode ter sido melancólico, mas o começo foi promissor. A inauguração do Macunaíma ganhou destaque nos principais jornais cariocas. Reportagens no "Jornal do Commercio" e em "O Jornal", já extintos, no "Correio da Manhã" – que voltou a circular em 2019, 45 anos após ter sido fechado - e no "Jornal do Brasil", hoje somente com versão digital, anunciavam a primeira sessão do cineclube. Foi no dia 17 de novembro de 1973, às 21h, com o longa *O bandido Giuliano* (1962), de Francesco Rosi, um clássico do cinema político italiano. Curiosamente, anos mais tarde, o ex-cineclubista Marcelo França Mendes - que chegou a programar o Macunaíma de 1983 a 1986 - revelou que os filmes de Rosi nunca eram sucesso de bilheteria...

Figura 16: Reportagem de "O Jornal" sobre a inauguração do Macunaíma



Na ABI, "Macunaíma" transa de "Bandido"

O BANDIDO GIULIANO, obra-prima que *Francesco Rosi* ("O Caso Mattei"), realizou década atrás, é o filme escolhido para inaugurar um novo centro de atividades cinematográficas da Guanabara: o *CINECLUBE MACUNAÍMA*, que funcionará no *auditório* da ABI (Rua Araújo Porto Alegre, 71, 5o. andar), salão inteiramente reformado. A sessão de abertura está marcada para hoje, às 21h. Os organizadores distribuiram à imprensa informes gerais sobre a nova entidade, de onde extraímos os dados que se seguem.

COMEÇA BEM

O *Cineclube Macunaíma* — bolado por jornalistas da GB — visa, sobretudo, divulgar filmes considerados de qualidade no campo da arte e da técnica cinematográficas. Prevê, neste início de atividades, a realização de duas programações básicas: o *"Ciclo da Violência"* e o *"Ciclo Caminhos do Cinema Italiano"*, ambos destinados à revisão, debates e estudos de clássicos. O filme de *Rossi*, insere-se no primeiro ciclo. O cineclube — que tem como primeiro presidente o jornalista *Davit Chargel* — já ultrapassou o 100 associados, e suas sessões (inicialmente previstas para o sábado à noite, no mesmo local) serão abertas ao público interessado. Vários críticos de cinema colaborarão com o *"Macunaíma"*, entre eles: José Carlos Avellar, José Carlos Monteiro, Paulo Perdigão, Antônio Lima e o responsável por esta página. É *Monteiro* quem fará a apresentação do "Ciclo Violência" e Avellar se encarregará da introdução do "Ciclo Caminhos do Cinema Italiano", este, marcado para abertura com: *"A Cidade se Defende"*, de Pietro Germi, no próximo dia 24.

OS CICLOS

O primeiro ciclo inclui: O ASSASSINO, de *Elio Petri* (1o. de dezembro); CIDADE NUA, de *Jules Dassin* (15/12); UM HOMEM TEM TRÊS METROS DE ALTURA, de *Martin Ritt* (29/12) e O INCIDENTE, de *Larry Pierce* (12/1/74). *O segundo*, terá seqüência com: PAISÁ, de *Roberto Rosselini* (8/12); OUTROS TEMPOS, de *Alexandro Blasetti* (22/12); CRIMES DA ALMA, de *Michelangelo Antonioni* (5/1/74) e O TETO, de *Vittorio De Sica* (19/1). Segundo *Davit*, o objetivo destes dois ciclos, será "mostrar de um lado a evolução de uma das mais importantes cinematografias do mundo, a italiana, e de outro apresentar filmes cuja construção tem elementos de contato com a técnica jornalística, como a reconstituição da história de Giuliano, e a reprodução do cotidiano, presentes nas obras do "Ciclo Violência".

EDIÇÕES

Nas exibições serão distribuídas apostilas contendo dados gerais sobre os diretores dos filmes e opiniões da crítica a respeito de suas obras. Pretendem divulgar materiais de interesse para a cultura cinematográfica, via edições próprias. Para tanto, um grupo de pesquisa formado por especialistas, faz um levantamento da bibliografia de cinema existente da GB, e seleciona entrevistas e reportagens com cineastas de interesse, material publicado na imprensa diária, seminários e edições especializadas. O plano é formar uma *"Coleção Arquivos de Cinema"*, destinada a solidificar a ainda escassa bibliografia brasileira do gênero. *Davit*, aponta outra meta a longo prazo, do cineclube: a produção de filmes experimentais e curta-metragens, visando mobilizar, principalmente, quem julga capaz mais nesse campo: os críticos de cinema.

JÁ SE ESTENDE

O *Cineclube Macunaíma*, estando já filiado à *Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro* — que possui convênio com o *IBAM — Instituto Brasileiro de Administração Municipal* — não perdeu tempo: avisa que nos intervalos de sua anunciada programação, poderá realizar *sessões extras* no auditório do IBAM (Rua Visconde da Silva, 157, Humaitá), previstas para as noites de terças-feiras. A seleção dos filmes, ficaria a cargo da Federação, que atuaria com a colaboração de outros cineclubes a ela filiados, tais os da Faculdade Estácio de Sá, Ciências Médicas e Glauber Rocha. Também no auditório da ABI, poderão ocorrer sessões extras.

É SEMPRE DIFÍCIL

Muitos dos filmes que o "Macunaíma" gostaria de exibir — inclusive naqueles ciclos — como: "Arroz Amargo", de De Sanctis, "Ladrões de Bicicletas", de De Sica, "Brutalidade", de Dassin, "Alemanha, Ano Zero", de Rosselini — clássicos importantíssimos — já não possuem cópias ou as existentes estão em péssimo estado. Davit ressalta — e todos sabemos — que um dos principais problemas enfrentados pelo cineclubismo é o reduzido número de filmes copiados em 16mm. Embora o auditório da ABI possua além de um projetor de 16mm — bitola usada na maioria dos cineclubes — duas aparelhagens em 35mm, a programação terá de ser basicamente de películas da primeira bitola, já que o aluguel das de 35mm, é bem mais alto. E, como outro problema dos cineclubes é o de ter sempre as finanças reduzidas, o público terá que se conformar com as *paradas* durante as sessões, para mudança de rolos, já que a bobina do 16mm não comporta toda a metragem.

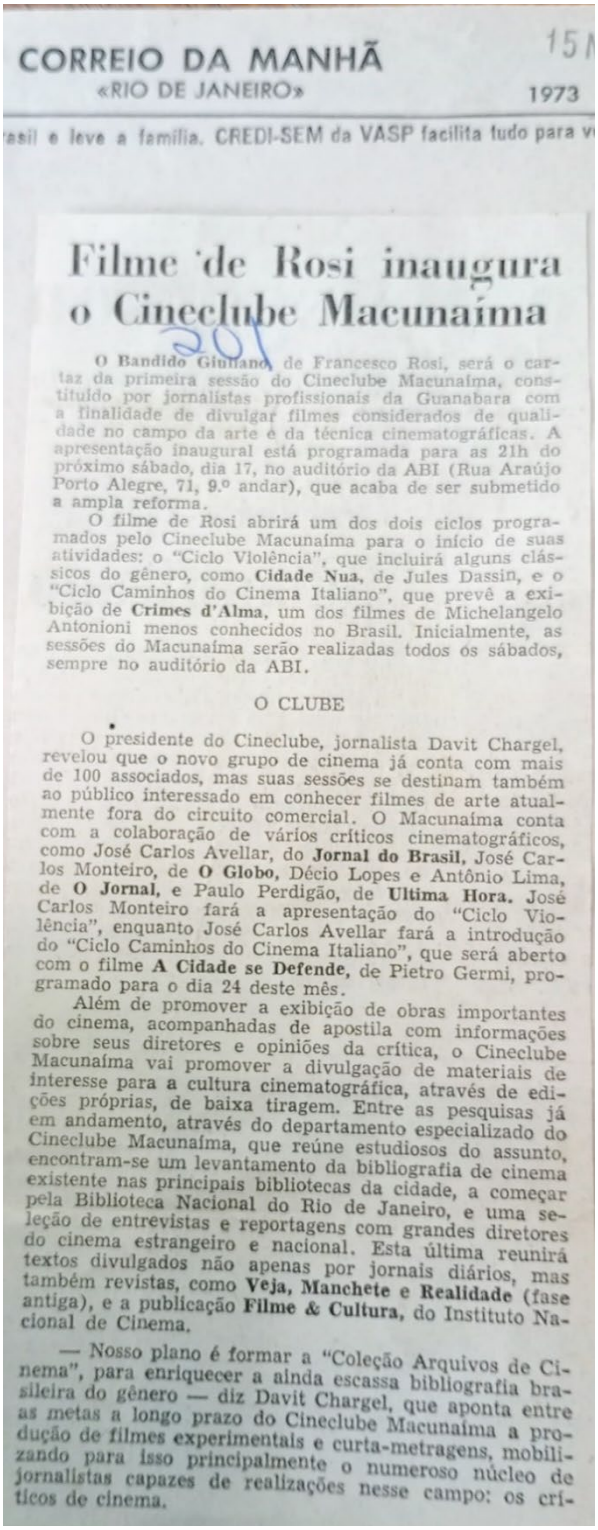
MACUNAÍMA POR QUÊ?

Sobre a escolha do nome para este cineclube que desponta quente, o seu presidente, Davit, explica: "É uma homenagem tanto ao seu criador, *Mário de Andrade* (autor do célebre livro), por sua contribuição à renovação estética da arte brasileira, como ao cinema nacional, que através de *Joaquim Pedro de Andrade* foi buscar na obra andradiana inspiração para, segundo observou Gustavo Dahl, construir o modelo de filme que todos os cineastas brasileiros gostariam de fazer neste momento." Iniciativa das mais felizes, é claro que os interessados seriamente na arte cinematográfica e em entidades culturais que surgem ativas, não deixarão de prestigiar o *Cineclube Macunaíma*. Que, inclusive, funcionando na ABI — cujo auditório conta com 560 lugares — tem a vantagem de estar localizado no centro da cidade; e, pretendendo fazer projeções exatamente no dia (sábado) e na hora (noite) em que condução e estacionamentos são mais fáceis, já começa facilitando as coisas. Vamos lá!

4 O Jornal. Rio de Janeiro — Sábado, 17 de novembro de 1973

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

Figura 17: Reportagem do "Correio da Manhã" sobre a inauguração do Macunaíma



CORREIO DA MANHÃ
«RIO DE JANEIRO»
1973

asil e leve a família. CREDI-SEM da VASP facilita tudo para v

Filme de Rosi inaugura o Cineclube Macunaíma

O **Bandido Giuliano**, de Francesco Rosi, será o cartaz da primeira sessão do Cineclube Macunaíma, constituído por jornalistas profissionais da Guanabara com a finalidade de divulgar filmes considerados de qualidade no campo da arte e da técnica cinematográficas. A apresentação inaugural está programada para as 21h do próximo sábado, dia 17, no auditório da ABI (Rua Araújo Porto Alegre, 71, 9.º andar), que acaba de ser submetido a ampla reforma.

O filme de Rosi abrirá um dos dois ciclos programados pelo Cineclube Macunaíma para o início de suas atividades: o "Ciclo Violência", que incluirá alguns clássicos do gênero, como **Cidade Nua**, de Jules Dassin, e o "Ciclo Caminhos do Cinema Italiano", que prevê a exibição de **Crimes d'Alma**, um dos filmes de Michelangelo Antonioni menos conhecidos no Brasil. Inicialmente, as sessões do Macunaíma serão realizadas todos os sábados, sempre no auditório da ABI.

O CLUBE

O presidente do Cineclube, jornalista Davit Chargel, revelou que o novo grupo de cinema já conta com mais de 100 associados, mas suas sessões se destinam também ao público interessado em conhecer filmes de arte atualmente fora do circuito comercial. O Macunaíma conta com a colaboração de vários críticos cinematográficos, como José Carlos Avellar, do **Jornal do Brasil**, José Carlos Monteiro, de **O Globo**, Décio Lopes e Antônio Lima, de **O Jornal**, e Paulo Perdigão, de **Ultima Hora**. José Carlos Monteiro fará a apresentação do "Ciclo Violência", enquanto José Carlos Avellar fará a introdução do "Ciclo Caminhos do Cinema Italiano", que será aberto com o filme **A Cidade se Defende**, de Pietro Germi, programado para o dia 24 deste mês.

Além de promover a exibição de obras importantes do cinema, acompanhadas de apostila com informações sobre seus diretores e opiniões da crítica, o Cineclube Macunaíma vai promover a divulgação de materiais de interesse para a cultura cinematográfica, através de edições próprias, de baixa tiragem. Entre as pesquisas já em andamento, através do departamento especializado do Cineclube Macunaíma, que reúne estudiosos do assunto, encontram-se um levantamento da bibliografia de cinema existente nas principais bibliotecas da cidade, a começar pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e uma seleção de entrevistas e reportagens com grandes diretores do cinema estrangeiro e nacional. Esta última reunirá textos divulgados não apenas por jornais diários, mas também revistas, como **Veja, Manchete e Realidade** (fase antiga), e a publicação **Filme & Cultura**, do Instituto Nacional de Cinema.

— Nosso plano é formar a "Coleção Arquivos de Cinema", para enriquecer a ainda escassa bibliografia brasileira do gênero — diz Davit Chargel, que aponta entre as metas a longo prazo do Cineclube Macunaíma a produção de filmes experimentais e curta-metragens, mobilizando para isso principalmente o numeroso núcleo de jornalistas capazes de realizações nesse campo: os críticos de cinema.

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

O grupo fundador trabalhou pesado para inaugurar o Macunaíma. "A ABI tinha um auditório maravilhoso, mas que não era usado. Estava tão sujo, tão empoeirado, que

a gente gastou uns seis ou mais espanadores para limpar as cadeiras até as pessoas chegarem", lembra Elane. Foi dela também a iniciativa de dar uma logomarca ao cineclube. Ela fez a encomenda para o desenhista da Editora Abril, onde trabalhava. Em entrevista para esta dissertação, Elane contou como foi:

> A gente não tinha um desenhista à mão. Então, como eu trabalhava na Editora Abril e era amiga do Raimundo, o Raimundinho, que era o desenhista lá, eu expliquei a ele o que era o cineclube, como ia ser e ele fez essa logo. Ele fez num papel vegetal e depois falou: 'você faz na cartolina amarela'... Era um bebê negro com uma câmera na mão. Lembro que eu ficava em casa reproduzindo aquilo do papel vegetal na cartolina. A logo era muito interessante. Isso se perdeu, eu acho. Nunca mais vi. O Raimundinho já morreu, não me lembro o sobrenome dele.[50]

Alguns meses depois desta entrevista, Elane encontrou o desenho em casa, por acaso:

Figura 18: A logomarca criada para o Cineclube Macunaíma

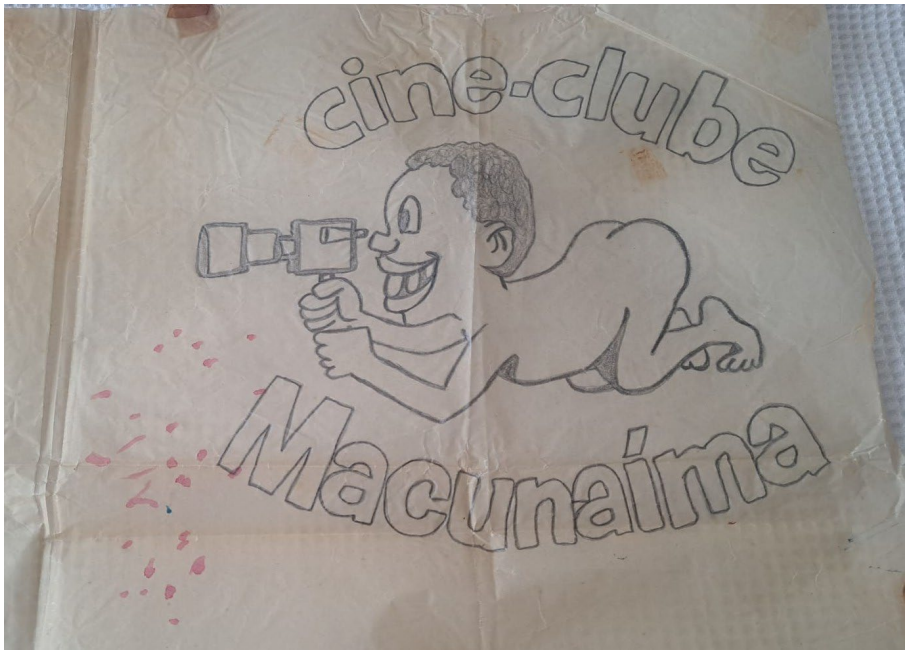


Foto: Elane Maciel

O bebê negro era uma alusão ao protagonista do longa-metragem *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade. O filme começa com o nascimento de Macunaíma, o "herói sem nenhum caráter", interpretado por Grande Otelo. O personagem é um indígena negro que já nasce em um corpo adulto. A obra, um clássico

[50] Elane Maciel concedeu entrevista em 13 de agosto de 2024.

do Cinema Novo, foi exibida no cineclube, mas não na abertura. Conforme a programação publicada nos jornais, a primeira sessão do "Macunaíma" de Joaquim Pedro foi no dia 20 de abril de 1974. O filme seria exibido pelo menos mais quatro vezes no cineclube.

Para a sessão de estreia, com logomarca e ampla divulgação na imprensa carioca, o Macunaíma lançou uma iniciativa que se tornou corriqueira nos cineclubes: a realização de ciclos temáticos. *O bandido Giuliano* abria o "Ciclo da Violência", intercalado com o "Ciclo Caminhos do Cinema Italiano". Para apresentar o longa de Francesco Rosi, foi convidado o jornalista José Carlos Monteiro, então crítico de cinema do jornal "O Globo". No sábado seguinte, 24 de novembro, às 21h, era aberto o ciclo italiano, com *A cidade se defende* (1951), de Pietro Germi. A apresentação ficou a cargo de José Carlos Avellar, crítico do "Jornal do Brasil", que anos mais tarde dirigiu a Área Cultural da Embrafilme e a Rio Filme. Antes do longa-metragem, foi exibido o curta *Nelson Cavaquinho* (1969), de Leon Hirszman.

Como era comum acontecer nos cineclubes, a exibição do filme de Rosi não ocorreu sem percalços. A sessão foi interrompida por um problema na projeção. Quem conta é Luiz Mauricio, repetindo o que ouviu de sua mãe. Na inauguração do Macunaíma, Luiz Mauricio tinha apenas 15 anos de idade - e muito do que relata vem de histórias ouvidas dos pais, uma "memória herdada" (POLLACK, 1985, p. 204,). Ele só passou a frequentar e trabalhar no cineclube em 1975.

Por motivos óbvios, o Macunaíma conseguia com relativa facilidade a colaboração de jornalistas. Além de Monteiro e Avellar, participavam das sessões Paulo Perdigão (da "Última Hora"), Antônio Lima e Décio Lopes (ambos de "O Jornal"). Após comprar o ingresso – em uma mesa simples no saguão do 9º andar, onde fica o auditório da ABI - o espectador recebia um folheto com informações sobre filme e diretor. Esse material era um trabalho coletivo: Azêdo escrevia e datilografava, Davit fazia o layout e, às vezes, havia ilustrações de Mem de Sá, então cartunista e ilustrador de "O Globo".

> Era um impressozinho em papel ofício dobrado. A gente não tinha dinheiro, tinha que fazer uma coisa muito simples. Rodávamos em mimeógrafo e fazíamos a distribuição na entrada. Depois das sessões, havia um debate com o público. Chamávamos um artista, um cineasta ou outra pessoa ligada a cinema. Evidentemente que o público que ficava era mais restrito. Nosso objetivo era formar plateia.[51]

[51] Fichel Davit Chargel concedeu entrevista em 5 de junho de 2023.

E que plateia era essa? Não se tem notícia de pesquisa realizada entre os frequentadores específicos do Macunaíma, mas o cineclube fez um levantamento com 200 jornalistas em março de 1974 para conhecer seus hábitos culturais. O resultado, publicado no "Boletim da ABI" de janeiro/fevereiro de 1975, mostrou que 29% frequentavam cinemas três ou quatro vezes por mês, e 24%, uma ou duas vezes. Dos entrevistados, 58,5% já tinham ido à Cinemateca do MAM. Os mais cinéfilos mencionaram cineclubes e citaram expressamente o Macunaíma, entre outros. Da amostra total, 76% preferiam ver filmes pela televisão. A faixa etária dos entrevistados era sobretudo de 20 a 30 anos (45%) e de 30 a 40 anos (37%).

Do público do Macunaíma, porém, só foi possível traçar um vago perfil a partir das entrevistas realizadas. Tudo indica que eram jovens, estudantes e moradores da Zona Sul ou da região da Tijuca. "Não sei se eram de esquerda, mas eram pessoas com pensamento antiditadura, pelo menos. Progressistas", diz Davit. Da Tijuca, que chegou a ser "a segunda Cinelândia carioca", conforme definiu Talitha Ferraz (2012) em seu livro de mesmo nome, provinham muitos cinéfilos ávidos para assistir aos filmes do cineclube - e bem antes da inauguração das primeiras estações do Metrô, em 1979.

Uma dessas espectadoras era Susana Schild, que nos anos 1980 se tornaria crítica de cinema do "Jornal do Brasil" e, nos 1990, diretora da Cinemateca do MAM. Susana, que na década de 1970 estudava na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no bairro da Urca, lembra que o programa aos sábados era ir à praia em Ipanema e, à noite, ao Macunaíma. Eram sentimentos ambíguos: de um lado, a excitação com o programa cultural; de outro, a opressão política:

> Nós éramos muito divididos, eu acho. Tinha coisas muito boas e coisas muito ruins, sem dúvida nenhuma. Divididos com a vida. Como é que a praia podia ser tão maravilhosa? A programação de cinema ser tão maravilhosa? E como, por outro lado, estava-se vivendo uma situação política tão opressora? Como havia tantas pessoas presas, pessoas mortas, vivia-se essa dualidade.[52]

Marcelo França Mendes – que programou o Macunaíma em meados da década de 1980 e depois migrou para o Grupo Estação – diz que o cineclube era ponto de encontro, sobretudo de cinéfilos, estudantes e professores de cinema. "Você sabia que ia encontrar todo mundo lá, como foi depois com o Estação", contou ele, em entrevista.

[52] Susana Schild concedeu entrevista em 27 de fevereiro de 2024.

Essa capacidade de o cineclube reunir pessoas vinha desde os tempos da ditadura, como lembrou o cineasta Silvio Tendler:

> Era aquele momento das pessoas se encontrarem, poderem conversar. A trilha do Macunaíma é 'Sinal fechado', do Paulinho da Viola. É aquela coisa, vamos nos encontrar, tomar uma cerveja, bater um papo. O Macunaíma é a marca da resistência cineclubista e política, porque foi fundado em plena ditadura militar como uma forma de resistir.[53]

Uma espectadora assídua era Fátima Taranto, de 67 anos, ex-cineclubista de carteirinha, que hoje trabalha com conservação de filmes no Arquivo Nacional. No fim da década de 1970, Fátima - que era do extinto Cineclube Anecy Rocha, em Vila Isabel - frequentava o Macunaíma e o Glauber Rocha e participou do Cantareira, em Niterói, e do Barravento, na Tijuca. Em meados dos anos 1980, chegou a trabalhar na divulgação para a imprensa das sessões do Macunaíma quando ele começou a ser programado pela equipe que mais tarde fundaria o Estação Botafogo.

> Me lembro de a maioria das sessões (do Macunaíma) estar lotada. Tinha filme italiano... Era muito diverso. O auditório era enorme. Nunca mais entrei lá. Como a gente vivia numa ditadura, a grande importância era participar desses movimentos pra ter essa mudança, redemocratizar. O movimento cineclubista foi muito isso, mesmo sendo o Macunaíma uma coisa mais elitista. Era um cineclube que pegava mais jornalistas, estudantes. Você não via ninguém da Maré lá pra ver um filme. Era uma classe média que ia mais.[54]

Como outros cineclubes, o Macunaíma apresentava longas-metragens "de arte", que não eram exibidos em salas comerciais. Ou então filmes que, por falta de público, ficavam no máximo duas semanas nos grandes cinemas e saíam de cartaz. Até hoje, Fátima se lembra de um longa-metragem visto no auditório da ABI que entrou para a sua lista de favoritos: *Feios, sujos e malvados* (1976), do italiano Ettore Scola. O que contribuía para a diversidade da programação era o fato de o Macunaíma ter também dois projetores de rolos em 35mm (a carvão), além de um de 16mm (de lâmpada). Com isso, o cineclube podia contar com o vasto acervo das distribuidoras comerciais, já que poucas tinham cópias em 16mm.

Botar os dois projetores a carvão para operar exigia um esforço que os espectadores desconheciam. Quando entrou para o Macunaíma, era Marcelo Mendes quem buscava os bastões que faziam a máquina funcionar. Só havia um fornecedor no

[53] Silvio Tendler concedeu entrevista em 22 de maio de 2023.
[54] Fátima Taranto concedeu entrevista em 29 de fevereiro de 2024.

estado: a Carbografite, indústria que existe até hoje. Fica em Petrópolis, na Região Serrana, a 70 km do Centro do Rio. O cineclubista pegava um ônibus na rodoviária até a fábrica, comprava uma caixa, pegava ônibus de volta, levava o material para a ABI e subia as escadas que ligavam o saguão à cabine de projeção. Quando a oferta de carvão começou a escassear, partiu-se para um truque: havia peças de cobre que alongavam os bastões, permitindo que queimassem até o fim.

Figuras 19 e 20: Auditório da ABI, onde funcionava o Macunaíma





Fotos: Claudia Moretz-Sohn

Outro diferencial do Macunaíma era o espaço físico. A sede da ABI é o Edifício Herbert Moses, referência da arquitetura brasileira moderna, construído entre 1936 e 1939 e tombado em 1965 pelo patrimônio histórico do Estado do Rio de Janeiro. No 9º andar fica o Auditório Oscar Guanabarino, onde aconteciam as sessões do cineclube. São 510 lugares, com aspecto de cinema, poltronas acolchoadas e ar-condicionado. Os demais cineclubes da cidade funcionavam em sindicatos, igrejas ou associações de moradores e só tinham projetor de 16mm, o que reduzia consideravelmente as opções em catálogo.

> Não é que o Macunaíma fosse o ponta de lança, mas tinha essa característica de ter projeção em 35mm, então abria bastante o leque de opções de programação. E tinha toda aquela coisa do cineclube que funcionava na ABI, era dirigido pelo Mauricio Azêdo, não era um cineclube de classe. Tinha sua independência, um certo status. (...) Uma das características dos cineclubes é que eles tinham bem aquela coisa de bairro. O Macunaíma era talvez um dos mais prestigiados cineclubes da cidade, até porque tinha uma localização meio central. Eu ia como frequentador. Os cineclubistas se frequentavam, né? Eles se prestigiavam. Havia uma união entre os cineclubes.[55]

Essa união entre os cineclubistas se refletia na programação. Às vezes, o Macunaíma anunciava programas conjuntos com outras organizações. Em 30 de setembro de 1978, às 18:30, no auditório da ABI, os cineclubes Macunaíma e Leme fizeram uma sessão em homenagem póstuma ao cineasta argentino Leopoldo Torre Nilsson, falecido naquele ano, apresentando *Martín Fierro* (1968). No dia 23 de dezembro, o Macunaíma promoveu uma sessão para o lançamento do Cineclube Barravento, na Tijuca, exibindo o curta *Di Cavalcanti* (1977) e o longa-metragem *Barravento* (1962), ambos de Glauber Rocha, que participou do debate depois. Em 30 de junho de 1979, uma sessão de *Pindorama* (1970), de Arnaldo Jabor, também foi feita em colaboração com o Barravento. Três anos depois, em 13 de junho de 1981, Macunaíma e Barravento exibiram no auditório do ABI *Os fuzis* (1964), de Ruy Guerra, e o curta-metragem *Maioria absoluta* (1964), de Leon Hirszman, que debateu no fim.

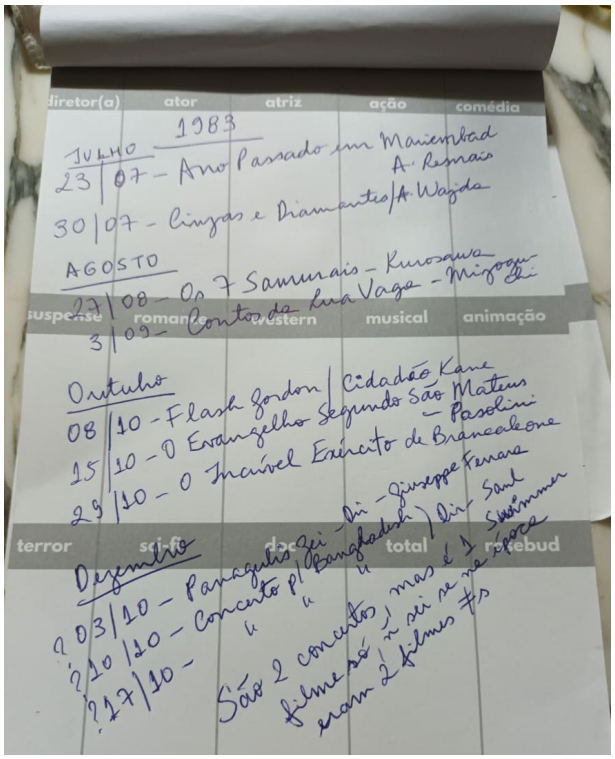
No sábado anterior, 6 de junho, o Macunaíma promoveu "Uma noite do Cinema Novo", com *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha – considerado um marco do movimento cinemanovista – e o curta-metragem *Cinema brasileiro: eu e ele* (1981), de Gustavo Dahl, que participou de debate com o público após a sessão. Dahl também analisou o último livro de Glauber, "Revolução do Cinema Novo", publicado

[55] José Roberto de Morais concedeu entrevista em 5 de dezembro de 2023.

em 1981, que estava à venda no cineclube. O cineasta baiano, aliás, foi o que teve o maior número de filmes exibidos no Macunaíma durante os 14 anos do cineclube: pelo menos 23 sessões. O primeiro da lista, com sete exibições, foi *Terra em transe* (1967), seguido por *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), com seis. Depois de Glauber, os dois realizadores nacionais com maior número de sessões no Macunaíma – cada um com 15 – foram Nelson Pereira dos Santos e Joaquim Pedro de Andrade.

A programação, os debates, os frequentadores - tudo isso atraía tanta gente que, em alguns sábados, o Macunaíma lotava ao ponto de ter espectadores sentados na escada. Uma presença cativa era a da pesquisadora Claudia Dottori, hoje com 59 anos, ex-aluna de Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF). Ela frequentou muito o Macunaíma entre 1982 e 1986, quando estudou na UFF. Seus companheiros de programa eram também estudantes, de períodos anteriores, com quem se enturmou assim que entrou na faculdade. Todos, segundo ela, na faixa de 20 anos de idade - o perfil dominante dos frequentadores do cineclube.

Figura 21: Agenda de Claudia Dottori de 1983



Fonte: Arquivo pessoal de Claudia Dottori / Reprodução

Um velho hábito de Claudia tornou-se uma fonte de informação curiosa. Desde a década de 1980, ela anota praticamente todos os filmes a que assistiu e os respectivos dias de exibição. As agendas antigas foram guardadas, assim como alguns ingressos. Naquela época, o cineclube na ABI já programava duas sessões aos sábados, quase sempre com filmes diferentes: uma às 18:30 ou 19h e outra às 21h. A pesquisadora gostava de tomar dose dupla de Macunaíma, onde viu pela primeira vez longas-metragens que entraram para sua lista de favoritos. Se havia alguma festa à noite, ela ia depois. O cinema era prioridade.

> Eu tinha um grupinho que batia ponto lá. Se tinha alguma festa, eu sempre chegava atrasada. O pessoal já sabia que eu ia ao Macunaíma primeiro. Em 15 de outubro de 83, foi a primeira vez em que eu vi *O evangelho segundo São Mateus*, do Pasolini, um dos filmes de que mais gosto dele. (...) Um dia muito legal foi quando exibiram um só filme, um filme longo, em dois sábados, 16 e 30 de junho de 84. As duas partes de *O boulevard do crime*, de Marcel Carné, que eu nunca tinha visto. Um filme maravilhoso.[56]

Um dos méritos do Macunaíma era justamente exibir filmes antigos, que já não estavam mais na mira dos exibidores comerciais. Um desses títulos foi o maior sucesso de público do cineclube: *O Encouraçado Potemkin* (1925), de Sergei Eisenstein, exibido no dia 10 de maio de 1975, logo após o documentário em curta-metragem *A voz da água* (1969), do holandês Bert Haanstra. Segundo Davit, a divulgação da sessão de *O Encouraçado* nos jornais atraiu tanta gente que a fila para entrar dava voltas no quarteirão onde fica a ABI. Os organizadores precisaram fazer duas apresentações seguidas para contemplar os espectadores.

Como eram obrigados a enviar antecipadamente a programação à Censura, os organizadores do Macunaíma cruzaram os dedos na esperança de que *Potemkin* fosse liberado. A última exibição do longa de Eisenstein no Brasil fora quase dez anos antes, em 1964, ano do golpe militar.

[56] Claudia Dottori concedeu entrevista em 21 de março de 2024.

> A gente não podia passar nada sem o carimbo da Censura. Naquele momento, resolvemos passar *O Encouraçado Potemkin*. Vamos esperar pra ver se vai ter algum problema, porque a gente sempre ficava com um pé atrás por causa do filme. Tinha o problema da Marinha[57], essa coisa toda. Mas eles carimbaram. Pra nossa surpresa, na hora da exibição, era muita gente. O cinema ficou lotadíssimo, com gente inclusive sentada na escada. Felizmente não houve nada, o filme foi exibido integralmente, sem problema algum. Nós ficamos felizes com isso. Foi quando conseguimos faturar um dinheirinho pra poder pagar as despesas, que não eram poucas. (...) Não sobrava nada, mas também não faltava. [58]

Os filmes de Eisenstein tinham público garantido. Segundo o "balanço da programação Cinemateca do MAM/Cineclube Macunaíma", arquivada na Cinemateca, *Outubro* (1928) - também dirigido pelo cineasta russo - alcançou 586 espectadores na sessão das 21h de 3 de fevereiro de 1979, acima da capacidade do auditório da ABI, de 510 lugares. Daquele total, 573 compraram ingressos. O restante foi de convidados ou sócios do Macunaíma, que não pagavam entrada. A receita de bilheteria somou 8.595 cruzeiros (aproximadamente R$ 9.680 hoje, corrigidos pelo IGP-DI[59]). O filme de Eisenstein voltou a ser exibido outras vezes, como no dia 29 de setembro daquele ano, para 187 pagantes (a 20 cruzeiros a entrada, hoje pouco mais de R$ 16, também pelo IGP-DI) e três sócios do cineclube, arrecadando 4.320 cruzeiros (R$ 3.654 hoje, atualizados pelo mesmo índice).

---

[57] "Potemkin" conta a história de um levante de marinheiros no navio de guerra Potemkin, antes da Revolução de 1917. Coincidentemente, em 1964, dias antes do golpe militar no Brasil, marinheiros e fuzileiros navais se rebelaram pedindo mudanças na Marinha.

[58] Fichel Davit Chargel concedeu entrevista em 5 de junho de 2023.

[59] IGP-DI é o Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna, calculado pela Fundação Getulio Vargas desde 1944. É o índice de inflação mais antigo do país e foi o principal durante anos, mas cedeu lugar ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O IPCA, hoje o índice oficial de inflação, começou a ser divulgado em janeiro de 1980.

Figura 22: Anúncio da sessão de "Encouraçado" publicado em "O Globo"



Fonte: Acervo O Globo / Reprodução

Como disse Davit, as despesas de fato não eram poucas. A mesma prestação de contas mostra que, naquela sessão de 3 de fevereiro de 1979, 752 cruzeiros (R$ 846 hoje, pelo IGP-DI) foram destinados ao pagamento do *staff* – um operador (150 cruzeiros, ou R$ 168 atualizados), dois cabineiros (200 cruzeiros no total, R$ 225 hoje), um encarregado (100 cruzeiros, R$ 112 corrigidos) e um vigia (100 cruzeiros, R$ 112 hoje) – e à confecção das apostilas distribuídas aos espectadores. Na programação de 29 de setembro, o custo da operação ficou em 1.000 cruzeiros (equivalentes a R$ 845 hoje): 400 (R$ 338, atualizados) para dois operadores, 300 (R$ 253) para dois cabineiros, 150 (R$ 126) para o vigia e 150 (R$ 126) para o encarregado.

Uma das exibições de *Outubro* teve problemas, como lembra Luiz Mauricio Azêdo. Tudo porque a equipe do cineclube não via as cópias antes da sessão. Naquela época, era praticamente impossível assistir previamente aos filmes: implicava apanhá-los na distribuidora com antecedência maior, utilizar o auditório da ABI fora do dia marcado e pagar hora extra ao projecionista.

> A cópia do filme já estava no Macunaíma. A Cinemateca tinha muitas cópias, e a cópia que veio não tinha legendas em português. Aí, por uma questão de sorte, meu pai tinha um amigo já falecido, o Fausto Cupertino[60]. Veio a cópia com intertítulos originais em russo, e esse amigo do meu pai fez a tradução dos intertítulos a cada cena do filme, tipo 'avante', 'avante, camarada', enfim. Nos salvou naquele momento de a sessão ter sido... não digo um fracasso, mas de ter desistência porque tinha a tradução praticamente ao vivo e a cores lá na hora.[61]

O mesmo motivo provocou outro constrangimento. Quando o cineclube começou a exibir curtas-metragens antes da atração principal, um cineasta procurou Davit pedindo que fosse apresentado o filme de um amigo. O então presidente do Macunaíma concordou e perguntou apenas o título. No dia da sessão, público sentado, luzes apagadas e, na tela... cenas de sexo explícito entre duas mulheres. Davit entendera que o filme se chamava *A moratória* – quando, na verdade, era *Amor e tara*, de Ivan Cardoso, lançado em 1971. A plateia, elegantemente, não esboçou reação. A projeção

---

[60] Fausto Cupertino, que também fez parte do Macunaíma, foi mais um jornalista condenado pela ditadura militar: em julgamento realizado no dia 28 de abril de 1977 pela 1ª Auditoria da Aeronáutica, recebeu pena de seis meses de prisão com base no Artigo 14 da Lei de Segurança Nacional. Antes mesmo da sentença, ficou cerca de 70 dias preso, a maior parte deles incomunicável.

[61] Luiz Mauricio Azêdo concedeu entrevista em 9 de dezembro de 2023.

não foi interrompida - afinal, aquele espaço não praticava a autocensura. Mas houve um silêncio constrangedor durante os 3 minutos de duração da obra.

Outro problema - inimaginável nos dias atuais, em que tudo é digital - ocorreu durante uma das exibições de *O garoto Toshio* (1969), de Nagisa Oshima. As cópias chegavam em várias latas, cada uma com um rolo, que precisavam ser colados um ao outro para a exibição. O início de cada rolo tinha uma ponta, chamada *start*, justamente para que essa colagem fosse feita sem danificar os fotogramas. Quando acabava a exibição, os rolos eram descolados e guardados novamente nas latas. Só que, após tanto cola-e-descola, a ponta *start* já não existia mais. E acabaram sendo sacrificados trechos do filme, como conta Luiz Mauricio:

> Imagine fazer isso cem vezes por ano. Algumas sequências do filme desaparecem completamente. Foi o que aconteceu com *O garoto Toshio*. Ele já não tinha mais o *start* e, quando passava de um rolo para o outro, pulava às vezes uma cena inteira. Eu me lembro que uma pessoa ficou assustada quando aconteceu isso com o filme. Foi uma projeção bem complicada.[62]

4.2. PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO:

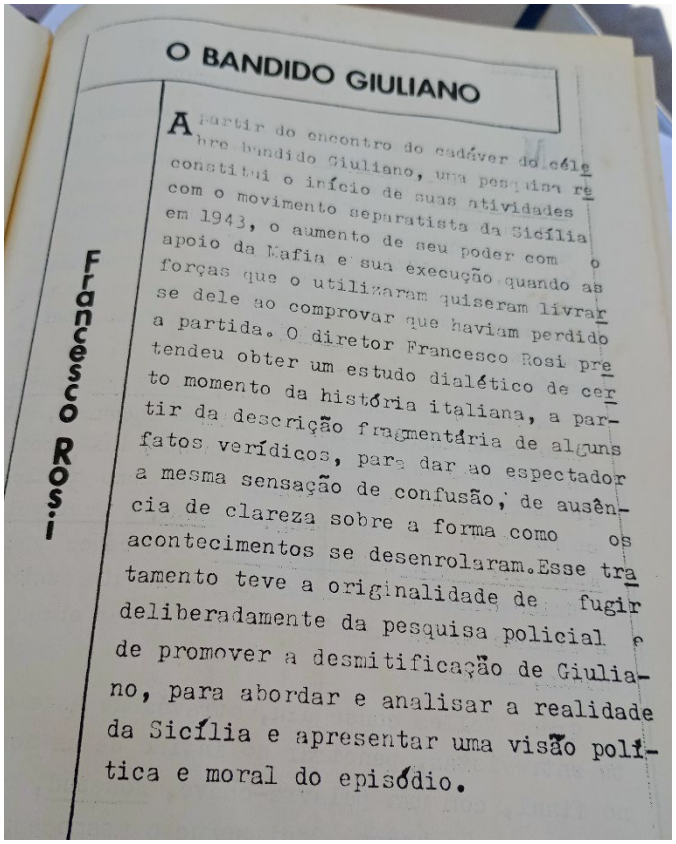
Tudo começou com a ideia de abrir um espaço para a exibição dos filmes de que os jornalistas fundadores gostavam e que estavam fora do circuito comercial. E, na sequência, debater essas obras com o público, contribuindo para conscientizar e formar plateias. Os cineclubes eram, naqueles anos de chumbo, polos de produção de um conhecimento que se contrapunha à educação autoritária dominante, instituindo um "movimento dialético entre pensar e fazer", conforme definiu Rose Clair Matela em sua tese de Doutorado:

> Partimos do pressuposto de que este movimento cultural teve um papel político-pedagógico (no sentido ampliado do termo) importante na formação dos seus participantes, por ter como prática fundamental a pesquisa e o debate – por ser um espaço de construção intelectual e de formação coletiva. Esta prática ofereceu condições para a elaboração de uma perspectiva de vida voltada para os ideais de liberdade e de concepções éticas e estéticas como fundamentos de constituição dos seres humanos, no momento em que o conhecimento difundido e ensinado nas universidades e nas escolas sofria censura por parte das instituições dominantes. (...) o movimento cineclubista, dentre outros, através do trabalho de pesquisa realizado pelas equipes que formavam os cineclubes, constituiu-se num lugar de produção, aquisição e divulgação de conhecimentos, materializados no momento do debate. (MATELA, 2007, p. 22 e 23)

[62] Luiz Mauricio Azêdo concedeu entrevista em 9 de dezembro de 2023.

No Macunaíma, a produção de conhecimento era um capítulo à parte. Os folhetos distribuídos antes das sessões iam muito além da sinopse do filme e de informações sobre o diretor. A apostila sobre *O bandido Giuliano* (1962), preparada para a inauguração do cineclube, tinha nada menos que 12 páginas. Havia um resumo e a ficha técnica do longa-metragem, a filmografia de Francesco Rosi, uma crítica de Walter da Silveira[63], um artigo exclusivo do redator de "O Jornal" e crítico Antônio Lima, além da lista de filmes em que o cineasta escreveu argumento e roteiro e fez assistência de direção. O material incluía ainda a programação do sábado seguinte, em que começaria o "Ciclo Caminhos do Cinema Italiano".

Figuras 23, 24 e 25: Páginas da apostila sobre "O bandido Giuliano"

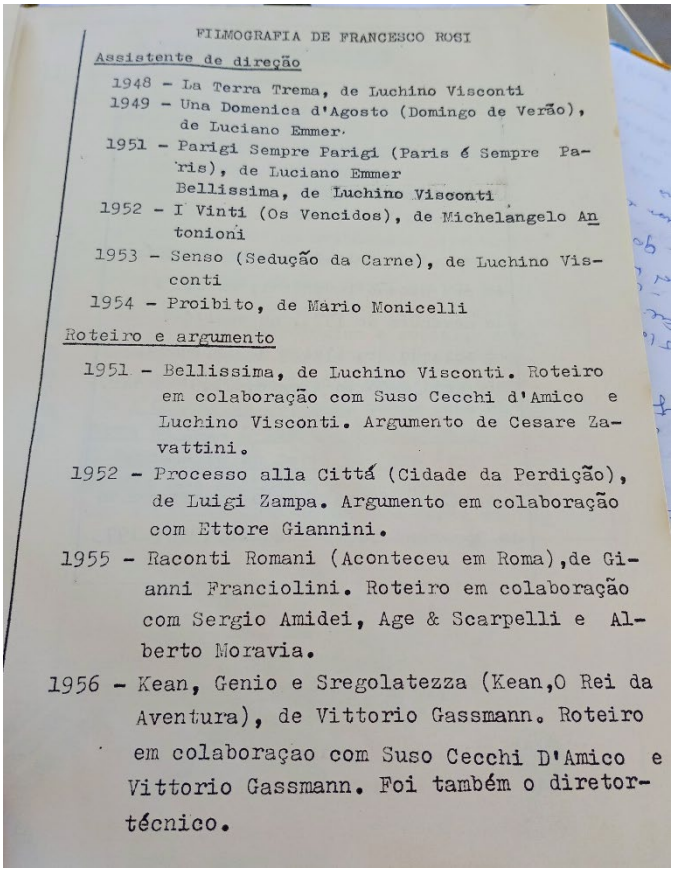


O BANDIDO GIULIANO

Francesco Rosi

A partir do encontro do cadáver do célebre bandido Giuliano, uma pesquisa reconstitui o início de suas atividades com o movimento separatista da Sicília em 1943, o aumento de seu poder com o apoio da Máfia e sua execução quando as forças que o utilizaram quiseram livrar-se dele ao comprovar que haviam perdido a partida. O diretor Francesco Rosi pretendeu obter um estudo dialético de certo momento da história italiana, a partir da descrição fragmentária de alguns fatos verídicos, para dar ao espectador a mesma sensação de confusão, de ausência de clareza sobre a forma como os acontecimentos se desenrolaram. Esse tratamento teve a originalidade de fugir deliberadamente da pesquisa policial e de promover a desmitificação de Giuliano, para abordar e analisar a realidade da Sicília e apresentar uma visão política e moral do episódio.

[63] O baiano Walter da Silveira foi um importante crítico de cinema brasileiro nos anos 1960, fundador do Clube de Cinema da Bahia e do curso de Cinema da Universidade Federal da Bahia. Considerado um dos principais teóricos do Cinema Novo, exerceu grande influência sobre o conterrâneo Glauber Rocha. Faleceu em 1970, aos 55 anos.



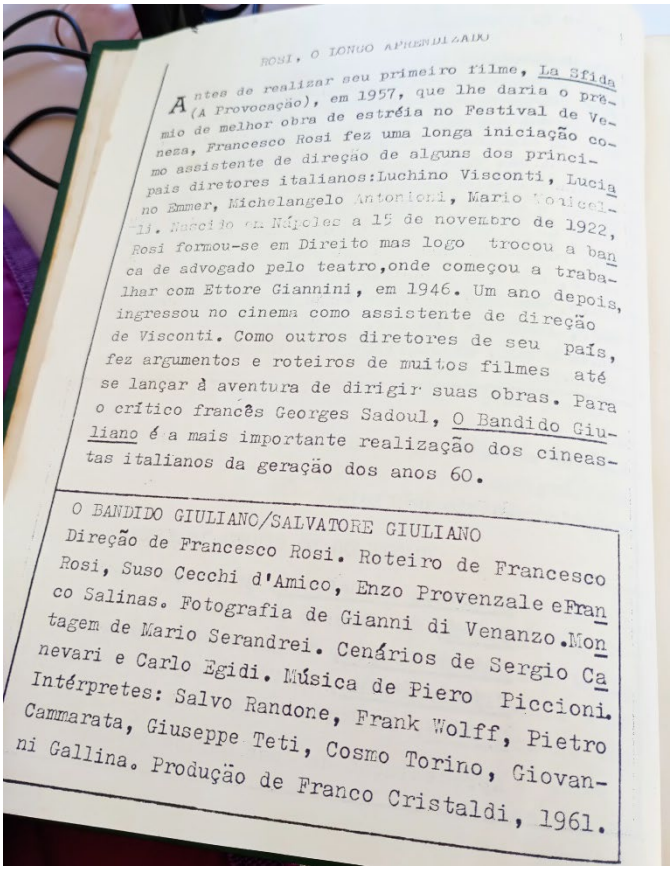
FILMOGRAFIA DE FRANCESCO ROSI

Assistente de direção

1948 - La Terra Trema, de Luchino Visconti
1949 - Una Domenica d'Agosto (Domingo de Verão), de Luciano Emmer.
1951 - Parigi Sempre Parigi (Paris é Sempre Paris), de Luciano Emmer
Bellissima, de Luchino Visconti
1952 - I Vinti (Os Vencidos), de Michelangelo Antonioni
1953 - Senso (Sedução da Carne), de Luchino Visconti
1954 - Proibito, de Mario Monicelli

Roteiro e argumento

1951 - Bellissima, de Luchino Visconti. Roteiro em colaboração com Suso Cecchi d'Amico e Luchino Visconti. Argumento de Cesare Zavattini.
1952 - Processo alla Cittá (Cidade da Perdição), de Luigi Zampa. Argumento em colaboração com Ettore Giannini.
1955 - Raconti Romani (Aconteceu em Roma),de Gianni Franciolini. Roteiro em colaboração com Sergio Amidei, Age & Scarpelli e Alberto Moravia.
1956 - Kean, Genio e Sregolatezza (Kean,O Rei da Aventura), de Vittorio Gassmann. Roteiro em colaboraçao com Suso Cecchi D'Amico e Vittorio Gassmann. Foi também o diretor-técnico.



ROSI, O LONGO APRENDIZADO

Antes de realizar seu primeiro filme, La Sfida (A Provocação), em 1957, que lhe daria o prêmio de melhor obra de estréia no Festival de Veneza, Francesco Rosi fez uma longa iniciação como assistente de direção de alguns dos principais diretores italianos:Luchino Visconti, Luciano Emmer, Michelangelo Antonioni, Mario Monicelli. Nascido em Nápoles a 15 de novembro de 1922, Rosi formou-se em Direito mas logo trocou a banca de advogado pelo teatro,onde começou a trabalhar com Ettore Giannini, em 1946. Um ano depois, ingressou no cinema como assistente de direção de Visconti. Como outros diretores de seu país, fez argumentos e roteiros de muitos filmes até se lançar à aventura de dirigir suas obras. Para o crítico francês Georges Sadoul, O Bandido Giuliano é a mais importante realização dos cineastas italianos da geração dos anos 60.

O BANDIDO GIULIANO/SALVATORE GIULIANO
Direção de Francesco Rosi. Roteiro de Francesco Rosi, Suso Cecchi d'Amico, Enzo Provenzale eFranco Salinas. Fotografia de Gianni di Venanzo.Montagem de Mario Serandrei. Cenários de Sergio Canevari e Carlo Egidi. Música de Piero Piccioni. Intérpretes: Salvo Randone, Frank Wolff, Pietro Cammarata, Giuseppe Teti, Cosmo Torino, Giovanni Gallina. Produção de Franco Cristaldi, 1961.

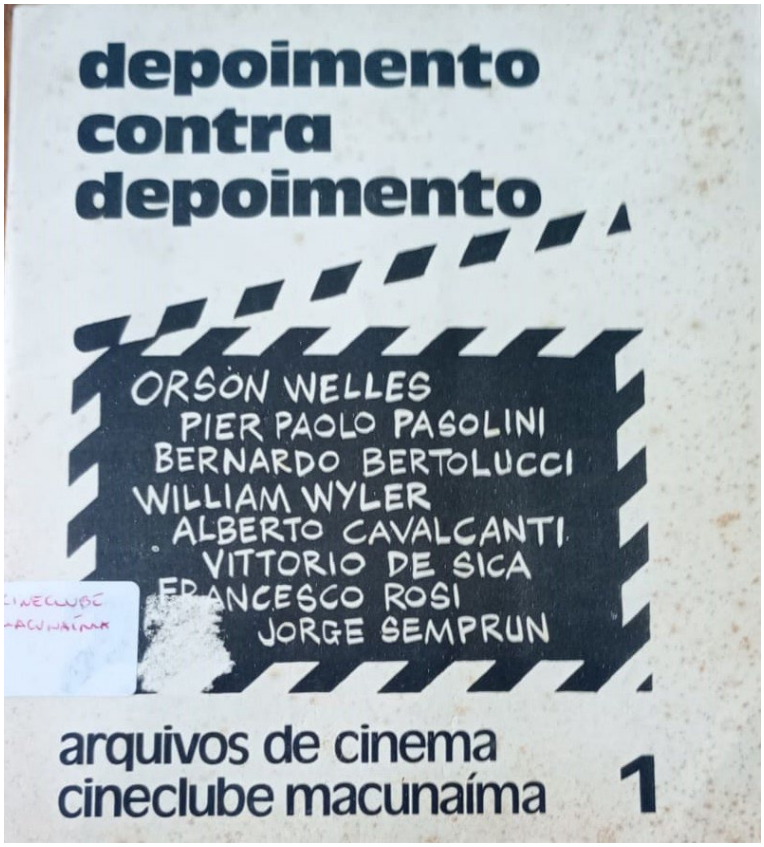
Fonte: Arquivo pessoal de Fichel Davit / Reprodução

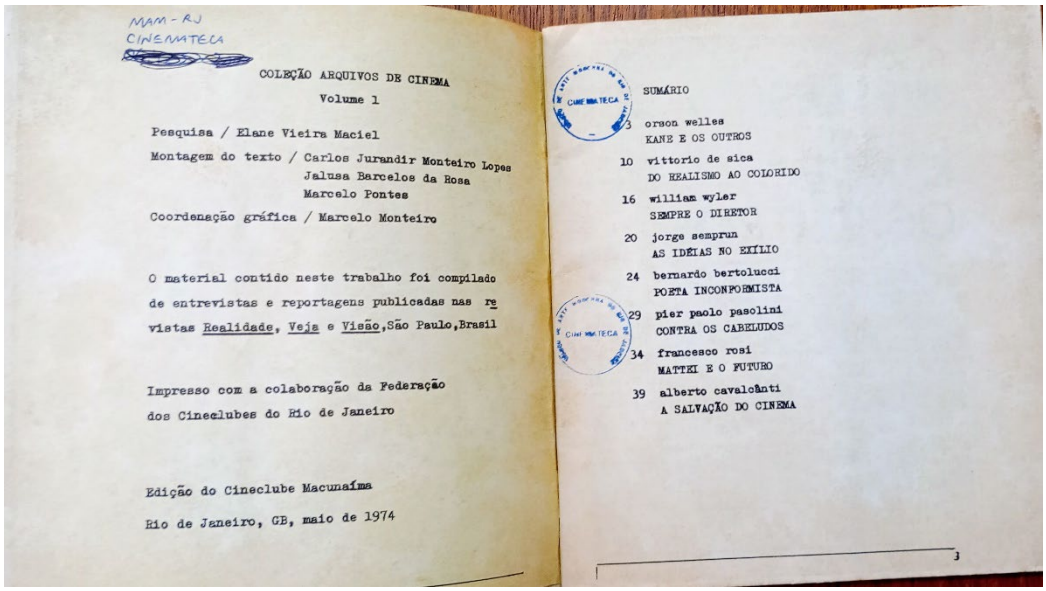
Segundo o Relatório da Diretoria da ABI relativo a 1977 e 1978, só neste período o cineclube distribuiu 15 mil folhetos para as sessões. Naquela época, quando nem se sonhava com a internet, fazer pesquisa era muito mais trabalhoso. O Macunaíma tinha um setor – batizado pomposamente de Departamento de Documentação e Pesquisa – que levantava a bibliografia disponível sobre cinema, vasculhando arquivos da Biblioteca Nacional e de publicações especializadas, como a "Filme Cultura", além de jornais e revistas em geral. Um dos planos dos cineclubistas era criar a coleção "Arquivos de Cinema", que, ao que parece, não passou do primeiro número. Davit e Luís Paulo não se recordam dessa publicação, e durante a pesquisa só encontrei uma edição, a primeira, na Cinemateca do MAM.

Lançado em maio de 1974, o exemplar, batizado de "Depoimento contra depoimento", compilava materiais publicados nas revistas "Realidade", "Visão" e "Veja" - esta, a única ainda em circulação. A pesquisa foi feita pela jornalista Elane Maciel e a montagem dos textos ficou a cargo de Carlos Jurandir Monteiro Lopes, Jalusa Barcellos e Marcelo Pontes, também jornalista. Passados mais de 50 anos, Elane não se lembra desse trabalho. "A memória vai se apagando", disse ela, em entrevista.

"Depoimento contra depoimento" traz um mosaico de entrevistas de cineastas relevantes, cujos filmes eram frequentemente exibidos no Macunaíma, e do roteirista espanhol Jorge Semprun, escritor de filmes políticos proibidos pela Censura no Brasil, como *Z* (1969), dirigido por Costa-Gavras. Para cada personalidade, havia um capítulo. Entre os diretores, foram incluídos Orson Welles, Vittorio de Sica, William Wyler, Bernardo Bertolucci, Pier Paolo Pasolini, Francesco Rosi e Alberto Cavalcanti.

Figuras 26 e 27: Capa e página 2 da primeira e única edição da coleção "Arquivos de cinema"





MAM - RJ
CINEMATECA

COLEÇÃO ARQUIVOS DE CINEMA
Volume 1

Pesquisa / Elane Vieira Maciel
Montagem do texto / Carlos Jurandir Monteiro Lopes
Jalusa Barcelos da Rosa
Marcelo Pontes
Coordenação gráfica / Marcelo Monteiro

O material contido neste trabalho foi compilado de entrevistas e reportagens publicadas nas revistas Realidade, Veja e Visão, São Paulo, Brasil

Impresso com a colaboração da Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro

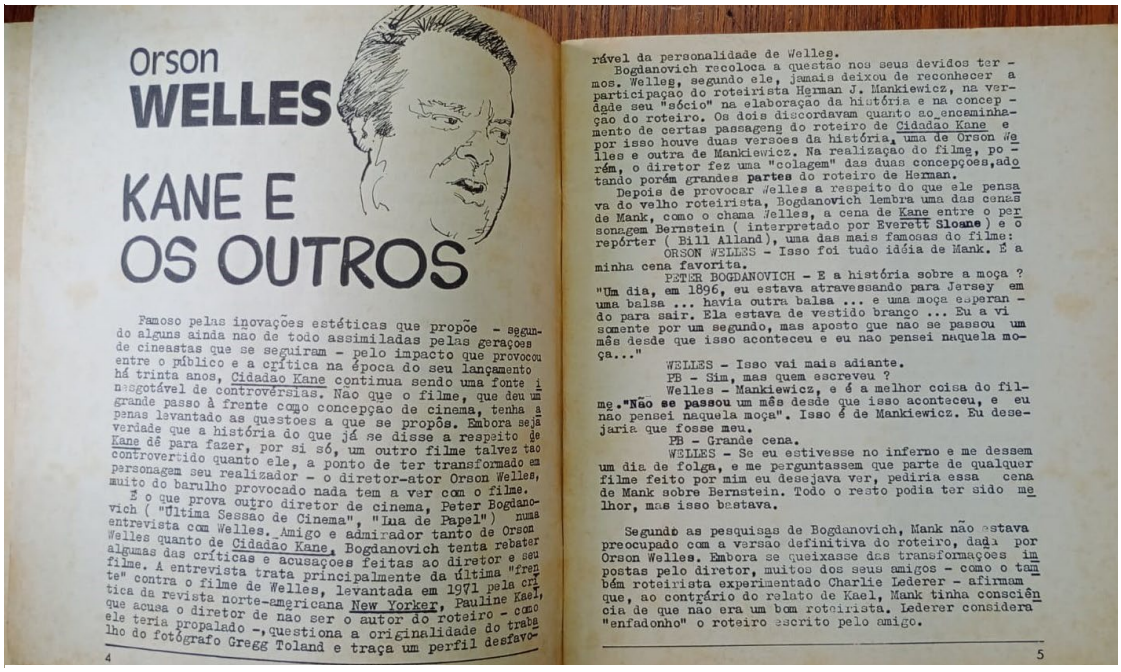
Edição do Cineclube Macunaíma
Rio de Janeiro, GB, maio de 1974

SUMÁRIO

3 orson welles
KANE E OS OUTROS
10 vittorio de sica
DO REALISMO AO COLORIDO
16 william wyler
SEMPRE O DIRETOR
20 jorge semprun
AS IDÉIAS NO EXÍLIO
24 bernardo bertolucci
POETA INCONFORMISTA
29 pier paolo pasolini
CONTRA OS CABELUDOS
34 francesco rosi
MATTEI E O FUTURO
39 alberto cavalcânti
A SALVAÇÃO DO CINEMA

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

Figura 28: Capítulo sobre Orson Welles no 1º número de "Arquivos de cinema"



Orson
WELLES

KANE E
OS OUTROS

Famoso pelas inovações estéticas que propõe - segundo alguns ainda não de todo assimiladas pelas gerações de cineastas que se seguiram - pelo impacto que provocou entre o público e a crítica na época do seu lançamento há trinta anos, Cidadão Kane continua sendo uma fonte inesgotável de controvérsias. Não que o filme, que deu um grande passo à frente como concepção de cinema, tenha apenas levantado as questões a que se propôs. Embora seja verdade que a história do que já se disse a respeito de Kane dê para fazer, por si só, um outro filme talvez tão controvertido quanto ele, a ponto de ter transformado em personagem seu realizador - o diretor-ator Orson Welles, muito do barulho provocado nada tem a ver com o filme.

É o que prova outro diretor de cinema, Peter Bogdanovich ("Última Sessão de Cinema", "Lua de Papel") numa entrevista com Welles. Amigo e admirador tanto de Orson Welles quanto de Cidadão Kane, Bogdanovich tenta rebater algumas das críticas e acusações feitas ao diretor e seu filme. A entrevista trata principalmente da última "frente" contra o filme de Welles, levantada em 1971 pela crítica da revista norte-americana New Yorker, Pauline Kael, que acusa o diretor de não ser o autor do roteiro - como ele teria propalado -, questiona a originalidade do trabalho do fotógrafo Gregg Toland e traça um perfil desfavorável da personalidade de Welles.

4

Bogdanovich recoloca a questão nos seus devidos termos. Welles, segundo ele, jamais deixou de reconhecer a participação do roteirista Herman J. Mankiewicz, na verdade seu "sócio" na elaboração da história e na concepção do roteiro. Os dois discordavam quanto ao encaminhamento de certas passagens do roteiro de Cidadão Kane e por isso houve duas versões da história, uma de Orson Welles e outra de Mankiewicz. Na realização do filme, porém, o diretor fez uma "colagem" das duas concepções, adotando porém grandes partes do roteiro de Herman.

Depois de provocar Welles a respeito do que ele pensava do velho roteirista, Bogdanovich lembra uma das cenas de Mank, como o chama Welles, a cena de Kane entre o personagem Bernstein (interpretado por Everett Sloane) e o repórter (Bill Alland), uma das mais famosas do filme:

ORSON WELLES - Isso foi tudo idéia de Mank. É a minha cena favorita.

PETER BOGDANOVICH - E a história sobre a moça ? "Um dia, em 1896, eu estava atravessando para Jersey em uma balsa ... havia outra balsa ... e uma moça esperando para sair. Ela estava de vestido branco ... Eu a vi somente por um segundo, mas aposto que não se passou um mês desde que isso aconteceu e eu não pensei naquela moça..."

WELLES - Isso vai mais adiante.

PB - Sim, mas quem escreveu ?

Welles - Mankiewicz, e é a melhor coisa do filme. **"Não se passou** um mês desde que isso aconteceu, e eu não pensei naquela moça". Isso é de Mankiewicz. Eu desejaria que fosse meu.

PB - Grande cena.

WELLES - Se eu estivesse no inferno e me dessem um dia de folga, e me perguntassem que parte de qualquer filme feito por mim eu desejava ver, pediria essa cena de Mank sobre Bernstein. Todo o resto podia ter sido melhor, mas isso bastava.

Segundo as pesquisas de Bogdanovich, Mank não estava preocupado com a versão definitiva do roteiro, dada por Orson Welles. Embora se queixasse das transformações impostas pelo diretor, muitos dos seus amigos - como o também roteirista experimentado Charlie Lederer - afirmam que, ao contrário do relato de Kael, Mank tinha consciência de que não era um bom roteirista. Lederer considera "enfadonho" o roteiro escrito pelo amigo.

5

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

O material produzido no cineclube ajudava a elevar o nível dos debates, quando havia. Se o filme era estrangeiro, convidava-se como debatedor um crítico ou especialista no tema do roteiro. Já nas sessões com títulos nacionais, optava-se pelo diretor ou outro integrante da equipe. Um desses eventos foi tema de uma nota do crítico de cinema Sérgio Augusto na edição 260 do "Pasquim", de 1974. Dizia que Cacá Diegues ficara emocionado com a plateia com quem debateu seu longa-metragem *Ganga Zumba*[64] (1963). O filme foi exibido duas vezes no Macunaíma naquele ano: nos dias 4 e 18 de maio.

Nem toda sessão no Macunaíma, porém, terminava com debate. Quando isso acontecia, tinha hora para terminar: a ABI fechava as portas e o *staff* - operador, ascensoristas, vigias, encarregado - precisava ir para casa. Ao contrário da maioria dos frequentadores, eles não moravam perto nem em locais de fácil acesso. Às vezes, a conversa extrapolava os muros da Associação Brasileira de Imprensa. Os cinéfilos continuavam o bate-papo entre um chope e outro, nos bares da Cinelândia: Amarelinho (o mais antigo deles, fundado em 1921), Verdinho e Vermelhinho.

[64] "Ganga Zumba" conta a história do primeiro líder do Quilombo dos Palmares, antes mesmo de Zumbi. Tinha muitos atores e atrizes negros: Antônio Pitanga, Léa Garcia, Eliezer Gomes, Zózimo Bulbul, Luísa Maranhão e até Cartola, autor de várias canções da trilha sonora.

O longo tempo transcorrido e os poucos registros escritos sobre o Macunaíma dificultam saber ao certo quando os debates começaram e quando deixaram de ser realizados. Excetuando-se as apresentações feitas por José Carlos Avellar e José Carlos Monteiro logo no início do cineclube, a primeira sessão debatida parece ter sido no dia 26 de janeiro de 1974, de acordo com a programação publicada em "O Globo" e no "Jornal do Brasil". O cineasta Sérgio Santeiro apresentou e promoveu a discussão sobre *Rio, Zona Norte* (1957), de Nelson Pereira dos Santos, exibido às 21h, junto com o curta-metragem *Nelson filma* (1971), de Luiz Carlos Lacerda, o Bigode.

Davit e Luís Paulo garantem que sempre havia debate após as sessões, mas o ex-cineclubista Marco Aurélio Marcondes diz que não. Mais enfático, Luiz Mauricio afirma que as discussões quase nunca ocorriam. O filho de Azêdo menciona apenas um, sobre o filme *A rainha diaba* (1974), de Antônio Carlos Fontoura - e assim mesmo porque ouviu o relato da própria mãe, já que naquele ano ele ainda não participava do Macunaíma.

> Teve o debate com o Milton Gonçalves. Não me recordo de nenhum outro, não. Ainda mais se você pega um filme de Godard, que quase ninguém entende, como é que você vai debater um filme que ninguém entende? Tem que ser com outra pessoa que também não entende. Fica uma conversa de maluco, né?[65]

No entanto, de acordo com a programação dos jornais, não há registro de debate no Macunaíma com o ator Milton Gonçalves[66], falecido em 2022. A primeira exibição de *A rainha diaba* no cineclube ocorreu às 21h de 23 de agosto de 1975, seguida de bate-papo com o próprio Antônio Carlos Fontoura. Neste mesmo dia, às 19h, foi apresentado outro filme brasileiro: *Vai trabalhar, vagabundo!* (1973), de Hugo Carvana, que também estava presente para conversar sobre seu primeiro longa-metragem. Dez anos mais tarde, em 2 de março de 1985, *A rainha diaba* teve uma nova sessão. Já a comédia de Carvana só foi exibida uma única vez, naquele longínquo 1975.

Nem todos os espectadores ficavam para debater. Segundo Davit, o grupo era pequeno, mas, como disse Ancelmo Gois, "muito bom, muito preparado tecnicamente". E, tal como a programação, o tema das discussões variava. No dia 1º de maio de 1976, por exemplo, após a pré-estreia de *A reencarnação de Peter Proud* (1975), filme de

[65] Luiz Mauricio Azêdo concedeu entrevista em 9 de dezembro de 2023.
[66] Na trama, Milton Gonçalves interpreta o protagonista, um travesti negro conhecido por Diaba que controla uma rede de traficantes de drogas no Rio de Janeiro.

terror psicológico do diretor britânico J. Lee Thompson, houve uma conversa de críticos de cinema e literatura com o público sobre o tema “Parapsicologia e o sobrenatural no cinema”, coordenado por Vinicius da Costa Rodrigues, especialista em psiquismo e parapsicologia e professor na então Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Não se sabe se a sessão lotou.

Em 1979, o Macunaíma tirou do papel uma ideia que trazia desde o início: produzir filmes. Fez dois documentários curtos de cunho notadamente político, ambos sobre as greves de motoristas de ônibus em janeiro e julho daquele ano: *E aí a gente paramos*, de Júlio Worcmann, em super 8, e *É preciso botar peito,* de Rogério Silva Lima, em 16mm. Segundo o “Relatório da Diretoria” da ABI de abril/maio de 1980, também foi gravada a eleição para a Associação Brasileira de Imprensa para a produção de outro curta-metragem. Só faltava a montagem. Não há informação de que o filme tenha sido concluído, nem se houve exibição pública dos dois anteriores.

4.3. PROGRAMAÇÃO E BILHETERIA

Programar um cinema com sessão em um único dia da semana nem era tarefa complexa. Segundo Davit, os filmes escolhidos precisavam “mexer na questão política e no problema social”. Para Luís Paulo Machado, deveriam “ter importância e relevância cultural” - se fossem produções brasileiras, melhor ainda. Fundamental, também, que as obras estivessem disponíveis em distribuidoras comerciais, embaixadas, consulados ou na Cinemateca do MAM.

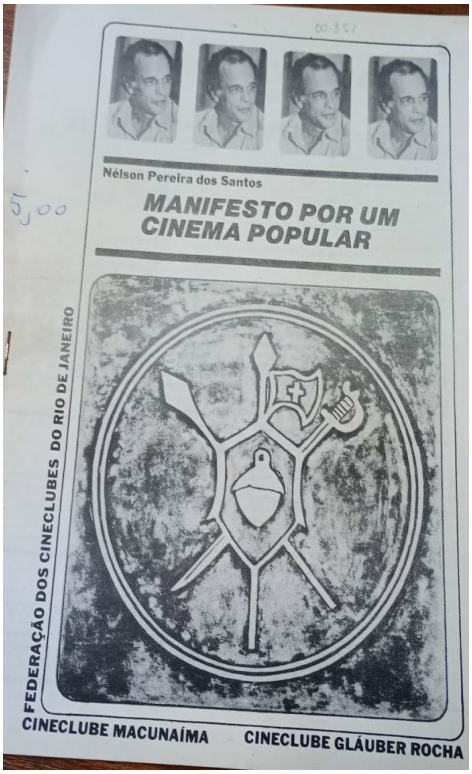
Aliás, a parceria com a Cinemateca do MAM foi vital para as duas instituições. O acervo da Cinemateca, hoje com cerca de 7 mil títulos em 35mm e 16mm, reforçava a programação do Macunaíma. Em muitas ocasiões, a agenda de ambos se complementava. No dia 1º de março de 1975, por exemplo, cineclube e Cinemateca exibiram filmes de Nelson Pereira dos Santos em horários diferentes, para que os interessados pudessem aproveitar os dois locais. O MAM apresentou *Rio, Zona Norte* (1957), às 16h e às 18h. Em seguida, houve debate com Erley José – ator, compositor e cantor que atuou em cinco filmes de Nelson – e o crítico José Carlos Avellar, curiosamente não sobre o filme exibido, mas sobre *O amuleto de Ogum* (1974), também do cineasta. Já no Macunaíma, às 21h, a sessão foi de *Vidas secas* (1963), do mesmo diretor.

A amizade e a afinidade política entre Cosme e Azêdo devem ter contribuído para a realização de tantas atividades reunindo Cinemateca do MAM e Cineclube Macunaíma.

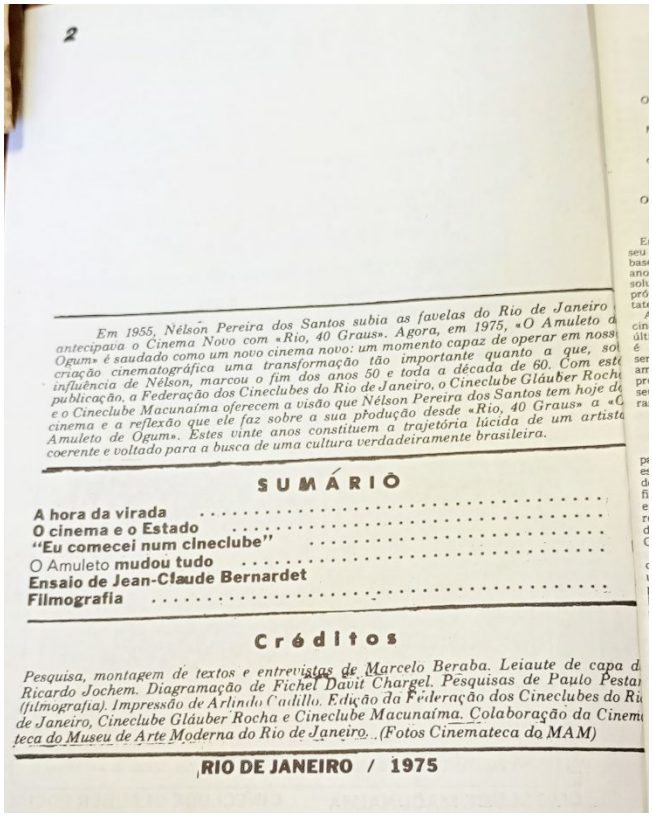
> O Cosme era muito ligado às esquerdas de maneira geral, sobretudo à esquerda mais próxima da militância católica. E essas relações eram sobretudo pela política, não tanto pelo mundo do cinema. Ele e Mauricio Azêdo eram muito amigos. (...) O Macunaíma ocupou aquele espaço (da ABI) porque a Cinemateca deu permissão para usar a infra, e provavelmente por razões sobretudo políticas. O Cosme era uma pessoa muito visada. Era difícil a cinemateca fazer alguma coisa sem estar vigiada. (...) E, quanto mais salas pra um certo tipo de cinema, melhor.[67]

Sobre a obra de Nelson – e, especificamente, *O amuleto de Ogum* – Macunaíma, FCERJ e Cineclube Glauber Rocha lançaram juntos, em 1975, uma publicação intitulada "Nelson Pereira dos Santos – Manifesto por um cinema popular", com colaboração da Cinemateca do MAM. Em entrevista exclusiva[68] ao jornalista Marcelo Beraba para a brochura, o cineasta falou da sua formação como cineclubista e do desejo de fazer cinema inspirado na realidade brasileira.

Figuras 29 e 30: Capa e página 2 da publicação sobre Nelson Pereira dos Santos



[67] Hernani Heffner concedeu entrevista em 30 de agosto de 2024.
[68] Entrevista disponível em https://pt.scribd.com/document/47574352/Entrevista-con-Nelson-Pereira-Dos-Santos-Manifesto-Por-um-Cinema-Popular-en-Portugues-Cinema-Novo. Último acesso em 9 de janeiro de 2025.



2

Em 1955, Nélson Pereira dos Santos subia as favelas do Rio de Janeiro
antecipava o Cinema Novo com «Rio, 40 Graus». Agora, em 1975, «O Amuleto d
Ogum» é saudado como um novo cinema novo: um momento capaz de operar em noss
criação cinematográfica uma transformação tão importante quanto a que, so
influência de Nélson, marcou o fim dos anos 50 e toda a década de 60. Com est
publicação, a Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro, o Cineclube Gláuber Roch
e o Cineclube Macunaíma oferecem a visão que Nélson Pereira dos Santos tem hoje d
cinema e a reflexão que ele faz sobre a sua produção desde «Rio, 40 Graus» a «O
Amuleto de Ogum». Estes vinte anos constituem a trajetória lúcida de um artist
coerente e voltado para a busca de uma cultura verdadeiramente brasileira.

SUMÁRIO

A hora da virada .....
O cinema e o Estado .....
"Eu comecei num cineclube" .....
O Amuleto mudou tudo .....
Ensaio de Jean-Claude Bernardet
Filmografia .....

Créditos

Pesquisa, montagem de textos e entrevistas de Marcelo Beraba. Leiaute de capa d
Ricardo Jochem. Diagramação de Fichel Davit Chargel. Pesquisas de Paulo Pesta
(filmografia). Impressão de Arlindo Cadillo. Edição da Federação dos Cineclubes do Ri
de Janeiro, Cineclube Gláuber Rocha e Cineclube Macunaíma. Colaboração da Cinem
teca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. (Fotos Cinemateca do MAM)

RIO DE JANEIRO / 1975

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

O cineclube foi um canal importante para a Cinemateca sobretudo a partir de 1978, quando um incêndio no dia 8 de julho destruiu boa parte do museu e interditou a sala de cinema. Uma reportagem publicada no "Boletim da ABI" de julho/agosto daquele ano, com o título "Solidariedade ao MAM foi imediata", conta que o então presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, enviou uma carta ao presidente do MAM, Ivo Pitanguy, oferecendo as instalações, sobretudo o auditório, para a programação do museu.

A página do MAM na internet informa que somente em 1982 foram retomadas as exibições no museu, após a inauguração de uma nova sala de cinema no bloco-escola, no térreo. No entanto, reportagens publicadas no "Jornal do Brasil" e em "O Globo", respectivamente em 6 e 9 de junho de 1980, informam que a abertura seria em 10 de junho de 1980. Segundo "O Globo", o programa naquele dia incluía a exibição de *Joana Angélica* (1979), de Walter Lima Jr., seguida de debate sobre os problemas para a produção de filmes para a TV.

Enquanto o MAM esteve fechado, a Cinemateca realizou muitas sessões e mostras em conjunto com o Macunaíma no Auditório Oscar Guanabarino, sobretudo entre 1978 e 1980. Em outubro de 1978, quebrou-se até o padrão de sessões no

Macunaíma apenas aos sábados. De 28 a 30 daquele mês, respectivamente sábado, domingo e segunda-feira, foram exibidas as três partes de *Guerra e humanidade*, de Masaki Kobayashi, épico japonês produzido entre 1959 e 1961. A programação conjunta levou à tela do cineclube outros filmes do Japão – como *Oharu - A vida de uma cortesã* (1952), de Kenji Mizoguchi, exibido em 4 de novembro de 1978, às 21h - e *A mulher da areia* (1964), de Hiroshi Teshigahara, no dia 11, também às 21h.

No mesmo dia de *Oharu*, MAM e Macunaíma promoveram ainda a pré-estreia de um filme nacional: *Iaô* (1976), de Geraldo Sarno, exibido novamente em 19 de maio de 1979, às 21h. Na sessão, organizada em colaboração com a Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, foi exibido mais um documentário: *Orixá Ninú Ilê* (1978), de Juana Elbein Santos, e lançado um número especial da "Revista Vozes", da editora de mesmo nome. Fundada em Petrópolis por frades franciscanos, a Vozes publicou, na década de 1970, em plena ditadura militar, várias obras em defesa da liberdade. Existe até hoje.

A programação conjunta com a Cinemateca do MAM também fez o Macunaíma intensificar a exibição de curtas-metragens antes da atração principal. Foram pelo menos sete curtas nos três últimos meses de 1978, e outros 25 ao longo de 1979. Neste ano, a parceria rendeu uma mostra da obra de Eisenstein e a "Retrospectiva das retrospectivas", uma série de clássicos do cinema que iam de Cacá Diegues a Charles Chaplin, passando por Fellini e Buster Keaton. A partir de 1980, porém, de acordo com a programação publicada em "O Globo" e no "Jornal do Brasil", não houve mais tantas sessões conjuntas.

*****

No início do Macunaíma, a tarefa de pegar os filmes nas distribuidoras cabia a Davit - mais tarde, Luiz Mauricio começou a fazê-lo. Usando o próprio carro, Davit apanhava as latas na sexta-feira, deixava-as em casa, levava-as para o Macunaíma no sábado e, na segunda-feira, fazia a devolução. Quando o fornecedor era consulado ou embaixada, não havia taxa de aluguel. Já as distribuidoras comerciais cobravam dos cineclubes um valor fixo, independentemente do número de espectadores. Era uma forma de garantirem alguma receita, ainda que simbólica. Se a fita atraísse um grande público ou fosse exibida mais de uma vez, lucro para os cineclubes.

Sobre a logística amadora de pegar o filme, levá-lo para casa e devolvê-lo alguns dias depois, Davit se lembra de um episódio divertido:

> Nessa época, eu morava em Santa Teresa. Às vezes, eu ia pegar o filme na véspera – na sexta-feira, porque sábado ficava fechada a distribuidora – deixava em casa e levava no sábado pro Macunaíma, antes da exibição. Ocorreu que nesse dia, um sábado, meu amigo Joel Barcelos, que era ator, disse: 'Ah, vamos fazer uma peixada na sua casa.' Fizemos uma peixada lá, começamos a beber e eu esqueci da sessão de cinema. Até que recebi uma ligação: 'Cadê o filme?'. Eu saí correndo, desabalado, peguei meu carro e em 5 minutos eu estava lá pra entregar o filme. Deu tempo. Atrasou 10 ou 15 minutos, mas foi exibido.[69]

No Rio, a distribuidora comercial mais utilizada pelo Macunaíma era a Companhia Franco-Brasileira, da família Valansi, aberta em 1966 e ainda ativa na Receita Federal. A Franco tinha quase todos os filmes da Nouvelle Vague, que estavam entre os preferidos dos cineclubistas. Alan Resnais, Jean-Luc Godard, Agnès Varda e François Truffaut, entre outros, faziam parte do acervo, que em 2014 foi depositado na Cinemateca do MAM. Coincidentemente, a distribuidora ficava na Rua Álvaro Alvim, no Centro do Rio, mesmo endereço de uma concorrente: a Art Films, hoje considerada inapta pelo Fisco.

Os relatórios de prestação de contas guardados no arquivo da Cinemateca do MAM mostram que, em 1981, o Macunaíma pagou 20.000 cruzeiros (o equivalente a R$ 1.929, com correção pelo IPCA, do IBGE) à Franco-Brasileira pelo aluguel do longa-metragem *A chinesa* (1967), de Godard, exibido em 28 de novembro, às 21h. Segundo o balanço, para esta sessão, foram vendidos 222 ingressos a 120 cruzeiros cada (pouco mais de R$ 11 hoje, também corrigidos) e distribuídos dois convites. Na sessão anterior, a das 19h, o cartaz foi *Outubro* (1928), de Eisenstein, para 124 pagantes e dois convidados. Com a programação dupla, a receita bruta chegou a 41.520 cruzeiros (R$ 4.005, em valores atuais). Abatidas as despesas de operação e o aluguel do filme de Godard, restaram 18.920 cruzeiros (R$ 1.825, atualizados monetariamente pelo IPCA), divididos entre a Cinemateca e o MAM: 9.460 cruzeiros (R$ 912) para cada um.

Na sexta-feira anterior, 27 de novembro de 1981, o Macunaíma abriu por causa do primeiro Rio Cine Festival[70], também chamado de Fórum Mundial de Cinema. O

[69] Fichel Davit Chargel concedeu entrevista em 5 de junho de 2023.

[70] O Rio Cine Festival surgiu em 1981 e, em 1999, juntou-se à MostraRio (antiga Mostra Banco Nacional de Cinema), dando origem ao Festival do Rio. O Rio Cine era organizado pela Cinemateca do MAM, pela distribuidora Caribe Comunicações e pelo exibidor Luiz Severiano Ribeiro.

evento trouxe filmes de 21 países, muitos deles apresentados antes na Mostra Internacional de Cinema, organizada na capital paulista pelo Museu de Arte de São Paulo (Masp). Nesse dia, no Macunaíma, houve duas sessões, às 18:30 e às 21:30, do polêmico *Saló ou os 120 dias de Sodoma* (1975), do italiano Pier Paolo Pasolini. Repleto de cenas de sadismo e tortura sexual, *Saló* foi o último longa-metragem do cineasta, assassinado em 1975, pouco antes do lançamento da obra. No Brasil, o filme só seria liberado para exibição comercial em 1988, quando foi promulgada a nova Constituição Federal, acabando oficialmente com a Censura.

Figura 31: Página do jornal "O Globo" anuncia o Rio Cine, com "Saló" no Macunaíma



FORUM MUNDIAL DE CINEMA

Inéditos e não comerciais na mostra de filmes que começa hoje no Rio

JOSE CARLOS MONTEIRO

Em três locais diferentes — Cine Rian, cinemateca do MAM e auditório da ABI — começa hoje a Riocine/81, mostra internacional de cinema, que prevê a exibição de quase 50 filmes, até o dia 6 de dezembro. Na mostra, também denominada "Forum Mundial de Cinema", estão representados 21 países, a maior parte com obras que fogem dos padrões normais de circulação comercial e que documentam a evolução do cinema, nos últimos tempos. Embora, em princípio, a Riocine/81 tenha objetivos essencialmente culturais, seus organizadores — Cinemateca do MAM, Empresa Luiz Severiano Ribeiro e Caribe Comunicações — não ignoram as preocupações comerciais: a mostra funcionará como porta de acesso ao mercado brasileiro, ultimamente indiferente à boa produção européia, norte-americana e terceiro-mundista.

'O Homem do Pau Brasil', de Joaquim Pedro de Andrade

'A terra prometida', de Andrzej Wajda

'Excalibur', de John Boorman

'Saló, os 120 dias de Sodoma', de Pasolini

Entre os filmes anunciados, há inúmeros títulos antigos que, por azares da distribuição internacional, permanecem inéditos no Brasil. Na verdade, a representação atrasa a produção mais recente. Os programas mais atraentes, por exemplo, datam de anos atrás — como "Saló, os 120 dias de Sodoma", de Pier Paolini, "Prova de orquestra", do Federico Fellini, "Que viva México", de Sergei Eisenstein, e "Terra prometida", de Andrzej Wajda, entre outros.

No rol das novidades, destacam-se os brasileiros "O homem do Pau Brasil", de Joaquim Pedro de Andrade, e "O homem de areia", do documentarista Vladimir Carvalho.

Boa parte da programação provém da seleção feita pelo Museu de Arte de São Paulo para a tradicional Mostra Internacional de Cinema. Assim, nessas duas semanas veremos algumas fitas que os paulistas já conhecem. De certo modo a Riocine é a versão carioca da mostra do MASP. E pretende ser a réplica brasileira do festival de Nova York. Para isso, entretanto, será necessário providenciar mais atrações: seminários, debates, conferências e a participação de diretores.

Por razões extracinematográficas, o impacto da mostra será a apresentação de "Saló, os 120 dias de Sodoma" e "Caligula". Ambos cresceram em termos publicitários devido à feroz campanha movida pela Censura de todas as partes do mundo. Escandalosa, polêmica, esta reconstituição dos desvarios do imperador romano Caligula tornou-se um dos trabalhos mais acidentados da história do cinema atual, inicialmente escrita pelo romancista e ensaísta Gore Vidal, a fita terminou sendo reelaborada pelo dono da revista "Penthouse", Bob Guccione, que não apenas se incompatibilizou com o escritor como expulsou o diretor, Tinto Brass. Resultado: visualmente, "Caligula" parece ilustração de artigos da "Penthouse", com seu erotismo de mau gosto.

Já "Saló" ficou célebre por outros motivos. Foi o último filme de Pasolini, brutalmente assassinado em 1975. Trata-se de uma adaptação do texto de Marquês de Sade à época de Saló, a república fascista italiana que durou apenas um ano. Pasolini usa a história de Sade para fazer uma candente metáfora sobre o funcionamento do fascismo como sistema repressor. E recorre a cenas de choque a fim de transmitir ao público a crueldade, a loucura, a desumanidade do poder fascista. Artista eclético, de formação humanista, Pasolini faz em "Saló" uma espécie de testamento — de súmula de uma obra rica e complexa, que compreende títulos como "Mamma Roma" (1963), "O Evangelho segundo São Mateus" (1964), "Gaviões e passarinhos" (1966), "Edipo rei" (1967), "Teorema" (1968) e "Decameron" (1973), entre outros.

No bloco de fitas do Leste Europeu, impõe-se de imediato "A terra prometida", afresco sobre a formação de burguesia polonesa, assinado por Andrzej Wajda a feito em 1975. Em quase duas horas e meia de curação, o cineasta de "O homem de mármore" e "O homem de ferro" estabelece um straanto painel da vida na Polônia de antes da Segunda Guerra. A guerra é, aliás, o tema de outro filme da área socialista: o húngaro "Seja bem-vindo, senhor Mort". Seu diretor, Zoltán Fabri, é um dos nomes principais da cinematografia húngara, e a ele devemos "O Carrossel do amor" (1955), "Um jogo no inferno"(1961) e "O professor Hanibal" (1956), obras bem acolhidas no mundo inteiro. Fabri focaliza em seu filme que data de 1960, um episódio comum na época: o envolvimento de sobreviventes da guerra com famílias de contrabatestes mortos.

Também húngara, e respeitada pela crítica internacional, Marta Meszaros opta por outro enfoque e tem estilo diferente do de Fabri. Em "Adoção", de 1975, a mulher ocupa o centro dos acontecimentos, e o tratamento de seus problemas evoca o melhor cinema intimista. Igualmente talentosa, porém já conhecida no Rio, a tcheca Vera Chytilová forma no grupo de realizadores surgidos com a "Primavera de Praga". Dela veremos "O jogo da maçã", manifesto feminista produzido em 1976. Finalmente, há na seleção do Leste Europeu o curioso "O segredo do Mikula Tisnai", telegrafia do cientista lugosiavo Nikola Testa, que viveu longos anos nos Estados Unidos, onde foi filmada a maior parte desta produção, que tem no elenco os americanos Orson Welles e Strother Martin.

Lançado comercialmente nos EUA, "Peça inacabada para piano mecânico", do soviético Nikita Mikhalkov, evoca o mundo de Anton Chekhov, o lírico contista russo. Mas sua narração tem tintis modernicade que Mikhalkov já figura entre os maiores nomes da cinematografia de seu país. E a Bulgária comparece com "O chifre de cabra", de Methodi Andonov, que em 1972 foi entusiasticamente acolhido pela crítica européia.

O Brasil mobilizou artilharia pesada para defender suas cores. Não bastasse o elegíaco "O Homem do Pau Brasil", de Joaquim Pedro de Andrade, selecionado para abertura da mostra, e que retrata a agitada época de Oswald de Andrade na Paulicéia Desvairada, a inclusão do último cocumentário de Vladimir Carvalho, "O homem de areia", sobre a mítica figura de José Américo, seria o bastante a fim de assegurar o êxito da nossa representação. É há, da quebra, o comunicativo "Na estrada da vida", que Nélson Pereira dos Santos fez com a dupla calpira Milionário e Zé Rico.

Quatro filmes mostram a trajetória do cinema latino-americano. Os cubanos mandaram o desenho-animado "Elcidio Valdés", em que Juan Padrón mostra uma figuras famosa na história da ilha do Caribe. Do México, vem "Maria do meu coração"; de Humberto Hermosillo, com roteiro de Gabriel Garcia Maquez o uma história entre o fantástico e o trágico. E da viúnha Argentina aparece, também em clima de realismo mágico, o elogiado "As sexas da eternidade", de Hector Olivella.

Os Estados Unidos provavelmente não farão má figura. "Excalibur", fantasia de John Boorman sobre o rei Arthur e sua espada mágica, e "Confissões verdadeiras", drama de Uly Grossbard em torno de escândalo na Igreja, certamente estão longe de representar o melhor da produção independente. Sua seleção é, a propósito, um mero acidente. Mas ambos têm qualidade. Apenas a título de informação, foram inscritos três filmes africanos: "Adeus a hora da partida", do angolano Francisco Henriques, e "Estas são as armas", realização coletiva supervisionada pelo brasileiro Murilo Salles, e "No caminho da estrelas", documentário curto, também de Angola.

Da Europa, inegavelmente o evento principal é "Prova de orquestra", um Fellini admirável cujo inedltismo é incompreensível. Existem, porém, atrativos em "Wolzech", que Werner Herzog adaptou da peça de Georg Büchner; na saborosa homenagem à atriz Anna Magnani (feita no documentário do belga Chris Vermorcken); em "Alemanha, pálida mãe", história do povo alemão elaborada brechtianamente por Helga Sanders-Brahms; no sueco "Palmeiras negras", filmado no Brasil por Lars-Magnus Lindgren; no longa-metragem holandês "Cha cha", em que Herberta Curiel registra a história do rock no país; e até no chilenoflandês "Graças à vida", Exibido no MAM meses atrás, o documentário "Minha Ilha" nos introduz na ilha onde Ingmar Bergman rodou algumas de suas obras-primas. Também vale a pena ser visto.

Na categoria de eventos especiais, o destaque maior fica para "Que viva México", versão montada por Grigori Alexandrov do filme realizado no México por Eisenstein. No setor das curiosidades, palma de ouro para "Quando as montanhas se cobrem de folhas vermelhas", primeiro trabalho que vefemos comercialmente no Rio do misterioso cinema chinês. E, pairando acima de tudo isso, a Riocine/81 proporcionará ao público o prazer de conhecer, com legendas em espanhol, o magistral "Muriel", de Alain Resnais, que salve a França do vexame nesta mostra imperdível.

Fonte: Acervo O Globo / Reprodução

Assim como a sessão de *Potemkin*, a de *Saló* está cercada de histórias, como lembra o ex-cineclubista Gil Vicente, de 58 anos, que foi do Cineclube Jean Renoir[71] e chegou a programar o Macunaíma por um curto período, em 1986:

[71] O Cineclube Jean Renoir, do qual Wolney Malafaia foi um dos fundadores, funcionava na Aliança Francesa do Méier.

> ‘Rolou’ a história de que *Saló* tinha sido censurado pela ditadura e resolveram fazer uma sessão no Macunaíma. Teve carro da polícia passando na porta, ligação, todo mundo achando que iam invadir o Macunaíma e levar a cópia. Mas não fizeram isso e teve a sessão. Eu me lembro de ouvir essa história, uma coisa da mitologia do Macunaíma.[72]

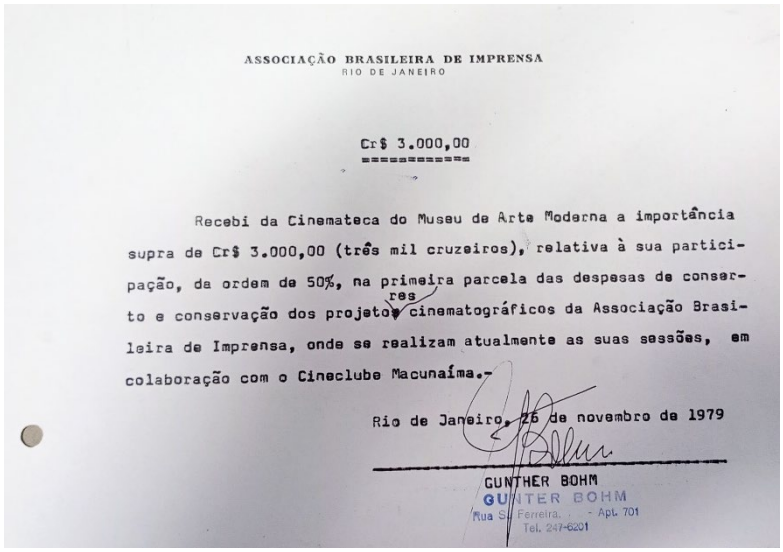
Poucos dias depois de *Saló*, o Macunaíma apresentou outro filme controverso, ainda como parte da programação do Rio Cine. Famoso pelas cenas de sexo explícito, *Calígula* (1979), de Tinto Brass, foi exibido às 21:30 de 7 de dezembro de 1981, uma segunda-feira. No sábado seguinte, dia 12, o Rio Cine teve sua última sessão no Macunaíma, com *Estas são as armas* (1978), de Murilo Salles; o angolano *Adeus à hora da partida* (1979), de Francisco Henriques; e *No caminho das estrelas* (1980), do também angolano António Ole.

Em dezembro de 1981, o Macunaíma alugou na Franco-Brasileira outro filme de Godard, também por 20.000 cruzeiros (equivalentes hoje a R$ 1.832, com correção pelo IPCA): *O demônio das onze horas* (1965), exibido no dia 19, dentro do ciclo “20 anos de Godard”. Para esta sessão, foram vendidos 151 ingressos a 120 cruzeiros cada (o equivalente hoje a R$ 11) e quatro ingressos a 100 cruzeiros cada (pouco mais de R$ 9), totalizando 18.520 cruzeiros (R$ 1.697) de bilheteria. Após a dedução das despesas, o Macunaíma e a Cinemateca ficaram com 2.255 cruzeiros (R$ 206) cada um.

A receita do Macunaíma costumava ser repartida igualmente com a Cinemateca do MAM, mas também as despesas. Um recibo de 26 de novembro de 1979 mostra que as duas instituições dividiram o custo de conserto e manutenção dos projetores do cineclube. Em papel timbrado da ABI, o técnico de som Günther Böhm confirmava ter recebido da Cinemateca a quantia de 3 mil cruzeiros (equivalente a R$ 2.238, com correção monetária pelo IGP-DI) referente a 50% do valor do serviço. Segundo a revista “Filme Cultura”[73], Böhm era um dos poucos técnicos de som especializados em reforma e conservação de projetores 35mm. A segunda e última parcela – também de 3 mil cruzeiros, hoje equivalentes a R$ 2.210 - foi quitada em 11 de dezembro.

[72] Gil Vicente concedeu entrevista em 8 de maio de 2024.
[73] Disponível em http://www.bcc.org.br/textos/225410

Figuras 32 e 33: Recibos do pagamento do conserto dos projetores do Macunaíma



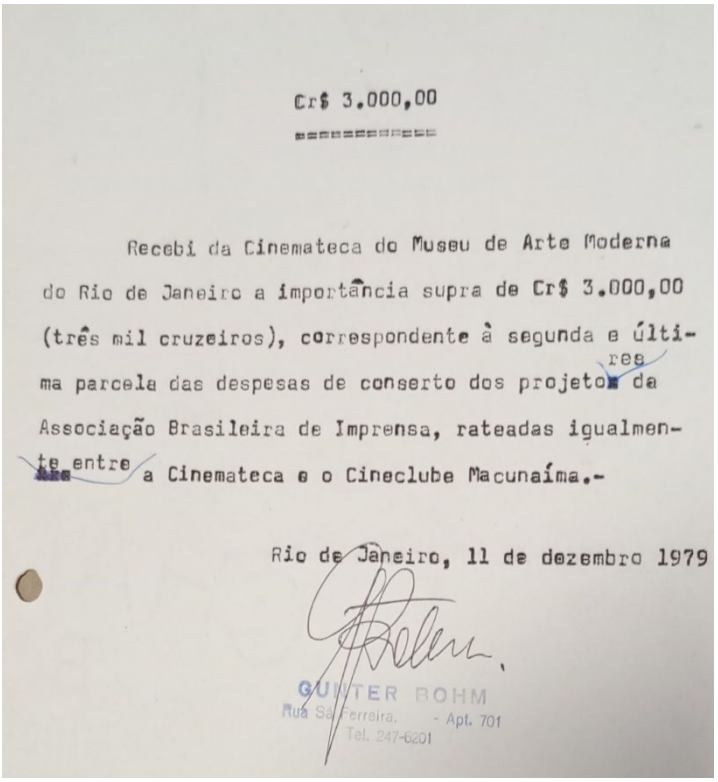
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA
RIO DE JANEIRO

Cr$ 3.000,00

Recebi da Cinemateca do Museu de Arte Moderna a importância supra de Cr$ 3.000,00 (três mil cruzeiros), relativa à sua participação, da ordem de 50%, na primeira parcela das despesas de conserto e conservação dos projetores cinematográficos da Associação Brasileira de Imprensa, onde se realizam atualmente as suas sessões, em colaboração com o Cineclube Macunaíma.-

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1979

GUNTHER BOHM
GUNTER BOHM
Rua Sá Ferreira, - Apt. 701
Tel. 247-6201



Cr$ 3.000,00

Recebi da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a importância supra de Cr$ 3.000,00 (três mil cruzeiros), correspondente à segunda e última parcela das despesas de conserto dos projetores da Associação Brasileira de Imprensa, rateadas igualmente entre a Cinemateca e o Cineclube Macunaíma.-

Rio de Janeiro, 11 de dezembro 1979

GUNTER BOHM
Rua Sá Ferreira, - Apt. 701
Tel. 247-6201

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

Porém, tanto Davit quanto Luís Paulo Machado e Luiz Mauricio Azêdo não se recordam dessa contabilidade. Luiz Mauricio acredita que a divisão de receita pode ter sido uma forma de colaborar com a Cinemateca. Nelson Krumholz - que chegou a programar o Macunaíma na década de 1980 - conta que o dinheiro ajudava a viabilizar

despesas miúdas da instituição, “porque nunca tinha dinheiro da direção do MAM. Era caixinha para comprar clipe e durex, pagar frete, essas coisas.”[74]

Já Hernani Heffner diz que os recursos nada mais eram do que o pagamento pelo aluguel das cópias que pertenciam ao acervo da Cinemateca. Por sua vez, Fábio Velloso, ex-coordenador de pesquisa e documentação da instituição, acredita que esse percentual pode ter sido a remuneração por dois serviços: intermediação da negociação com as distribuidoras ou revisão e reparo das cópias:

> Quem fazia a “intermediação” das cópias com as distribuidoras - seja Embrafilme, Franco, Caribe etc. - era o Cosme. Uma outra questão, mas essa é apenas uma hipótese, envolve a revisão e reparo das cópias. Para exibir, é necessário revisar as cópias em uma mesa enroladeira (arquivos têm; cineclubes, não), efetuando limpeza e os reparos necessários (emendas, problemas nas perfurações), bem como emitir laudo que demonstre o estado físico-químico da cópia antes da exibição. Esse serviço, sem dúvida, era feito aqui, independentemente da procedência das cópias. Nos últimos anos, a cobrança nunca era financeira, mas sim em contrapartidas (compra de insumos para a revisão e conservação dos filmes como luvas de algodão, álcool isopropílico, durex especial para películas etc.) [75]

A Embrafilme, extinta em 1990, também cobrava pelo aluguel. E não era um valor fixo, como a maioria das distribuidoras comerciais fazia. A estatal exigia 50% da bilheteria, depois de descontadas as despesas com exibição. No dia 29 de agosto de 1981, por exemplo, o Macunaíma pagou 20.450 cruzeiros (R$ 2.301, corrigidos pelo IPCA) à empresa pelo filme *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha, apresentado às 19h junto com *Depoimento* e *Glauber* - estes, possivelmente, curtas-metragens sobre os quais não há informações adicionais.

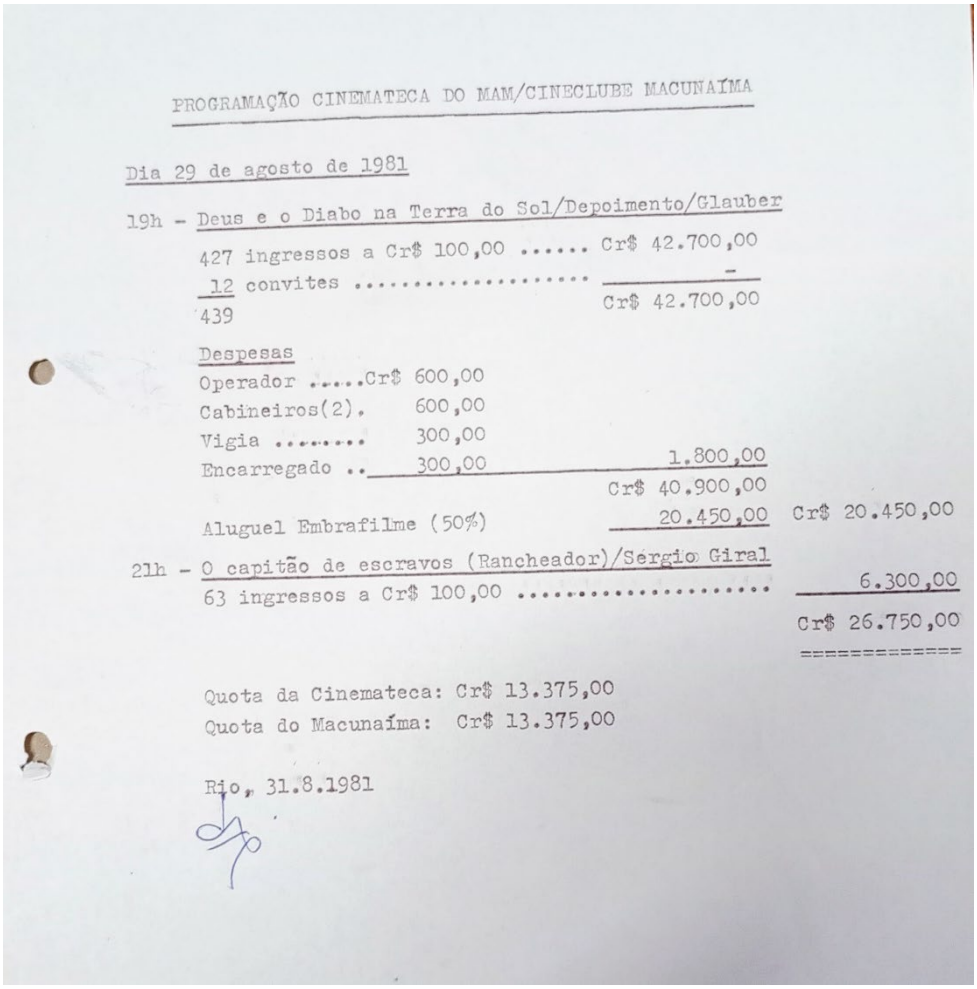
A sessão de *Deus e o diabo* foi uma das que tiveram maior público, pelo menos entre os anos de 1979 e 1983: 427 ingressos vendidos a 100 cruzeiros cada (pouco mais de R$ 11) e 12 convites distribuídos, somando 439 espectadores. A receita chegou a 42.700 cruzeiros (R$ 4.806, atualizados), e as despesas com operador, cabineiros, vigia e encarregado somaram 1.800 cruzeiros (R$ 202). O saldo, de 40.900 cruzeiros (R$ 4.603, em valores corrigidos), foi dividido pela metade com a Embrafilme.

No sábado seguinte, 5 de setembro de 1981, foi a vez de *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), também de Glauber Rocha, às 19h. Para esta sessão, foram vendidos 193 ingressos, a 100 cruzeiros cada (pouco mais de R$ 10). Depois de abatidas as despesas com operador, vigia, cabineiro e encarregado, o saldo ficou em

[74] Nelson Krumholz concedeu entrevista em 14 de março de 2024.
[75] Fábio Velloso, em nota para este trabalho, enviada no dia 15 de abril de 2024.

17.500 cruzeiros (R$ 1.867, com correção pelo IPCA), divididos meio a meio com a Embrafilme pelo aluguel do longa-metragem. Todos esses filmes fizeram parte do ciclo "Homenagem póstuma a Glauber Rocha", que morrera em 22 de agosto daquele ano.

Figura 34: Balanço da Cinemateca do MAM e do Macunaíma rubricado por Azêdo



PROGRAMAÇÃO CINEMATECA DO MAM/CINECLUBE MACUNAÍMA

Dia 29 de agosto de 1981

19h - Deus e o Diabo na Terra do Sol/Depoimento/Glauber

427 ingressos a Cr$ 100,00 ..... Cr$ 42.700,00
12 convites ..... -
439 Cr$ 42.700,00

Despesas
Operador .....Cr$ 600,00
Cabineiros(2). 600,00
Vigia 300,00
Encarregado .. 300,00 1.800,00
Cr$ 40.900,00

Aluguel Embrafilme (50%) 20.450,00 Cr$ 20.450,00

21h - O capitão de escravos (Rancheador)/Sergio Giral

63 ingressos a Cr$ 100,00 ..... 6.300,00
Cr$ 26.750,00
==========

Quota da Cinemateca: Cr$ 13.375,00
Quota do Macunaíma: Cr$ 13.375,00

Rio, 31.8.1981

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

Mas a receita com o longa-metragem brasileiro não foi a única naquele 5 de setembro de 1981. Às 21h, houve a exibição de *El Salvador: el pueblo vencerá* (1980), do porto-riquenho Diego de La Tejera, dentro da Mostra do Cinema Latino-Americano. O filme fora produzido pela Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), hoje um partido político de esquerda, mas que surgiu em 1980 como um grupo guerrilheiro. Premiado no II Festival de Cinema de Havana, *El Salvador* teve um público de 209 pagantes (a 100 cruzeiros cada ingresso, cerca de R$ 19 hoje, atualizados pelo IGP-DI), dez convidados e dois sócios.

Aliás, em menos de dois meses, *El Salvador* foi exibido três vezes no Macunaíma: nos dias 15 de agosto, 5 de setembro e 10 de outubro de 1981. Na primeira, às 19:30, o balanço da programação mostra que foram 493 ingressos vendidos (a 100 cruzeiros cada, pouco mais de R$ 20) e 15 convidados. Mas um relatório confidencial do Serviço Nacional de Informações (SNI)[76] datado de 6 de outubro daquele ano dizia que "cerca de mil pessoas" assistiram a *El Salvador* no Macunaíma, aplaudindo de pé no final. O informe ressaltava que atividades culturais estavam fazendo "proselitismo em favor das revoluções da Nicarágua e de El Salvador" e "apologia da revolução sandinista".

Para a sessão de 10 de outubro, às 21h, foram 67 ingressos vendidos e um convite. Neste dia, além de *El Salvador*, o Macunaíma exibiu documentários do cineasta cubano Santiago Álvarez, dando continuidade à Mostra do Cinema Latino-Americano: *79 Primaveras* (1969), homenagem ao líder vietnamita Ho Chi Minh, falecido no ano em que o filme foi lançado; *Morrer pela pátria é viver* (1976); *O maior das três bandeiras* (1973); e *Noticiero ICAIC Latinoamericano*[77]. No entanto, dois dias depois, a Censura apreendeu todos esses filmes no Macunaíma, como mostra uma carta de Cosme Alves Netto enviada ao chefe do órgão em 20 de outubro.

Na carta, que faz parte do acervo do Arquivo Nacional, Cosme explicava que os filmes tinham sido doados à Cinemateca do MAM pela Cinemateca do Panamá. Segundo ele, não se destinavam à difusão, e sim ao "estudo técnico e profissional", e a exibição no Macunaíma era para os associados, a fim de "ilustrar debate sobre a informação jornalística na América Latina de hoje, em particular na Guatemala, Cuba e El Salvador". No dia 3 de fevereiro de 1982, sem receber resposta, o diretor da Cinemateca enviou uma nova correspondência[78]. O retorno da Censura só veio no dia 23 de abril, com algumas exigências para que os documentários fossem devolvidos.

No dia 12 de setembro de 1981, logo após a primeira sessão da Mostra do Cinema Latino-Americano, o Macunaíma exibiu mais um longa de Glauber Rocha:

---

[76] Informação nº 189 da Agência Central do SNI, de 6 de outubro de 1981. Disponível em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/81019952/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_81019952_d0001de0001.pdf. Último acesso em 12 de janeiro de 2025.

[77] *Noticiero ICAIC Latinoamericano* foi um cinejornal semanal produzido entre 1960 – ou seja, depois da Revolução Cubana, retratada exaustivamente nos programas – e 1990. Foi a escola de boa parte dos cineastas cubanos e incluído no Programa Memória do Mundo, da Unesco.

[78] As duas cartas enviadas por Cosme e a resposta da Censura estão disponíveis em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/83031979/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_83031979_d0001de0001.pdf. Último acesso em 11 de janeiro de 2025.

Terra em transe (1967), às 21h, para 230 espectadores e dois convidados. A Embrafilme ficou com 10.600 cruzeiros (R$ 2.039, em valores atuais) da bilheteria. No mesmo ano, em 26 de setembro, houve uma nova sessão de *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), às 18h, com 123 ingressos vendidos a 100 cruzeiros cada (pouco mais de R$ 19) e dois convites distribuídos. Para a Embrafilme, couberam 5.250 cruzeiros (R$ 1.010, atualizados pelo IGP-DI). Os outros 50% da receita líquida foram divididos entre o Macunaíma e a Cinemateca do MAM: 2.625 cruzeiros para cada um, o equivalente a R$ 505, corrigidos pelo IGP-DI. *O dragão da maldade* e *Terra em transe* foram reapresentados - um às 19h e outro às 21h, respectivamente - no dia 21 de agosto de 1982, mas sem repasse de dinheiro à Embrafilme. A receita líquida, de 30.800 cruzeiros (R$ 3.170, com correção pelo IGP-DI), foi repartida somente entre a Cinemateca e o Macunaíma.

A relação da Embrafilme com os cineclubes não era fácil. O ex-cineclubista Gil Vicente afirma que a estatal cobrava caro pelo aluguel dos filmes – e proporcionalmente ainda mais pelas cópias em 16mm, exibidas em espaços menores, com menos público. Segundo ele, os inadimplentes entravam para uma lista negra de devedores e só podiam alugar novas fitas após quitarem o débito. Wolney Malafaia, que presidiu a Federação de Cineclubes do Rio entre 1984 e 1988, confirma:

> Nós pagávamos os olhos da cara pelo aluguel de longa na Embrafilme. Era muito caro pra quem cobrava tipo 10 reais a entrada. Nós não tínhamos retorno nenhum, e eu sempre argumentei isso em todas as reuniões de que participei, até com o José Carlos Avellar, quando ele foi diretor da Embrafilme. 'Avellar, olha só, nós pegamos filme de graça no Goethe, na Maison, no Consulado do Canadá, em vários lugares. E não pegamos na Embrafilme.'[79]

Entre os consulados, os que mais emprestavam filmes ao Macunaíma eram os da então Tchecoslováquia, da França, do Canadá, da Polônia e da Romênia. Alguns títulos provinham da Aliança Francesa, da Organização das Nações Unidas (ONU) ou diretamente dos próprios cineastas, no caso de produções nacionais. O propósito era exibir programação alternativa, que não estivesse em cartaz nos cinemas comerciais. Filmes europeus, japoneses e latino-americanos eram os preferidos. Americanos também tinham vez, desde que fossem do nível de *Cidadão Kane* (1941), de Orson Welles, ou *Um homem tem três metros de altura* (1957), de Martin Ritt.

[79] Wolney Malafaia concedeu entrevista em 14 de fevereiro de 2024.

Cidadão Kane foi exibido pelo menos cinco vezes ao longo da história do Macunaíma. A primeira delas no dia 8 de abril de 1974, excepcionalmente uma segunda-feira, para uma comemoração dupla: Dia do Jornalista e 66 anos de fundação da ABI, ambos celebrados no dia 7. Com entrada franca, o evento começou às 16h, com uma conferência de Barbosa Lima Sobrinho, que na época presidia o Conselho Administrativo da Associação Brasileira de Imprensa, seguido por tarde de autógrafos com Carlos Drummond de Andrade, Joel Silveira, Rose Marie Muraro, José Cândido de Carvalho, Heloneida Studart e outros. A apresentação do longa-metragem de Orson Welles ocorreu às 20h, depois do curta *Carmen Santos* (1965), de Jurandyr Noronha.

A equipe do Macunaíma também programou festivais de cinema soviético, polonês, tcheco e de outros países. Nas prestações de contas dos anos de 1979 a 1983, é mencionada uma "Semana do Cinema Egípcio", mas com registro de um único título: *Tenha cuidado com ZouZou* (1972), de Hasan El-Eman. Para esta sessão, às 21h de 27 de janeiro de 1979, não houve venda de ingressos: 426 convidados e dois sócios do Macunaíma. É possível que tenha sido um evento institucional com apresentação de cópia em outro idioma, talvez inglês (*Watch Out for ZouZou*), porque parece não existir versão do filme em português.

No mesmo ano de 1979, outras sessões também tiveram entrada franca: no dia 22 de setembro, às 18:30, 32 convidados assistiram a curtas-metragens venezuelanos. E 54 convites foram distribuídos para a sessão das 21h com documentários do cineasta e antropólogo francês Jean Rouch, que debateu com o público no final. Em 20 de outubro, às 21h, mais uma exibição gratuita: 254 pessoas viram *Carnaval da vitória* (1978), documentário em curta-metragem do angolano António Ole, e o moçambicano *Vamos eleger as nossas assembleias para consolidar o poder popular* (1978), de Fernando Silva. Os dois cineastas participaram de debate com os espectadores após a exibição.

O Macunaíma também integrou o circuito da 3ª Mostra Internacional de Cinema, que chegou ao Rio em 26 de outubro de 1979. O programa começara em São Paulo em 1977, organizado pelo Masp. O festival de 1979 foi particularmente relevante por ter ocorrido no ano da anistia política e quando se discutia o abrandamento da censura às diversões públicas. A Mostra trouxe obras que ainda não haviam sido exibidas no Brasil, como o polêmico *O império dos sentidos* (1976), de Nagisa Oshima, apresentado no cinema Lido-2. No dia 3 de novembro, o Macunaíma fez uma exibição única do belga *Núpcias de lama* (1974), de Thierry Zeno, às 18:30, seguido pelo português *Amor de perdição* (1978), de Manoel de Oliveira, às 20:30, filme com mais de 4 horas de

duração. No dia 10, o cineclube apresentou o brasileiro *Braços cruzados, máquinas paradas* (1979), de Sérgio Toledo e Roberto Gervitz, e *A confederação* (1977), de Luís Galvão Teles, representante de Portugal na mostra.

Em 3 de maio de 1980, às 18:30, houve uma sessão conjunta com a Cinemateca do MAM, intitulada "O trabalho da mulher", com colaboração do Centro da Mulher Brasileira. A entrada era gratuita para assistir aos curtas-metragens *A menina e a casa da menina* (1980), de Maria Helena Saldanha; *Trabalhadoras metalúrgicas* (1978), de Renato Tapajós; *Suely* (1979), de Sérgio Sanz; e *Só amor não basta* (1978), de Dilma Lóes. No fim, houve um debate sobre as condições de trabalho da mulher. A prestação de contas desse dia mostra que 48 convidados foram ao Macunaíma. Mesmo sem a entrada de dinheiro em caixa, 600 cruzeiros (R$ 162, em valores atualizados pelo IPCA) foram pagos pelo aluguel de *Trabalhadoras metalúrgicas* e *Suely*.

No dia 19 de setembro de 1981, houve mais uma exibição gratuita. Às 19h, cerca de cem espectadores assistiram de graça ao programa intitulado "Retratos do Chile", composto por três curtas-metragens: *Recado do Chile* (1979), dirigido por Carlos Flores del Pino e José Román; *Primeiro de Maio chileno* (ano desconhecido), uma realização coletiva; e *Venceremos!* (1970), de Hector Rios e Pedro Chaskel. No sábado seguinte, 26 de setembro, também houve entrada franca para a Mostra dos Premiados da Jornada Brasileira de Curta-Metragem, com 52 convidados. Foram exibidos *A luta do povo* (1980), de Renato Tapajós; *Sanaúd (Voltaremos)* (1980), de Barros Freire; *Tempo quente* (1980), de Leilany Fernandes; e *Maria da Luz* (1981), de Wilson Rodrigues de Barros.

As sessões sem cobrança de ingresso contribuíam para a formação de plateia, mas o Macunaíma não podia viver só de cortesia. Afinal, havia despesas com operadores, cabineiros, encarregado e vigia, sem falar na impressão das apostilas. Para alívio do caixa, alguns eventos tiveram público pagante superior à capacidade do auditório da ABI, com 510 lugares. Em 27 de setembro de 1980, por exemplo, a mostra "Novo Cinema Documental Latino-Americano" vendeu 642 ingressos a 50 cruzeiros (pouco mais de R$ 11, corrigidos pelo IPCA) cada, distribuiu 16 convites e atraiu seis sócios do Macunaíma, arrecadando 32.100 cruzeiros (R$ 7.087) de bilheteria.

Naquele dia, foi exibido *Noticiero INCINE I* (1979), do nicaraguense Frank Pineda, o primeiro de uma série de 50 documentários curtos sobre a Revolução Sandinista produzidos pelo Instituto Nicaraguense de Cinema, que teve Pineda entre os fundadores. As outras atrações foram *79 primaveras* (1969), de Santiago Álvarez;

Anistia (ano desconhecido), realização coletiva sobre os presos políticos no México; e *Semeio vento em minha cidade* (1979), documentário em curta-metragem do cubano Patrício Rodriguez sobre a estadia de Chico Buarque em Cuba, nos anos 1970.

Os filmes da mostra latino-americana, obviamente, não interessavam aos cinemas comerciais, tanto pela temática quanto pela duração. As salas de exibição convencionais preferiam *blockbusters* hollywoodianos de longa-metragem, com público garantido, roteiros apolíticos e lançamento padronizado e em larga escala. Nos cineclubes, era o oposto: obras provocativas, de cineastas alternativos, ou mesmo grandes produções lançadas anos antes e que, em regra geral, não voltariam ao circuito convencional. Esses espaços de exibição tiveram um papel crítico durante a ditadura, segundo Rose Clair Matela (2007):

> Consideramos que, mesmo sob forte repressão policial, o movimento cineclubista, neste período, foi capaz de criar alternativas de distribuição e exibição de filmes que encontravam dificuldades de circulação no circuito comercial, possibilitando aos seus militantes e frequentadores o contato com outras cinematografias e estéticas, ampliando o "olhar", o desenvolvimento de uma consciência crítica e o compromisso político na luta pela democracia e pelo cinema brasileiro. (MATELA, 2007, p. 87)

No Macunaíma, alguns desses filmes faziam tanto sucesso que eram reprisados com frequência. A pesquisa realizada para este trabalho mostra que *Hiroshima, meu amor* (1959), de Alain Resnais, foi exibido pelo menos 13 vezes no cineclube. Em segundo lugar, está o documentário *Monterey pop* (1968), de D. A. Pennebaker, com dez apresentações. Em terceiro, *Corações e mentes* (1974), de Peter Davis: nove vezes.

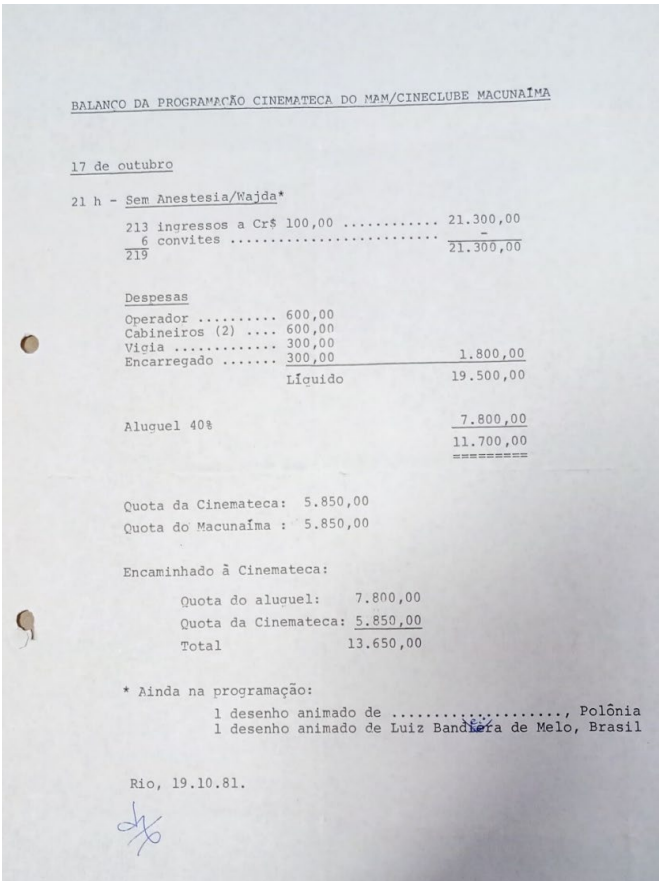
Não é possível saber o número total de espectadores de cada um desses filmes, pois só há registro de público no período entre 1979 e 1983, graças aos balanços da programação conjunta do Macunaíma e da Cinemateca do MAM. Nesses quatro anos, *Corações e mentes* totalizou 1.371 pagantes. Somente uma das sessões, a de 3 de julho de 1982, teve 524 espectadores, uma das mais cheias da história do cineclube. Para assistir a *Monterey pop*, 1.108 pessoas compraram ingressos, juntando-se a 23 convidados e um sócio do cineclube. Já *Hiroshima* contabilizou 1.081 pagantes, quatro convidados e quatro sócios ao todo.

Mesmo anos mais tarde, sempre que o cineclube precisava de dinheiro, uma das saídas era exibir *Hiroshima*, como lembrou o ex-cineclubista Marcelo França Mendes. Marcelo programou o Macunaíma de 1983 a 1986, quando também já fazia parte da equipe do Estação Botafogo:

> A gente programava o que queria ver, mas tinha sempre que analisar o público. Por exemplo, Francesco Rosi, não sei por que, não dava público. Inexplicavelmente. (O que dava mais público) era Pasolini, *O evangelho segundo São Mateus*, *Hiroshima*... Passava um tempo, a gente repetia e enchia de novo. Resnais dava público, *O ano passado em Marienbad*... O Rosi, muito mais fácil que Resnais, não dava.[80]

De 1979 a 1983, poucas sessões tiveram mais de 200 ingressos vendidos. Em 17 de outubro de 1981, às 21h, *Sem anestesia* (1978), do polonês Andrzej Wajda, teve 213 pagantes e seis convidados. Neste caso específico, a contabilidade foi um pouco mais complicada: a Cinemateca recebeu 40% da receita líquida de bilheteria pelo aluguel do filme (7.800 cruzeiros, o equivalente a R$ 794, em valores atualizados pelo IPCA) e mais metade do valor arrecadado com os ingressos. Ou seja, ficou com 13.650 cruzeiros (R$ 1.390, hoje), ao passo que para o Macunaíma restaram 5.850 cruzeiros (o equivalente a R$ 596).

Figura 35: A contabilidade da sessão de "Sem anestesia", de Andrzej



BALANÇO DA PROGRAMAÇÃO CINEMATECA DO MAM/CINECLUBE MACUNAÍMA

17 de outubro

21 h - Sem Anestesia/Wajda*

213 ingressos a Cr$ 100,00 ..... 21.300,00
6 convites ..... -
219 21.300,00

Despesas

Operador 600,00
Cabineiros (2) 600,00
Vigia 300,00
Encarregado 300,00 1.800,00

Líquido 19.500,00

Aluguel 40% 7.800,00

11.700,00

Quota da Cinemateca: 5.850,00
Quota do Macunaíma : 5.850,00

Encaminhado à Cinemateca:

Quota do aluguel: 7.800,00
Quota da Cinemateca: 5.850,00
Total 13.650,00

* Ainda na programação:
1 desenho animado de ....., Polônia
1 desenho animado de Luiz Bandeira de Melo, Brasil

Rio, 19.10.81.

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

[80] Marcelo França Mendes concedeu entrevista em 15 de março de 2024.

Às vezes, a presença maciça de público surpreendia os próprios programadores. Isso aconteceu com pelo menos um filme, *Encontros com homens notáveis* (1979), de Peter Brook. Segundo Adhemar de Oliveira - que programou o Macunaíma em meados da década de 1980 - o longa-metragem teve, em uma única sessão, cerca de 700 espectadores sentados no auditório, no mezanino e no corredor. Baseado na autobiografia do místico G. I. Gurdjieff, o filme tem um quê de esoterismo incomum nas obras daquela época. De acordo com Adhemar, o critério para a escolha de títulos para o Macunaíma

> era basicamente a necessidade que as pessoas tinham de ver uma coisa que não estava em lugar algum. E tinha coisas meio fortuitas, que caíam (*no nosso colo*). Eu lembro que o Peter Brook, quem trouxe o filme pra mim foi um pessoal que se reunia, discutia... Eu descobri depois que era quase uma seita. O pessoal de teatro gostava muito. Lotou aquele cinema, foi uma loucura. E não foi uma programação, aí não tem uma pescaria. Você começa a cutucar, as pessoas descobrem e trazem.[81]

Depois dessa, *Encontros com homens notáveis* também entrou para a lista de filmes a serem exibidos sempre que o cineclube precisava fazer caixa, assim como *O boulevard do crime* (1945), do francês Marcel Carné. Para o Macunaíma, a vantagem de *Boulevard* era que, com 190 minutos de duração, o longa-metragem podia ser exibido em duas partes. Ou seja, com uma única cópia, eram cobrados dois ingressos para sábados diferentes. Isso aconteceu em pelo menos duas ocasiões: junho de 1984 (dias 16 e 30) e outubro de 1987 (dias 24 e 31).

Nem sempre, no entanto, a programação era sucesso de público. Só oito pagantes e um sócio foram assistir ao brasileiro *O caso dos irmãos Naves* (1967), de Luís Sérgio Person, às 18:30 de 18 agosto de 1979 - a bilheteria mais fraca do Macunaíma para um filme nacional no período entre aquele ano e 1983. Entre os filmes estrangeiros, outro fiasco foi *Um homem com uma câmera* (1929), do soviético Dziga Vertov, às 19h de 11 de dezembro de 1982: só um ingresso vendido. A sessão das 21h naquele mesmo dia também não lotou: *Jules e Jim* teve apenas nove pagantes.

Outro fracasso foi a Mostra ABD-Funarte, da Associação Brasileira de Documentaristas. Cada uma das três sessões – nos dias 1º, 8 e 15 de dezembro de 1979, às 21h – apresentava 15 curtas-metragens diferentes. Mas o público não se animou: foram, respectivamente sete, cinco e dez ingressos vendidos. O longa *O bandido da luz vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla, exibido às 18:30 de 11 de agosto de 1979, teve

[81] Adhemar de Oliveira concedeu entrevista em 19 de março de 2024.

somente 20 espectadores pagantes (a 15 cruzeiros cada ingresso, pouco mais de R$ 13 em valores corrigidos pelo IGP-DI), dois convidados e um sócio. *Pindorama* (1970), de Arnaldo Jabor, às 21h de 30 de junho de 1979, teve 29 ingressos vendidos e três sócios na plateia.

Outras produções nacionais apresentaram desempenho melhor. Segundo o balanço conjunto da Cinemateca e do Macunaíma, em 20 de janeiro de 1979, às 21h, *A grande cidade* (1966), de Cacá Diegues, teve na plateia três sócios do cineclube, oito convidados e 103 ingressos vendidos a 15 cruzeiros cada – hoje, o equivalente a R$ 17, também corrigidos pelo IGP-DI. Em 25 de agosto, às 21h, *A hora e a vez de Augusto Matraga* (1965), de Roberto Santos, atraiu 89 pagantes e dois sócios. No sábado seguinte, 1º de setembro, às 21h, a dupla *Mangue/Perpétuo* teve 140 ingressos vendidos, além de um associado do cineclube. Não foram encontradas informações sobre *Mangue*, que deve ser um curta-metragem. O segundo filme, possivelmente, é *Perpétuo contra o esquadrão da morte* (1967), de Miguel Borges.

4.4. LANÇAMENTOS

Diferentemente de outros cineclubes, o Macunaíma também foi local de pré-estreias e lançamentos de filmes, sobretudo brasileiros. Em 1974, um ano após sua inauguração, promoveu a pré-estreia do documentário *Passe livre*, de Oswaldo Caldeira, baseado na história do jogador de futebol Afonsinho, o primeiro atleta brasileiro a obter direito ao próprio passe, em 1971, durante o Governo Médici. *Passe livre* foi pioneiro em vários aspectos: era um longa-metragem rodado em 16mm; financiado praticamente em regime de cooperativa, com muitos produtores associados; e distribuído pela Federação de Cineclubes do Rio, na época presidida por Marco Aurélio Marcondes.

> No dia 23 de novembro o filme teve sua pré estréia *(sic)* no Cine Clube *(sic)* Macunaíma, sob a batuta empolgada de Mauricio Azedo *(sic)*. Mauricio fazia de tudo naquele cine clube *(sic)* e naquela noite memorável, botando gente pelo ladrão, com o clima vibrante e perigoso de ato político, o projecionista não apareceu e Mauricio foi obrigado a se encarregar até da projeção. Foi um sucesso. O circuito paralelo nascia ali. (...) A principal importância desta iniciativa, independentemente das qualidades que *Passe Livre* pudesse ter enquanto filme, residia no fato de que tradicionalmente os filmes exibidos nos cine clubes *(sic)* eram filmes que já estavam excluídos do circuito comercial, filmes que já haviam sido explorados comercialmente em todas as suas possibilidades, ou seja que já estavam – comercialmente – no bagaço. Além disso só recentemente os cine clubes *(sic)* tinham se voltado para filmes que não fossem os clássicos já consagrados sobretudo os estrangeiros. (CALDEIRA, 2004, p. 64-e 65)

Datada de 5 de maio de 1975, uma carta enviada por Marcondes à Oswaldo Caldeira Correia da Silva Produções Cinematográficas informava que, em 1974, foram realizadas duas sessões públicas de *Passe livre* por esse "circuito paralelo": a pré-estreia no Macunaíma e outra em um cineclube de Ipatinga, Minas Gerais. Já em 1975, até abril, as duas cópias do filme foram exibidas em 41 sessões, inclusive em São Paulo, na ABD e no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

O circuito paralelo nada mais era do que um mercado exibidor alternativo, formado pelos cineclubes. Esse movimento - liderado por Marcondes, entre outros - desembocou na fundação da Dinafilme, em 1976, distribuidora com sede em São Paulo cujo acervo era majoritariamente constituído por filmes nacionais em 16mm para suprir aqueles espaços de exibição. No ano seguinte, 1977, a própria Embrafilme criou um departamento de 16mm, e Gustavo Dahl, então superintendente de comercialização da estatal, convidou Marcondes para chefiá-lo. A partir de 1978, a Dinafilme passou a ter representações nas federações regionais de cineclubes, facilitando a distribuição para outros estados, como lembra Antonio Claudino de Jesus, que presidiu o CNC de 1980 a 1982:

> Todos os filmes que não tinham pra onde ir iam pra Dinafilme - Renato Tapajós, toda a turma do cinema alternativo. Mesmo filmes de Glauber Rocha, de grandes cineastas, foram parar lá. A Dinafilme era na Rua do Triunfo, em São Paulo, onde funcionou o cinema de resistência com as chanchadas. Gente como Carlão Reichenbach acabava escoando (os filmes) com a gente e a gente escoava Brasil afora. A gente tinha uma rede no país inteiro e passava esses filmes. [82]

Além de *Passe livre*, muitos outros filmes brasileiros foram lançados no Macunaíma: *Braços cruzados, máquinas paradas* (1979), dirigido por Sérgio Toledo e Roberto Gervitz, e *Bye Bye Brasil* (1980), de Cacá Diegues. Uma consulta ao "Jornal do Brasil" mostrou que a primeira exibição de *Braços cruzados*, distribuído pela Dinafilme, foi no dia 14 de julho de 1979, às 20:30, em uma programação conjunta da Cinemateca do MAM e dos cineclubes Macunaíma e Barravento. Já a estreia de *Bye Bye Brasil* foi em 19 de janeiro de 1980, com duas sessões: às 18:30 (70 ingressos vendidos) e às 21h (270 ingressos). A receita de bilheteria chegou a 17.000 cruzeiros (hoje, R$ 11.199, com correção pelo IGP-DI), dos quais 14.000 cruzeiros (R$ 9.223, atualizados) foram destinados ao Sindicato dos Jornalistas.

[82] Antonio Claudino de Jesus concedeu entrevista em 22 de agosto de 2024.

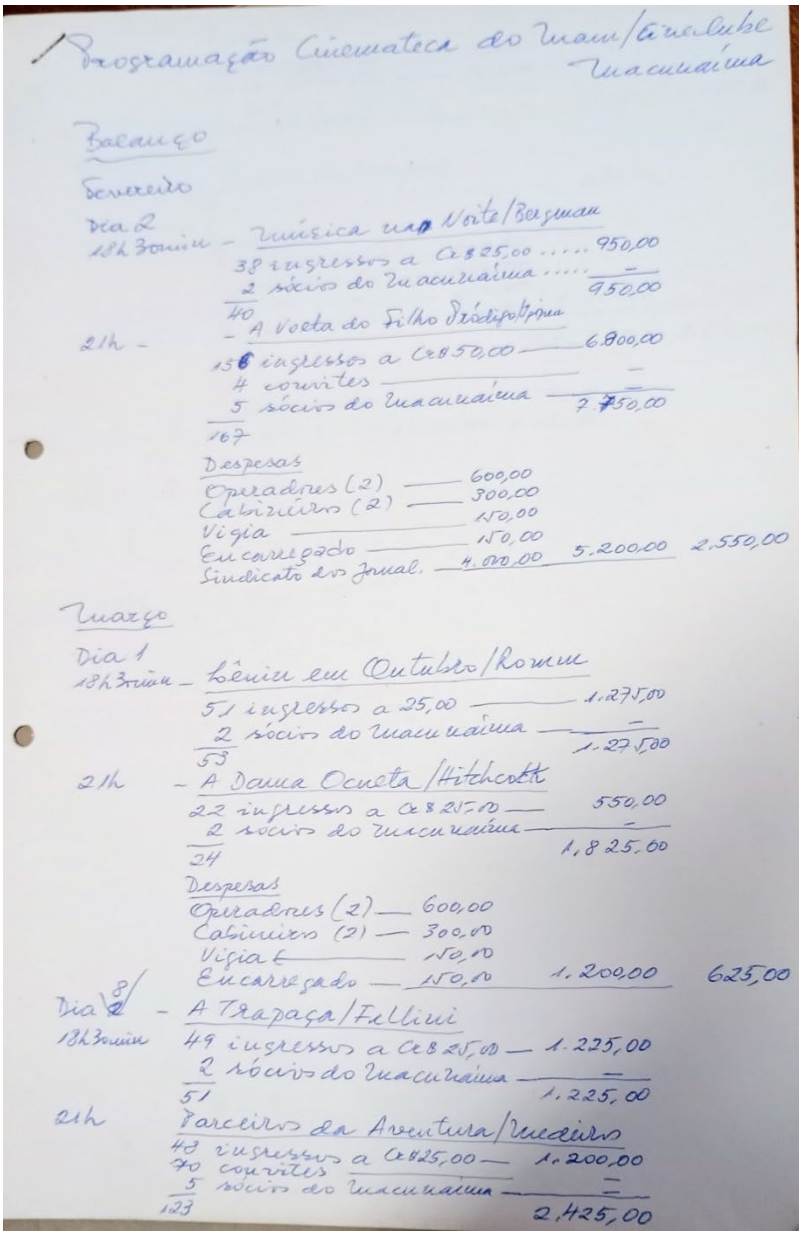
Braços cruzados foi exibido novamente às 21h de 11 de agosto de 1979, junto com o curta-metragem *Libertários* (1976), de Lauro Escorel Filho. Para essa sessão, o balanço da programação conjunta mostra que houve cem ingressos vendidos, três convidados e dois sócios do cineclube. Em 10 de novembro, uma nova exibição de *Braços cruzados* – parte da Mostra Internacional de Cinema – teve 102 pagantes e dois sócios do Macunaíma.

Embora já tivesse sido exibido no ano anterior, *Libertários* foi lançado oficialmente no Macunaíma no dia 20 de setembro de 1980, dentro do programa "Anarquismo no Brasil". Um pequeno texto no Caderno B[83] do "Jornal do Brasil" do dia 19 informava que o curta de Lauro Escorel seria lançado apenas "em circuitos cineclubistas", assim como o longa-metragem *O sonho não acabou* (1980), de Cláudio Kahns, incluído na mesma sessão. Ambos, segundo o JB, "documentam o aspecto político e cultural do movimento anarquista ocorrido no início do século em São Paulo, como precursor da formação do sindicalismo brasileiro". O programa "Anarquismo" também exibiu os curtas *Recado do Chile* (1979), de Carlos Flores del Pino e José Román; e *Los ojos como mi papá* (1979), do cubano Pedro Chaskel.

O ano de 1980 começou com o lançamento de *Prata Palomares* (1971), de André Faria, promovido pela Federação de Cineclubes do Rio. O filme – que ficara oito anos interditado pela censura – foi exibido no dia 5 de janeiro, às 21h, seguido de debate com o diretor. Em 8 de março, às 21h, houve a pré-estreia de *Parceiros da aventura* (1980), de José Medeiros, com 70 convidados e 48 pagantes, além de cinco sócios do cineclube. O anúncio publicado com destaque no Caderno B do "Jornal do Brasil" informava que a sessão também era em benefício do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro. O Macunaíma fez pelo menos mais um evento para ajudar o sindicato: no dia 4 de outubro, com a apresentação do filme *A última ceia* (1976), do cubano Tomás Gutiérrez Alea, cujo lançamento comercial no Brasil estava marcado para a semana seguinte.

[83] "Mais dois filmes lançados fora do circuito comercial". Disponível em https://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=030015_10&Pesq=%22cineclube%20macuna%c3%adma%22&pagfis=17260. Último acesso em 7 de maio de 2024.

Figuras 36 e 37: Balanço de fevereiro e março de 1980 manuscrito por Mauricio Azêdo



Programação Cinemateca do Mam/Cineclube Macunaíma

Balanço

Fevereiro

Dia 2
18h30min – Música na Noite/Bergman
38 ingressos a Cr$25,00 950,00
2 sócios do Macunaíma ..... –
40 950,00

21h – A Volta do Filho Pródigo/Ipiana
156 ingressos a Cr$50,00 — 6.800,00
4 convites — –
5 sócios do Macunaíma — –
167 7.750,00

Despesas
Operadores (2) — 600,00
Cabineiros (2) — 300,00
Vigia — 150,00
Encarregado — 150,00
Sindicato dos Jornal. — 4.000,00 5.200,00 2.550,00

Março

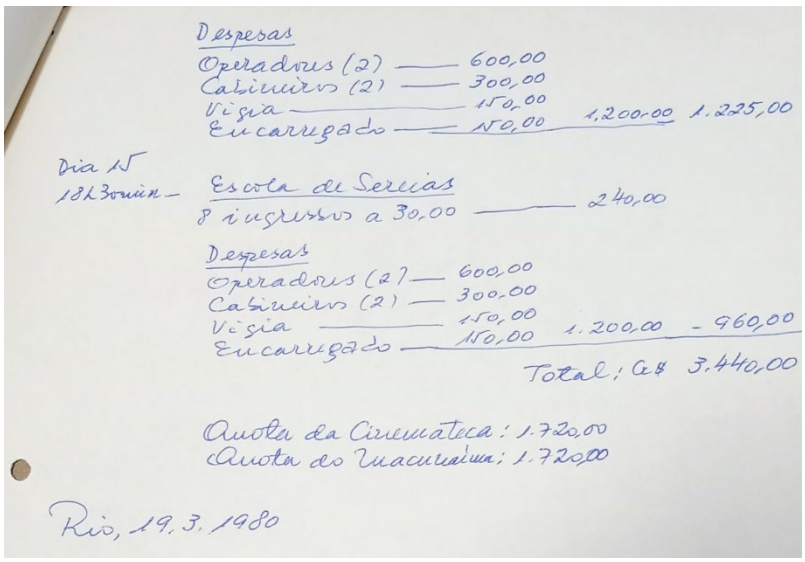
Dia 1
18h30min – Lênin em Outubro/Romm
51 ingressos a 25,00 — 1.275,00
2 sócios do Macunaíma — –
53 1.275,00

21h – A Dama Oculta/Hitchcock
22 ingressos a Cr$25,00 — 550,00
2 sócios do Macunaíma — –
24 1.825,00

Despesas
Operadores (2) — 600,00
Cabineiros (2) — 300,00
Vigia — 150,00
Encarregado — 150,00 1.200,00 625,00

Dia 8
18h30min – A Trapaça/Fellini
49 ingressos a Cr$25,00 — 1.225,00
2 sócios do Macunaíma — –
51 1.225,00

21h Parceiros da Aventura/Medeiros
48 ingressos a Cr$25,00 — 1.200,00
70 convites — –
5 sócios do Macunaíma — –
123 2.425,00



Despesas
Operadores (2) — 600,00
Cabineiros (2) — 300,00
Vigia — 150,00
Encarregado — 150,00 1.200,00 1.225,00

Dia 15
18h30min – Escola de Sereias
8 ingressos a 30,00 — 240,00

Despesas
Operadores (2) — 600,00
Cabineiros (2) — 300,00
Vigia — 150,00
Encarregado — 150,00 1.200,00 – 960,00

Total: Cr$ 3.440,00

Quota da Cinemateca: 1.720,00
Quota do Macunaíma: 1.720,00

Rio, 19.3.1980

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

No dia 14 de junho de 1980, o Macunaíma exibiu o documentário *25* (1975), de José Celso Martinez Correa e Celso Luccas, sobre a independência de Moçambique. A noite foi animada: como complementos, o curta-metragem *Anil* (1979), de Noilton Nunes, trechos do copião de *ABC da greve*, de Leon Hirszman – gravado em 1979, mas só lançado em 1990, após a morte do cineasta, em 1987 - e o trailer de *O rei da vela* (1982), também de José Celso, que estava em fase de conclusão.

Duas semanas depois, em 28 de junho, houve outro lançamento de filme nacional: o documentário *Jari* (1979), de Jorge Bodanksy e Wolf Gauer, sobre o projeto de mesmo nome na Amazônia. A sessão, às 21h, teve debate com o advogado Modesto da Silveira, crítico ferrenho do empreendimento do milionário americano Daniel Ludwig. Em 1978, Modesto fora eleito o deputado federal mais votado pelo MDB, o único partido de oposição autorizado pela ditadura.

Jari foi reexibido no Macunaíma em 5 de julho de 1980, às 19h. Neste mesmo dia, às 21h, o cineclube apresentou uma coletânea com título curioso: "Os premiados que ninguém viu". Era uma seleção, com entrada franca, de curtas-metragens que receberam prêmios nos festivais JB[84] e de Gramado, no Rio Grande do Sul: *Eunice, Clarice, Thereza* (1978), de Joatan Vilela; *Fênix* (1980), de Silvio Da-Rin; *Vocês* (1979), de Arthur Omar; *Copa mixta* (1979), de José Joffily; *Cildo Meireles* (1979), de Wilson Coutinho; *Bahira, o grande burlão* (1979), de Paulo Veríssimo; e *Balas e bolas*, de Jorge Abranches (1979). Depois da sessão, houve debate com os realizadores.

No dia 12 de julho, outra pré-estreia no Macunaíma: o documentário *Até a última gota* (1980), de Sergio Rezende, sobre o comércio ilegal de sangue no Brasil. A sessão, em benefício da Liga Brasileira de Defesa dos Direitos Humanos, teve debate com o cineasta. Duas semanas depois, 26 de julho, o cineclube exibiu outro documentário: *Quando chegar o momento* (1978), do brasileiro Luiz Alberto Sanz e do sueco Lars Säfström. O filme reconstitui a trajetória da mineira Maria Auxiliadora Lara Barcelos, a Dora, que se suicidou em 1976 no metrô de Berlim, cidade onde estava exilada. Dora fazia parte do grupo de 70 presos políticos libertados e banidos para o Chile em 1971, em troca do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, sequestrado por

[84] Realizado entre 1965 e 1970, o Festival Brasileiro de Cinema Amador era patrocinado pelo "Jornal do Brasil" e pela rede de lojas de departamentos Mesbla. Podiam ser inscritos filmes rodados no Brasil, em 16mm, com até 40 minutos de duração. Disponível em http://static.bcc.org.br/textos/224798. Último acesso em 08/11/2024.

integrantes da VAR-Palmares em dezembro de 1970, no Rio de Janeiro. Com o golpe militar chileno, em 1973, ela emigrou para México, Bélgica e, por fim, Alemanha.

Produzido na Suécia, *Quando chegar o momento* tem trechos narrados em português e em sueco. Para a sessão no Macunaíma, o próprio Luiz Alberto Sanz fez a tradução simultânea e debateu com o público após a sessão. Houve, ainda, noite de autógrafos dos livros "Os fornos quentes" e "O último banido", ambos de autoria de Reinaldo Guarany, que também escreveu o roteiro do filme, e lançados em 1980.

Embora naquela época Luís Paulo Machado já estivesse afastado do cineclube e o país vivesse uma nova conjuntura política, o propósito do Macunaíma se mantinha. Nas palavras do fotógrafo,

> o Macunaíma nasceu na esteira do movimento cineclubista, que nada mais foi do que um instrumento de defesa do cinema nacional e da cultura. A gente priorizava, claro, os filmes nacionais de relevância, mas não era obrigatório ser nacional. Tinham que ser filmes que tivessem uma iniciativa nova, uma forma de mostrar nova. (...) Vários diretores do cinema nacional se apresentaram.[85]

A busca pelo novo levou o Macunaíma a também exibir em pré-estreia pelo menos dois filmes estrangeiros: o italiano *Pasqualino sete belezas* (1975), de Lina Wertmüller, em 3 de setembro de 1977, e *A última ceia* (1976), do cubano Tomás Gutiérrez Alea, em 4 de outubro de 1980, na semana anterior ao seu lançamento comercial no Brasil. A sessão, mais uma em benefício do Sindicato dos Jornalistas, foi aberta com o curta-metragem *Angola* (1976), de Geraldo Sarno, e encerrada com um debate com o crítico José Carlos Monteiro. O último mês do ano teve mais uma pré-estreia no cineclube: *Cabaret mineiro* (1980), de Carlos Alberto Prates Correia, no dia 6 de dezembro, às 21h.

A lista de pré-estreias no Macunaíma inclui, ainda, *O homem que virou suco*, de João Batista de Andrade (exibido em 22 de novembro de 1980, às 21h, e lançado comercialmente no ano seguinte); *O rei da vela*, de José Celso Martinez Correa e Noilton Nunes (sessão em 28 de agosto de 1982, às 18:30); e *PCB*, de Luiz Taranto (apresentado em 20 de julho de 1985, às 21h), junto com o curta-metragem *Frei Tito* (1983), de Marlene França. Esta última sessão teve debate com o historiador Nelson Werneck Sodré, falecido em 1999.

[85] Luís Paulo Machado concedeu entrevista em 1º de abril de 2024.

Segundo o balanço da programação, a sessão de *O rei da vela* – precedido pelo curta-metragem *Bárbaro e nosso* (1969), de Márcio Souza - teve 127 ingressos vendidos a 200 cruzeiros cada (cerca de R$ 11, corrigidos pelo IPCA), além de 16 convites. Após descontadas as despesas com operador, dois cabineiros, vigia e encarregado, os produtores do filme de José Celso e Noilton ficaram com 50% (10.500 cruzeiros, o equivalente a R$ 585) e a outra metade foi repartida igualmente entre a Cinemateca do MAM e o Macunaíma.

Além desses filmes, o Macunaíma serviu de palco para o lançamento de publicações. Em 14 de dezembro de 1985, a partir das 20h, foi lançado no cineclube o jornal "Cine Imaginário", de um grupo de estudos sobre cinema chamado Núcleo Imaginário, surgido na PUC do Rio de Janeiro. Às 21h, houve a exibição de *Nada será como antes* (1978), de Maria Helena Saldanha. E, no dia 3 de maio de 1986, o relançamento da revista "Filme Cultura", que ficara quase um ano sem ser publicada. Na mesma noite, foram apresentados os filmes *A luta do povo* (1980), de Renato Tapajós, e *Santo e Jesus, metalúrgicos* (1984), de Cláudio Kahns e Paulo Sérgio Ferraz, com debate no final.

4.5. CICLOS TEMÁTICOS E MÊS DO CINEMA BRASILEIRO

Durante sua existência, o Macunaíma promoveu diversos ciclos e mostras de filmes, organizados ora por tema, ora por origem, ora por cineasta. Além dos dois primeiros do início - os da Violência e do Cinema Italiano - em janeiro de 1974 começaria "O melhor cinema brasileiro", inaugurado com *Rio, Zona Norte* (1957), de Nelson Pereira dos Santos. O cineasta Sérgio Santeiro foi quem apresentou e debateu o longa-metragem, no dia 26, às 21h. Em 9 de fevereiro, o cineclube exibiu *Os inconfidentes* (1972), de Joaquim Pedro de Andrade, seguido de bate-papo com o diretor após a sessão.

No dia 23 de março de 1974 foi exibido *A hora e a vez de Augusto Matraga* (1965), de Roberto Santos, com palestra de abertura conduzida pelo crítico Antônio Lima, de "O Jornal". Em 6 de abril, o cartaz foi *O assalto ao trem pagador* (1962), de Roberto Farias. E, em 4 de maio, *Ganga Zumba* (1963), de Cacá Diegues. *Como era gostoso o meu francês* (1971), de Nelson Pereira dos Santos, foi a atração no dia 1º de junho. *Menino de engenho* (1965), de Walter Lima Júnior, em 27 de julho.

As produções nacionais ganharam ainda mais destaque a partir de agosto de 1974, quando a Federação de Cineclubes do Rio, a Cinemateca do MAM, a ABD e o Departamento de Cultura da Guanabara lançaram o Mês do Cinema Brasileiro, com a exibição exclusiva de filmes nacionais. No primeiro ano do evento, foram apresentados mais de cem títulos, realizados entre 1919 – ainda durante o cinema mudo – e 1974. A maioria das sessões era acompanhada de debate ou seminário, e muitos filmes antigos ganharam cópias novas.

Praticamente todos os grandes cineclubes cariocas aderiram à iniciativa, além da Cinemateca, do Cinema de Arte Joia (um dos poucos que ainda resistem, em Copacabana), do Estúdio Tijuca, do Cinema 1 (também em Copacabana) e do Museu da Imagem e do Som (no Centro). O Mês do Cinema Brasileiro chegou também a São Paulo e Salvador, oferecendo um catálogo variado, e não apenas as pornochanchadas marcantes dos anos 1970. Na capital baiana, o Mês do Cinema Brasileiro foi organizado pelo Clube de Cinema da Bahia, em colaboração com Instituto Cultural Brasil-Alemanha, Sindicato dos Jornalistas, Embrafilme e Instituto Nacional do Cinema (INC). Curiosamente, pelo menos em 1975, o Mês do Cinema Brasileiro naquele estado foi realizado entre março e abril.

No Rio de Janeiro, o Macunaíma abriu o Mês do Cinema Brasileiro com a exibição, em 3 de agosto de 1974, às 21h, de *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha, seguida de debate com o crítico Jean-Claude Bernardet. Foi a partir dali que o cineclube passou a promover duas sessões diferentes aos sábados, uma prática que se manteria até o fim. Em 10 de agosto de 1974, foram apresentados *O bandido da luz vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla, às 18h, e *Brasil ano 2000* (1969), de Walter Lima Jr., às 21h, antecedido pelo documentário em curta-metragem *Coisas do arco da velha* (1973), de Roberto Mauro, cineasta mais conhecido pelas pornochanchadas da década de 1970.

Figura 38: Reportagem sobre o Mês do Cinema Brasileiro no "Jornal do Brasil"



PÁGINA 8 □ CADERNO B □ JORNAL DO BRASIL □ Rio de Janeiro, segunda-feira, 26 de agosto de 1974

PASSADO E PRESENTE DO CINEMA BRASILEIRO

Numa promoção destinada a permitir "o primeiro passo da releitura de nossa história cinematográfica", algumas entidades culturais do Rio — Cinemateca do MAM, Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro, Departamento de Cultura do Estado da Guanabara, e a Associação Brasileira de Documentaristas — fizeram de agosto o Mês do Cinema Brasileiro. As salas de cineclubes e cinemas de arte apresentaram no período um ciclo de exibições composto de aproximadamente 100 filmes nacionais, cobrindo momentos significativos (e também os menos conhecidos) de nossa produção, a partir de 1919 até hoje. Dentro da mesma programação, a Cinemateca inaugurou uma exposição dedicada aos cartazes publicitários, com 68 exemplares (os mais antigos são de 1910), e, paralelamente, o Museu da Imagem e do Som organizava uma Retrospectiva Cinédia, com 13 longa-metragens dessa importante produtora fundada pelo pioneiro Ademar Gonzaga.

A revisão de um passado mal conhecido até mesmo pelas gerações mais velhas contribuirá certamente para tornar mais fecundos os debates de um seminário em torno do cinema brasileiro, a ser iniciado hoje, às 19h, no auditório da Cinemateca. Durante seis dias, artistas, técnicos, críticos, pesquisadores e representantes do Instituto Nacional do Cinema e da Embrafilme abordarão as várias áreas da atividade cinematográfica, dos problemas de mercado às perspectivas culturais. Encerrando o ciclo, haverá uma Semana de Filmes Inéditos (2 a 7 de setembro), com a exibição de alguns dos longa-metragens recém-terminados.

Por outro lado, na área dos lançamentos comerciais, esta semana marca a estréia de três filmes brasileiros — Os Condenados, Sagarana: O Duelo e As Moças Daquela Hora — e a pré-estréia de dois outros — A Noite do Espantalho e O Último Malandro. A partir de hoje, além de comentar propostas e reivindicações discutidas no seminário, o Caderno B apresentará cada uma dessas cinco produções que demonstraram a vitalidade e a diversificação de formas e gêneros de nosso cinema atual, apesar da crise crônica em que tem vivido desde os tempos heróicos dos pioneiros.

Fonte: Acervo do "Jornal do Brasil" / Reprodução

No dia 17 de agosto de 1974, às 18h, foi exibido *Jardim das espumas* (1970), de Luiz Rosemberg Filho, seguido por *Faustão* (1971), de Eduardo Coutinho, junto com o curta-metragem *João Formiga* (ano desconhecido), de Nelson Londra Costa, cineasta sobre o qual não foram encontradas informações. No fim da apresentação, houve debate com Coutinho e Londra Costa. No dia 24, mais uma sessão dupla de filmes nacionais: *Bang bang* (1971), de Andrea Tonacci, às 18h, e *O pagador de promessas* (1962), de Anselmo Duarte, às 21h. O mês terminou com a exibição de *Azyllo muito louco* (1971), de Nelson Pereira dos Santos, às 21h do dia 31.

Consulta à programação publicada nos jornais da época indica que, pelo menos no Macunaíma, o Mês do Cinema Brasileiro ocorreu também nos anos de 1975, 1976, 1977, 1978, 1979 e 1980. Para os cineclubes, o evento significou uma mudança de patamar, de acordo com o crítico José Carlos Avellar, em artigo publicado no "Jornal do Brasil" no dia 11 de agosto de 1975:

> A importância do primeiro Mês do Cinema Brasileiro foi muito grande. Os cineclubes abandonaram a função de repetidores dos títulos mais interessantes entre as produções importadas para distribuição comercial. Deram início a um levantamento do filme brasileiro (...)
> Visto exclusivamente a partir dos títulos selecionados para a exibição comercial – e em geral os títulos são bastante claros por si mesmo – o cinema brasileiro se confunde hoje com as pornochanchadas, e que conseguem promoção mais ampla e um efetivo relacionamento com parte do público.
> É diante deste panorama que a significação do Segundo Mês do Cinema Brasileiro aparece melhor. Ele mostra a face verdadeira dos filmes brasileiros, utilizando praticamente todo o material disponível, sem se prender a uma única tendência ou a um período preciso.[86]

O Mês do Cinema Brasileiro foi a expressão prática de um manifesto lançado em fevereiro de 1974, ano da retomada das jornadas nacionais de cineclubes. Esses eventos haviam sido interrompidos em 1968, quando a ditadura se consolidou, culminando com a decretação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro. Na 8ª Jornada, no Paraná, lançou-se a chamada "Carta de Curitiba" - escrita por Azêdo, Cosme Alves Netto, Felipe Macedo e Marco Aurélio Marcondes - conclamando os cineclubes a divulgarem e defenderem o cinema nacional.

[86] Artigo "Um mês para conhecer melhor o cinema brasileiro", publicado no Caderno B do "Jornal do Brasil" de 11 de agosto de 1975. Disponível em http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=%22cineclube%20macuna%c3%adma%22&pagfis=59639. Último acesso em 4 de maio de 2024.

> O manifesto inflexionou o movimento cineclubista. Até então, os cineclubes viviam dos clássicos estrangeiros: *No tempo das diligências*[87], expressionismo alemão... Nós continuamos a fazer isso, mas demos prioridade aos filmes brasileiros. E eram poucos nessa época. Eu fiz um catálogo dos filmes disponíveis.[88]

Em 1975, dentro do Mês do Cinema Brasileiro, o Macunaíma lançou o "Cinema em Tempo de Espera". Tratava-se de um programa de exibição de filmes nacionais, às terças e quintas-feiras, das 18:15 às 19:45, com entrada gratuita. O objetivo era atrair o público que queria fugir do horário do *rush* no Centro do Rio, apresentando documentários em curta-metragem das filmotecas da Shell, do INC, do MAM e do Serviço de Cinema Educativo e Cultural da Guanabara, criado em 1967.

Os curtas selecionados para "Cinema em Tempo de Espera" abordavam temáticas como folclore, literatura, dança e música popular. Na sessão de abertura, no dia 5 de agosto de 1975, foram exibidos *Danças e festas populares*[89], de Carlos Augusto Oliveira; *O circo* (1965), o primeiro filme de Arnaldo Jabor; e *Arte pública*[90], de Paulo Veríssimo. A programação foi repetida no dia 7.

Nos dias 12 e 14 de agosto de 1975, o Macunaíma exibiu *O negro na cultura brasileira* (1973), de Paulo Gil Soares, e *Cultura e opulência no Brasil – Museu do Açúcar* (1974), de Jorge Laclette. As sessões gratuitas às 18:15 continuaram pelos dois meses seguintes, com a apresentação de *O som do povo* (1972), de Gustavo Dahl, e *Música contemporânea no Brasil* (1974), de Luiz Fernando Goulart, no dia 25 de setembro, uma quinta-feira. Uma semana depois, em 2 de outubro, foram exibidos *A João Guimarães Rosa* (1967), de Roberto Santos; *O mestre de Apipucos* (1959), de Joaquim Pedro de Andrade; *Jornal do sertão* (1970), de Geraldo Sarno; e *Vida e obra de Ferreira de Castro* (1971), do moçambicano Faria de Almeida, o único não brasileiro da programação, mas falado em português.

Cinema nacional à parte, o Macunaíma começara 1975 com um ciclo de obras do cineasta soviético Aleksandr Dovjenko. A "Retrospectiva Dovjenko", organizada

---

[87] Filme de faroeste dirigido por John Ford e lançado em 1939.

[88] Marco Aurélio Marcondes concedeu entrevista em 5 de março de 2024.

[89] Existe um filme de Carlos Augusto Oliveira com este título, porém só lançado em 1983, anos mais tarde. Mas há um documentário homônimo em curta-metragem dirigido por Humberto Mauro em 1971. É possível que este tenha sido o filme exibido.

[90] Tem uma contradição nesta programação. Paulo Veríssimo, de fato, fez um filme chamado *Arte pública*, mas lançado anos mais tarde, em 1983. O filme de Paulo integrou uma série da Funarte intitulada também "Arte pública", para documentar intervenções artísticas em espaços urbanos no Brasil. É possível que o filme exibido em 1975 tenha sido outro desta mesma série.

pela Cinemateca do MAM, fez o Macunaíma abrir excepcionalmente na primeira quarta-feira de janeiro, na quinta-feira e no domingo. Aliás, a filmografia da antiga União Soviética tinha espaço cativo nas telas do cineclube e da Cinemateca. Em plena ditadura militar, ambos promoveram, de 20 a 27 de janeiro, junto com a Secretaria de Cultura da Guanabara, a 3ª Semana do Cinema Soviético. Patrocinada pela Embaixada da URSS e pela Sovexport Film[91], a mostra incluía sete longas-metragens, em "dobradinha" com a Cinemateca: esta apresentava sessões às 18:30, e o Macunaíma, às 21h.

Segundo Davit, filmes da Holanda, da ex-URSS e da ex-Tchecoslováquia eram cedidos pelas respectivas embaixadas, sem custo. Em 29 de março de 1975, o Macunaíma anunciou mais um filme da "Mostra do Cinema Tcheco": *A carroça* (1966), de Karel Kachyna, e em 24 de maio, às 19h, promoveu a sessão "Formas do curto polonês", exibindo seis curtas-metragens da Polônia, com entrada franca. No dia 19 de julho, uma nova rodada de curtas poloneses, também gratuita. No fim do ano, a mesma coisa, com produções holandesas.

O segundo Mês do Cinema Brasileiro, em 1975, levou o Macunaíma a funcionar excepcionalmente em uma sexta-feira. No dia 8 de agosto, apresentou *Absolutamente certo* (1957), de Anselmo Duarte, às 19h, após o curta-metragem *A fábula da festa no céu* (1974), de Noilton Nunes. Às 21h, foi exibido o musical *A noite do espantalho* (1974), de Sérgio Ricardo, que debateu com o público após a sessão. No dia 9, as atrações foram *O petróleo é nosso* (1954), de Watson Macedo, às 19h, e *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade, às 21h - este, com cópia nova e na versão integral. No fim, houve debate com os dois cineastas. No dia 11, segunda-feira, o cineclube também abriu. Foi exibido *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha, com a participação do ator Jardel Filho para falar sobre "O ator de teatro no cinema".

Já em 1976, o terceiro Mês do Cinema Brasileiro no Macunaíma foi dedicado a Joaquim Pedro de Andrade. Além de ter preparado uma apostila sobre o cineasta, à venda no local, o cineclube programou cinco filmes do diretor, aos sábados, às 21h: *Macunaíma* (1969), no dia 7 de agosto, em cópia nova; *O padre e a moça* (1966), no dia

[91] Criada em 1945 pela antiga URSS para difundir a filmografia soviética, a Sovexport Film chegou a ser a maior exportadora mundial de filmes, com escritórios em vários países. Tinha, evidentemente, objetivos culturais e políticos, como divulgar a ideologia comunista. A empresa acabou em 1991, junto com o colapso da União Soviética.

14, antecedido pelo curta *A linguagem da persuasão* (1970); e *Os inconfidentes* (1972), junto com o curta *Couro de gato* (1962), no dia 28.

Curiosamente, na mesma edição do "Jornal do Brasil", os dois principais críticos de cinema do diário divergiam às claras sobre *Os inconfidentes*. Enquanto José Carlos Avellar anunciava o filme como "o melhor programa deste fim de semana", Ely Azeredo dava apenas duas estrelas no "tijolinho", referindo-se ao longa-metragem como "uma das mais estéreis experiências do cinemanovismo", sem apresentar "nem uma visão expressiva da História (...) nem um espetáculo de força cinematográfica"[92].

A sessão do dia 21, em que seria apresentado novamente *O padre e a moça*, acabou adiada para 11 de setembro. O motivo foi um atentado terrorista à sede da ABI, em 19 de agosto: uma bomba colocada por setores da extrema-direita destruiu parte do 7º andar, onde fica a presidência da Associação. O "Boletim da ABI" de julho/agosto de 1976 publicou um suplemento especial de 12 páginas sobre o ataque, reivindicado pela organização de extrema-direita Aliança Anticomunista Brasileira. O noticiário também informava que, no mesmo dia, fora encontrada outra bomba na sede da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio (OAB-RJ), desativada antes de explodir.

[92] Caderno B do "Jornal do Brasil" de 28 de agosto de 1976, p. 6. Disponível em https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19760828&printsec=frontpage&hl=pt-BR. Último acesso em 11 de janeiro de 2025.

Figura 39: Suplemento especial do "Boletim da ABI" sobre o atentado



Fonte: Acervo da Associação Brasileira de Imprensa / Reprodução

Não foi possível confirmar se o filme de Joaquim Pedro foi de fato exibido no dia 11 de setembro: a programação dos jornais informa que, naquela data, começaria uma retrospectiva de dois filmes do cineasta polonês Andrzej Wajda, patrocinada pela Embaixada da República Popular da Polônia. O primeiro era *Kanal* (1957), às 21h, com legendas em espanhol, complementado pelo curta-metragem *Couro de gato* (1962), este sim de Joaquim Pedro. O segundo filme de Wajda foi *Cinzas e diamantes* (1958), no dia 18 de setembro, também às 21h.

Em 1977, de acordo com a programação publicada em "O Globo" e no "Jornal do Brasil", o Macunaíma teve apenas três sessões no primeiro semestre: em 15 de janeiro, com *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha; 19 de março,

com *O fantasma da liberdade* (1974), de Luis Buñuel; e 14 de maio, com *Inn of evil*[93] (1971), de Masaki Kobayashi. De 18 de junho a 17 de dezembro, a agenda voltou à normalidade. Em 1978, provavelmente devido ao incêndio no Museu de Arte Moderna, ocorrido em julho daquele ano, a parceria com a Cinemateca do MAM se intensificou. A partir de outubro, praticamente todas as sessões no Macunaíma eram de programação conjunta. Essa combinação se manteve até o início de 1980.

No começo de 1979, o Macunaíma apresentou a série "Retrospectiva das retrospectivas", organizada com a Cinemateca do MAM, com títulos tão variados quanto *O grande ditador* (1940), de Charles Chaplin; *A grande cidade* (1966), de Cacá Diegues; e *A general* (1926), de Buster Keaton. No mesmo ano, foi realizada a "Retrospectiva Eisenstein", com dez sessões dedicadas à obra do cineasta, e exibições de filmes de animação da Polônia, da Bulgária, da Tchecoslováquia e da França.

Nos meses de agosto de 1976, 1977, 1978, 1979 e 1980, o Macunaíma continuou a exibir apenas filmes brasileiros aos sábados - entretanto, com apenas uma sessão, às 21h, eventualmente com um curta-metragem na abertura. Em 1980, na última edição do Mês do Cinema Brasileiro, o cineclube promoveu a "Mostra do Cinema Independente", no dia 2 de agosto, com debates depois das sessões. Os filmes, curtos, foram *Incelença para um trem de ferro* (1972), de Vladimir Carvalho; *Subúrbio pessoa* (possivelmente, 1974), de Sebastião de França; *Morto no exílio* (1979), de Micheline Bondi e Daniel Caetano; e *Retrato falado* (1979), de Bubi Leite Garcia. A entrada era gratuita.

As sessões de sábado à noite tinham o selo do Macunaíma, mas o Auditório Oscar Guanabarino também era usado pela Associação Brasileira de Imprensa para exibição de filmes em parceria com outras instituições. O "Boletim da ABI" de setembro/outubro de 1981 anunciou a "Mostra do Canadá" nos dias 19, 20 e 21 de outubro de 1981 – segunda, terça e quarta-feira - com exibição de documentários, exposição de jornais e revistas, painel fotográfico e apresentação de cinco filmes inéditos de Norman McLaren, mestre do cinema de animação canadense. O evento foi uma parceria da ABI com o Consulado-Geral do Canadá.

4.6. O PRÊMIO SÃO SARUÊ

[93] Na programação dos jornais, o título foi publicado em inglês mesmo. Mas, no Brasil, *Inn of evil* foi traduzido por *Estalagem do mal*.

Em janeiro de 1979, a Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro criou o Prêmio São Saruê, para incentivar a produção nacional e desvinculá-la de "fitas com objetivos puramente comerciais, expressos na exploração de sexo e outros temas superficiais"[94]. Mas a estatueta só foi entregue aos vencedores - eleitos por 76 cineclubes filiados à FCERJ - no dia 5 de novembro, dez meses depois. A Federação decidira realizar o evento de premiação somente após a liberação do documentário *O país de São Saruê* (1971), de Vladimir Carvalho, que dera nome à premiação. O longa-metragem, sobre a relação entre o homem e a terra na região do Rio do Peixe, no polígono da seca no Nordeste, ficara oito anos proibido pela Censura.

Prestigiado desde o início por Vladimir Carvalho, que fora cineclubista, o São Saruê era uma grande homenagem ao cinema brasileiro. Os representantes dos cineclubes votavam nos cinco melhores filmes produzidos no ano anterior. Para que nenhum título fosse esquecido, a FCERJ solicitava à Embrafilme a relação de todas as produções brasileiras – longas, médias e curtas-metragens – do período. Durante o evento, além da entrega dos prêmios, eram apresentadas outras obras nacionais e promovidos debates com cineastas. Nota do jornalista Cesar Tartaglia publicada em uma das edições do "Pasquim" de 1984 resumia de modo irreverente o espírito do São Saruê:

> O movimento cinematográfico nacional independente – parece até sigla de partido clandestino – é como aquelas notas de 50 mil: a gente sabe que existe, mas não vê. Ou não nos é dado ver. Vai daí que a Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro, ao instituir o "Prêmio São Saruê" tem procurado minimizar, em parte, um fenômeno que não é novo, mas que sempre preocupou a todos que transam cinema com seriedade neste país: a presença cada vez mais rara do cinema nacional na programação dos cineclubes.[95]

No primeiro ano de existência, o São Saruê foi entregue no Cinema Ricamar, em Copacabana, aos filmes *A queda*, de Ruy Guerra e Nelson Xavier; *Tudo bem*, de Arnaldo Jabor; *Chuvas de verão*, de Cacá Diegues; *Se segura, malandro!*, de Hugo Carvana; e *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*, de Hector Babenco, todos lançados em 1978. De 1980 a 1984, porém, a premiação ocorreu no Macunaíma.

No dia 30 de agosto de 1980, a noite do II São Saruê, foram premiados *Coronel Delmiro Gouveia*, de Geraldo Sarno; *O país de São Saruê*, de Vladimir Carvalho; *Terra dos índios*, de Zelito Viana; *Os Mucker*, de Jorge Bodansky e Wolf Gauer; e *Cabeças cortadas*, de Glauber Rocha, lançados comercialmente em 1979. Após a entrega dos

[94] Conforme publicado no Caderno B do "Jornal do Brasil" de 5 de novembro de 1979, p. 5.
[95] Edição nº 804 do "Pasquim", publicada em 1984.

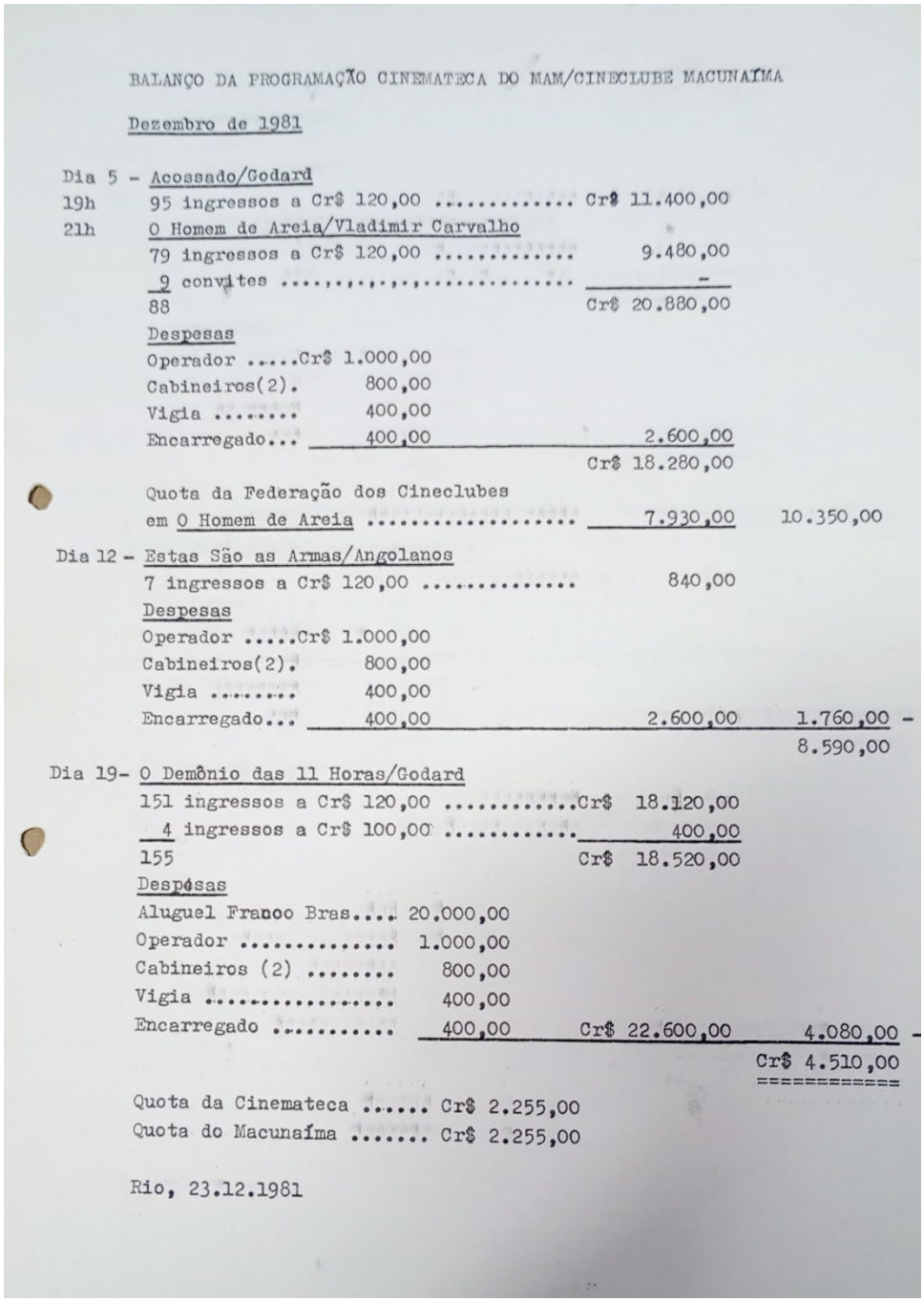
prêmios, foram exibidos *Liberdade de imprensa* (1967), de João Batista de Andrade; *Eneida – uma mulher que nunca topou chantagem* (1980), de José Maria Bezerril; *Notícia de jornal* (1974), de Jorge Laclette; *Primeira página* (1974), de Marcos Farias; e *Ôpa, o que é que há* (1978), de Mariza Leão e Sergio Rezende.

No mesmo evento, o cineasta João Batista de Andrade recebeu uma homenagem especial pelo conjunto da obra e por sua atividade como realizador independente. Ele participou de debate no fim, junto com jornalistas, sobre imprensa alternativa e liberdade de imprensa. Houve também uma manifestação de repúdio aos atentados às bancas de jornais: foram pelo menos 30 só em São Paulo, nos anos de 1979 e 1980, de acordo com reportagem do jornal "O Globo"[96]. Segundo o Arquivo Nacional[97], em julho de 1980, uma banca em Madureira, na Zona Norte do Rio, sofreu um atentado a bomba por vender "jornais comunistas" - como, por exemplo, "O Pasquim".

Em 5 de dezembro de 1981, os premiados referentes ao ano anterior foram *Os anos JK*, de Silvio Tendler; *Gaijin*, de Tizuka Yamasaki, que o Macunaíma já havia exibido no dia 29 de maio; *Até a última gota*, de Sérgio Rezende; *Bye Bye Brasil*, de Cacá Diegues; e *Pixote*, de Hector Babenco. No mesmo evento, foi apresentado *O homem de areia* (1981), de Vladimir Carvalho, que debateu com o público no final. O balanço da Cinemateca do MAM e do Macunaíma mostra que 7.930 cruzeiros (R$ 1.321, em valores corrigidos pelo IGP-DI) da bilheteria naquele dia engordaram o caixa da Federação de Cineclubes.

[96] Disponível em https://oglobo.globo.com/politica/ditadura-acusada-de-ter-atacado-30-bancas-de-jornal-entre-1979-1980-12263509. Último acesso em 27 de agosto de 2024.
[97] Disponível em https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/imagens-e-documentos-do-periodo-de-1964-1985/servico-nacional-de-informacoes-sni/em-julho-de-1980-banca-de-jornal-no-bairro-de-madureira-rio-de-janeiro-sofre-atentado-a-bomba-por-vender-jornais-de-oposicao-a-ditadura/view. Último acesso em 27 de agosto de 2024.

Figura 40: Balanço da Cinemateca do MAM e do Macunaíma



BALANÇO DA PROGRAMAÇÃO CINEMATECA DO MAM/CINECLUBE MACUNAÍMA

Dezembro de 1981

Dia 5 -	Acossado/Godard			
19h	95 ingressos a Cr$ 120,00		Cr$ 11.400,00	
21h	O Homem de Areia/Vladimir Carvalho			
	79 ingressos a Cr$ 120,00		9.480,00	
	9 convites		-	
	88		Cr$ 20.880,00	
	Despesas			
	Operador .....Cr$ 1.000,00			
	Cabineiros(2). 800,00			
	Vigia 400,00			
	Encarregado... 400,00		2.600,00	
			Cr$ 18.280,00	
	Quota da Federação dos Cineclubes			
	em O Homem de Areia		7.930,00	10.350,00
Dia 12 -	Estas São as Armas/Angolanos			
	7 ingressos a Cr$ 120,00		840,00	
	Despesas			
	Operador .....Cr$ 1.000,00			
	Cabineiros(2). 800,00			
	Vigia 400,00			
	Encarregado... 400,00		2.600,00	1.760,00 -
				8.590,00
Dia 19-	O Demônio das 11 Horas/Godard			
	151 ingressos a Cr$ 120,00		Cr$ 18.120,00	
	4 ingressos a Cr$ 100,00		400,00	
	155		Cr$ 18.520,00	
	Despésas			
	Aluguel Franoo Bras....	20.000,00		
	Operador	1.000,00		
	Cabineiros (2)	800,00		
	Vigia	400,00		
	Encarregado	400,00	Cr$ 22.600,00	4.080,00 -
				Cr$ 4.510,00

Quota da Cinemateca ..... Cr$ 2.255,00
Quota do Macunaíma ..... Cr$ 2.255,00

Rio, 23.12.1981

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

O ano de 1982 quebrou a sequência de premiações do São Saruê - e também do Macunaíma, que ficou fechado durante todo o primeiro semestre, como se verá mais adiante. Por conta disso, no dia 26 de novembro de 1983, foram entregues prêmios para filmes lançados em 1981 e 1982. De 1981, os escolhidos foram *Eles não usam black-tie*, de Leon Hirszman; *O homem que virou suco*, de João Batista de Andrade; *O beijo no*

asfalto, de Bruno Barreto; *O homem de areia*, de Vladimir Carvalho; *Eu te amo*, de Arnaldo Jabor; e *Os saltimbancos trapalhões* (prêmio infantil), de J. B. Tanko.

Dos lançamentos de 1982, foram premiados *Memórias do medo*, de Alberto Graça; *Jânio a 24 quadros*, de Luís Alberto Pereira; *Meow!*, de Marcos Magalhães; *República Guarani*, de Silvio Back; *O homem do pau-brasil*, de Joaquim Pedro de Andrade; e *As aventuras da Turma da Mônica* (prêmio infantil), de Mauricio de Sousa. Na mesma noite, houve a exibição do longa inédito *A próxima vítima* (1983), de João Batista de Andrade, e do curta *Meow!* (1981), além de uma homenagem póstuma a Humberto Mauro, falecido poucos dias antes, com a apresentação dos curtas-metragens *Preparo e conservação dos alimentos* (1955), *Meus oito anos* (1956) e *A velha a fiar* (1964), dirigidos pelo cineasta mineiro. Na mesma noite, João Batista de Andrade e os cineastas premiados debateram a situação do cinema nacional e a entrada do capital estrangeiro na produção brasileira.

Em 24 de novembro de 1984, o São Saruê foi para *O segredo da múmia*, de Ivan Cardoso; *Fala Mangueira!*, de Frederico Confalonieri; *Vinicius de Moraes, um rapaz de família*, de Suzana de Moraes; *Mato eles?*, de Sérgio Bianchi; *Animando*, de Marcos Magalhães; o vídeo *Viagem ao fim de uma era*, de Fernando Gabeira; e para o conjunto da obra do cineasta de animação Stil, premiado na categoria infantil, autor de *O lobo se estrepa*, *A feiticeira da Baixada* e *Faz mal*. A cerimônia começou às 20h e, antes dela, às 19h, o Macunaíma exibiu um filme produzido pela República Popular da China, *A regência por trás da cortina* (1983), dirigido por Li Han-hsiang.

Naquele dia, com entrada franca, o público assistiu em pré-estreia ao documentário *O evangelho segundo Teotônio*, de Vladimir Carvalho, lançado pouco depois. O ator Wilson Grey recebeu uma homenagem especial, com exposição de fotos e cartazes dos filmes em que atuou. O ex-cineclubista Marcelo França Mendes, que na época programava o Macunaíma, foi quem pesquisou as imagens de Grey para a mostra. Ele guarda até hoje uma fotografia que tirou com o artista, falecido em 1993.

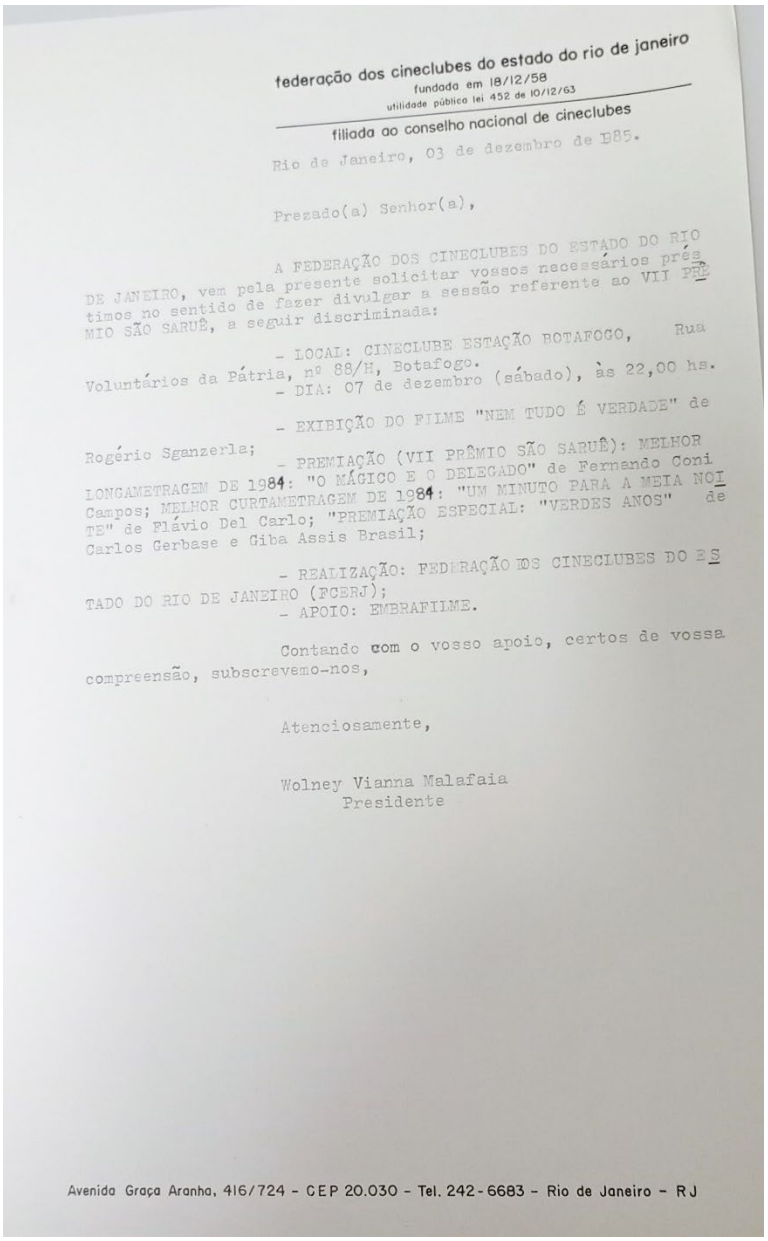
Figura 41: Marcelo Mendes, Anabela Paiva e o ator Wilson Grey



Fonte: Facebook / Reprodução

A sétima edição do São Saruê, no dia 7 de dezembro de 1985, quebrou a tradição do Macunaíma. O evento aconteceu no recém-inaugurado Cineclube Estação Botafogo, com a exibição em pré-estreia de *Nem tudo é verdade*, de Rogério Sganzerla, com lançamento comercial no ano seguinte. Os premiados foram *O mágico e o delegado*, de Fernando Coni Campos (melhor longa-metragem de 1984); *Um minuto para a meia-noite*, de Flávio Del Carlo (melhor curta-metragem); e *Verdes anos*, de Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil (premiação especial). No mesmo dia, o Macunaíma – já excluído da celebração - exibiu, às 19h, *Monty Python ao vivo no Hollywood Bowl* (1982), de Terry Hughes, e *Mephisto* (1981), de Istvan Szabo, às 21h.

Figura 42: Carta da FCERJ aos cineclubistas pedindo divulgação do 7º Prêmio São Saruê



federação dos cineclubes do estado do rio de janeiro
fundada em 18/12/58
utilidade pública lei 452 de 10/12/63
filiada ao conselho nacional de cineclubes

Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1985.

Prezado(a) Senhor(a),

A FEDERAÇÃO DOS CINECLUBES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, vem pela presente solicitar vossos necessários préstimos no sentido de fazer divulgar a sessão referente ao VII PRÊMIO SÃO SARUÊ, a seguir discriminada:

- LOCAL: CINECLUBE ESTAÇÃO BOTAFOGO, Rua Voluntários da Pátria, nº 88/H, Botafogo.
- DIA: 07 de dezembro (sábado), às 22,00 hs.
- EXIBIÇÃO DO FILME "NEM TUDO É VERDADE" de Rogério Sganzerla;
- PREMIAÇÃO (VII PRÊMIO SÃO SARUÊ): MELHOR LONGAMETRAGEM DE 1984: "O MÁGICO E O DELEGADO" de Fernando Coni Campos; MELHOR CURTAMETRAGEM DE 1984: "UM MINUTO PARA A MEIA NOITE" de Flávio Del Carlo; "PREMIAÇÃO ESPECIAL: "VERDES ANOS" de Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil;
- REALIZAÇÃO: FEDERAÇÃO DOS CINECLUBES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FCERJ);
- APOIO: EMBRAFILME.

Contando com o vosso apoio, certos de vossa compreensão, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

Wolney Vianna Malafaia
Presidente

Avenida Graça Aranha, 416/724 - CEP 20.030 - Tel. 242-6683 - Rio de Janeiro - RJ

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

Em 1986, houve mais um Prêmio São Saruê, no dia 13 de dezembro – e, de acordo com as pesquisas, o último. A divulgação na imprensa foi praticamente nula. Uma pequena nota[98] publicada na coluna Informe JB, do "Jornal do Brasil", no dia anterior, dizia apenas que o prêmio seria entregue às 22h e haveria a pré-estreia de

[98] Disponível em https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=030015_10&hf=www.google.com&pagfis=186832. Último acesso em 10 de janeiro de 2025.

Filme demência, de Carlos Reichenbach – sem dizer sequer o local. "O Globo" mencionava o São Saruê no "tijolinho" da programação de cinema anunciando o filme de Reichenbach, no Estação Botafogo. Ambos os diários não deram uma linha sobre as obras premiadas.

Em depoimento para esta dissertação, Wolney Malafaia – que participou das edições de 1985 e 1986 do prêmio como presidente da FCERJ – destacou a importância do São Saruê:

> O São Saruê era uma luta contra a censura. A censura foi abolida em 1985 pelo Fernando Lyra[99], que foi ministro da Justiça nomeado pelo Tancredo, mas ficou um ano à frente com o Sarney. A partir daí, (o São Saruê) não tinha mais razão de ser, porque não havia mais censura. O prêmio até poderia ter sido mantido, mas foi uma decisão interna do movimento na época, porque nós tínhamos muitos projetos e o São Saruê era mais um. Mas os anos em que ele durou foram muito importantes. A Federação aparecia, e a presença do Vladimir era sempre uma coisa muito mágica. Ele era um nobre, uma pessoa pra cima, e um militante ativo. Era sempre muito bom conviver com ele e com os cineastas.[100]

4.7. PARA AS CRIANÇAS

Se, aos sábados, as sessões nem sempre eram de pura diversão - dependendo da obra apresentada e do debate, podiam ser bastante tensas - o clima era bem diferente no dia seguinte. Aos domingos, às 10h, exibia-se um filme para crianças, com entrada franca. Terminada a apresentação, o público infantil recebia papel, lápis de cor e tinta guache para se expressar, sem a interferência dos pais. Os desenhos podiam ser levados para casa ou deixados no Macunaíma.

Quem estava à frente desses eventos eram Tina Correia, casada com Ancelmo Gois; Marita, a primeira mulher de Mauricio Azêdo; Elane Maciel; e Jalusa Barcellos. Fichel Davit diz que o primeiro filme infantil exibido no Macunaíma teria sido o russo *A flor de pedra* (1946), de Aleksandr Ptushko, mas a pesquisa nos jornais da época não confirmou essa informação. De acordo com o "Jornal do Brasil", a programação começou no dia 1º de setembro de 1974, com a sessão batizada de "Chapliniana": *O*

[99] Embora a censura só tenha sido abolida com a Constituição de 1988, Fernando Lyra anunciou o fim do controle prévio de espetáculos e publicações pelo Ministério da Justiça em evento realizado no dia 29 de julho de 1985 no Teatro Casa Grande, no Leblon, Rio de Janeiro.

[100] Wolney Malafaia concedeu este depoimento por escrito em 10 de dezembro de 2024.

vagabundo (1915), *A senhorita Carlitos*[101] (1915), *O banco* (1915) e *Carlitos policial* (1916), todos de Charles Chaplin. Na manhã do domingo seguinte, o cartaz foi um filme soviético sobre a vida circense: *Hoje - nova atração* (1966), de Nadezhda Kosheverova e Apollinari Dudko.

> Achamos que seria uma boa fazer uma atividade incluindo crianças. Então, nós bolamos uma sessão às dez da manhã aos domingos com filmes que nós pegávamos nas embaixadas, geralmente do Canadá e da Holanda. Filmes educativos, com assuntos de turismo, desenhos, mais ou menos pra formar o público infantil de cinema. (A iniciativa) durou mais de seis meses, pelo menos.[102]

O "Boletim da ABI" de março/abril de 1975 atribui a iniciativa de promover sessões infantis à Diretoria de Atividades Culturais da associação, "em colaboração com o Cineclube Macunaíma". No entanto, segundo Marita, ex-mulher de Azêdo, a ideia de atrair as crianças para o cineclube partiu de um grupo de professores que frequentava o Macunaíma nas noites de sábado. De acordo com o "Boletim da ABI" de setembro de 1974, eles fizeram um curso especializado no Cineduc[103] – Cinema e Educação, que funcionava no 7º andar do edifício 424 da Avenida Graça Aranha, no Centro do Rio. A relação do Cineduc com os cineclubistas era tão estreita a FCERJ ocupava uma das duas salas da instituição, pagando em contrapartida uma parte da taxa de condomínio.

A partir de maio de 1975, como anunciou o "Boletim da ABI" de março/abril daquele ano, o horário das sessões dominicais mudou para 16h. A publicação afirmava que a "sessão de criatividade" – em que as crianças pintavam, desenhavam e faziam colagens após o filme – "é a única do gênero que se realiza com caráter permanente no Rio de Janeiro, o que demonstra a importância que a ABI tem hoje no plano cultural do Estado".[104]

Uma reportagem de página quase inteira no "Boletim" de maio/junho de 1975, intitulada "Matinê de cinema na ABI: uma hora de criatividade", anunciava a intenção de reunir os trabalhos das crianças em uma exposição, mas não há notícias de que a

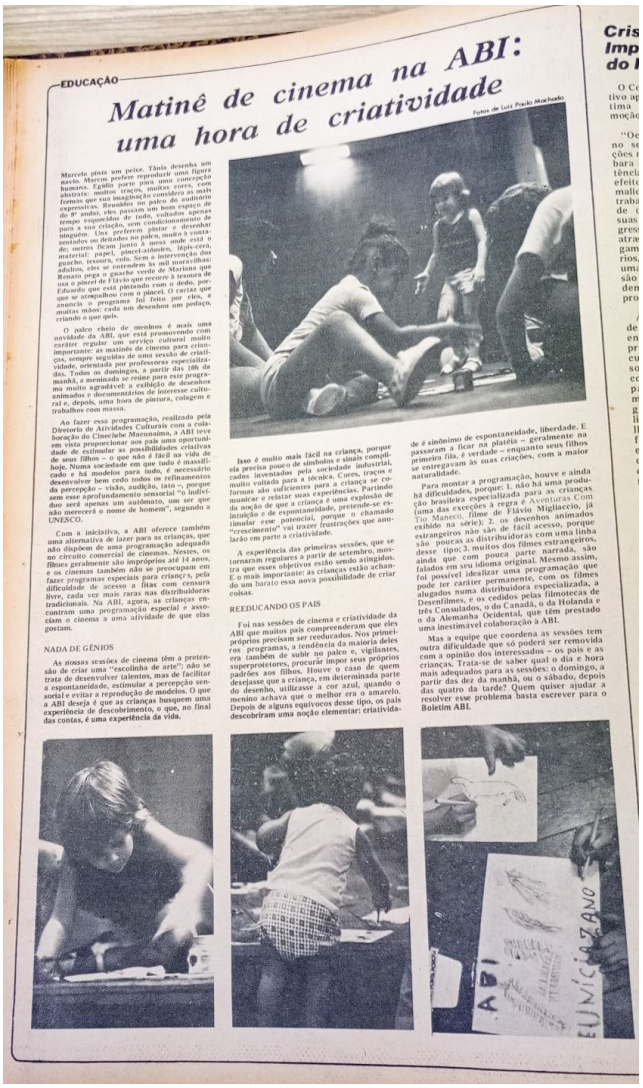
---

[101] A programação do "Jornal do Brasil" anunciava o filme *A mulher*, mas o título em inglês, *The Woman*, foi traduzido no Brasil para *A senhorita Carlitos*.
[102] Depoimento de Maria de Nazareth Capiberibe Azêdo gravado pelo filho dela, Luiz Mauricio Azêdo, para este trabalho.
[103] O Cineduc foi uma entidade sem fins lucrativos criada em 1970 para "promover a reflexão sobre as linguagens audiovisuais com o público infanto-juvenil e educadores, formais e informais, a fim de contribuir no processo educativo transformador". Disponível em https://www.cineduc.org.br/. Último acesso em 3 de outubro de 2024.
[104] "Boletim da ABI" de março/abril de 1975.

mostra tenha ocorrido. Outro projeto era promover um curso de cinema para crianças, por meio do Cineduc.

> "Foi nas sessões de cinema e criatividade da ABI que muitos pais compreenderam que eles próprios precisam ser reeducados. Nos primeiros programas, a tendência da maioria deles era também de subir no palco e, vigilantes, superprotetores, procurar impor seus próprios padrões aos filhos. Houve o caso de quem desejasse que a criança, em determinada parte do desenho, utilizasse a cor azul, quando o menino achava que o melhor era o amarelo. Depois de alguns equívocos desse tipo, os pais descobriram uma noção elementar: criatividade é sinônimo de espontaneidade, liberdade. E passaram a ficar na plateia – geralmente na primeira fila, é verdade – enquanto seus filhos se entregavam às suas criações, com a maior naturalidade."[105]

Figura 43: Reportagem no "Boletim da ABI" sobre as sessões infantis



EDUCAÇÃO

Matinê de cinema na ABI: uma hora de criatividade

Fotos de Luiz Paulo Machado

Marcelo pinta um peixe. Tânia desenha um navio. Marcos prefere reproduzir uma figura humana. Egeão parte para uma concepção abstrata: muitos traços, muitas cores, com formas que sua imaginação cria e as mais expressivas. Reunidos no palco do auditório do andar, eles passam um bom espaço de tempo esquecidos de tudo, voltados apenas para a sua criação, sem condicionamento de ninguém. Uns preferem pintar e desenhar sentados ou deitados no palco, muito à vontade; outros ficam junto à mesa onde está o material: papel, pincel-atômico, lápis-cera, guache, tesoura, cola. Sem a intervenção dos adultos, eles se entendem às mil maravilhas: Renato pega o guache verde de Marlena que usa o pincel de Flávio que recorre à tesoura de Eduardo que está pintando com o dedo, por que se atrapalhou com o pincel. O cartaz que anuncia o programa foi feito por eles, a muitas mãos: cada um desenhou um pedaço, criando o que quis.

O palco cheio de meninos é mais uma novidade da ABI, que está promovendo com caráter regular um serviço cultural muito importante: as matinês de cinema para crianças, sempre seguidas de uma sessão de criatividade, orientada por professoras especializadas. Todos os domingos, a partir das 10h da manhã, a meninada se reúne para esse programa muito agradável: a exibição de desenhos animados e documentários de interesse cultural e, depois, uma hora de pintura, colagem e trabalhos com massa.

Ao fazer essa programação, realizada pela Diretoria de Atividades Culturais com a colaboração do Cineclube Marcusmins, a ABI teve em vista proporcionar aos pais uma oportunidade de estimular as possibilidades criativas de seus filhos – o que não é fácil na vida de hoje. Numa sociedade em que tudo é massificado e há modelos para tudo, é necessário desenvolver bem cedo todos os refinamentos da percepção – visão, audição, tato –, porque sem esse aprofundamento sensorial "o indivíduo será apenas um autômato, um ser que não merecerá o nome de homem", segundo a UNESCO.

Com a iniciativa, a ABI oferece também uma alternativa de lazer para as crianças, que não dispõem de uma programação adequada no circuito comercial de cinemas. Nestes, os filmes geralmente são impróprios até 14 anos, e os cinemas também não se preocupam em fazer programas especiais para crianças, pela dificuldade de acesso a fitas com censura livre, cada vez mais raras nas distribuidoras tradicionais. Na ABI, agora, as crianças encontram uma programação especial e associam o cinema a uma atividade de que elas gostam.

NADA DE GÊNIOS

As nossas sessões de cinema têm a pretensão de criar uma "escolinha de arte"; não se trata de desenvolver talentos, mas de facilitar a espontaneidade, estimular a percepção sensorial e evitar a reprodução de modelos. O que a ABI deseja é que as crianças busquem uma experiência de descobrimento, o que, no final das contas, é uma experiência da vida.

Isso é muito mais fácil na criança, porque ela precisa pouco de símbolos e sinais compli cados inventados pela sociedade industrial, muito voltada para a técnica. Cores, traços e formas são suficientes para a criança se comunicar e relatar suas experiências. Partindo da noção de que a criança é uma explosão de intuição e de espontaneidade, pretende-se estimular esse potencial, porque o chamado "crescimento" vai trazer frustrações que anularão em parte a criatividade.

A experiência das primeiras sessões, que se tornaram regulares a partir de setembro, mostra que esses objetivos estão sendo atingidos. E o mais importante: as crianças estão achando um barato essa nova possibilidade de criar coisas.

REEDUCANDO OS PAIS

Foi nas sessões de cinema e criatividade da ABI que muitos pais compreenderam que eles próprios precisam ser reeducados. Nos primeiros programas, a tendência da maioria deles era também de subir no palco e, vigilantes, superprotetores, procurar impor seus próprios padrões aos filhos. Houve o caso de quem desejasse que a criança, em determinada parte do desenho, utilizasse a cor azul, quando o menino achava que o melhor era o amarelo. Depois de alguns equívocos desse tipo, os pais descobriram uma noção elementar: criatividade é sinônimo de espontaneidade, liberdade. E passaram a ficar na platéia – geralmente na primeira fila, é verdade – enquanto seus filhos se entregavam às suas criações, com a maior naturalidade.

Para montar a programação, houve e ainda há dificuldades, porque: 1. não há uma produção brasileira especializada para as crianças (uma das exceções à regra é Aventuras Com Tio Maneco, filme de Flávio Migliaccio, já exibido na série); 2. os desenhos animados estrangeiros não são de fácil acesso, porque são poucas as distribuidoras com uma linha desse tipo; 3. muitos dos filmes estrangeiros, ainda que com pouca parte narrada, são falados em seu idioma original. Mesmo assim, foi possível idealizar uma programação que pode ter caráter permanente, com os filmes alugados numa distribuidora especializada, a Desenfilmes, e os cedidos pelas filmotecas de três Consulados, o do Canadá, o da Holanda e o da Alemanha Ocidental, que têm prestado uma inestimável colaboração à ABI.

Mas a equipe que coordena as sessões tem outra dificuldade que só poderá ser removida com a opinião dos interessados – os pais e as crianças. Trata-se de saber qual o dia e hora mais adequados para as sessões: o domingo, a partir das dez da manhã, ou o sábado, depois das quatro da tarde? Quem quiser ajudar a resolver esse problema basta escrever para o Boletim ABI.

Fonte: Acervo da ABI / Reprodução

[105] Reportagem publicada no "Boletim da ABI" de maio/junho de 1975.

A maioria dos filmes para as sessões infantis de domingo era obtida em consulados - sobretudo os do Canadá, da Holanda e da Alemanha Ocidental - e institutos que os cediam de graça. Eventualmente, segundo a reportagem, eram alugados de uma distribuidora chamada Desenfilmes, especializada em películas de animação. O texto listava, entretanto, alguns obstáculos para manter a programação: a falta de produções brasileiras para crianças; o difícil acesso a desenhos animados estrangeiros, disponíveis em poucas distribuidoras; e o fato de muitos não serem dublados em português. Mesmo assim, o repertório era bastante diversificado e fugia do lugar-comum da Disney, como contou Elane Maciel:

> Era ótimo, porque eram filmes, desenhos animados de países do Leste Europeu, que emprestavam pra gente. E depois nós fazíamos uma coisa de lazer pras crianças. Naquela época, não tinha shopping, não tinha nada. Os pais ficavam maravilhados. As crianças ficavam lá desenhando. A gente levava papel de casa, canetas. Tudo para o lazer das crianças.[106]

As informações referentes às sessões infantis do Macunaíma são ainda mais escassas do que sobre o cineclube em geral. Além disso, há muitas controvérsias. Embora Davit afirme que a programação para crianças era mensal, o arquivo do "Jornal do Brasil" mostra que, em alguns casos, a frequência foi bem maior. Em setembro de 1974, houve duas exibições matinais; em novembro, foram três: "Festival de filmes infantis" nos dias 3 e 10 e "Festival de desenhos", no dia 24. No primeiro, o programa incluía *A raposa e a motocicleta*, *O coelho e o lobo* e *Aventuras de Pepininho*, todos da ex-URSS; os holandeses *A Holanda constrói com tijolos* e *Velejando*; e *Dusseldorf*, da então Alemanha Ocidental. Não foram encontradas informações adicionais sobre nenhuma dessas produções.

Já em 10 de novembro, foram exibidos os soviéticos *Caleidoscópio 68* (1968), de Lev Atamanov, e *O macaquinho da Ilha Sorocaima* (ano e direção desconhecidos); *Os pássaros brancos* (ano e direção desconhecidos), da Alemanha Ocidental; o canadense *A fábula da cadeira* (1957), de Norman McLaren; o inglês *A rua da feira* (ano e direção desconhecidos); e o holandês *Amsterdã* (ano e direção desconhecidos). No dia 24, foi apresentada uma versão soviética animada de *O fantasma de Canterville* (1970), de Valentina Brumberg e Zinaida Brumberg, além de filmes da Inglaterra e do Canadá.

[106] Elane Maciel concedeu entrevista em 13 de agosto de 2024.

> A gente trabalhava muito com as embaixadas, Maison de France... Quando não era o Cosme (Alves Netto, da Cinemateca do MAM), eram as embaixadas, né? As embaixadas ajudavam. A gente ia na embaixada, tinha lá um filme. Filme infantil.[107]

Em 15 de fevereiro de 1975, a atração foi o média-metragem *O garoto* (1921), de Charles Chaplin. Em março, novamente duas sessões do "Festival de filmes infantis", nos dias 9 e 30. No primeiro, títulos de O Gordo e O Magro – a famosa dupla de comediantes Oliver Hardy e Stan Laurel – além de desenhos animados e documentários. No dia 30, Carlitos, Mack Sennett e Popeye. De acordo com a programação publicada no "Jornal do Brasil", essas foram as únicas sessões infantis no Macunaíma. Duraram pouco: apenas cinco meses e meio, menos do que revelou Marita.

4.8. OS 'TIJOLINHOS'

Nos anos 1970 e 1980, o "Jornal do Brasil" - fundado em 1891 e pertencente à família Nascimento Brito - era um diário de grande prestígio no Rio de Janeiro. Tinha os melhores jornalistas e colunistas e, acima de tudo, reputação de ser uma publicação progressista, em contraposição a "O Globo", da família Marinho. O que era publicado no JB virava assunto nas rodas de conversa na praia e nos bares da Zona Sul, pontos de encontro da elite intelectual que se considerava "de esquerda".

Uma seção imperdível por essa turma eram os "tijolinhos" do Caderno B, o suplemento cultural do "Jornal do Brasil". Eram pequenos retângulos que traziam a programação de cinema, teatro, artes plásticas e shows, muito antes do surgimento da internet. Em uma época em que o Rio de Janeiro tinha dezenas de cineclubes e salas comerciais de exibição, o espaço dedicado ao cinema costumava ser o maior, em comparação com teatro, artes plásticas e shows.

O JB tinha um "Conselho de Cinema" formado por críticos renomados: José Carlos Avellar, Ely Azeredo, Susana Schild, Ivanir Yazbeck, Roberto Mello, Rogério Bitarelli e Hugo Gomez. Se algum deles tivesse assistido ao filme, o "tijolinho" dava a classificação atribuída à obra: de uma (ruim) a cinco estrelinhas (excelente), acompanhadas eventualmente de um pequeno comentário. Às vezes, em poucas linhas, o crítico ia direto ao ponto. Ao atribuir cinco estrelas a *Vidas secas*, de Nelson Pereira

[107] Ancelmo Gois concedeu entrevista em 29 de novembro de 2023.

dos Santos, exibido diversas vezes no Macunaíma, Ely Azeredo foi cirúrgico: "exemplar realização do Cinema Novo – quando este ainda era cinema e novo."

A partir de 1983, o JB começou a informar também a "cotação do leitor": até cinco estrelas, com base na média do que o público do diário atribuía a cada filme. Para participar, era preciso preencher um cupom publicado no jornal, com espaço também para comentários, e entregá-lo em uma agência dos Classificados ou enviá-lo pelo Correio. *Morangos silvestres* (1957), de Ingmar Bergman, exibido às 21h do dia 3 de setembro daquele ano, foi o primeiro filme do Macunaíma a ganhar cotação do leitor: cinco estrelas, a mesma dada pelos críticos.

Figura 44: Cupom do JB para o leitor atribuir cotação aos filmes


O LEITOR É O CRÍTICO

Neste cupom publicado diariamente no JORNAL DO BRASIL, o leitor pode opinar sobre qualquer espetáculo em cartaz, ou qualquer disco clássico ou popular, recém-lançado. Basta atribuir cotações de uma (ruim) a cinco (ótimo) estrelas. Nas observações, pode acrescentar qualquer comentário, inclusive sobre a qualidade da projeção ou o estado da sala. As cotações serão computadas diariamente. Tirada a média, esta será publicada junto à nota do respectivo espetáculo na seção **Divirta-se** do **Caderno B**. O cupom deve ser entregue na agência dos Classificados do JORNAL DO BRASIL mais próxima de sua casa ou enviado pelo Correio para o JORNAL DO BRASIL, seção **Divirta-se**, Av. Brasil 500, 6º andar, CEP nº 20 940

AS COTAÇÕES DIVULGADAS REFLETEM APENAS A OPINIÃO DOS LEITORES

Espetáculo .....
Local/Canal de TV .....
Dia ..... Hora .....
Cotação .....
Observações .....
.....
.....
Nome do leitor .....
Profissão ..... Idade .....
Endereço .....
CEP ..... Telefone .....

Fonte: Acervo do "Jornal do Brasil" / Reprodução

O jornalista Ancelmo Gois, que foi porteiro do Macunaíma, ficava impressionado com o impacto causado por um simples "tijolinho":

> Uma coisa que chamava a minha atenção é o seguinte. Era sábado à noite, né? No centro da cidade. E tinha dias em que a sessão era cheia, completamente cheia de pessoas interessadas em assistir ao filme. A gente precisava muito do "Jornal do Brasil". Na programação, quando botavam o Macunaíma, a sessão tinha mais gente. A gente botava no "Globo" também, mas "O Globo" não tinha força nenhuma para o nosso público. Se um dia a

> gente esquecesse de botar no JB e só botasse no "Globo", a sessão seria com menos gente.[108]

Os "tijolinhos" sobre a programação do Macunaíma saíam em dose dupla: na sexta-feira, antecipando a sessão, e no próprio sábado, o dia D. Ancelmo não era o único a se impressionar com a repercussão dos anúncios. Nelson Krumholz também, já na década de 1980:

> Tinha um detalhe muito curioso que era o "Jornal do Brasil". O público reagia muito à crítica. Se você botava um filme que tinha chamada de cinco estrelas no JB, lotava geral. E se além das cinco estrelas saísse a foto do filme no tijolinho, lotava também. A gente ficava caçando foto. E quem editava o JB era o (Artur) Xexéo, os amigos. Pessoas muito próximas. Em vez de ficarem dando foto do Spielberg, de *Contatos imediatos*, no sábado pelo menos dava a foto do filme (do Macunaíma). Então, a gente caprichava. Mandava foto bacana.[109]

Embora pequenos, os "tijolinhos" não se limitavam a informar o programa e os horários de exibição. Traziam outros detalhes: se haveria debate e quem seriam os debatedores; prêmios recebidos pelo filme; curtas antes do título principal; se a entrada era franca; outros eventos simultâneos (como lançamento de livros, por exemplo) e se a sessão era em benefício de alguma instituição. Alguns anúncios diziam também se a cópia era nova e em versão integral, o que garantia uma exibição de melhor qualidade e sem cortes: tanto os obrigatórios - determinados pela Censura - quanto os involuntários, resultado da emenda de um rolo no outro para fazer a projeção.

Por trás dos "tijolinhos", havia uma jornalista mencionada por vários entrevistados: Dulce Caldeira, que começou a trabalhar no JB em 1975. Cinéfila de carteirinha, era ela quem decidia o que destacar na programação dos cinemas, entre pré-estreias, estreias, reapresentações e "extras", onde entravam os cineclubes. Fã de programas "alternativos", Dulce dava bastante espaço para o que não estava em cartaz no circuito comercial - sem, claro, negligenciar as grandes produções.

> Os 'tijolinhos' tinham realmente muita importância porque naquela época havia um monte de cinemas na cidade, cineclubes, eram muitos filmes e as pessoas precisavam de uma orientação pra onde ir, o que escolher. Os 'tijolinhos' e as cotações funcionavam nesse aspecto. Sou apaixonada por cinema até hoje. Minha formação de cinema sempre foi belas beiradas. Nunca fui de *blockbuster*. Então, acho que a minha escolha se baseava nisso. O que está sendo programado pelas beiradas é que é importante. Tinha

[108] Ancelmo Gois concedeu entrevista em 29 de novembro de 2023.
[109] Nelson Krumholz concedeu entrevista em 14 de março de 2024.

> mostras que não havia no cinema comercial. Naquela época, havia cinemas enormes, que lotavam, incrivelmente. Mas, pelo meu gosto, eu preferia os programas alternativos. Os cineclubes pra mim eram importantes porque tinham programação alternativa.[110]

E qual filme, entre tantas opções, merecia ter uma foto publicada? Aí, o critério era bastante subjetivo:

> Acho que eu era meio tirana. O critério era o meu gosto, basicamente. Se eu gostasse de determinado diretor... Os cineclubes foram superimportantes porque difundiram diretores que não iam pro circuito convencional. Os cineclubes tinham essa diferença. Ofereciam pra gente coisas que os outros circuitos não ofereciam. Então, a escolha da foto era 'puxa, esse diretor é fantástico, esse filme é um barato, então é essa que vai ser a foto'. Era muito em cima do que eu achava importante.[111]

Ao longo dos anos, o JB deu destaque à programação do Macunaíma, publicando muitas chamadas com fotos de filmes em cartaz no cineclube. A coluna de José Carlos Avellar em 28 de julho de 1974, por exemplo, apresentava uma cena de Paulo Autran em *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha, que seria exibido no sábado seguinte, 3 de agosto, na retrospectiva do cinema brasileiro. Outra foto do longa de Glauber - desta vez, com Jardel Filho e Paulo Gracindo - foi publicada no dia 15 de fevereiro de 1975, para mais uma sessão. Na coluna "Recomendações", Avellar afirmava que *Terra em transe* era o "melhor programa" do fim de semana. Em 2 de agosto, mais um filme brasileiro em evidência: *Amuleto de Ogum* (1974), de Nelson Pereira dos Santos, cartaz da abertura do Mês do Cinema Brasileiro no Macunaíma.

[110] Dulce Caldeira concedeu entrevista em 11 de abril de 2024.
[111] *Ibid*.

Figura 45: Destaque para "Terra em transe" no JB de 15 de fevereiro de 1975



PÁGINA 6 CADERNO B JORNAL DO BRASIL Rio de Janeiro, sábado, 15 de fevereiro de 1975

SERVIÇO COMPLETO

RECOMENDAÇÕES

CINEMA

Terra em Transe, de Glauber Rocha (só hoje no cineclube Macunaíma) é o melhor programa deste fim de semana ao lado de *O Delito Matteotti*, de Florestano Vancini; *A Subita Riqueza da Gente Pobre de Kombach*, de Volker Schloendorff (só hoje na Cinemateca do MAM); *Diario de uma Garota Esquizofrenica*, de Nelo Risi, e ainda dos programas especiais com comedias de Laurel e Hardy (no Joia e na Cinemateca). J. C. A.

Entre as estréias, um divertimento amavel: *Nossa, que Loucura!* Entre as reapresentações, *Relatorio de um Homem Casado*, *O Marginal*, *A Estrela Sobe*, *O Magico de Oz* (matinês), *Golpe de Mestre*. Na area das continuações, *A Conversação* e *Era uma Vez, em Hollywood*. (E. A.)

DISCOS

Numa semana sem muitas novidades, a unica recomendação fica para o publico de jazz, com o lançamento do LP *Return To Forever*, de Chick Corea (Polydor). O tecladista é acompanhado no disco por Stanley Clark (baixo), Lenny White (bateria) e Al Dimeola (guitarra). (A. C.)

TEATRO

Ate que possam ser avaliadas as três novidades que estreiam esta semana, os principais destaques cabem a *O Casamento do Pequeno Burguês* — para quem *topa* enfrentar uma festa bem selvagem — e a *O Amante de*

Colocação: ★ ruim, ★★ regular, ★★★ bom, ★★★★ muito bom, ★★★★★ excelente

ESTRÉIAS

NOSSA, QUE LOUCURA (For Pete's Sake), de Peter Yates. Com Barbra Streisand, Michael Sarrazin, Estelle Parsons e William Redfield. Super Bruni-70 (Rua Visconde de Pirajá, 595 — 287-1880). Rio (Rua Senador Dantas, 45 — 220-2646). Paratodos, Casablanca (Petrópolis). 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Pathé (Rua Uruguaiana, 94 — 253-1414). 14 anos.

★★★ Bom divertimento dirigido profissionalmente ao gênero e ao seu astro Barbra Streisand, por Peter Yates. A direção não acerta o ponto de equilíbrio e produz o efeito das comédias mediocres dos anos 30 e 40. (E.A.)

AS NOITES ARDENTES DE UM SUPERMACHO (Il Maschio Ruspante), de Antonio Racioppi. Com Giuliano Gemma e Barbara Bach. Roma-Bruni (Rua N. Sra. da Paz). Bruni-Tijuca (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2329). 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

O MAGNIFICO (Le Magnifique), de Philippe de Broca. Com Jean-Paul Belmondo, Jacqueline Bisset, Monique Tarbes e Annie Wercler. S. Luiz (Rua do Catete, 315 — 225-7459). Copacabana (Av. Copacabana, 801 — 257-2212). América (Rua Tenente Marones de Gusmão, 85 — 284-0046). 16h, 18h, 20h, 21h50m. Capri (Av. Nilo Peçanha, 88 — 252-1046). 16h10m, 20h, 21h50m. Vaz e Ponte (Rua Visconde de Pirajá, 547 — 287-1880). 16h20m. Pirajá (Rua Visconde de Pirajá, 547 — 287-1880). 16h20m, 18h30m, 20h40m, 22h50m. Imperio (Rua Senador Vergueiro, 19 — 224-5276). 14h30m, 16h20m, 18h10m, 20h.

AEROPORTO 1975 (Airport 1975), de Jack Smight. Com Charlton Heston, Karen Black, George Kennedy, Gloria Swanson, Linda Blair e Dana Andrews. Odeon (Rua Mexico, 98 — 262-6243). Tijuca (Rua Conde de Bonfim, 472 — 264-5140). Central (Av. Rio Branco, 277 — 22-3080). 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m. (14 anos). Salvador, Leblon e Grajaú. Roxy.

★ Convencional aeroporto de transplante de pulso. Um hipocondríaco provoca explosão em pleno vôo sem piloto no qual abriu rasgo de um metro. 747 chega a um dos aeroportos mais movimentados do mundo sem piloto e sem passageiros. (J.C.A.)

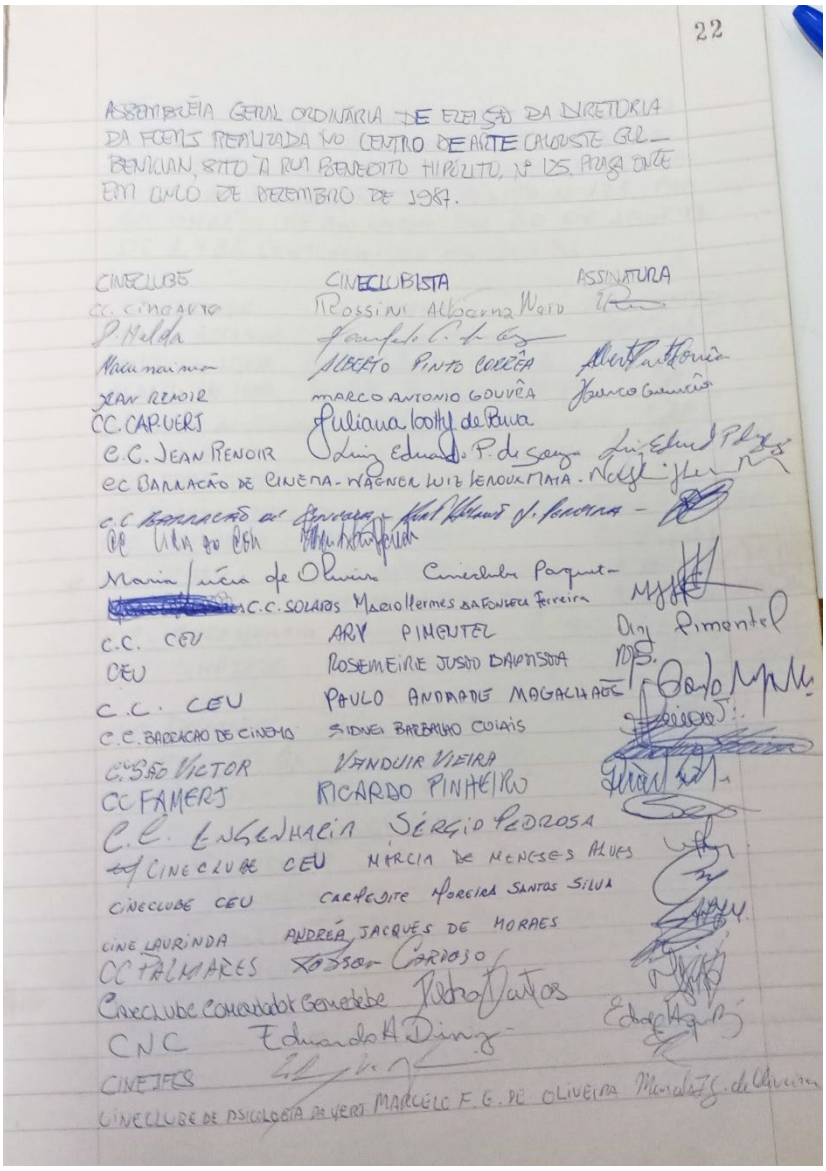
A CONVERSAÇÃO (The Conversation), de Francis Ford Coppola. Com Gene Hackman, John Cazale, Allen Garfield e Cindy Williams. Art-Palácio Copacabana (Av. Copacabana, 759 — 235-1895). Art-Tijuca (Rua Santa Rosa, 124 — 284-0046). 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m. (18 anos). Aos sábados, versão à meia-noite no Art-Palácio Copacabana.

★★★ Um clássico filme policial e uma obra renovada com a intuição de Hitchcock e a técnica de Welles envolvem em um só mistério e em um só suspense. (J.C.A.)

ERA UMA VEZ EM HOLLYWOOD (That's Entertainment!). Coletânea de filmes musicais da MGM e reportagem sobre Jack Haley, Fred Astaire, Gene Kelly, Esther Williams, Mickey Rooney, Judy Garland, Lana Turner, Ava Gardner, Elizabeth Taylor, Debbie Reynolds, Peter Lawford, Van Johnson, Frank Sinatra, Howard Keel, Kathryn Grayson, Ann Miller, Jane Powell, Red Skelton, Donald O'Connor, Cyd Charisse

Corrêa participou de outras reuniões da FCERJ naquele ano, como mostram as atas disponíveis no acervo da Cinemateca do MAM. O cineclubista não foi localizado: os entrevistados não se lembram dele, que também não consta nos quadros de associados da ABI.

Figura 46: Assinatura de representante do Macunaíma em assembleia da FCERJ



Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

A primeira crise do Macunaíma, porém, começara alguns anos antes. Em 1982, seu principal líder e fundador, Mauricio Azêdo, saiu do cineclube para se dedicar integralmente à política, candidatando-se a vereador pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). Ele deixou o PCB acompanhando Luís Carlos Prestes, que fora destituído do cargo de secretário-geral em 1980 por divergências em relação aos rumos da legenda. Prestes tornou-se presidente de honra do PDT, embora nunca tenha se filiado a outra agremiação que não o Partido Comunista Brasileiro.

A saída de Prestes do PCB foi uma das faces visíveis do racha na esquerda fluminense, que afetou em cheio o cineclubismo no Rio de Janeiro. Em 1982 – o primeiro ano com eleições diretas para governador desde o golpe militar de 1964 – partidos de oposição se dividiram entre as candidaturas de Miro Teixeira (PMDB) e Leonel Brizola (PDT) ao governo do estado. Embora o Partido Comunista Brasileiro tenha decidido se aliar ao PMDB em nível nacional, um grupo local optou por apoiar Brizola, seguindo Azêdo e Prestes.

> Esse racha na esquerda foi particularmente significativo pro pessoal que militava no PCB. Teve um grupo que já tinha se retirado do PCB acompanhando o Prestes, mas a maioria se manteve. O Mauricio Azêdo, por exemplo, que era o cara que estava sempre à frente da ABI, saiu do PCB apoiando o Prestes. E manteve a linha de apoio dele ao Brizola. Isso fez com que no Macunaíma particularmente, que tinha muita gente ligada ao PCB, houvesse conflito. (...) Mas não foi só o Macunaíma não. Quase todo o movimento cineclubista do Rio de Janeiro sofreu com isso. Havia muitos cineclubes no Rio no início dos anos 80. Em 1982, quando fizemos um balanço pela Federação, havia quase cem atuando. E, no segundo semestre de 1982, eram o Jean Renoir e mais dois ou três. O Glauber Rocha e o Leme acabaram nessa época, por causa de briga política. O PCB era hegemônico dentro do movimento cineclubista e rachou. [112]

Devido à divisão no PCB e à saída de Azêdo, o Macunaíma ficou seis meses sem funcionar: de 19 dezembro de 1981 – quando foi exibido, às 21h, *O demônio das onze horas* (1965), de Jean-Luc Godard, dentro da programação do Rio Cine Festival – a 26 de junho do ano seguinte. Neste dia, o cineclube foi reaberto com *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha, às 21h. No segundo semestre de 1982, quem estava à frente da programação era possivelmente o filho de Mauricio Azêdo, Luiz Mauricio, que inclusive assina alguns balanços conjuntos com a Cinemateca do MAM. Ele manteve as sessões semanais, com pequenas interrupções em outubro e na segunda

[112] Wolney Malafaia concedeu entrevista em 14 de fevereiro de 2024.

metade de novembro. O último filme daquele ano foi *Corações e mentes* (1974), de Peter Davis, às 19h do dia 4 de dezembro.

Naquele ano de eleições e com Azêdo disputando pelo PDT uma vaga na Câmara Municipal do Rio, o Macunaíma teve uma sessão de cunho notadamente político: em 13 de novembro de 1982, dois dias antes de a população ir às urnas, o cineclube apresentou, às 21h, o longa-metragem *Crueldade mortal* (1976), de Luiz Paulino dos Santos, seguido pela exibição do copião de um documentário sobre a campanha eleitoral no Rio de Janeiro e por um debate com Darcy Ribeiro (candidato a vice-governador na chapa de Leonel Brizola), Luiz Paulino, Xavier de Oliveira (cineasta), José Frejat (que disputava a reeleição para a Câmara dos Deputados pelo PDT) e outros. Focado na violência no Rio, o filme de Luiz Paulino era baseado no caso real do linchamento de um idoso com problemas mentais ocorrido em 1970 na Baixada Fluminense.

Em 1983, o espaço retomou a programação regular, mas com alguns hiatos: não houve sessões em fevereiro e, em junho e julho, apenas uma em cada mês. Depois disso, o ritmo de dois filmes por sábado se manteve até outubro de 1986. Em novembro, o Macunaíma ficou fechado, e o último programa do ano foi *Cenas de um casamento* (1974), de Ingmar Bergman, no dia 6 de dezembro.

O funcionamento intermitente coincidiu com a saída da velha guarda de jornalistas do Macunaíma. Davit não se recorda de quando exatamente deixou o cineclube, mas o espaço ficou à deriva por alguns períodos. Em 1982, porém, Nelson Krumholz, então presidente do Conselho Nacional de Cineclubes (CNC), foi procurado por Mauricio Azêdo para administrar o Macunaíma. A FCERJ estava acéfala, por dois motivos: a divisão na esquerda fluminense e a contratação de muitos cineclubistas pela Embrafilme.

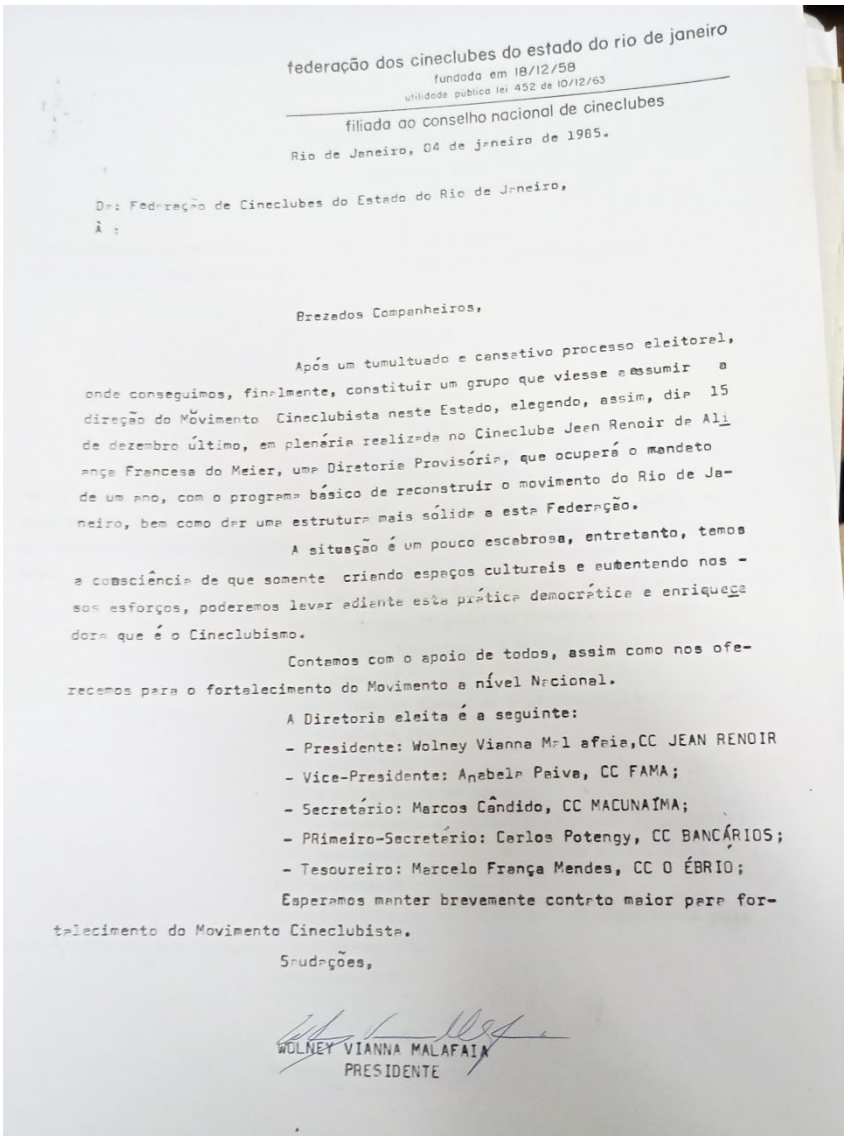
> O Mauricio Azêdo começou a participar mais da luta política e não tinha mais tempo pra cuidar do cineclube. Começou a ser muito demandado, a própria ABI começou a entrar em muita briga lá dentro, grupos políticos e tal. Ele fez um contato com a gente, me procurou e disse que não tinha mais condição de programar, ia passar para a Federação. Eu disse: "Ok, baby, manda". Ele respondeu: "Só não vão fazer merda. Estou botando a mão no fogo por vocês."[113]

Com a Federação esvaziada, o CNC – que deveria focar em ações nacionais – assumiu também a gestão do movimento cineclubista no Rio de Janeiro. Até que, no fim

[113] Nelson Krumholz concedeu entrevista em 14 de março de 2024.

de 1983, formou-se uma comissão para administrar a FCERJ, com Wolney Malafaia, Anabela Paiva e Marcelo França Mendes, entre outros. Um ano depois, foi eleita uma diretoria provisória para a Federação – para cumprir o que deveria ter sido o biênio 1983-1985 – e o trio venceu, para um mandato mais curto, de um ano. Passado esse período, em nova eleição, Wolney se manteve na presidência da Federação, mas com outros companheiros de chapa.

Figura 47: Carta aos cineclubistas informa resultado da eleição para a FCERJ



federação dos cineclubes do estado do rio de janeiro
fundada em 18/12/58
utilidade pública lei 452 de 10/12/63
filiada ao conselho nacional de cineclubes

Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1985.

De: Federação de Cineclubes do Estado do Rio de Janeiro,
À :

Prezados Companheiros,

Após um tumultuado e cansativo processo eleitoral, onde conseguimos, finalmente, constituir um grupo que viesse a assumir a direção do Movimento Cineclubista neste Estado, elegendo, assim, dia 15 de dezembro último, em plenária realizada no Cineclube Jean Renoir da Aliança Francesa do Meier, uma Diretoria Provisória, que ocupará o mandato de um ano, com o programa básico de reconstruir o movimento do Rio de Janeiro, bem como dar uma estrutura mais sólida a esta Federação.

A situação é um pouco escabrosa, entretanto, temos a consciência de que somente criando espaços culturais e sustentando nossos esforços, poderemos levar adiante esta prática democrática e enriquecedora que é o Cineclubismo.

Contamos com o apoio de todos, assim como nos oferecemos para o fortalecimento do Movimento a nível Nacional.

A Diretoria eleita é a seguinte:

- Presidente: Wolney Vianna Malafaia, CC JEAN RENOIR
- Vice-Presidente: Anabela Paiva, CC FAMA;
- Secretário: Marcos Cândido, CC MACUNAÍMA;
- PRimeiro-Secretário: Carlos Potengy, CC BANCÁRIOS;
- Tesoureiro: Marcelo França Mendes, CC O ÉBRIO;

Esperamos manter brevemente contato maior para fortalecimento do Movimento Cineclubista.

Saudações,

WOLNEY VIANNA MALAFAIA
PRESIDENTE

Fonte: Acervo da Cinemateca do MAM / Reprodução

Com o Macunaíma nas mãos e sem a FCERJ, Krumholz tinha um problema, mas a solução veio a calhar. O paulista Adhemar de Oliveira acabara de chegar ao Rio, trazendo na bagagem uma experiência bem-sucedida na gestão do Cineclube Bixiga. O Bixiga fora criado em 1981 por três advogados – Antonio Gouveia Jr., Arnaldo Vuolo e Frank Ferreira – no imóvel onde antes funcionava uma lavanderia, na Rua 13 de Maio, no bairro Bela Vista, em São Paulo. Adhemar foi convidado por Krumholz para assumir o cineclube na ABI. Em troca, receberia uma ajuda de custo para se manter na cidade.

Assim como o Macunaíma, o Bixiga caíra por acaso no colo de Adhemar, recém-formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Ele havia acabado de pedir demissão do Banco Central, onde entrara graças à aprovação em um concurso para estudantes universitários. Trabalhou em meio período no BC até terminar a faculdade. Planejava se mudar para o Rio de Janeiro e depois ir para o exterior.

> O Cineclube Bixiga era a coqueluche daquele período. Quando o Gouveia soube que eu estava saindo do Banco Central pra ir embora, me desafiou a ficar e tocar o Bixiga, que só tinha seis meses e estava enfrentando problemas administrativos. Eu falei pro Gouveia que ficaria um ano. Peguei com plenos poderes e botei em ordem, criei o Projeto Escola, que foi um sucesso, colocamos sessão à meia-noite. Ali, eu aprendi um punhado de coisas: a projetar em 35mm, onde estavam os filmes, a administrar uma sala em termos de custos e receitas. Terminou o ano e eu quis ir embora de São Paulo. Eu tinha quatro amigdalites por ano, não aguentava a poluição... Depois de oito anos em São Paulo, peguei a mala e vim embora pro Rio.[114]

Quando se desligou do Macunaíma, Mauricio Azêdo fez um pedido: que Luiz Mauricio, seu filho, ficasse encarregado da bilheteria. Era Mauricinho, como o chamavam, quem vendia os ingressos no saguão do auditório. A receita líquida já não era mais repartida com a Cinemateca do MAM – que, segundo o website da instituição, deixou de fazer exibições esporádicas no Macunaíma em 1981 – e sim com a Federação de Cineclubes. A divisão ocorria depois de abatidas as despesas, e da parte que cabia à FCERJ saía uma ajuda de custo para Adhemar. O percentual do Macunaíma ficava com Mauricinho. O filho de Azêdo não se lembra exatamente, mas chegou a mencionar, em entrevista gravada para este trabalho, que 70% iam para a Federação e 30% para o cineclube. Esse esquema se manteve até o filho de Azêdo sair do Macunaíma, em 1985 ou 1986.

A remuneração de Adhemar – que anos mais tarde se tornaria um dos maiores exibidores do Brasil – era semanal e variável, dependendo do público presente às

[114] Adhemar de Oliveira concedeu entrevista em 19 de março de 2024.

sessões. “Era uma verba de manutenção. Se não desse ninguém, não dava nem pra tomar um chope. Quando lotava, dava pra tomar dez chopes”, brincou ele, em entrevista para este trabalho. Para economizar, Adhemar – solteiro na época - morava em uma república no bairro do Flamengo, na Zona Sul do Rio. Ficou à frente do Macunaíma por pouco mais de dois anos.

O fato de Luiz Mauricio reter parte da receita, mesmo sem a participação dos antigos jornalistas no Macunaíma, não era bem-visto por outros integrantes do grupo. O ex-cineclubista Gil Vicente, que hoje trabalha na Agência Nacional do Cinema (Ancine), resumiu a insatisfação:

> Ele ia lá pra ficar sentado naquela mesa em L, pra cobrar os ingressos. Só pra isso. Fechou a última sessão, a das 21h, contou-se o dinheiro, fazia um cálculo de padaria, o líquido é esse. Ele pegava metade, botava no bolso e ia embora. A outra metade ia pra Federação. Desde que eu comecei a frequentar o Macunaíma, isso me chamou a atenção. Qual é a função desse cara que não faz nada? Ele pega o dinheiro e vai embora. Não foi uma negociação que aconteceu na época em que eu estava lá. O que me diziam é que na verdade tudo ali na ABI funcionava em função de feudos. Tinha os jornalistas históricos, militantes históricos da ABI. Cada um era o mandachuva de uma área e ninguém mexia. O Macunaíma era a área do Mauricio Azêdo.[115]

O produtor audiovisual Sergio Pedrosa, que também ajudou a programar o Macunaíma junto com Marcelo Mendes, por volta de 1985, não entendia a função de Luiz Mauricio, como contou em entrevista para este trabalho:

> Uma parte da receita ia pro Mauricinho, que só fazia o caixa. (...) Uma vez eu fiquei muito aborrecido porque ele foi embora, e era uma sessão em que a cópia estava errada. Ele apagou as luzes, só deixou o elevador, enquanto a gente explicava que a sessão teria que parar e os ingressos seriam devolvidos. Quando eu saí, estava tudo apagado e ele tinha levado a grana. Fui lá na Cinelândia buscá-lo pra voltar. Imagino que eu não tenha sido muito delicado com ele...[116]

O próprio Luiz Mauricio não estava satisfeito com a contabilidade. Diz que, no arranjo final, eram abatidas despesas com as quais não concordava:

> Eles cobravam uma coisa que eu não achava justo, mas eu não queria brigar. Era o que chamam de divulgação. Bastava mandar uma coisa para o ‘Jornal do Brasil’. Era uma coisa simples, você mandava por telex. Enfim, então, pagava-se pela divulgação, que era só no JB, porque no jornal ‘O Globo’ era o mesmo que nada.[117]

---

[115] Gil Vicente concedeu entrevista em 8 de maio de 2024.
[116] Sergio Pedrosa concedeu entrevista em 28 de maio de 2024.
[117] Luiz Mauricio Azêdo concedeu entrevista em 9 de dezembro de 2023.

O fato é que, com a entrada de Adhemar, o Macunaíma ganhou uma nova roupagem. A pesquisadora Claudia Dottori se lembra do cineclubista quase como um animador:

> Na verdade, ele (Adhemar) era quem sempre apresentava, era animado... Me lembro do Luiz Mauricio na bilheteria e do Adhemar apresentando. Ele apresentava as duas sessões do dia, avisava que não podia fumar na sessão, e anunciava a programação da semana seguinte. Não falava muito, mas era uma presença muito marcante. Cabelo grande, bigode. Era uma presença forte.[118]

Entre o fim de 1983 e o início de 1984, com Wolney à frente da comissão que passou a dirigir a FCERJ, a Federação montou uma banca no saguão do auditório da ABI para vender revistas, livros sobre política e cinema e cartazes de filmes. Era mais uma fonte de renda para a entidade, já que o valor da mensalidade paga pelos cineclubes à Federação era baixo e havia muitos inadimplentes. Sem falar na receita de bilheteria, irrisória após a divisão com Luiz Mauricio.

A programação também mudou. Filmes de caráter notadamente político já não eram mais imprescindíveis. Embora o Brasil ainda estivesse sob o regime militar – o Governo Figueiredo só acabou em 1985 - havia um processo de redemocratização em curso. O Macunaíma passou a ter uma grade mais diversificada, com títulos de Werner Herzog, Rainer Werner Fassbinder, Carlos Saura, Luis Buñuel, Roman Polanski, Pier Paolo Pasolini, Robert Altman, Woody Allen e muitos outros, como conta Krumholz:

> O Adhemar começou a trazer muitas ideias de São Paulo, muito boas. O Macunaíma estava muito politizado, essa que é a verdade. Ele começou a colocar coisas novas, que não tinham a ver exclusiva e diretamente com a luta política que se travava naquele momento. Houve uma mudança para filmes não exclusivamente engajados. Um público muito mais diversificado e maior. As pessoas da política estavam fazendo política, não tinham mais tempo nem pra ir ao cinema. Então, ele começou a organizar e trazer esse tipo de programa, passar Monty Python, Herzog, Fellini, Antonioni, Godard. Com isso, a gente começou a mudar o perfil do cineclube para uma coisa mais leve. Não precisava ter debate depois. Bastava passar o filme e quem quisesse que fosse até o Amarelinho. Em frente, tinha o Vermelhinho também. Eram dois bares e se discutia lá. O resultado era muito bom.[119]

Adhemar não tinha ligação com partidos nem sofrera a repressão na pele, apesar de ter passado uma noite na cadeia, em 1977. Foi quando a polícia invadiu a Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo para reprimir o 3° Encontro Nacional dos

[118] Claudia Dottori concedeu entrevista em 21 de março de 2024.
[119] Nelson Krumholz concedeu entrevista em 14 de março de 2024.

Estudantes, que discutia a reorganização da União Nacional dos Estudantes (UNE), então na clandestinidade. Na ocasião, cerca de 900 jovens foram presos.

> Não vivi a ditadura nas metrópoles. Na época, eu estava caçando passarinho no interior. Eu cheguei em São Paulo em 1975, o ano da morte do Herzog, da suspensão do curso do Foucault[120] na minha faculdade. Foi um aprendizado. Depois, em 77, fui preso naquela invasão na PUC. O Erasmo Dias[121] invadiu e levou todo mundo preso. Ficamos uma noite no Batalhão Tobias de Aguiar. Eu tinha 19 anos, era estudante... (...) (No cineclubismo), apesar de saber que eu estava brigando contra a falta de liberdade e tudo o mais, a minha cabeça era um pouco mais aberta porque eu não tinha sofrido as agruras que o pessoal da geração anterior tinha sofrido com o regime. As relações que eu tive foram um pouco mais democráticas - não que uma prisão seja democrática - em termos do tratamento.[122]

O cineclubista levou ao Macunaíma a fórmula que dera certo no Bixiga: novidades e bons filmes que tinham duração curta no circuito comercial. Como não atraíam um número suficiente de espectadores para cobrir o custo das grandes salas, ficavam uma ou duas semanas e logo saíam de cartaz. Mas os modelos de negócio do Macunaíma e do Bixiga eram bem diferentes. Ao contrário do espaço na ABI, o Bixiga era um cineclube de rua, desvinculado de qualquer associação, sindicato ou igreja, e abria todos os dias da semana. Anos depois, essas características marcariam o Cineclube Estação Botafogo, fundado por Adhemar e outros parceiros.

> Eu comecei a usar os meus conhecimentos pra fazer a programação do Macunaíma. A programação nessa época no Rio estava muito caída. Programação alternativa nem existia. Era ainda um período de censura, não de liberdade plena. E no Macunaíma a gente tinha a ABI como elemento forte para garantir a nossa liberdade. Fui apresentando coisas, trazendo filme a filme, todo sábado, duas sessões, às 19h e às 21h. Fiquei praticamente dois anos e meio fazendo isso e tocando minha vida, esquecendo de ir embora pro exterior. A minha cabeça era aberta também porque eu nasci em parque de diversões. Desde moleque eu estou acostumado com as mudanças, com bilheteria, com apresentação de espetáculo. Isso pra mim era uma continuidade. Eu fiz Ciências Sociais, entrei no Banco Central, mas não ia virar nunca um burocrata sentado atrás de uma mesa porque a minha vida desde a infância foi esse agito. Morei um mês em cada cidade, em São Paulo, Minas e Paraná, fiz grupo escolar, o primeiro ano primário, um mês em cada cidade. O segundo ano também, mudava todo mês. Meu pai tinha parque de diversões. Quando era pra fazer o ginásio, minha mãe ou arrumava um parente pra gente ficar ou internato. No meu caso, fui pro Colégio Marista de Ribeirão Preto fazer o ginásio. [123]

---

[120] O filósofo francês Michel Foucault veio cinco vezes ao Brasil e à USP para lecionar e fazer palestras. Em uma dessas ocasiões, em 1975, suspendeu as aulas em protesto contra a prisão de professores e estudantes.

[121] O coronel do Exército Erasmo Dias foi secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo entre 1974 e 1979.

[122] Adhemar de Oliveira concedeu entrevista em 19 de março de 2024.

[123] *Ibid*.

Alguns filmes só fizeram sucesso depois de explodirem no Macunaíma. Foi assim com os já mencionados *Encontros com homens notáveis* (1979) e *O boulevard do crime* (1945), exibido nos anos de 1984 e 1987, dividido em duas partes. Nenhum dos dois tinha sido apresentado antes no Bixiga.

> Foi eu exibir no Rio e as distribuidoras receberem marcação pro Brasil inteiro. O filme do Marcel Carné foi um sucesso enorme. Quando eu pedi de volta, só (consegui para) três meses depois, e tinham cortado o filme. Voltou sem uma cena do mímico. Algum cinema tirou um pedaço do filme. Tirou de propósito, pra guardar. Coisa de cinéfilo. (...) Todos os filmes que a gente passava no Macunaíma ganhavam vida em outras marcações. As distribuidoras corriam pra marcar o filme comigo, me procuravam oferecendo.[124]

Adhemar ficou no Macunaíma até 1985, quando partiu para o projeto do que viria a ser o Estação Botafogo. Até acabar definitivamente, o cineclube na ABI teve outros programadores – entre eles, Marcelo França Mendes, que tinha sido eleito para a FCERJ junto com Wolney Malafaia, assumindo a função de tesoureiro da Federação. Marcelo tinha experiência como cineclubista: fora do cineclube O Ébrio, que funcionava na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Chegou a fazer dobradinha com Adhemar no Macunaíma até ele ir para o futuro Estação Botafogo.

> Quando eu entrei no Macunaíma, ele era programado pelo Adhemar. Eu entrei na Federação, na verdade. Em 83[125], tem eleição na Federação, o Wolney vira presidente; eu, tesoureiro; e a Anabela[126], não lembro o cargo. Era um triunvirato revolucionário. O Macunaíma era fonte de receita da Federação, segundo a gente sabia. Eu comecei a programar, não teve problema nenhum, e aí o Adhemar saiu. Eu programei de algum momento em 83 até 86, acho.[127]

Marcelo Mendes era bem mais objetivo na escolha dos filmes. Estava sempre ligado no que poderia atrair público – afinal, todo cinema precisa de espectadores para se manter. Como as listas dos acervos de algumas distribuidoras só continham título e diretor, ele fazia uma pesquisa para decidir o que incluir na programação. Frequentava assiduamente a Biblioteca Nacional, na Avenida Rio Branco, no caminho entre o Macunaíma e a Rua Álvaro Alvim, onde ficavam muitas empresas de distribuição. Um dos longas-metragens sobre os quais pesquisou, por exemplo, foi *Hitler – uma carreira*

[124] Adhemar de Oliveira concedeu entrevista em 19 de março de 2024.
[125] Na verdade, a eleição foi em 1984, como já escrito aqui. No fim de 1983, Marcelo Mendes fez parte de uma comissão que administrou provisoriamente a FCERJ por um ano.
[126] Anabela Paiva, jornalista, foi eleita vice-presidente da Federação de Cineclubes.
[127] Marcelo França Mendes concedeu entrevista em 15 de março de 2024.

(1977), de Christian Herrendoerfer e Joachim Fest, anos depois exibido também no Estação Botafogo. “Eu precisava saber que raio de filme era aquele. A favor ou contra Hitler?”, contou, em entrevista.

Em 1986, Marcelo Mendes saiu do Macunaíma, quando já dividia a tarefa de programá-lo com o produtor audiovisual Sergio Pedrosa. Pedrosa, porém, ficou poucos meses no cineclube: naquele mesmo ano, foi trabalhar no Rio Cine, representando a FCERJ. Em seu lugar, assumiu Gil Vicente, que desde 1984 fazia o tráfego de cópias para o Macunaíma: a rotina de pegar as latas de filmes nas distribuidoras na sexta-feira e devolvê-las na segunda-feira seguinte. Para isso, recebia “um dinheirinho todo sábado” após a sessão. A partir de 1986, acumulou essa tarefa com a programação.

Gil Vicente não se lembra de quanto tempo ficou no Macunaíma. Em entrevista, também disse que foram poucos meses, mas permaneceu pelo menos até o início de 1987, como mostra uma reportagem publicada no Caderno B do “Jornal do Brasil” de 26 de janeiro daquele ano. De lá, o cineclubista foi trabalhar como gerente no Estação Botafogo, onde permaneceu por oito anos.

Entre 13 de dezembro de 1986 e 2 de maio de 1987, o Macunaíma ficou fechado. As sessões só foram retomadas no dia 9 de maio, com *Corações e mentes* (1974), de Peter Davis, às 19h, e *Sacco e Vanzetti* (1971), de Giuliano Montaldo, às 21h, possivelmente graças ao retorno de um velho personagem dessa história: Adhemar de Oliveira. Mesmo à frente do Estação, ele voltou a programar o cineclube na ABI aos sábados por um breve período. Foi quando Adhemar estava lá que houve a sessão histórica de *Encontros com homens notáveis* (1979), de Peter Brook, que lotou o auditório: no dia 10 de outubro de 1987, às 21h, após a exibição de *Morangos silvestres* (1957), de Ingmar Bergman.

Figura 48: Edição do JB de 8 de maio de 1987 anuncia a volta à ativa do Macunaíma, no dia seguinte



FIM DE SEMANA

James Stewart & obsessões: Um corpo que cai *no Estação*

Mulher, Hitchcock & Cia.

A partir de Nelson Rodrigues, Leon Hirschman realizou em 1965 uma das melhores versões NR no cinema: **A falecida**. Nele, em primorosa composição, Fernanda Montenegro trafega — hoje, às 18h30min — entre gente como Paulo Gracindo, Nelson Xavier, Ivan Cândido. **A falecida** está no ciclo **A mulher no cinema mundial**, que a Cinemateca do MAM vem apresentando. Depois de Fernanda será a vez de Anna Magnani demonstrar por que é considerada uma das maiores atrizes do cinema, em **Mamma Roma** (às 20h30min), um Pasolini de 62. Amanhã, às 18h30min, um Aleksaner Kluge de 74, **Trabalhos ocasionais de uma escrava** e, em seguida, um extraordinário momento de Zezé Motta: **Xica da Silva**, bom exemplo da vertente cine-história do Brasil. Ainda no sábado, às 16h30min, e no MAM, na série **Exigência do público**, Charles Chaplin a mil: **O garoto**.

Já o Estação Botafogo prossegue com Hitchcock. Hoje é dia de **Festim diabólico** — trama de crime & filosofia envolvendo James Stewart, John Dall e Farley Granger. Amanhã, retoma um de seus grandes clássicos: **Suspeita**. E lá vai Cary Grant subindo as escadas com aquele copão de leite aparentemente envenenado, seqüência-estilo de Hitch. James Stewart estará de volta em **Um corpo que cai**, vertiginoso ensaio. E na Sala 16, **Tempos modernos** de Chaplin divide espaço com excelente mostra da boa animação que se vai fazendo no Brasil.

Voltando à ativa, o Cineclube Macunaíma mostra dois filmes importantes: **Corações e mentes**, o primeiro libelo anti-Vietnã (às 19h) e o contundente **Sacco e Vanzetti**, em seguida. Só fica em casa quem quer.

Fonte: Acervo do "Jornal do Brasil" / Reprodução

5.2. UM GOLPE MORTAL: O ESTAÇÃO

No artigo "Cineclubismo no Brasil – esboço de uma história" (2003), a pesquisadora Débora Butruce afirma que muitos cineclubes fecharam suas portas após a redemocratização, em 1985. Isso aconteceu com os caracterizados "essencialmente por uma atitude político-cultural", que perderam a função com a volta do Estado Democrático de Direito. Não era mais necessário tê-los como fachada para a atuação política. "Com a volta da normalidade democrática, a instrumentalização que muitos

partidos e outras organizações faziam dessa atividade não se mostrou mais necessária." (BUTRUCE, 2003, p. 122)

A tese de Débora, porém, não se aplica ao Macunaíma em particular. Desde a saída de Mauricio Azêdo e seu grupo, em 1982, o cineclube já não era uma "célula" do PCB. Deixou de ser "biombo", tornando-se um espaço de programação diversificada, e não essencialmente política. As mostras de cinema soviético, tcheco e polonês deram lugar, por exemplo, a longas-metragens como *O império da paixão* (1978) e *O império dos sentidos* (1976), ambos do japonês Nagisa Oshima, exibidos respectivamente às 19h e às 21h do dia 1º de outubro de 1983, já na gestão de Adhemar.

> De uma certa forma, (a redemocratização) delimitou quem é que estava trabalhando com a cultura independente da política. Politicamente, todo mundo estava. Mas tinha gente que estava ali simplesmente porque não tinha um campo político onde atuar. Esses, quando o campo político abriu, pularam pro campo político. E quem trabalhava com a cultura com viés da cultura mesmo, como é o caso meu e de outras pessoas que conheci, estava ali pelo filme, pelo debate. Não seríamos candidatos a nada e não estávamos buscando uma carreira política.[128]

Com os novos gestores, o Macunaíma também abriu espaço para a experimentação: em 19 de maio de 1984, o programa "Um outro cinema" apresentou às 18h, com entrada franca, uma série de curtas-metragens em Super-8: *Na terra da Mintchura* (1984), de Ricardo Favilla; *Sinais de pólvora* (1980), de Clóvis Molinari; e *O comício da Candelária - Cine Jornal* (1984), de Clóvis Molinari, Jorge Emanuel e Rudi Santos. Foi uma noite de programação tripla: às 19h, *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha, e às 21h, *O ano passado em Marienbad* (1961), de Alain Resnais. Em 1986, a programação ousou: em maio, houve uma mostra de filmes do diretor polonês Walerian Browczyk, conhecido pela estética erótica; e, em setembro, o ciclo "Prostituição e cinema".

Como já mencionado, a pá de cal sobre o Macunaíma não foi a conjuntura política, e sim o surgimento de um concorrente de peso, comandado pelo mesmo personagem que dera nova vida ao cineclube na ABI. Adhemar de Oliveira já sonhava ter um espaço que pudesse funcionar todos os dias da semana, como o Bixiga, em São Paulo. Visitou algumas salas – inclusive, segundo Fátima Taranto, uma na sobreloja do Cine Roxy, em Copacabana – mas acabou arrendando o Coper, em Botafogo, um cinema decadente que pertencera ao Grupo Severiano Ribeiro.

[128] Adhemar de Oliveira concedeu entrevista em 19 de março de 2024.

O Cineclube Coper Botafogo foi inaugurado em 3 de junho de 1985, com o filme *Jonas que terá 25 anos no ano 2000* (1976), de Alain Tanner, que havia sido exibido no dia 16 de março no Macunaíma. Pouco depois, o grupo liderado por Adhemar conseguiu um patrocínio do extinto Banco Nacional e fechou o Coper para reformas, reabrindo-o em novembro com o nome de Estação Botafogo, pois ficava bem perto da estação do metrô. O filme escolhido para a reabertura foi o longa-metragem inédito *Eu sei que vou te amar*, de Arnaldo Jabor, que seria lançado comercialmente em todo o Brasil no ano seguinte. Cerca de 500 pessoas compareceram, lotando o espaço.

> Apareceu uma oportunidade, que foi o Coper Botafogo. Eu liderei o encaminhamento disso, de pegar o cinema, independente de patrocínio, de qualquer coisa, e meter a cara. Aí, em vez de duas sessões num dia da semana, eu teria quatro sessões por dia, sete dias da semana. (...) Com a abertura maior, o próprio Macunaíma perdeu de certa forma aquela força que ele tinha. Conforme foi democratizando, todos esses espaços foram caindo num lugar quase comum de programação.[129]

Adhemar levou para o novo projeto o "núcleo duro" do Macunaíma: Nelson Krumholz, como sócio, e Marcelo Mendes, como gerente. O grupo se completava com Adriana Rattes, também sócia. Marcelo deixou a função em 1987 e, em seu lugar, assumiu Gil Vicente. Gil gerenciou o Estação durante oito anos, até 1995, e no início chegou a acumular o trabalho diário com as sessões de sábado no Macunaíma.

Entre 1986 e 1987, houve uma intensa troca de programadores no cineclube na ABI: Marcelo Mendes, Gil Vicente e Adhemar, que voltou por algum tempo. É possível que outros – como o já citado Alberto Pinto Corrêa, que assinou algumas atas da FCERJ como representante do Macunaíma – tenham realizado essa tarefa. A instabilidade no comando se refletiu na (falta de) programação: em 1987, o cineclube só abriu a partir de maio. Nelson Krumholz diz que, pouco antes de acabar, o Macunaíma retornou para a ABI, com uma agenda acanhada. Nos estertores do Macunaíma, um dos responsáveis pelo espaço teria sido o jornalista, ator e cineasta Jesus Chediak, ex-diretor de Cultura e Lazer da Associação Brasileira de Imprensa, que morreu de Covid em 2021.

Segundo Sergio Pedrosa, o Macunaíma, já no final, estava sendo abastecido por distribuidoras pequenas, e os poucos filmes disponíveis com mais chances de atrair espectadores iam para o Estação. O público na ABI escasseava, e a equipe convocada

[129] Adhemar de Oliveira concedeu entrevista em 19 de março de 2024.

para trabalhar aos sábados começou a reclamar. Essas queixas chegaram aos ouvidos da direção da Associação:

> Esse período em que não tinha filme pra marcar acumulou uma dívida. Eu lembro de discutir com o Marcelo que passar outro filme como o documentário sobre El Salvador era aumentar a dívida. Deixar de passar era aumentar a cobrança da ABI. O Macunaíma era um incômodo pros funcionários, abrir o prédio num dia em que não tinha necessidade, acabava tarde. Tinha uma resistência grande, uma pressão. 'Isso aí vai continuar acontecendo?'. Você imagina, sessão com quatro pessoas no sábado. Na segunda-feira, os funcionários reclamavam de terem aberto no sábado e só terem quatro pessoas. Era uma pressão para que o Macunaíma justificasse abrir a ABI num sábado. Na verdade, era chateação do pessoal de baixo.[130]

Para piorar, a Associação Brasileira de Imprensa pretendia cobrar aluguel do auditório para as sessões do cineclube. A arrecadação para outros eventos já ocorria pelo menos desde 1979, como mostra um balanço da gestão de Barbosa Lima Sobrinho publicado no "Boletim da ABI" de abril/maio de 1980. O relatório destaca a importância dessa receita para a entidade e anuncia a aplicação de reajustes semestrais na tabela de preços. Segundo Luiz Mauricio, a tentativa de cobrança ocorreu depois da ida de Adhemar para o Coper Botafogo, mas o Macunaíma não chegou a pagar pelo espaço. Fechou antes.

> Coincidiu de eles iniciarem o Coper e a ABI começar a querer cobrar aluguel. Tornou inviável a continuidade do Macunaíma. (A ABI) começou a pensar nisso, mas acho que não foi adiante. Não sei de onde a ABI tirou que o Macunaíma era uma mina de ouro. Não era prejuízo, mas ficava tudo empatado.[131]

O fato é que não havia gente com experiência para tocar tanto o Estação quanto o Macunaíma. Os times eram basicamente os mesmos, e ambos disputavam os mesmos cinéfilos. Os espectadores também ficaram mais exigentes: já não se contentavam com sessões somente aos sábados, ainda mais no Centro do Rio. Perguntado se o Estação contribuiu para o fim do Macunaíma, Krumholz foi direto:

> Isso não é um segredo de polichinelo, é um fato. Quando a gente começou a fazer o Macunaíma, viu o seguinte: havia um público ávido por ver filme normalmente, foi o caso do Estação. O embrião do Estação é o Macunaíma. A gente tinha muito mais filme do que o direito de ter duas sessões no sábado. Era muito pouco. O público estava a fim de ver mais coisa.[132]

---

[130] Sergio Pedrosa concedeu entrevista em 28 de maio de 2024.
[131] Luiz Mauricio Azêdo concedeu entrevista em 9 de dezembro de 2023.
[132] Nelson Krumholz concedeu entrevista em 14 de março de 2024.

Marcelo Mendes completou:

> As pessoas que faziam o Macunaíma passaram a fazer o Estação, que era todo dia. Então, aquela coisa do Macunaíma aos sábados perdeu força. O Estação tinha também a facilidade de acesso. O Estação teve um papel sim, involuntário (para o fim do Macunaíma), mas acho que as pessoas mudaram o foco. Deixei de programar o Macunaíma em 1986. O Adhemar continuou a programar, mas eu não sei mais quanto tempo... Também não sei se ele estava sem saco de programar e não tinha ninguém que quisesse assumir. Eu passei a bola e não me preocupei mais.[133]

O encerramento do Macunaíma ocorreu como um evento qualquer. A última sessão não foi noticiada nem houve clima de despedida. Os entrevistados para este trabalho não souberam dizer quem programou os dois filmes de Ingmar Bergman exibidos no dia 7 de novembro de 1987, muito menos o tamanho do público presente.

6. NOVO MODELO

6.1. MAIS DE 30 ANOS DEPOIS...

Em 2020, em plena pandemia de Covid-19, quando o Macunaíma parecia ter virado história, o cineclube ressurgiu de forma virtual. Em 25 de agosto, sob a curadoria do cineasta Silvio Tendler, o Macunaíma On Line começou a ser veiculado no canal da ABI no YouTube. Dois filmes, ambos de Tendler, inauguraram a nova fase: o curta-metragem *Dr. Getúlio - Últimos momentos* (2000) e o longa *Os advogados contra a ditadura* (2014). Curiosamente, o Macunaíma On Line era apresentado como um cineclube da ABI, descrição que Fichel Davit sempre rechaçou. Em entrevista para esta dissertação, Davit reclamou de não ter sido consultado sobre o uso do nome na iniciativa.

> Pra surpresa minha, uma diretoria da ABI começou a apresentar o Cineclube Macunaíma. Eu levei um susto, porque pelo menos podiam ter me chamado pra conversar, porque eu tinha sido presidente do Macunaíma a vida inteira. Eu fiquei bem chateado com isso, mas depois se resolveu o problema, eu fui lá e tal. Quando (o Macunaíma) completou 50 anos, fui até fazer uma palestra lá num cinema em Copacabana.[134]

[133] Marcelo França Mendes concedeu entrevista em 15 de março de 2024.
[134] Fichel Davit Chargel concedeu entrevista em 5 de junho de 2023.

Quem presidia a ABI na época era o jornalista Paulo Jerônimo, o Pagê, cuja chapa vencera a eleição para o mandato de 2019 a 2022. Tendler entrou para a Associação Brasileira de Imprensa neste período, tornou-se logo conselheiro e, em 2020, integrou a frente ampla que recriou o Macunaíma na versão virtual, ao lado de Vera Perfeito, então diretora de Cultura e Lazer da ABI, das jornalistas Andrea Penna e Zezé Sack e de Ricardo Cota, que fazia a curadoria dos filmes.

De agosto a dezembro de 2020, houve apenas apresentação de filmes, sem debate. E poucos: além dos de estreia, foram exibidos *Coragem! As muitas vidas do Cardeal Paulo Evaristo Arns* (2017), do jornalista Ricardo Carvalho, no dia 3 de novembro, e *Impressões do Brasil, a imprensa brasileira através dos tempos* (1987), em 8 de dezembro, codirigido e roteirizado também por Ricardo Carvalho. A programação era sempre às terças-feiras, com notória preferência por documentários brasileiros, gênero ao qual Tendler se dedicou como cineasta. Também pesava a questão da propriedade intelectual: só entravam na programação obras autorizadas pelo produtor ou pelo detentor de direitos autorais.

> Eu sempre achei que existe um link entre o cinema documentário e o jornalismo. São fronteiras muito discretas, você não sabe onde um e outro começam. Então, eu me interessei em discutir essa questão e entrei na ABI, em plena pandemia. Resolvemos fazer o Macunaíma On Line. Não tinha o *sex appeal* do Macunaíma presencial, mas nós conseguimos. A gente levou pessoas e filmes para debater que ninguém assistia, ninguém debatia e ninguém sabia. Levamos João Batista de Andrade, Geraldo Sarno, Edilson Martins... A gente pegou pessoas que não participavam desses debates de cineclube. Nós devolvemos, através do cineclube on-line, a vida que tem o cineclubismo presencial, que é o debate, a presença das pessoas, a discussão. Funcionou sensacionalmente. Tinha muita participação e muito público, e muito filme que as pessoas não costumavam assistir. [135]

O primeiro filme do Macunaíma On Line a ser debatido foi *Em busca de Carlos Zéfiro ou por tanto leite derramado* (2020), também de Tendler, apresentado no dia 19 de janeiro de 2021. Até então, o longa-metragem tinha sido exibido uma única vez, no Canal Curta!, e com várias tarjas pretas. Conta a história de Zéfiro, pseudônimo do funcionário público Alcides Aguiar Caminha, o mais famoso autor de quadrinhos pornográficos no Brasil entre os anos 1950 e 1970. O debate teve a participação, entre outros, do jornalista Juca Kfouri, que publicou em 1991 uma reportagem na revista "Playboy" com a verdadeira identidade do quadrinista.

[135] Silvio Tendler concedeu entrevista em 22 de maio de 2023.

Figura 49: Sessão do Macunaíma On Line em 3 de agosto de 2021 debate filme de Tizuka Yamasaki



Fonte: ABI TV – YouTube / Reprodução

A partir dali, a sala virtual engrenou. Tendler abria as sessões e apresentava o Macunaíma como "o cineclube mais antigo do Rio de Janeiro, de mais tradição". Com ele na liderança, foram realizadas 57 sessões entre janeiro de 2021 e 19 de abril de 2022, quando da exibição de *Vou rifar meu coração* (2012), de Ana Rieper, que participou de debate em seguida sobre cinema feminino. Mas, como muitas vezes na história do cineclube, houve nova quebra de continuidade: em 29 de abril de 2022, a chapa de oposição – liderada pelo jornalista Octávio Costa - venceu a eleição para a presidência da ABI. Silvio Tendler saiu da Associação Brasileira de Imprensa e o cineclube virtual parou.

A interrupção, no entanto, foi por pouco tempo. Em 1º de junho de 2022, sob o comando da nova diretora de Cultura da ABI, Maria Luiza Busse, o Macunaíma On Line reestreou com o curta-metragem *Nossos mortos têm voz* (2018), dirigido por Fernando Sousa e Gabriel Barbosa. Depois do filme, que aborda a violência do estado na Baixada Fluminense, houve debate com Fernando Sousa, a escritora Mariza Gualano, Ricardo Cota e o crítico Rodrigo Fonseca. Cota só participou desta primeira sessão e indicou Fonseca, que passou a fazer a curadoria, e Mariza.

> Quando começou a campanha (para as eleições na ABI), parou o cineclube. Foi uma promessa de campanha: se a gente for eleito, vai reativar o cineclube. Eu fiz o seguinte: abri para todos os cineastas alternativos brasileiros, viessem de onde viessem. Por falta de dinheiro, a gente não podia pagar direito autoral. O que nós fazíamos? Eu chamava sempre os donos dos

> filmes pra entrevistar. Não só por falta de dinheiro, eu queria também ouvi-los. Todos aqueles que é raro estarem no *mainstream*, serem muito conhecidos... Todo mês tinha um filme, e era assim: a gente jogava no ar no domingo. O programa era terça-feira. Aí, a pessoa tinha domingo, segunda e terça até as 19:30, a hora do programa (para ver). Era muito rico, de fato.[136]

Figura 50: Macunaíma On Line anuncia sessão de "Nossos mortos têm voz" no dia 1º de junho de 2022



Fonte: ABI TV – YouTube / Reprodução

O ABI Cineclube Macunaíma, como passou a ser chamado, ganhou até uma vinheta de abertura. As sessões virtuais continuaram às terças-feiras, porém somente uma vez por mês. A sétima e última de 2022 ocorreu no dia 22 de novembro, com o filme *Campo de jogo* (2014), de Eryk Rocha, que participou do debate. Foi também a última com Maria Luiza, que em 2023 deixou a diretoria de Cultura da Associação. Iara Cruz tornou-se a nova diretora de Cultura e Lazer, mas ainda não retomou o cineclube on-line. O atual presidente da ABI, Octávio Costa, diz que existem planos de reativá-lo, mas nada foi decidido ainda:

> A ideia é fazer (um cineclube) físico, não tem mais motivo pra não fazer. Mas também pode ser on-line. Talvez seja mais fácil, porque o Centro do Rio tá muito esvaziado. É muito difícil levar gente hoje pro Centro. O ideal era reativar o cinema. Temos um projeto, e estamos primeiro buscando aprovação da Lei Rouanet, pra depois levar pra empresários, empresas, o próprio BNDES, a Petrobras, que é de restaurar todo aquele nosso auditório histórico. É belíssimo aquilo ali. A ideia é realmente relançar lá.

[136] Maria Luiza Busse concedeu entrevista em 9 de maio de 2024.

> Eventualmente, pode ter também sessão no YouTube. Será relançado o Cineclube Macunaíma.[137]

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando apresentei o projeto de pesquisa para o Mestrado em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal Fluminense (UFF), a ideia inicial era fazer uma comparação entre o *modus operandi* do Cineclube Macunaíma e os atuais cineclubes. O Macunaíma funcionou em uma conjuntura totalmente diferente da atual: entre os anos de 1973 e 1987, atravessando a ditadura militar e o início da redemocratização. Já os espaços atuais têm liberdade de expressão e criação e uma facilidade inimaginável naqueles tempos: graças ao advento da internet, dos celulares com câmera e dos computadores domésticos, os cineclubistas podem produzir e editar os próprios filmes, a custo quase zero.

No entanto, a segunda parte do trabalho – a comparação – acabou deixada de lado. Embora quase não haja material de arquivo sobre o Macunaíma, os depoimentos obtidos nas entrevistas foram tão ricos que possibilitaram recontar a história do espaço, tarefa que ainda não havia sido empreendida. O cineclube foi provavelmente o mais longevo do Brasil e o único naquela época, pelo menos no Rio de Janeiro, com projeção em 35mm. Formado por jornalistas, ocupava o auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que teve papel relevante no enfrentamento da repressão durante a ditadura militar. No entanto, como fez questão de frisar Fichel Davit, um de seus fundadores, o Macunaíma era "na" ABI, e não "da" ABI.

Escrever sobre o Macunaíma foi, essencialmente, um trabalho de resgate da memória, coletiva e individual. Os entrevistados narraram suas histórias pessoais, que para alguns ficam mais fluidas com o passar do tempo. Sujeitas a subjetividades e lembranças próprias, essas memórias individuais compõem o conjunto maior de uma memória coletiva, também suscetível a flutuações, pode-se dizer, nos aspectos acessórios: o filme, a programação, os debates. Não foram poucas as contradições relativas a esses pontos. E, como a memória é seletiva, cada depoimento tem nuances próprias, baseadas nas experiências vividas individualmente pelos integrantes do grupo.

Como afirmou o sociólogo Michel Pollak (1992), porém, toda memória tem partes imutáveis. No caso do Macunaíma, o que já é dado foram a criação do cineclube

[137] Octávio Costa concedeu entrevista em 9 de maio de 2024.

e sua importância como núcleo de resistência à repressão depois do golpe militar de 1964. Para muitos cineclubistas, o movimento nos anos 1970 era uma atividade política de mobilização, até certo ponto consentida pelos governos militares. A repressão não visava propriamente os cineclubes, e sim quem os utilizava como fachada para a militância política. Como o Macunaíma era quase uma "célula" do Partido Comunista Brasileiro (PCB), seus integrantes não escaparam da mão pesada da repressão. Responderam a processos na Justiça Militar, e alguns foram submetidos a prisões e torturas.

> (...) na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. (POLLAK, 1992, p. 201)

Com altos e baixos, o Macunaíma se manteve de pé até 1987. Teve papel crítico na formação de plateias e nos debates sobre cinema e política. Promoveu e lançou filmes brasileiros e de arte que tinham vida curta no circuito comercial. Exibiu curtas-metragens e organizou lançamentos de livros, revistas e eventos culturais em geral. Foram pelo menos 744 sessões em 14 anos de existência, número obtido através da pesquisa na agenda cultural dos jornais cariocas e também nos "balanços da programação Cinemateca do MAM/Cineclube Macunaíma" arquivados na Cinemateca. O Macunaíma funcionava regularmente aos sábados, mas às vezes abria em outros dias da semana para eventos extraordinários, como festivais, mostras e pré-estreias, ou em parceria com outras instituições.

Embora haja pouco material de época sobre o cineclube – programação e reportagens de jornais sobre a inauguração, folhetos distribuídos ao público, os já mencionados "balanços" e informes no Arquivo Nacional – consultá-lo foi uma experiência essencial para este trabalho. Como escreveu a historiadora brasileira Mary Del Priore, os arquivos contribuem para "modificar perguntas e problemáticas",

enriquecendo informações e ajudando "a definir uma intriga e um cenário"[138]. A crítica, o cruzamento de dados e a checagem das fontes orais tornaram-se indispensáveis, já que não foram encontrados livros, dissertações nem teses sobre o Macunaíma.

Mas, ao contrário da história, a memória não é um produto acabado, como afirma Pierre Nora. Em consultas posteriores, alguns personagens desta dissertação lembraram-se de detalhes que não haviam relatado nas entrevistas. A exaustiva exploração do tema fez *flashes* virem à tona, assim como a memória herdada sobre a qual Pollak escreveu. De tanto ouvir o pai falar sobre o Macunaíma, por exemplo, Luiz Mauricio Azêdo viveu alguns acontecimentos por tabela, sem ter estado presente. "São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não." (POLLAK, 1992, p. 201)

Esses acontecimentos se juntam a personagens e lugares para constituir a memória em torno do Macunaíma. E é impossível dissociá-la do que ocorria no Brasil na época: muitos cineclubes eram pontos de encontro de militantes, onde se debatia o filme exibido e a conjuntura nacional. Cineclubismo e política misturavam-se, como contou a atriz Jalusa Barcellos: o Macunaíma foi fundado "sob encomenda" do PCB, partido que tinha vários jornalistas em seus quadros. Naquele período sombrio, a chancela da outrora prestigiada ABI ajudava: a associação contratou advogados para defender presos políticos e fez gestões junto ao governo e aos parlamentares pela volta da democracia. Dois dos três criadores do cineclube foram presos e torturados - o jornalista Mauricio Azêdo, já falecido, e o fotógrafo Luís Paulo Machado – e outros responderam a inquéritos na Justiça Militar.

Por mais paradoxal que pareça, o Macunaíma, como tantos cineclubes na época, nasceu e cresceu durante a ditadura. Passado o furacão provocado pelo AI-5, decretado em 13 de dezembro de 1968, o movimento cineclubista se reorganizou a partir do início dos anos 1970. Pode-se dizer que havia certa condescendência do regime militar com o cineclubismo: a repressão sobre a atividade era bem mais branda do que sobre outros setores da cultura, como teatro e música. A mão pesada da polícia costumava entrar em ação apenas quando os cineclubes cariocas não enviavam previamente sua programação à censura - exigência que não havia em São Paulo, por exemplo.

[138] Artigo "Fazer história, interrogar documentos e fundar a memória: a importância dos arquivos no cotidiano do historiador". Disponível em http://ahr.upf.br/download/TextoMaryDelPriore2.pdf. Último acesso em 29 de dezembro de 2024.

Vez ou outra, agentes da ditadura assistiam às sessões. Mesmo que quisessem permanecer incógnitos, eram facilmente identificados – um tipo estranho no meio daqueles jovens universitários da Tijuca e da Zona Sul, o público cativo do Macunaíma. Eram esses espectadores que frequentavam o espaço para ver filmes políticos e de arte que passavam longe do circuito comercial. Quem poderia imaginar que no ano de 1975, em plena ditadura, o cineclube teria liberada a exibição de *O Encouraçado Potemkin* (1925), de Sergei Eisenstein, cineasta soviético que teve participação ativa na Revolução Russa de 1917?

Não foi só Eisenstein que preencheu a grande tela do auditório da ABI. Filmes de Akira Kurosawa, Ingmar Bergman, Sergei Eisenstein, Andrzej Wajda, François Truffaut, Alain Resnais, Jean-Luc Godard, Peter Davis, Jean Renoir e outros eram exibidos com frequência no Macunaíma. Entre os cineastas brasileiros, o campeão de sessões foi Glauber Rocha, que participou até de debate com o público. Naquela época, a combinação curta-metragem + filme principal + discussão era um clássico nos cineclubes, contribuindo para formar plateias.

Assim como teve características que o diferenciavam dos demais – projeção em 35mm, auditório semelhante a cinema, jornalistas no comando – ao Macunaíma também coube um fim diferente dos outros cineclubes. Não foi propriamente atingido pelo fim da ditadura, e sim por um motivo muito específico: o surgimento do Cineclube Estação Botafogo. Fechado definitivamente em 1987, o Macunaíma não assistiu a dois feitos que transformaram o cineclubismo no Brasil: o surgimento da internet comercial, em 1995, e o advento dos celulares com câmera, no início dos anos 2000.

Antes da revolução tecnológica, a década de 1980 fora particularmente difícil para os cineclubes. Como diz o cineclubista Rodrigo Bouillet, da Associação de Cineclubes do Estado do Rio de Janeiro (Ascine-RJ), no artigo "Cineclubismo no Brasil – breve histórico, recentes conquistas e desafios" (2006), a redemocratização desarticulou o movimento, "pois o cineclubismo perdera seu principal papel até então, o de *conscientizar o povo através do cinema*" (BOUILLET, 2006, p. 2). Além disso, os cineclubes que existiam em sindicatos e grêmios estudantis acabaram pelo simples fato de que aquelas entidades voltaram a se articular politicamente, como conta Wolney Malafaia:

> O cineclubismo se reestruturou nos anos 1970 como resistência à ditadura. Ele ocupa sindicatos que não podem fazer assembleias, que não têm liberdade de atuação, centros acadêmicos que não existiam. O cineclube trabalhava nesse sentido, de ocupar esses espaços com uma programação de

> filmes e aí abrir o espaço para discussão política. Com a redemocratização, a partir de 1979, esses espaços vão se rearticulando. Centros acadêmicos, grêmios estudantis, a própria UNE e a UEE[139], que estava na clandestinidade, vão ocupando espaço. Os sindicatos vão retomando também. (...) Obviamente, a partir do momento em que o pessoal deixa de trabalhar só com cineclube, ou com cineclube como espaço de resistência, e vai militar no seu sindicato, no seu grêmio, aí vai enfraquecer o movimento cineclubista. A partir de 1978, 1979, quando há essa rearticulação da sociedade civil, o que possibilitaria uma diminuição dos cineclubes, não aconteceu isso. Até 1981, o cineclubismo cresceu muito. Mas não cresceu mais naqueles espaços. Alguns foram mantidos: o cineclube dos engenheiros, o próprio Macunaíma, o cineclube dos bancários, mas a maioria dos cineclubes passa a aparecer em comunidades. [140]

A crise continuou no início dos anos 1990 – e não só para os cineclubes, mas para o cinema brasileiro em geral. O Governo Collor[141] acabou com a Embrafilme, que produzia e distribuía filmes nacionais. Junte-se a isso a escassez de filmes em 16mm, a bitola mais utilizada naqueles espaços, como comenta Gil Vicente:

> A escassez de cópias em 16mm foi um dos responsáveis, no meu entendimento, pela interrupção do movimento cineclubista. Cada vez mais tinha menos opções pra exibir. Em pouco tempo, a gente não teria mais o que exibir nos cineclubes em 16mm. Era meio uma morte, e aconteceu mesmo. Em 1989, 1990, por aí, não tinha quase cineclubismo. O movimento acabou e só foi renascer dez anos depois, na virada da década de 1990 para 2000, com a digitalização.[142]

De fato, o movimento cineclubista só veio se rearticular a partir dos anos 2000, inicialmente dentro das universidades. Em 2006, a Secretaria do Audiovisual (SAv) do Ministério da Cultura lançou a Programadora Brasil, que durou até 2013, distribuindo um catálogo de quase mil DVDs de filmes brasileiros. Naquela época, porém, nem todo cineclube tinha aparelho para reproduzir os discos. Foi então que, em 2009, a mesma SAv criou o Cine Mais Cultura, para incentivar a formação de um circuito alternativo de exibição, disponibilizando kits de projeção (tela, projetor multimídia, DVD *player*, sistema de som e microfone sem fio), acervo e capacitação para gestores locais. A prioridade eram municípios com até 20 mil habitantes, áreas rurais e periferias de grandes cidades que não tinham cinema. Até 2012, foram contempladas 1.043 localidades, mas o programa também não seguiu adiante.

---

[139] União Estadual dos Estudantes

[140] Wolney Malafaia concedeu entrevista em 14 de fevereiro de 2024.

[141] Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito pelo voto direto desde 1960, foi afastado em 1992 após a abertura de processo de impeachment.

[142] Gil Vicente concedeu entrevista em 8 de maio de 2024.

Não existem estatísticas confiáveis do número atual de cineclubes no Brasil. Um censo realizado em 2009 pelo Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros – nomenclatura adotada pelo CNC em 2006 - listava 197 entidades em 19 estados e no Distrito Federal. Segundo a cineclubista Tetê Avelar, que presidiu o CNC entre 2019 e 2023, havia 410 espaços[143] catalogados em 2022, a maioria concentrada no litoral. Essa compilação, no entanto, pode não refletir a realidade. Como não é obrigatório ter cadastro no Conselho, depende de cada cineclube preencher e enviar um formulário à entidade.

A Instrução Normativa nº 63 da Agência Nacional do Cinema (Ancine), de 2 de outubro de 2007, afirma que o registro de cineclubes é facultativo, o que torna ainda mais difícil saber quantos existem. A norma também reitera que eles "são espaços de exibição não comercial de obras audiovisuais nacionais e estrangeiras diversificadas, que podem realizar atividades correlatas, tais como palestras e debates acerca da linguagem audiovisual". São entidades civis sem fins lucrativos, que visam a "multiplicação de público e formadores de opinião para o setor audiovisual" e "a promoção da cultura audiovisual brasileira e da diversidade cultural, através da exibição de obras audiovisuais, conferências, cursos e atividades correlatas".[144]

O propósito continua o mesmo, mas a forma de "cineclubar" – termo utilizado pelos atuais cineclubistas – mudou. Boa parte dos cineclubes já não é mais ligada a sindicatos, e sim a comunidades, escolas, associações de moradores e coletivos. Graças ao advento dos celulares com câmera, muitos produzem e editam os próprios filmes, escolhendo temáticas locais que fazem o espectador se reconhecer na tela e ter a sensação de pertencimento. E a chegada da internet em banda larga provocou duas mudanças significativas nesse mercado: a facilidade de distribuição e exibição e a possibilidade de reunir integrantes de cidades, estados e até países diferentes. Ficaram mais diversos.

Segundo Bouillet – com base em um levantamento da Ascine-RJ realizado entre o fim de 2023 e meados de 2024 – há 70 cineclubes mapeados no Estado do Rio, sendo

---

[143] O mapa dos cineclubes catalogados pelo CNC está disponível em https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?gl=br&ptab=2&ie=UTF8&oe=UTF8&msa=0&mid=15JrFL_uPg_aJwJ55-LFGft_RJNg&ll=-11.839893916990018%2C-73.26079380273438&z=4. Último acesso em 29 de dezembro de 2024.

[144] Instrução Normativa nº 63, de 2 de outubro de 2007, disponível em https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instru-o-normativa-n-63-de-2-de-outubro-de-2007. Último acesso em 29 de dezembro de 2024.

55 filiados à Associação e espalhados por 15 municípios. Funcionam das formas mais variadas possíveis: só on-line, com ou sem debate, apenas com filmes brasileiros, de periferia, formados por coletivos negros e de mulheres e com membros de vários estados, entre muitas outras combinações. É um perfil bastante diferente do que havia no Macunaíma das décadas de 1970 e 1980, como compara o próprio Bouillet, hoje com 47 anos de idade. Ele não conheceu o Macunaíma: só passou a frequentar cineclubes a partir de 2002.

> Acho que antigamente, por força material das restrições que tinha, de realmente ter uma película, ter um projetor, isso fazia com que o cineclubista fosse O cineclubista: não tivesse tempo, jeito, condições de exercer uma segunda, terceira atividade, mesmo que dentro do audiovisual. Hoje em dia, para quem tem oportunidade de usufruir das novas ferramentas, as coisas ficam mais leves, mais fáceis de se comunicar, trocar, de fazer uma tabela no Google Drive, compartilhar com cinco pessoas diferentes, uma no Rio, outra em Manaus... Se faz filme no celular, até porque a qualidade do celular também aumentou. Até um determinado tamanho de tela, dá pra garantir uma projeção ok. Então, as pessoas se viram estimuladas... Eventualmente, o pessoal faz uma mostra, tem um festival à parte. Ao longo do ano, faz o cineclube com uma galera e faz o festival com outra galera, ou a mesma, faz filme que passa no próprio cineclube, ou no festival. O envolvimento com o audiovisual ficou múltiplo mesmo. Em compensação, o cineclubismo, por ser uma atividade sem fins lucrativos, continua implicando que a pessoa tenha uma condição material minimamente estável, já que o cineclubismo mesmo não dá dinheiro. Então, tem muito funcionário público. Ou muitas pessoas que estão envolvidas em outras atividades do audiovisual que as sustentam e abrem a possibilidade do cineclubismo.[145]

Existem várias obras, acadêmicas ou não, sobre o movimento cineclubista atual. Mas a comparação entre os cineclubes que havia durante o regime militar, como o Macunaíma, e os de agora merece um estudo aprofundado que vai muito além deste trabalho. As décadas de 1970 e 1980 assistiram à proliferação daqueles espaços, muitas vezes com o apoio de padres progressistas da Igreja Católica. Hoje, a configuração é diferente, mas o objetivo continua o mesmo: usar o cinema como instrumento para refletir sobre a realidade.

[145] Rodrigo Bouillet concedeu entrevista em 31 de janeiro de 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERVO ARQUIVO NACIONAL. Disponível em https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/login.asp. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

ACERVO DIGITAL O GLOBO. Disponível em: https://oglobo.globo.com/acervo/. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

BOUILLET, Rodrigo. **Cineclubismo no Brasil** – breve histórico, recentes conquistas e desafios. Advir n. 20, p. 104-108, dez 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/12758667/Cineclubismo_no_Brasil_breve_hist%C3%B3rico_recentes_conquistas_e_desafios. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

BUTRUCE, Débora. **Cineclubismo no Brasil:** Esboço de uma história. Acervo, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 117-124, jan-jun 2003.

CALDEIRA, Oswaldo; SANZ, Sérgio; CALDAS, Manfredo. **Contribuição à História do Curta Metragem Brasileiro.** Rio de Janeiro: Oswaldo Caldeira, 2004.

COURI, Norma. Herzog: o papel da ABI num momento histórico. **Associação Brasileira de Imprensa**, 2021. Disponível em: https://www.abi.org.br/herzog-o-papel-da-abi-num-momento-historico/. Acesso em 5 de março de 2024.

CAPITÃO do Expresso da Vitória e da Seleção Brasileira, Augusto também trabalhou na Censura Federal. Netvasco, 2021. Disponível em https://www.netvasco.com.br/n/267424/capitao-do-expresso-da-vitoria-e-da-selecao-brasileira-augusto-tambem-trabalhou-na-censura-federal. Acesso em 2 de janeiro de 2024.

DEL PRIORE, Mary. **Fazer história, interrogar documentos e fundar a memória: a importância dos arquivos no cotidiano do historiador.** Territórios e Fronteiras: Revista de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, v. 3, n. 1, jan-jun 2002.

FERRAZ, Talitha. **A segunda Cinelândia carioca.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

FIGUEIREDO, Hermano; BARBOSA, Regina C.; SEABRA, Carlos. **Cineclubismo:** organização e funcionamento. São Paulo e Recife: Oficina Digital e Vento Nordeste; 2023.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Coleção Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=030015_09&hf=www.google.com. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HISTÓRICO. **MAM RIO.** Disponível em: https://mam.rio/cinemateca/cinemateca-historico/. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

LOURENÇO, Julio C. A contribuição da atividade cineclubística do Chaplin Club (1928-1931) para a maturidade da crítica cinematográfica brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Maringá, 2011.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1998.

MACEDO, Felipe. Da distribuição clandestina ao grande circuito exibidor. **Cineclube Utopia**. Disponível em: http://cineclube.utopia.com.br/. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

MATELA, Rose Clair. **Experiência e narrativa no movimento cineclubista da década de 1970**: "Corações e Mentes". 2007. 229 páginas. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal Fluminense, 2007.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Disponível em: https://memorialdademocracia.com.br/. Acesso em 6 de janeiro de 2025.

MENDES, Marcelo França. **Eu que amava tanto o cinema:** Uma viagem pessoal pela aventura do Cineclube Estação Botafogo. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1993.

PEREIRA, Mônica Mourão. **Jornalistas comunistas na década de 1970:** entre a resistência e a adaptação. 2016. 230 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Artes e Comunicação Social. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, p. 200-212, 1992.

SACK, Zezé. Cineclube Macunaíma da ABI completa um ano online. **ABI**, 2021. Disponível em: https://www.abi.org.br/cineclube-macunaima-da-abi-completa-um-ano-online/. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

SANTOS, Antonio C. de A. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. **Universidade Estadual de Londrina.** Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhostrajetoriasdevidaehistoria.pdf. Acesso em 3 de abril de 2024.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem:** Indagações sobre o século XX. São Paulo, ARX, 2002.

VLADIMIR HERZOG. *In:* MEMÓRIAS da Ditadura. Instituto Vladimir Herzog. Disponível em: https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/vladimir-herzog/. Acesso em 30 de abril de 2024.

APÊNDICE A – RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

Relação de personalidades entrevistadas ou que deram depoimentos para esta dissertação:

Nome do entrevistado/depoente
Adhemar de Oliveira
Ancelmo Góis
Antonio Claudino de Jesus
Claudia Dottori
Dulce Caldeira
Elane Maciel
Fabio Velloso
Felipe Macedo
Fichel Davit Chargel
Fatima Taranto
Gil Vicente
Hernani Heffner
Jalusa Barcellos
José Roberto de Morais
Luís Paulo Machado
Luiz Mauricio Azêdo
Marcelo Mendes
Marco Aurélio Marcondes
Maria de Nazareth Capiberibe Azêdo
Maria Luiza Busse
Nelson Krumholz
Octávio Costa
Rodrigo Bouillet
Sérgio Pedrosa
Silvio Tender
Susana Schild
Tetê Avelar
Wolney Malafaia

APÊNDICE B – PROGRAMAÇÃO

A seguir, a relação de filmes exibidos no Macunaíma entre os anos de 1973 e 1987 (só a programação principal, sem eventuais curtas-metragens ou complementos antes da grande atração). A relação foi obtida de várias fontes: suplementos de cultura dos jornais, reportagens no "Jornal da ABI", Arquivo Nacional e "balanço da programação Cinemateca do MAM/Cineclube Macunaíma".

Em alguns casos, foi necessário corrigir o título do filme, publicado erroneamente. Em outros, faltou o horário da sessão. Houve, ainda, filmes desconhecidos em que não foi possível localizar o nome do diretor(a) ou o ano de lançamento.

Como explicado anteriormente nesta dissertação, não foram realizadas sessões em todos os sábados – ou pode ser que os jornais não tenham publicado a programação do Macunaíma em alguns deles.

Data	**Filme**	**Horário**
1973		
17/nov	O bandido Giuliano (Francesco Rosi)	21h
24/nov	A cidade se defende (Pietro Germi)	21h
01/dez	O assassino (Elio Petri)	21h
08/dez	Paisà (Roberto Rossellini)	21h
15/dez	Cidade nua (Jules Dassin)	21h
22/dez	Outros tempos (Alessandro Biasetti)	21h
29/dez	Um homem tem três metros de altura (Martin Ritt)	21h
1974		
05/jan	Crimes d'alma (Michelangelo Antonioni)	21h
12/jan	O incidente (Larry Pierce)	21h
19/jan	O teto (Vittorio de Sica)	21h
26/jan	Rio, Zona Norte (Nelson Pereira dos Santos)	21h
02/fev	Trono manchado de sangue (Akira Kurosawa)	21h
09/fev	Os inconfidentes (Joaquim Pedro de Andrade)	21h
16/fev	Yojimbo (Akira Kurosawa)	21h
02/mar	Fortaleza escondida (Akira Kurosawa)	21h

16/mar	Harakiri (Masaki Kobayashi)	21h
23/mar	A hora e a vez de Augusto Matraga (Roberto Santos)	21h
06/abr	Assalto ao trem pagador (Roberto Farias)	21h
08/abr	Cidadão Kane (Orson Welles)	20h
13/abr	O anjo embriagado (Akira Kurosawa)	21h
20/abr	Macunaíma (Joaquim Pedro de Andrade)	21h
04/mai	Ganga Zumba (Cacá Diegues)	21h
11/mai	A grande esperança branca (Martin Ritt)	21h
18/mai	Ganga Zumba (Cacá Diegues)	21h
01/jun	Como era gostoso o meu francês (Nelson Pereira dos Santos)	21h
08/jun	Investigação sobre um cidadão acima de qualquer suspeita (Elio Petri)	21h
22/jun	A libertação de L. B. Jones (William Wyler)	21h
06/jul	Caçada humana (Arthur Penn)	21h
20/jul	Os deuses malditos (Luchino Visconti)	21h
27/jul	Menino de engenho (Walter Lima Júnior)	21h
03/ago	Terra em transe (Glauber Rocha)	21h
10/ago	O bandido da luz vermelha (Rogério Sganzerla)	18h
	Brasil ano 2000 (Walter Lima Jr.)	21h
17/ago	Jardim das espumas (Luiz Rosemberg Filho)	18h
	Vida, paixão e morte de Faustão, o cangaceiro negro (Eduardo Coutinho)	21h
24/ago	Bang Bang (Andrea Tonnacci)	18:30
	O pagador de promessas (Anselmo Duarte)	21h
31/ago	Azyllo muito louco (Nelson Pereira dos Santos)	21h
01/set	Chapliniana (exibição de O vagabundo, A senhorita Carlitos, O banco e Carlitos policial)	10h
07/set	O anjo exterminador (Luis Buñuel)	21h
08/set	Hoje nova atração (Nadezhda Kosheverova e Apollinari Dudko)	10h
14/set	Os herdeiros (Cacá Diegues)	21h
05/out	Tristana (Luis Buñuel)	21h
12/out	O cangaceiro (Lima Barreto)	21h
02/nov	Romeu e Julieta nas trevas (Jiří Weiss)	21h
03/nov	Festival de filmes infantis (A raposa e a motocicleta, O coelho e o lobo. Aventuras de Papininha (URSS), A Holanda	10h

	constrói com tijolos e Velejando (Holanda) e Dusseldorf (Alemanha Ocidental)	
09/nov	Uma mulher casada (Jean-Luc Godard)	21h
10/nov	Caleidoscópio 68 e O macaquinho da Ilha Sorocaima (URSS), Os pássaros brancos (Alemanha Ocidental), A fábula da cadeira (Canadá), A rua da feira (Inglaterra) e Amsterdã (Holanda)	10h
16/nov	Hamlet (Tony Richardson)	21h
23/nov	Passe Livre (Osvaldo Caldeira)	21h
24/nov	O fantasma de Canterville (URSS), Os guardas e parques da cidade (Inglaterra), História do Pedrinho, Oleira e Quadrilha do quadrado (Canadá)	10h
07/dez	Rei Lear (direção desconhecida)	21h
14/dez	Macbeth (Roman Polanski)	21h
1975		
02/jan	A terra (Aleksandr Dovjenko)	22h
03/jan	Arsenal (Aleksandr Dovjenko)	22h
04/jan	Os cafajestes (Ruy Guerra)	21h
05/jan	A epopeia dos anos de fogo (Aleksandr Dovjenko)	22h
18/jan	Morte em Veneza (Luchino Visconti)	21h
20/jan	A estreia (Gleb Pantilov)	21h
21/jan	Lika, o amor de Tchékov (Serguei Yutkevich)	21h
22/jan	A gaivota (Yuli Karassik)	21h
23/jan	Segunda-feira veremos (Stanislav Tostotski)	21h
25/jan	Este pássaro branco de mancha preta (Yuri Ilienko)	21h
26/jan	Como os cossacos jogavam futebol (Vladimir Dakhno); A bailarina no navio de Lev Atamanov; Robin Hood, o destemido; Tubic Pagas? (V. Kotyonoenkin); Oh! Moda, moda (Vastang Bastadze)	10h
27/jan	A gaivota (Yuli Karaski)	21h
15/fev	Proezas de satanás da vila do leva e traz (Paulo Gil Soares)	19h
	Terra em transe (Glauber Rocha)	21h
16/fev	O garoto (Charles Chaplin)	10h
01/mar	Vidas secas (Nelson Pereira dos Santos)	21h
08/mar	Rio, 40 graus (Nelson Pereira dos Santos)	21h
09/mar	Filmes de Gordo e Magro, desenhos animados e documentários	10h

15/mar	Viva a república (Karel Kachyna)	21h
29/mar	A carroça (Karol Kachyna)	21h
30/mar	Carlitos, Mack Senneff e Popeye	10h
12/abr	A pequena loja da rua principal (Ján Kadár e Elmar Klos)	21h
19/abr	Todas as mulheres do mundo (Domingos de Oliveira)	21h
24/mai	Curtas-metragens poloneses	19h
	Os deuses malditos (Luchino Visconti)	21h
31/mai	Curtas-metragens poloneses	19h
	Getúlio Vargas (Ana Carolina Teixeira Soares)	21h
14/jun	Tempos modernos (Charles Chaplin)	21h
28/jun	Moinho de pó (Alberto Lattuada)	21h
05/jul	Vidas secas (Nelson Pereira dos Santos)	20h
12/jul	Dom Quixote (Grigori Kozntzev)	21h
19/jul	Suíte polonesa (Jan Lonnitki); Copernico - Época e Gente (Z. Bochenek); Mopliska (K. Marsziak)	19h
	Milagre em Milão (Vittorio de Sica)	21h
26/jul	Curtas-metragens poloneses	19h
	Rashomon (Akira Kurosawa)	21h
02/ago	Uma aventura aos 40 (Silveira Sampaio)	19h
	O amuleto de Ogum (Nelson Pereira dos Santos)	21h
05/ago	Danças e festas populares (Carlos Augusto Oliveira); Os saltimbancos (Arnaldo Jabor); Arte pública (Paulo Veríssimo)	18:15 - 19:45
07/ago	Danças e festas populares (Carlos Augusto Oliveira); Os saltimbancos (Arnaldo Jabor); Arte pública (Paulo Veríssimo)	18:15 - 19:45
08/ago	Absolutamente certo (Ancelmo Duarte)	19h
	A noite do espantalho (Sérgio Ricardo)	21h
09/ago	O petróleo é nosso (Watson Macedo)	19h
	Macunaíma (Joaquim Pedro de Andrade)	21h
11/ago	Terra em transe (Glauber Rocha)	21h
12/ago	O negro na cultura brasileira (Paulo Gil Soares) e Cultura e opulência no Brasil (Jorge Laclette)	18:15 - 19:45
14/ago	O negro na cultura brasileira (Paulo Gil Soares) e Cultura e opulência no Brasil (Jorge Laclette)	18:15 - 19:45
16/ago	Toda donzela tem um pai que é uma fera (Roberto Farias)	19h

	Barravento (Glauber Rocha)	21h
19/ago	Vila boa de Goyaz (Vladimir Carvalho); Beco da fome (autor desconhecido); Arte popular (autor desconhecido)	18:15 - 19:45
21/ago	Vila boa de Goyaz (Vladimir Carvalho); Beco da fome (autor desconhecido); Arte popular (autor desconhecido)	18:15 - 19:45
23/ago	Vai trabalhar, vagabundo! (Hugo Carvana)	19h
	A rainha diaba (Antonio Carlos Fontoura)	21h
26/ago	Feira (Manfredo Caldas); Kuarup (Heinz Forthman); Do sertão ao beco da Lapa (Maurice Capovila)	18:15 - 19:45
28/ago	Feira (Manfredo Caldas); Kuarup (Heinz Forthman); Do sertão ao beco da Lapa (Maurice Capovila)	18:15 - 19:45
30/ago	Como vai vai bem (realização coletiva do grupo Câmara)	19h
	Alô, alô carnaval (Adhemar Gonzaga)	21h
06/set	Curtas-metragens holandeses	19h
20/set	Curtas-metragens holandeses	19h
25/set	O som do povo (Gustavo Dahl); Música contemporânea (Luis Fernando Goulart)	18:15
27/set	Sonhos de mulher (Ingmar Bergman)	21h
02/out	À João Guimarães Rosa (Roberto Santos); Mestre de Apipucos (Joaquim Pedro de Andrade); Vida e obra de Ferreira de Castro (Faria de Almeida); Jornal do Sertão (Geraldo Sarno)	18:15
18/out	Macunaíma (Joaquim Pedro de Andrade)	21h
23/out	José Bonifácio e a independência (Edmundo Leone); Chico Rei (Sanin Cherques); As 13 naus (Galeno Cezimbra); O selo (equipe técnica DFE)	18:15
25/out	Sinhá moça (Tom Payne)	21h
01/nov	O cangaceiro (Lima Barreto)	21h
08/nov	O pagador de promessas (Anselmo Duarte)	21h
15/nov	Vidas secas (Nelson Pereira dos Santos)	21h
06/dez	Arroz amargo (Giuseppe de Santis)	21h
13/dez	Arroz amargo (Giuseppe de Santis)	21h
1976		
03/jan	Bonnie e Clyde: uma rajada de balas (Arthur Penn)	21h
10/jan	Terra em transe (Glauber Rocha)	21h
17/jan	Brasil verdade (Paulo Gil Soares, Maurice Capovilla, Geraldo Sarno)	21h
24/jan	Obsessão (Luchino Visconti)	21h

31/jan	Scarface, a vergonha de uma nação (Howard Hawks)	21h
21/fev	A hora e a vez de Augusto Matraga (Roberto Santos)	21h
06/mar	Deus e o diabo na terra do sol (Glauber Rocha)	21h
20/mar	Tristana (Luis Buñuel)	21h
03/abr	Corrida contra o destino (Richard C. Sarafian)	21h
10/abr	Um homem chamado cavalo (Eliott Silverstein)	21h
17/abr	Sob o domínio do medo (Sam Peckinpah)	21h
24/abr	A inocente face do terror (Robert Mulligan)	21h
01/mai	A reencarnação de Peter Proud (J. Lee Thompson)	21h
08/mai	Os inocentes (Jack Clayton)	21h
15/mai	Balada para Satã (Paul Wendkos)	21h
22/mai	A casa da noite eterna (John Hough)	21h
05/jun	Metello, um homem de muitos amores (Mauro Bolognini)	21h
19/jun	Pequenos assassinatos (Alan Arkin)	21h
26/jun	Ânsia de amar (Mike Nichols)	21h
03/jul	A noite dos desesperados (Sydney Pollack)	21h
10/jul	Roma (Federico Fellini)	21h
17/jul	De punhos cerrados (Marco Bellocchio)	21h
24/jul	Domingo maldito (John Schlesinger)	21h
07/ago	Macunaíma (Joaquim Pedro de Andrade)	21h
14/ago	O padre e a moça (Joaquim Pedro de Andrade)	21h
28/ago	Os inconfidentes (Joaquim Pedro de Andrade)	21h
11/set	Kanal (Andrzej Wajda)	21h
18/set	Cinzas e diamantes (Andrzej Wajda)	21h
02/out	O amuleto de Ogum (Nelson Pereira dos Santos)	21h
09/out	O homem célebre (Miguel Farias Júnior)	21h
23/out	Compasso de espera (Antunes Filho)	21h
30/out	Vozes do medo (Roberto Santos)	21h
20/nov	São Bernardo (Leon Hirszman)	21h
1977		
15/jan	Deus e o diabo na terra do sol (Glauber Rocha)	21h
19/mar	O fantasma da liberdade (Luis Buñuel)	21h
14/mai	Aqui termina o inferno (Masaki Kobayashi)	21h
18/jun	Ladrões de cinema (Fernando Coni Campos)	21h

25/jun	Os homens que pisaram na cauda do tigre (Akira Kurosawa)	21h
09/jul	Quanto mais quente melhor (Billy Wilder)	21h
16/jul	Sem destino (Dennis Hopper)	21h
30/jul	O sétimo selo (Ingmar Bergman)	21h
06/ago	O rei da noite (Hector Babenco)	21h
13/ago	Aleluia, Gretchen (Silvio Back)	21h
20/ago	Lição de amor (Eduardo Escorel)	21h
27/ago	Vidas secas (Nelson Pereira dos Santos)	21h
03/set	Pasqualino, sete belezas (Lina Wertmuller)	21h
10/set	Alexandre Nevsky (Sergei Eisenstein)	21h
24/set	Quando voam as cegonhas (Mikhail Kalatorov)	21h
01/out	A dama do cachorrinho (Joseph Keilitz)	21h
08/out	Cavalos de fogo (Serguei Paradjanov)	21h
15/out	O garoto Toshio (Nagisa Oshima)	21h
29/out	Canal (Andrzej Wajda)	21h
30/out	Estrutura de cristal (Krzysztof Zanussi)	21h
12/nov	Gritos e sussurros (Ingmar Bergman)	21h
19/nov	A noite americana (François Truffaut)	21h
26/nov	Tio Vânia (Andrei Mikhalikov)	21h
17/dez	Vidas secas (Nelson Pereira dos Santos)	21h
1978		
07/jan	A chinesa (Jean-Luc Godard)	21h
14/jan	Made in USA (Jean-Luc Godard)	21h
21/jan	Week-end à francesa (Jean-Luc Godard)	21h
04/mar	A guerra acabou (Alain Resnais)	21h
11/mar	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	21h
25/mar	A guerra acabou (Alain Resnais)	21h
01/abr	A passageira (Andrzej Munk)	21h
08/abr	Madre Joana dos Anjos (Jerzy Kawalerowicz)	21h
15/abr	Cinzas e diamantes (Andrzej Wajda)	21h
22/abr	A faca na água (Roman Polanski)	21h
29/abr	Trinta anos esta noite (Louis Malle)	21h
06/mai	Cartas anônimas (Henri-Georges Clouzot)	21h
20/mai	O ano passado em Marienbad (Alain Resnais)	21h

27/mai	Jules e Jim - Uma mulher para dois (François Truffaut)	21h
10/jun	Jules e Jim - Uma mulher para dois (François Truffaut)	21h
17/jun	Os guarda-chuvas do amor (Jacques Demy)	21h
24/jun	Os guarda-chuvas do amor (Jacques Demy)	21h
22/jul	As duas faces da felicidade (Agnès Varda)	21h
12/ago	O pátio, Maranhão 66 e Di Cavalcanti (Glauber Rocha); Aruanda (Linduarte Noronha); A velha a fiar (Humberto Mauro); Ônibus e pedreira (João Batista de Andrade)	21h
19/ago	Macunaíma (Joaquim Pedro de Andrade)	21h
26/ago	Cordão de ouro (Antônio Carlos Fontoura)	21h
30/set	Martin Fierro (Torre Nilsson)	18:30
07/out	Made in USA (Jean-Luc Godard)	21h
14/out	No ar (Jorge Buquet); Tigresa (Wilson Rodrigues de Barros); Leucemia (Noilton Nunes); Foi pena q... (Irmãos Wagner); Os queixadas (Rogério Correia); Dia de Erê (Olney São Paulo)	18:30
	Viver a vida (Jean-Luc Godard)	21h
21/out	Outubro (Sergei Eisenstein)	18:30
	Week-end à francesa (Jean-Luc Godard)	21h
28/out	Armadilha do destino (Roman Polanski)	18:30
28/out	Guerra e humanidade (Masaki Kobayashi) - exibição da 1ª época, com legendas em espanhol	21h
29/out	Guerra e humanidade (Masaki Kobayashi) - exibição da 2ª época, com legendas em espanhol	21h
30/out	Guerra e humanidade (Masaki Kobayashi) - exibição da 3ª época, com legendas em espanhol	21h
04/nov	Iaô (Geraldo Sarno)	18:30
	A vida de O'Haru (Kenji Mizoguchi)	21h
11/nov	Trás-Os-Montes (Antônio Reis e Margarida Martins Cordeiro)	18:30
	A mulher da areia (Hiroshi Teshigahara)	21h
02/dez	A noite do massacre (Florestano Vancini)	18:30
	Outubro (Sergei Eisenstein)	21h
09/dez	Desejos proibidos (Max Ophüls)	18:30
23/dez	Barravento (Glauber Rocha)	21h
1979		
06/jan	Filmes de animação da Tchecoslováquia	18:30

	Nada será como antes (Maria Helena Saldanha); Destruição cerebral (José Carlos Avellar); Roda e outras histórias (Sérgio Muniz); A galinha sintética (Fred Confalonieri)	21h
13/jan	Desenhos e comédias, incluindo: O vagabundo (Chaplin); À porto do palco (Alf Goulding); A batalha (Max Fleischer); O tosquiador (Walter Lentz); O gato Félix na idade do osso (Pat Sullivan); Na idade da pedra (Frank Butler); Na gandaia (Walt Disney); O museu de Betty Boop (Max Fleischer)	19:30
	O encouraçado Potemkin (Sergei Eisenstein)	21h
20/jan	A invenção do cinema (direção desconhecida)	18:30
	A grande cidade (Cacá Diegues)	21h
27/jan	Em busca do ouro (Charles Chaplin)	18:30
	Tenha cuidado com ZouZou (Hasan El-Eman)	21h
03/fev	Os boas vidas (Federico Fellini)	18:30
	Outubro (Sergei Eisenstein)	21h
10/fev	A general (Buster Keaton e Clyde Bruckman)	18:30
	O grande ditador (Charles Chaplin)	21h
17/fev	Monterey Pop (D.A. Pennebaker)	18:30
	O criado (Joseph Losey)	21:30
31/mar	A linha geral (ou O velho e o novo) (Grigori Aleksandrov e Sergei Eisenstein)	19:30
21/abr	Ivan, o terrível - 1ª parte (Sergei Eisenstein)	19:30 e 22h
28/abr	Ivan, o terrível - 2ª parte (Sergei Eisenstein)	19:30 e 22h
05/mai	O encouraçado Potemkin (Sergei Eisenstein)	19:30 e 22h
12/mai	Trinta anos esta noite (Louis Malle)	18:30
	Documentários: No fosso (Gerhard Scheumann e Walter Heynowski); Escuridão (realização coletiva - URSS); filmes de Peter Davis e Martin Hausemann	21h
19/mai	Filmes de animação da Bulgária	18:30
	Iaô (Geraldo Sarno); Orixá Nunu Ilê (Juana Elbein dos Santos)	21h
26/mai	Filmes de animação da Polônia	18:30
	Greve (João Batista de Andrade); Trabalhadoras metalúrgicas (Olga Futema); Só o amor não basta (Dilma Lóes); Os queixadas (Rogério Correa)	21h
02/jun	Filmes de animação da Polônia	18:30

	O eclipse (Michelangelo Antonioni)	21h
16/jun	As velhas lendas tchecas (Jiří Trnka)	18:30
	Ascensor para o cadafalso (Louis Malle)	21h
23/jun	Filmes de animação da França	18:30
	Por ternura também se mata (René Clair)	21h
30/jun	Filmes de animação da França	18:30
	Pindorama (Arnaldo Jabor)	21h
07/jul	Trens estreitamente vigiados (Jiří Menzel)	18:30
	Ajuricaba, o rebelde da Amazônia (Oswaldo Caldeira)	21h
14/jul	O anjo azul (Josef Von Sternberg)	18:30
	Braços cruzados, máquinas paradas (João Batista de Andrade)	20:30
21/jul	A hora e a vez de Augusto Matraga (Roberto Santos)	18:30
	A súbita riqueza da gente pobre de Kombach (Volker Schöndorff)	21h
28/jul	Ballet Maurice Béjart (direção desconhecida)	18:30
	Todos os outros se chamam Ali (Rainer Werner Fassbinder)	21h
04/ago	Ballet Maurice Béjart (direção desconhecida)	18:30
	A súbita riqueza da gente pobre de Kombach (Volker Schöndorff)	21h
10/ago	Um poema sobre dança (filme sobre Maya Plissetskaia - direção desconhecida)	21h
11/ago	O bandido da luz vermelha (Rogério Sganzerla)	18:30
	Braços cruzados, máquinas paradas (documentário realizado pelo grupo Tarumã)	21h
18/ago	O caso dos Irmãos Naves (Luís Sérgio Person)	18:30
	Winifred Wagner e a História da Casa de Wahnfried de 1914 a 1975 (Hans-Jürgen Syberberg)	21h
25/ago	Ludwig - Réquiem para um rei virgem (Hans Jurgen Syberberg)	18:30
	A hora e a vez de Augusto Matraga (Roberto Santos)	21h
01/set	Mangue (direção desconhecida) / Perpétuo contra o esquadrão da morte (Miguel Borges)	21h
08/set	M, o vampiro de Dusseldorf (Fritz Lang)	18:30
	Perpétuo contra o esquadrão da morte (Miguel Borges)	20:30
15/set	Metrópolis (Fritz Lang)	18:30
	Acossado (Jean-Luc Godard)	21h

22/set	Curtas-metragens venezuelanos	18:30
	Documentários de Jean Rouch (Tourou et Betti; Pom Kuso Kar; Margaret Mead; Retrato para uma amiga; Ritmos de trabalho)	21h
29/set	Sede de paixões (Ingmar Bergman)	18:30
	Outubro (Sergei Eisenstein)	21h
06/out	Uma lição de amor (Ingmar Bergman)	18:30
	Help! (Richard Lester)	21h
13/out	A bela da tarde (Luis Buñuel)	18:30
	Actas de Marusia (Miguel Littin)	21h
20/out	Nosferatu, o vampiro (F. W. Murnau)	18:30
	Carnaval da vitória (Antonio Olé); Vamos eleger as nossas assembleias para consolidar o poder popular (Fernando Silva)	21h
27/out	Marinheiro por descuido (Buster Keaton e Donald Crisp)	18:30
	Lenin em outubro (Mikhail Romm)	21h
03/nov	Núpcias de lama (Thierry Zeno)	18:30
	Amor e perdição (Manuel de Oliveira)	20:30
10/nov	Braços cruzados, máquinas paradas (Sérgio Toledo e Roberto Gervitz)	18:30
	A confederação (Luis Galvão Teles)	21h
17/nov	De punhos cerrados (Marco Bellochio)	18:30
	Brinquedo proibido (René Clement)	21h
24/nov	Este mundo é um hospício (Frank Capra)	18:30
	Uma lição de amor (Ingmar Bergman)	21h
01/dez	Na realidade (Jorge Camilo Abranches); Paralelas (Sergio Santos); Com choro e tudo na Penha (Eunice Gutman e Regina Veiga); Suburbano-Carioca-Mulato-Malandro (Jom Tob Azulay); Choro dele (Leilany Fernandes)	21h
08/dez	Conflitos de amor (Max Ophuls)	18:30
	Infindas conquistas (Eurica Bernadelli); Suely (Sérgio Sanz); Fábrica+favela (Leon Cassidy); Artistas de rua (Saul Lachtermacher); San Pablo (Sérvulo Siqueira e Márcio Borges)	21h
15/dez	Conjunto dos anjos (Afrânio Vital); A fé e a flor (Talita Campos); Casemiro, o poeta (Roland Henze); Sob o ditame do Rudi Almagesto (Olney São Paulo); Judas Asverus (Noilton Nunes)	Não encontrado

22/dez	Estas são as armas (realização coletiva coordenada por Murilo Sales)	18:30
	Curtas-metragens: Bahira, o Grande Burlão, Mitos e Lendas Carajás, Antropofagia e Ainberê Tuxana do Brasil (Paulo Veríssimo); Cinemas fechados (Sergio Peo); Faz mal (Stil)	21h
1980		
05/jan	De crápula a herói (Roberto Rosselini)	18:30
	Prata Palomares (André Faria)	21h
12/jan	A dama oculta (Alfred Hitchcock)	18:30
	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	21h
19/jan	Bye Bye Brasil (Cacá Diegues)	18:30
	Bye Bye Brasil (Cacá Diegues)	21h
26/jan	Otelo, O Mouro de Veneza (Sergei Yutkevich)	18:30
	Nada será como antes (Maria Helena Saldanha)	21h
02/fev	Música na noite (Ingmar Bergman)	18:30
	A volta do filho pródigo (Ipojuca Pontes)	21h
01/mar	Lenin em outubro (Mikhail Romm)	18:30
	A dama oculta (Alfred Hitchcock)	21h
08/mar	A trapaça (Federico Fellini)	18:30
	Parceiros da aventura (José Medeiros)	21h
15/mar	Escola de sereias (George Sidney)	18:30
22/mar	Vícios na cozinha (Beatriz Mira); A dupla jornada (Helena Solberg); Só o amor não basta (Dilma Lóes); Orixá Ninu-Ilê (Juana Elbein dos Santos)	18:30
	A morte de um burocrata (Tomás Gutiérrez Alea)	21h
29/mar	Magical Mistery Tour (dirigido e interpretado pelos Beatles)	18:30 e 21h
12/abr	Help! (Richard Lester)	21h
19/abr	M, o vampiro de Dusseldorf (Fritz Lang)	21h
03/mai	A menina e a casa da menina (Maria Helena Saldanha); Mulher metalúrgica (Renato Tapajós); Suely (Sérgio Sanz); Só o amor não basta (Dilma Lóes)	18:30
	A dama oculta (Alfred Hitchcock)	21h
07/jun	O tesouro de Sierra Madre (John Huston)	21h
14/jun	25 (José Celso Martinez Correa e Celso Luccas)	21h
21/jun	Macunaíma (Joaquim Pedro de Andrade)	21h

28/jun	Jari (Jorge Bodansky e Wolf Gauer)	21h
05/jul	Jari (Jorge Bodansky e Wolf Gauer)	19h
	Eunice, Clarice, Teresa (Joatan Vilela); Fênix (Silvio Da-Rin); Vocês (Artur Omar); Copa Mista (José Joffily); Cildo Meireles (Wilson Coutinho); Bahira, o grande burlão (Paulo Veríssimo); Balas e Bolos (Jorge Abranches)	21h
12/jul	Até a última gota (Sergio Resende)	21h
19/jul	Marília e Marina (Luiz Fernando Goulart)	21h
26/jul	Quando chegar o momento (Luís Alberto Sanz e Lars Säfström)	21h
02/ago	Incelência para um trem de ferro (Vladimir Carvalho); Subúrbio pessoa (Sebastião França); Morto no exílio (Micheline Bondi e Daniel Caetano); Retrato falado (Bubi Leite Garcia)	21h
09/ago	Tenda dos milagres (Nelson Pereira dos Santos)	21h
30/ago	Liberdade de imprensa (João Batista de Andrade); Eneida (José Maria Bezerril); Notícia de jornal (Jorge Laclette); Primeira página (Marcos Farias); Ôpa, o que é que há? (Mariza Leão e Sérgio Rezende); documentários do DIP	21h
20/set	O sonho não acabou (Claudio Kahns); Libertários (Eduardo Escorel)	21h
27/set	Noticiero em Cine (Frank Ineda); 79 Primaveras (Santiago Alvarez); Anistia (realização coletiva); Semeio vento em minha cidade (Patricio Rodriguez)	21h
04/out	A última ceia (Tomás Gutiérrez Alea)	21h
11/out	Exibição de clássicos mostrando as técnicas de animação, inclusive com a exibição de A batalha de Kerjenet, o primeiro desenho com animação em quadros góticos	21h
25/out	Cidadão Kane (Orson Welles)	21h
01/nov	Exibição de clássicos	19h
	Documentários sobre a situação política do Brasil nos anos 70: De mãos dadas (Ivan Viana); Trabalhadores presente! (João Batista de Andrade); Coma quanto puder e hoje (Hermínio de Souza Oliveira)	21h
15/nov	Curtas-metragens: Dolores em Bilbao (diretor desconhecido); Madina Boe (José Missip); Anistia e liberdade; Anistia (realização coletiva mexicana)	21h
22/nov	O homem que virou suco (João Batista de Andrade)	21h
29/nov	Boi de prata (Augusto Ribeiro Júnior)	21h
06/dez	Cabaret mineiro (Carlos Alberto Prates Correa)	21h

13/dez	Na estrada da vida (Nelson Pereira dos Santos)	21h
20/dez	Monterey Pop (D. A. Pennebaker)	19h
	Exibição de fragmentos de O submarino amarelo (George Dunning) e Help! (Richard Lester)	21h
1981		
07/fev	O demônio das onze horas (Jean-Luc Godard)	21h
14/fev	O povo palestino também tem direitos (documentário produzido pela ONU)	19
	Alphaville (Jean-Luc Godard)	22h
21/mar	Esta noite é minha (René Clair)	19h
	Acossado (Jean-Luc Godard)	21h
04/abr	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	21h
18/abr	A guerra acabou (Alain Resnais)	21h
16/mai	A faca na água (Roman Polanski)	21h
30/mai	Gaijin - Os caminhos da liberdade (Tizuka Yamakasaki)	21h
06/jun	Deus e o diabo na terra do sol (Glauber Rocha)	21h
13/jun	Os fuzis (Ruy Guerra)	21h
27/jun	A hora e a vez de Augusto Matraga (Roberto Santos)	21h
18/jul	Z (Costa-Gavras)	21h
08/ago	A cidade das mulheres (Federico Fellini)	22h
15/ago	El Salvador, o povo vencerá (Diego de la Tejera)	19:30
	O casamento de Maria Braun (Rainer Werner Fassbinder)	21h
22/ago	Noticiero Nicaragueño (diretor desconhecido)	18:30
	Monterey Pop (D. A. Pennebaker)	21h
29/ago	Deus e o diabo na terra do sol (Glauber Rocha)	19h
	Rancheador (Sergio Giral)	21h
05/set	O dragão da maldade contra o santo guerreiro (Glauber Rocha)	19h
	El Salvador, o povo vencerá (Diego de la Tejera)	21h
12/set	Terra em transe (Glauber Rocha)	21h
19/set	Primeiro de Maio chileno (realização coletiva); Venceremos! (Pedro Cheskel); Recado do Chile (realização coletiva)	19h
	Curtas-metragens premiados no Festival Internacional de Lille	21h
26/set	O dragão da maldade contra o santo guerreiro (Glauber Rocha)	19h

	Filmes premiados na 10ª Jornada Brasileira de Curta-Metragem	21h
03/out	Angola hoje (direção desconhecida)	19h
	História do Brasil (Glauber Rocha)	21h
10/out	79 Primaveras; Morrer pela pátria é viver; O maio das três bandeiras; Noticiário ICAIA Latino-Americano	19h
	El Salvador, o povo vencerá (Diego de la Tejera)	21h
17/out	Terra de ninguém (François Corbineau)	21h
	Sem anestesia (Andrzej Wajda)	21h
20/out	Never a backward step (Donald Brittain)	13h
24/out	As senhoritas de Wilke (Andrzej Wajda)	19h
	O rei do milagre (Joel Barcelos)	21h
31/out	Em busca do ouro (Charles Chaplin)	19h
	Amazônia, terra de ninguém (François Corbineau)	21h
07/nov	O grande ditador (Charles Chaplin)	19h
	As olimpíadas de 80 (Yuri Ozerov)	21h
14/nov	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	19h
	Outubro (Sergei Eisenstein)	21h
21/nov	Lenin em outubro (Mikhail Romm e Dmitri Vasilyev)	19h
	Obsessão (Luchino Visconti)	21h
27/nov	Saló ou os 120 dias de Sodoma	18:30 e 21:30
28/nov	Outubro (Sergei Eisenstein)	19h
	A chinesa (Jean-Luc Godard)	21h
05/dez	Acossado (Jean-Luc Godard)	19h
	O homem de areia (Vladimir Carvalho)	21h
07/dez	Calígula (Tinto Brass)	21:30
12/dez	Estas são as armas (Murilo Salles); Adeus à hora da partida (Francisco Henriques); No caminho das estrelas (Antonio Ole)	21h
19/dez	O demônio das onze horas (Jean-Luc Godard)	21h
1982		
26/jun	Deus e o diabo na terra do sol (Glauber Rocha)	21h
03/jul	Corações e mentes (Peter Davis)	21h
10/jul	Monterey Pop (D. A. Pennebaker)	19h

	Jules e Jim - Uma mulher para dois (François Truffaut)	21h
17/jul	De punhos cerrados (Marco Bellochio)	19h
	O encouraçado Potemkin (Sergei Eisenstein)	21h
24/jul	O criado (Joseph Losey)	19h
	Corações e mentes (Peter Davis)	21h
31/jul	Tio Vânia (Andrej Mikhalkov)	19h
	Uma lição de amor (Ingmar Bergman)	21h
07/ago	Armadilha do destino (Roman Polanski)	19h
	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	21h
14/ago	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	19h
	Armadilha do destino (Roman Polanski)	21h
21/ago	Terra em transe (Glauber Rocha)	19h
	O dragão da maldade contra o santo guerreiro (Glauber Rocha)	21h
28/ago	O rei da vela (José Celso Martinez Correa e Noilton Nunes)	18:30
	Os monstros de Babaloo (Elyseu Visconti)	21h
04/set	O lobisomem: o terror da meia-noite (Elyseu Visconti)	19h
	Monterey Pop (D. A. Pennebaker)	21h
11/set	Jules e Jim - Uma mulher para dois (François Truffaut)	21h
18/set	O garoto (Charles Chaplin)	19h
	Música na noite (Ingmar Bergman)	21h
25/set	O circo (Charles Chaplin)	19h
	O leão de sete cabeças (Glauber Rocha)	21h
02/out	Escola de sereias (George Sidney)	19h
	Trinta anos esta noite (Louis Malle)	21h
09/out	A dama oculta (Alfred Hitchcock)	19h
	Os boas vidas (Federico Fellini)	21h
16/out	Desenhos de Oberhausen	19h
	Os inundados (Fernando Birri)	21h
23/out	De crápula a herói (Roberto Rosselini)	19h
	Lenin em outubro (Mikhail Romm e Dmitri Vasilyev)	21h
30/out	Espíritos indômitos (Fred Zinnemann)	19h
	Em busca do ouro (Charles Chaplin)	21h
13/nov	M, o vampiro de Dusseldorf (Fritz Lang)	19h

	Crueldade mortal (Luis Paulino dos Santos)	21h
20/nov	Monterey Pop (D. A. Pennebaker)	19h
	Kampuchea - Morte e ressurreição (Walter Heynowski)	21h
27/nov	Festival de Leipzig	19h
04/dez	Corações e mentes (Peter Davis)	19h
	O criado (Joseph Losey)	21h
11/dez	O homem da câmera (Dziga Vertov)	19h
	Jules e Jim - Uma mulher para dois (François Truffaut)	21h
18/dez	Jules e Jim - Uma mulher para dois (François Truffaut)	21h
1983		
08/jan	O homem da câmera (Dziga Vertov)	19h
	Monterey pop (D. A. Pennebaker)	21h
15/jan	Vidas secas (Nelson Pereira dos Santos)	19h
	O nascimento de uma nação (David Griffith)	21h
22/jan	Corações e mentes (Peter Davis)	21h
29/jan	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	19h
12/mar	Na cabeça e no coração (filme e show)	Horário não encontrado
19/mar	Corações e mentes (Peter Davis)	21h
02/abr	Jules e Jim - Uma mulher para dois (François Truffaut)	21h
09/abr	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	21h
16/abr	Acossado (Jean-Luc Godard)	19h
	O encouraçado Potemkim (Sergei Eisenstein)	21h
23/abr	Dersu Uzala (Akira Kurosawa)	21h
30/abr	La Colmena (Mario Camus)	21h
07/mai	A dama oculta (Alfred Hitchcock)	19h
14/mai	Medeia, a feiticeira do amor (Pier Paolo Pasolini)	19h
21/mai	Armadilha do destino (Roma Polanski)	19h
28/mai	Monterey pop (D. A. Pennebaker)	19h
11/jun	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	19h
09/jul	O garoto Toshio (Nagisa Oshima)	21h
06/ago	Madre Joana dos Anjos (Jersey Kawalerowicz)	21h
13/ago	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	21h

20/ago	Verdades e mentiras (Orson Welles)	19h
	Repulsa ao sexo (Roman Polanski)	21h
27/ago	Os sete samurais (Akira Kurosawa)	19h
	O idiota (Akira Kurosawa)	21h
03/set	O sétimo selo (Ingmar Bergman)	19h
	Morangos silvestres (Ingmar Bergman)	21h
10/set	Actas de Marusia (Miguel Littin)	19h
	A classe operária vai para o paraíso (Elio Petri)	21h
17/set	A encruzilhada das bestas humanas (Rainer Werner Fassbinder)	19h
	Aguirre, a cólera dos deuses (Werner Herzog)	21h
24/set	O amigo americano (Wim Wenders)	19h
	O enigma de Kaspar Hauser (Werner Herzog)	21h
01/out	O império da paixão (Nagisa Oshima)	19h
	O império dos sentidos (Nagisa Oshima)	21h
08/out	Flash Gordon no planeta Mongo (Alex Raymond)	19h
	Cidadão Kane (Orson Welles)	21h
15/out	King Kong (Ernest B. Schoedsack e Merian C. Cooper)	19h
	O evangelho segundo São Mateus (Pier Paolo Pasolini)	21h
22/out	Música e fantasia (Bruno Bozzetto)	19h
	Crônicas do Caribe (Paco Lopes); Conheço todas três (Mryse Sistach)	21h
29/out	O incrível exército de Brancaleone (Mario Monicelli)	19h
	Acredito que o mundo será melhor (Jussara Queiroz)	21h
05/nov	Gritos e sussurros (Ingmar Bergman)	19h
	A flauta mágica (Ingmar Bergman)	21h
12/nov	Cria cuervos (Carlos Saura)	19h
	Bodas de sangue (Carlos Saura)	21h
26/nov	A próxima vítima (João Batista de Andrade)	21h
03/dez	Coração de cristal (Werner Herzog)	21h
10/dez	Corações e mentes (Peter Davis)	21h
17/dez	A estratégia da aranha (Bernardo Bertolucci)	21h
1984		
07/jan	Pai Patrão (Paolo e Vitorio Taviani)	19h

	Música e fantasia (Bruno Bozzetto)	21h
14/jan	Meu tio (Jacques Tati)	19h
	As férias do Sr. Hulot (Jacques Tati)	21h
21/jan	Pocilga (Pier Paolo Pasolini)	19h
04/fev	Acossado (Jean-Luc Godard)	19h
	Hiroshima, meu amor (Jean-Luc Godard)	21h
11/fev	A chinesa (Jean-Luc Godard)	19h
	O ano passado em Marienbad (Alain Resnais)	21h
18/fev	A faca na água (Roman Polanski)	19h
	Jules e Jim - Uma mulher para dois (François Truffaut)	21h
24/mar	Gaviões e passarinhos (Pier Paolo Pasolini)	19h
	O evangelho segundo São Mateus (Pier Paolo Pasolini)	21h
07/abr	Aguirre, a cólera dos deuses (Werner Herzog)	19h
	Monterey Pop (D. A. Pennebaker)	21h
14/abr	A bela da tarde (Luis Buñuel)	19h
	O estranho caminho de São Tiago (Luis Buñuel)	21h
28/abr	A classe operária vai para o paraíso (Elio Petri)	19h
	Cerimônia de casamento (Robert Altman)	21h
05/mai	Deus e o diabo na terra do sol (Glauber Rocha)	19h
	Nosferatu, o vampiro da noite (Werner Herzog)	21h
19/mai	Curtas em super-8: Na terra da mintchura (Ricardo Favilla); Sinais de pólvora (Clóvis Molinari); O comício da Candelária - Cine Jornal (Clóvis Molinari, Jorge Emanuel e Rudi Santos)	18h
	Terra em transe (Glauber Rocha)	19h
	O ano passado em Marienbad (Alain Resnais)	21h
26/mai	Cabeças cortadas (Glauber Rocha)	19h
	Roma, cidade aberta (Roberto Rosselini)	21h
02/jun	Macunaíma (Joaquim Pedro de Andrade)	19h
	O amuleto de Ogum (Nelson Pereira dos Santos	21h
16/jun	Os esquecidos (Luis Buñuel)	19h
	O boulevard do crime - 1ª parte (Marcel Carné)	21h
23/jun	Um dia muito especial (Ettore Scola)	19h
	Amarcord (Federico Fellini)	21h
30/jun	O boulevard do crime - 2ª parte (Marcel Carné)	Horário

		não encontrado
21/jul	O estranho caminho de São Tiago (Luis Buñuel)	19h
	Casa de bonecas (Joseph Losey)	21h
28/jul	Quando voam as cegonhas (Mikail Kalatozov)	19h
	Boulevard do crime - as duas partes (Marcel Carné)	21h
11/ago	Ivan, o terrível - 2ª parte (Sergei Eisenstein)	19h
	O encouraçado Potemkin (Sergei Eisenstein)	21h
18/ago	A encruzilhada das bestas humanas (Rainer Werner Fassbinder)	19h
	Sonhos eróticos de uma noite de verão (Woody Allen)	21h
25/ago	O incrível exército de Brancaleone (Mario Monicelli)	21h
01/set	M, o vampiro de Dusseldorf (Fritz Lang)	19h
	Corações e mentes (Peter Davis)	21h
15/set	Ciao maschio (Marco Ferreri)	19h
	Os deuses malditos (Luchino Visconti)	21h
29/set	O rosto (Ingmar Bergman)	19h
	Tristana (Luis Buñuel)	21h
06/out	A batalha de Argel (Gilo Pontecorvo)	19h
	Amarcord (Federico Fellini)	21h
13/out	Música e fantasia (Bruno Bozzetto)	19h
	A nós a liberdade (René Clair)	21h
20/out	A grande ilusão (Jean Renoir)	19h
	A regra do jogo (Jean Renoir)	21h
27/out	O inocente (Luchino Visconti)	19h
	O boulevard do crime (Marcel Carné)	21h
10/nov	O enigma de Kaspar Hauser (Werner Herzog)	19h
	O estranho caminho de São Tiago (Luis Buñuel)	21h
24/nov	A regência por trás da cortina (Li Han-hsiang)	19h
	O evangelho segundo Teotônio (Vladimir de Carvalho)	21h
01/dez	Pai Patrão (Paolo e Vitorio Taviani)	19h
	Providence (Alain Resnais)	21h
08/dez	Música e fantasia (Bruno Bozzetto)	19h
	A balada de Narayama (Shichirō Fukazawa)	21h
15/dez	A estratégia da aranha (Bernardo Bertolucci)	19:30

	Feios, sujos e malvados (Ettore Scola)	21h
1985		
12/jan	Aguirre, a cólera dos deuses (Werner Herzog)	19h
	Coração de cristal (Werner Herzog)	21h
19/jan	Nazarin (Luis Buñuel)	19h
	O enigma de Kaspar Hauser (Werner Herzog)	21h
26/jan	Os esquecidos (Luis Buñuel)	19h
	O enigma de Kaspar Hauser (Werner Herzog)	21h
02/fev	O estranho caminho de São Tiago (Luis Buñuel)	19h
	A bela e a fera (Jean Cocteau)	21h
09/fev	A bela da tarde (Luis Buñuel)	19h
	Stromboli (Roberto Rosselini)	21h
02/mar	A rainha diaba (Antônio Carlos Fontoura)	19h
	O ano passado em Marienbad (Alain Resnais)	21h
09/mar	O ano passado em Marienbad (Alain Resnais)	19h
	A chinesa (Jean-Luc Godard)	21h
16/mar	Jonas que terá 25 anos no ano 2000 (Alain Tanner)	19h
	Morangos silvestres (Ingmar Bergman)	21h
23/mar	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	19h
	O assassinato de Trotsky (Joseph Losey)	21h
13/abr	Morangos silvestres (Ingmar Bergman)	19h
	Corações e mentes (Peter Davis)	21h
20/abr	Belíssima (Luchino Visconti)	19h
	O sétimo selo (Ingmar Bergman)	21h
27/abr	O sétimo selo (Ingmar Bergman)	19h
	Verdades e mentiras (Orson Welles)	21h
04/mai	O jovem Frankenstein (Mel Brooks)	21h
11/mai	Tabu (Julio Bressane)	19h
	Quinteto (Robert Altman)	21h
25/mai	A guerra do fogo (Jean-Jacques Annaud)	19h
01/jun	Música e fantasia (Bruno Bozzetto)	19h
	Cria cuervos (Carlos Saura)	21h
15/jun	Cidadão Kane (Orson Welles)	19h
	Começar de novo (José Luis Garci)	21h

29/jun	Monterey Pop (D. A. Pennebaker)	19h
	À sombra do vulcão (John Huston)	21h
13/jul	O encouraçado Potemkin (Eisenstein)	19h
	Ivan, o terrível - 1ª parte (Sergei Eisenstein)	21h
20/jul	Ivan, o terrível - 2ª parte (Sergei Eisenstein)	19h
	PCB (Luiz Taranto) e Frei Tito (Marlene França)	21h
03/ago	Hiroshima, meu amor (Alain Resnais)	21h
10/ago	A estratégia da aranha (Bertolucci)	21h
17/ago	Gritos e sussurros (Ingmar Bergman)	19h
	Gritos e sussurros (Ingmar Bergman)	21h
24/ago	Preto e branco em cores (Jean Jacques Arnaud)	21h
31/ago	Eu te amo (Arnaldo Jabor)	21h
19/out	Cuando las montañas tiemblan (Pamela Yates, Newton Thomas Sigel)	19h
	Pai patrão (Paolo e Vitorio Taviani)	21h
26/out	Harlan County: tragédia americana (Barbara Kopple)	19h
	Providence (Alain Resnais)	21h
09/nov	Verdes anos (Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase)	19h
	Nunca fomos tão felizes (Murilo Salles)	21h
23/nov	Mamãe faz 100 anos (Carlos Saura)	19h
	Johnny vai à guerra (Dalton Trumbo)	21h
07/dez	Monty Python ao vivo no Hollywood Bowl (Ian MacNaughton, Terry Hughes	19h
	Mephisto (Istvan Szabó)	21h
14/dez	Nada será como antes (Maria Helena Saldanha)	21h
21/dez	A noiva do pirata (Lily Capian)	19h
	O amigo americano (Wim Wenders)	21h
1986		
04/jan	Cria cuervos (Carlos Saura)	19h
	Cria cuervos (Carlos Saura)	21h
11/jan	Cria cuervos (Carlos Saura)	19h
	Chicago story (Ettore Scola)	21h
18/jan	Ana e os lobos (Carlos Saura)	19h
	M, o vampiro de Dusseldorf (Fritz Lang)	21h

25/jan	O garoto do espaço (René Laloux)	19h
	Tess (Roman Polanski)	21h
01/fev	Amigos fraternos (cineasta chinês desconhecido)	19h
	Johnny vai à guerra (Dalton Trumbo)	21h
22/fev	Copacabana (Alfred E. Green)	19h
	O belo Antonio (Maxim Bolognini)	21h
15/mar	O expresso transiberiano (cineasta desconhecido)	21h
22/mar	El camiño de la libertad (produção coletiva)	19h
	Cinco tardes (Nikita Mikhalkov)	21h
05/abr	O rosto (Ingmar Bergman)	19h
	Amor em fuga (François Truffaut)	21h
12/abr	A porta entre o ódio e o medo (Michel Mitrani)	19h
	Meu tio da América (Alain Resnais)	21h
19/abr	Dillinger está morto (Marco Ferreri)	19h
	O evangelho segundo São Mateus (Pier Paolo Pasolini)	21h
26/abr	O fator humano (Otto Preminger)	19h
	Mamma Roma (Pier Paolo Pasolini)	21h
03/mai	A luta do povo (Renato Tapajós)	20h
	Santo e Jesus, metalúrgicos (Claudio Kahns e Paulo Sérgio Ferraz)	
10/mai	A mulher e la bête (Walerian Borowczyk)	19h
	A pele (Liliana Cavani)	21h
17/mai	Contos imorais (Walerian Borowczyk)	19h
	A filha de minha mulher (Bertrand Blier)	21h
24/mai	As heroínas do mal (Walerian Borowczyk)	19h
	Estado de sítio (Costa-Gavras)	21h
31/mai	Dr. Jekyll e as mulheres (Walerian Borowczyk)	19h
	Crônica de um amor louco (Marco Ferreri)	21h
07/jun	A vergonha da selva (Picha)	19h
	Duas inglesas e o amor (François Truffaut)	21h
14/jun	Apenas um gigolô (David Hemmings)	19h
	A dama das camélias (Mauro Bolognini)	21h
28/jun	Esse obscuro objeto do desejo (Luis Buñuel)	21h
05/jul	Querelle (Rainer Werner Fassbinder)	19h

	Picnic na montanha misteriosa (Peter Weir)	21h
12/jul	Lili Marlene (Rainer Werner Fassbinder)	19h
	1984 (Michael Radford)	21h
19/jul	O desespero de Veronica Voss (Rainer Werner Fassbinder)	19h
	Amor e ciúme (Lina Wertmuller)	21h
26/jul	O casamento de Maria Braun (Rainer Werner Fassbinder)	19h
	Broadway Danny Rose (Woody Allen)	21h
02/ago	As aventuras do Sr. Hulot no tráfego louco (Jacques Tati)	19h
	A cidade das mulheres (Federico Fellini)	21h
09/ago	Tristana (Luis Buñuel)	19h
	Sessão especial de justiça (Costa-Gavras)	21h
16/ago	A infância de Ivan (Andrei Tarkovsky)	19h
	O ovo da serpente (Ingmar Bergman)	21h
23/ago	O silêncio (Ingmar Bergman)	19h
	O inocente de Visconti (Luchino Visconti)	21h
30/ago	Fascismo sem máscara (Mikhail Romm)	19h
	A última ceia (Tomás Gutiérrez Alea)	21h
06/set	Um dia muito especial (Ettore Scola)	19h
	Uma mulher em fogo (Robert Van Akeren)	21h
13/set	Chicago story (Ettore Scola)	19h
	O importante é amar (Andrzej Zulawski)	21h
20/set	Feios, sujos e malvados (Ettore Scola)	19h
	Porque eu agrado aos homens (Walerian Borowcyk)	21h
27/set	Casanova e a revolução (Ettore Scola)	Horário não encontrado
04/out	O corcunda de Notre Dame (William Dieterle)	19h
	Romance popular (Mario Monicelli)	21h
18/out	Scarface, a vergonha de uma nação (Howard Hawks)	
25/out	Repulsa ao sexo (Roman Polanski)	19h
	Os companheiros (Mario Monicelli)	21h
06/dez	Cenas de um casamento (Ingmar Bergman)	20h
1987		
09/mai	Corações e mentes (Peter Davis)	19h

	Sacco e Vanzetti (Giuliano Montaldo)	21h
16/mai	Travessia para o futuro (Peter Fonda)	19h
	O porteiro da noite (Liliana Cavani)	21h
23/mai	Primo, prima (Jean-Charles Tacchella)	18h
	O amor à tarde (Eric Rohmer)	19:30
	I como Icaro (Henri Verneuil)	21h
30/mai	Sonata de outono (Ingmar Bergman)	18h
	Um amor tão frágil (Claude Goretta)	19:30
	Estado de sítio (Costa-Gavras)	21h
06/jun	Corações e mentes (Peter Davis)	19h
	Mimi, o metalúrgico (Lina Wertmuller)	21h
13/jun	Salve-se quem puder (a vida) (Jean-Luc Godard)	19h
	Corações loucos (Bertand Blier)	21h
20/jun	Lili Marlene (Rainer Werner Fassbinder)	19h
	Música e fantasia (Bruno Bozzetto)	21h
27/jun	Hammett, o falcão maltês (Wim Wenders)	19h
	A mulher do lado (François Truffaut)	21h
11/jul	Meu tio da América (Alain Resnais)	19h
	Possessão (Andrzej Żuławski)	21h
18/jul	Cidadão Kane (Orson Welles)	19h
	Crônica de um amor louco (Marco Ferreri)	21h
25/jul	Dr. Jekyll e as mulheres (Walerian Borowczyk)	19h
	E la nave va (Federico Fellini)	21h
01/ago	O sétimo selo (Ingmar Bergman)	19h
	O exército inútil (Robert Altman)	21h
08/ago	Os anos de chumbo (Margarethe von Trotta)	19h
	Casanova e a revolução (Ettore Scola)	21h
15/ago	Amor em fuga (François Truffaut)	19h
	De repente, num domingo (François Truffaut)	21h
22/ago	A floresta de esmeraldas (John Boorman)	19h
	Cotton Club (Francis Ford Coppola)	21h
29/ago	Metrópolis (Fritz Lang)	19h
	Memórias de um espião (Marek Kanievska)	21h
05/set	A filha da minha mulher (Bertrand Blier)	19h

	Paixão selvagem (Serge Gainsbourg)	21h
12/set	koyaanisqatsi (Godrey Reggio)	19h
	Hotel das Américas (Andre Techine)	21h
19/set	Armadilha do destino (Roman Polanski)	19h
	A classe operária vai para o paraíso (Elio Petri)	21h
03/out	Ladrões de bicicleta (Vittorio de Sica)	19h
	Gritos e sussurros (Ingmar Bergman)	21h
10/out	Morangos silvestres (Ingmar Bergman)	19h
	Encontros com homens notáveis (Peter Brook)	21h
17/out	Querelle (Rainer Werner Fassbinder)	19h
	Possessão (Andrzej Żuławski)	21h
24/out	O sétimo selo (Ingmar Bergman)	19h
	O boulevard do crime (Marcel Carné) - 1ª parte	21h
31/out	A bela e a fera (Jean Cocteau)	19h
	O boulevard do crime (Marcel Carné) - 2ª parte	21h
07/nov	Gritos e sussurros (Ingmar Bergman)	19h
	O silêncio (Ingmar Bergman)	21h

foo